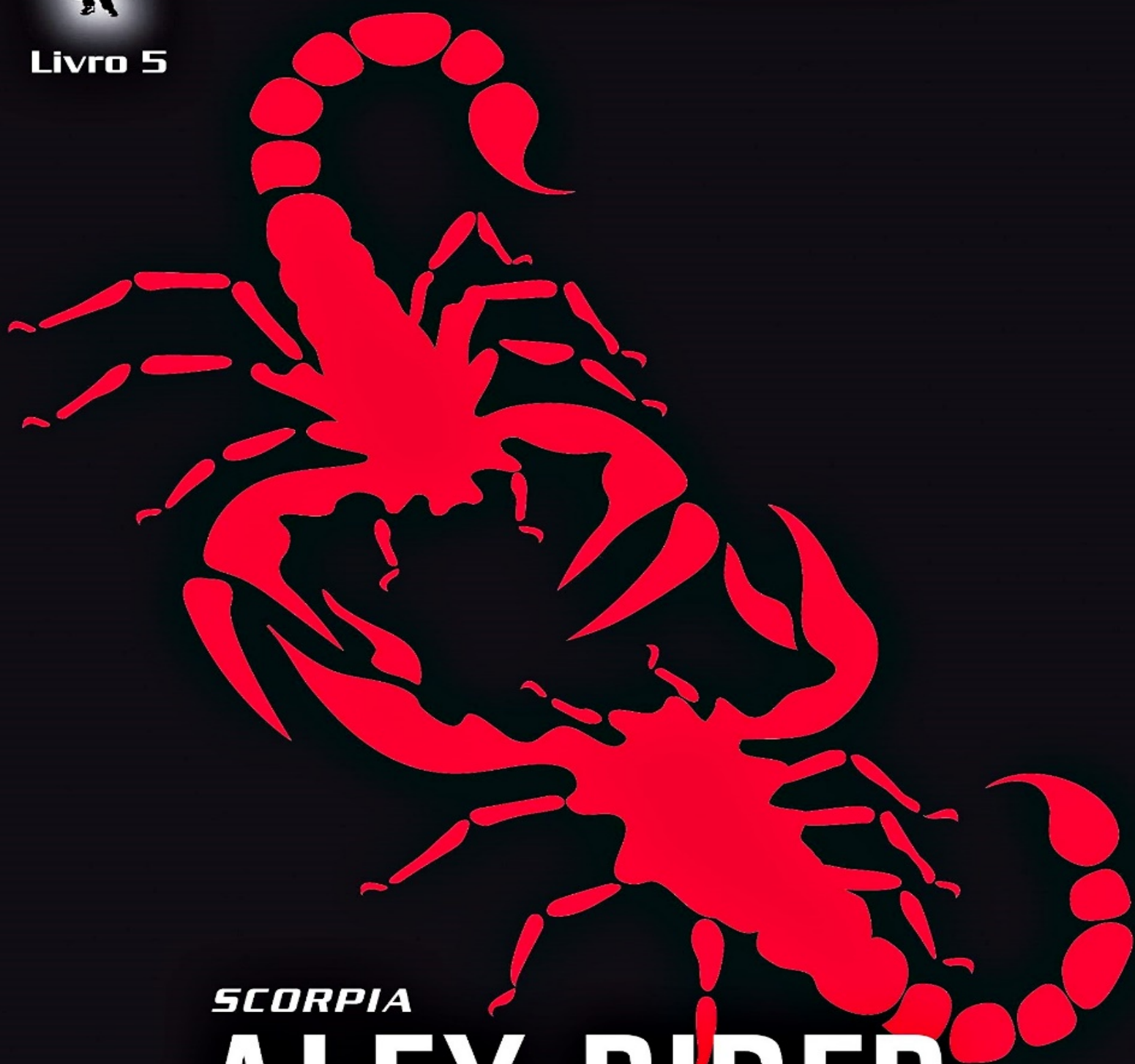


BEST-SELLER MUNDIAL | Mais de 19 milhões de livros vendidos



Livro 5

ANTHONY HOROWITZ



SCORPIA

ALEX RIDER

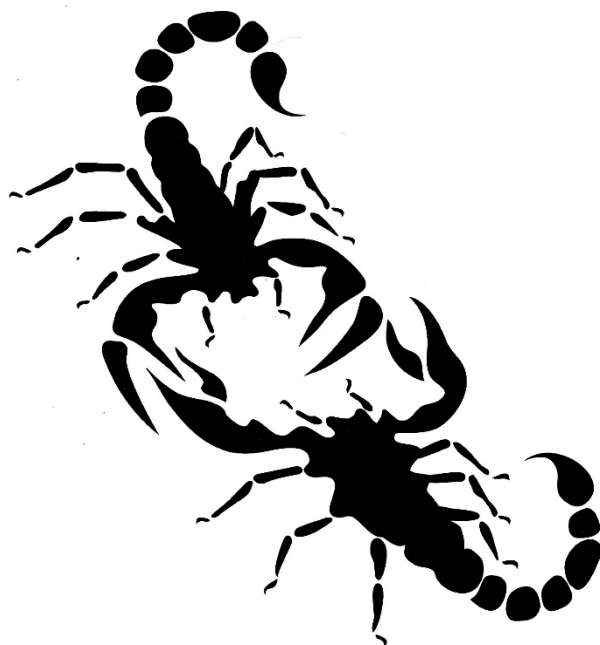
CONTRA O TEMPO



FUNDAMENTO

ALEX RIDER CONTRA O TEMPO

SCORPIA



ANTHONY HOROWITZ

EDITORIA
FUNDAMENTO

2014, editora Fundamento Educacional Ltda.
Editor e edição de texto: Editora Fundamento
Editoração eletrônica: Adalbacom Design Gráfico e Comunicação
CTP e impressão: SVP — Gráfica Pallotti
Tradução: Débora da Silva Guimarães Isidoro
Publicado originalmente em 2004 por Walker Books Ltd
Copyright de texto © 2004 Stormbreaker Productions Ltd
Capa: Walker Books Ltd

Alex Rider*; Boy with Torch Logo” são marcas registradas © 2010 Stormbreaker Productions Ltd

O direito de Anthony Horowitz de ser identificado como o autor deste livro está assegurado de acordo com o Copyright, Designs and Patents Act de 1988.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser arquivada, reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, seja eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação de backup sem permissão escrita do proprietário dos direitos.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Horowitz, Anthony

Alex Rider contra o tempo 05 : Scorpia/Anthony Horowitz ; [versão brasileira da editora]. — 1. ed. — São Paulo, SP : Editora Fundamento Educacional Ltda., 2014.

Título original: Alex Rider 5 : Scorpia

1. Literatura infantojuvenil I. Título.

11-14760 CDD-028.5

índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5

2. Literatura juvenil 028.5

Fundação Biblioteca Nacional

Depósito Legal na Biblioteca Nacional, conforme Decreto nº 1.825, de dezembro de 1907.

Todos os direitos reservados no Brasil por Editora Fundamento Educacional Ltda.

Impresso no Brasil

Digitalização e Revisão: Yuna (Toca Digital)

A ESPADA INVISÍVEL

O APOSENTO NÃO TINHA JANELAS e isso já era bem estranho, considerando que o imóvel estava situado em uma das cidades mais bonitas do mundo. Se alguém se dispusesse a atravessar o revestimento à prova de som, as paredes de aço reforçado e o complexo circuito de segurança projetado para manter olhares curiosos do lado fora, veria o Grande Canal com as igrejas e os palácios de Veneza, Itália, espalhados por toda parte.

Mas janelas representavam um risco para a segurança — e, de qualquer maneira, as pessoas que ali se reuniam não estavam interessadas em beleza. A única porta do aposento era travada por um código de segurança de sete dígitos e protegida por dois guardas armados com metralhadoras Heckler and Koch, 9 mm, de fabricação alemã, ambos impassíveis em seus ternos escuros e posicionados um de cada lado da porta. Um corredor estreito e revestido com carpete dourado e felpudo terminava no elevador. Alguns minutos se passaram desde que a última pessoa, uma mulher, havia aparecido de trás da porta de correr. Ela percorrera o corredor sem ser incomodada pelos guardas, que fizeram um grande esforço para não encará-la. A mulher usava X de Clive Christian, um dos perfumes mais caros do mundo. A fragrância pairou no ar por um momento, depois desapareceu quando a porta se fechou atrás dela.

Julia Charlotte Glennis Rothman havia chegado.

Ela se sentou à ponta de uma brilhante mesa de reuniões — feita de um tipo de madeira cuja árvore atualmente está extinta — e olhou rapidamente para os homens ali reunidos.

Eram oito. O mais velho, careca, com rosto avermelhado e olhos inchados, devia ter aproximadamente 70 anos e usava um terno cinza e amarrotado. O homem ao lado dele era chinês e, no lado oposto, havia outro homem, um australiano de cabelos claros, vestindo camisa de colarinho aberto. Estava claro que as pessoas ali vinham de diferentes regiões do mundo, mas tinham uma coisa em comum: uma quietude e uma frieza que faziam da sala um lugar tão alegre quanto um necrotério. Ninguém cumprimentou a sra. Rothman quando ela se sentou. Ninguém nem se deu o trabalho de olhar pa-

ra o relógio. Se ela chegara, deviam ser exatamente 13 horas, o horário marcado para o início da reunião.

— Boa tarde — disse a sra. Rothman.

Algumas cabeças se mexeram, mas ninguém falou. Cumprimentos eram desperdício de palavras.

As nove pessoas sentadas em torno da mesa compunham a diretoria executiva de uma das mais implacáveis e bem-sucedidas organizações criminosas do mundo. O nome do homem mais velho era Max Grendel. O chinês era o dr. Three. O australiano tinha muitos nomes, mas raramente usava algum deles. Estavam naquela sala sem janelas para discutir os detalhes finais de uma operação que, em apenas algumas semanas, os tornaria cem milhões de dólares mais ricos.

O nome da organização era Scorpia.

Um nome imponente, todos sabiam, inventado por alguém que devia ler muitas histórias de James Bond. Mas eles tinham que escolher um nome e, por fim, o encontraram em seus quatro principais ramos de atividade.

Sabotagem. Corrupção. Informação. Assassinato.

Scorpia. Um nome que funcionava em um número surpreendente de idiomas e era fácil de pronunciar. Scorpia. Sete letras que agora estavam no banco de dados de todas as forças policiais e agências de segurança do mundo.

A organização havia se formado no início da década de 80, no final da chamada Guerra Fria, a guerra secreta travada durante décadas entre Rússia, China, Estados Unidos e Europa. Todos os governos do mundo têm um exército próprio de espiões e assassinos... todos preparados para matar ou morrer por seu país. Mas eles não são preparados para o desemprego. E, com o fim da Guerra Fria, vários desses profissionais perceberam que logo estariam no olho da rua. Não eram mais necessários. Chegara o momento de trabalharem por conta própria.

Eles se reuniram em Paris, em uma manhã de domingo. O primeiro encontro aconteceu na Maison Berthillon, uma famosa sorveteria na Île Saint-Louis, não muito longe de Notre-Dame. Todos se conheciam. Haviam tentado matar uns aos outros várias vezes. Mas agora, no elegante salão de paredes revestidas de madeira com espelhos antigos e cortinas de renda, diante de 12 tigelas do famoso sorvete de morangos silvestres da Berthillon, eles

discutiam como poderiam trabalhar juntos e enriquecer. A Scorpia nasceu naquela reunião.

Desde então ela vinha florescendo. A organização estava no mundo todo. Já derrubara dois governos e promovera a eleição fraudulenta de um terceiro. Havia destruído dúzias de empresas, corrompido políticos e trabalhadores civis, engendrado vários desastres ecológicos de grandes proporções e matado todos os que atravessavam seu caminho. Ela era responsável por um décimo do terrorismo no mundo e controlava essas atividades com base em contratos. A Scorpia gostava de se considerar uma espécie de Microsoft do crime — mas, comparada à Scorpia, a Microsoft era quase insignificante.

Já fora dirigida por 12 executivos. Apenas nove permaneciam. Um morrera de câncer. Dois haviam sido assassinados. Mas os números não eram ruins para uma organização com 20 anos de crimes violentos. A Scorpia nunca teve um líder único. Os nove executivos eram sócios em posições de igualdade, mas um deles era designado para chefiar cada novo projeto, e as designações obedeciam à ordem alfabética.

O projeto que eles discutiam naquela tarde havia recebido um codinome: Espada Invisível. Julia Rothman estava no comando.

— Gostaria de informar o comitê que tudo progride de acordo com o cronograma — Julia começou.

Havia na voz dela um traço de sotaque galês. Na verdade, Julia Rothman nascera em Aberystwyth, País de Gales. Os pais dela eram nacionalistas galeses e queimavam as casas de ingleses que compravam imóveis de verão naquela região. Infelizmente, eles queimaram uma dessas casas com a família inglesa dentro dela e, aos 6 anos de idade, Julia fora enviada para uma instituição, enquanto os pais eram presos e condenados à prisão perpétua. De certa forma, esse foi o começo de sua carreira no crime.

— Já faz três meses — ela continuou — que nos aproximamos de nosso cliente, um cavalheiro do Oriente Médio. Dizer que ele é rico seria eufemismo. Ele é multibilionário. Esse homem olhou para o mundo, para a distribuição do poder, e decidiu que alguma coisa estava terrivelmente errada. E ele nos pediu para reparar esse erro. Resumindo, nosso cliente acredita que o Oriente se tornou poderoso demais. Ele usa o exemplo da ligação entre Inglaterra e Estados Unidos. Foi a amizade entre esses dois países que venceu a 2ª Guerra Mundial. E é essa mesma amizade que agora permite ao

Ocidente invadir todos os países que quiser e tomar tudo que desejar. Nosso cliente nos pede para acabar com a aliança anglo-americana de uma vez por todas.

A sra. Rothman olhou para os outros membros da diretoria e sorriu com doçura. Depois continuou falando:

— O que posso dizer a vocês sobre nosso cliente? Talvez ele seja um visionário interessado apenas na paz mundial. Talvez seja completamente maluco. De qualquer maneira, não faz diferença para nós. Esse homem nos ofereceu uma enorme soma em dinheiro, cem milhões de dólares, para ser exata, em troca de fazermos o que ele quer. Humilhar a Inglaterra e os Estados Unidos e assegurar que os dois países deixem definitivamente de trabalhar juntos como uma força mundial. E é uma alegria, para mim, poder dizer a vocês que 20 milhões de dólares, a primeira parcela desse dinheiro, foram depositados ontem em nossa conta no banco suíço. Já podemos passar para a segunda fase.

A sala estava em silêncio. Enquanto os homens esperavam a sra. Rothman voltar a falar, era possível ouvir o ruído constante e baixo de um aparelho de ar-condicionado. Nenhum som externo penetrava naquele ambiente.

— A segunda fase, a fase final, vai acontecer daqui a três semanas. Posso garantir a vocês que em breve Inglaterra e Estados Unidos estarão se atacando. Mais que isso: no fim do mês, os dois países estarão de joelhos. O mundo inteiro vai odiar os Estados Unidos. A Inglaterra terá testemunhado um horror maior que tudo o que jamais se imaginou. Nós seremos muito mais ricos. E nosso cliente estará satisfeito sabendo que seu dinheiro foi bem empregado.

— Com licença, sra. Rothman, eu tenho uma pergunta...

O dr. Three inclinou a cabeça. O rosto dele parecia feito de cera, e os cabelos, muito pretos, davam a impressão de ser 20 anos mais jovens que o resto dele. Devia ser tingido. Ele era muito pequeno e poderia ser um professor aposentado. Poderia ser muitas coisas, mas era, de fato, o maior especialista do mundo em tortura e dor. E era autor de muitos livros sobre o assunto.

— Quantas pessoas pretende matar? — indagou polidamente.

Julia Rothman pensou um pouco antes de responder:

— Ainda é difícil determinar com precisão, dr. Three, mas tenho certeza de que serão milhares. Muitos milhares.

— E todas serão crianças?

— Sim. As vítimas terão entre 12 e 13 anos de idade — suspirou. — É claro que isso é muito, muito desagradável. Adoro crianças, embora esteja feliz por nunca ter tido filhos. Mas esse é o plano. E preciso dizer que o efeito psicológico causado pela morte de tantos jovens vai ser útil, eu acho. Isso o incomoda?

— De jeito nenhum, sra. Rothman — dr. Three balançou a cabeça.

— Alguém tem mais alguma objeção?

Ninguém falou nada, mas, pelo canto do olho, a sra. Rothman percebeu que Max Grendel se mexia com evidente desconforto em sua cadeira na outra ponta da mesa. Com 73 anos, ele era o homem mais velho na sala e tinha pele flácida e manchas de idade na testa. Grendel sofria de uma enfermidade que fazia seus olhos lacrimejarem constantemente. Agora o dr. Three secava o canto do olho com um lenço. Era difícil acreditar que ele fora comandante da polícia secreta alemã e havia estrangulado um espião estrangeiro durante uma apresentação da *Quinta* de Beethoven. Mas não era mais o chinês quem falava.

— Os preparativos em Londres estão concluídos? — perguntou o australiano.

— A obra na igreja terminou há uma semana. A plataforma, os cilindros de gás e o restante do maquinário serão levados para lá ainda hoje, mais tarde.

— A Espada Invisível vai funcionar? — perguntou outro homem.

Era típico de Levi Kroll ser direto e objetivo. Ele se juntara à Scorpia depois de deixar o Mossad, o serviço secreto israelense, e ainda se considerava um soldado. Durante 20 anos, esse homem havia dormido com uma pistola FN 9 mm embaixo do travesseiro. Então, uma noite, ela havia disparado. Ele era um homem grande e a barba espessa cobria a maior parte de suas cicatrizes. Um tapa-olho escondia a órbita vazia onde antes ficava seu olho esquerdo.

— É claro que vai funcionar — a sra. Rothman estava ofendida.

— Ela foi testada?

— Nós a estamos testando agora. Mas devo dizer que o professor Lieberman é um gênio. Um homenzinho chato, caso seja preciso passar muito tempo com ele, e Deus sabe que eu tive. Mas ele inventou uma arma nova e a beleza dessa criação está no mistério, porque nenhum perito do mundo sa-

be o que ela é e como funciona. É claro, no final eles vão acabar descobrindo e já fiz planos para quando isso acontecer. Mas será tarde demais. As ruas de Londres estarão cobertas de corpos. Será a pior desgraça a se abater sobre as crianças de uma cidade desde o Flautista de Hamelin.

— E Liebermann? — perguntou o dr. Three.

— Ainda não decidi. Provavelmente, teremos que matá-lo também. Ele pode ter inventado a Espada Invisível, mas nem imagina como planejamos usá-la. Suponho que ele se oporá e, nesse caso, vamos ser forçados a eliminá-lo — a sra. Rothman olhou em volta da mesa. — Mais alguma coisa?

— Sim — Max Grendel apoiou as mãos abertas sobre a mesa.

A sra. Rothman não se surpreendia com o fato de ele ter alguma coisa a dizer. Esse homem era pai e avô. Pior que isso, a idade o tornara sentimental.

— Faço parte da Scorpia desde o início — ele disse. — Ainda me lembro de nossa primeira reunião em Paris. Ganhei muitos milhões de dólares trabalhando com vocês e gostei de tudo que fizemos. Mas esse projeto... A Espada Invisível... Vamos realmente matar tantas crianças? Como poderemos viver com essa lembrança?

— Com mais conforto que antes — resmungou a sra. Rothman.

— Não, não, Julia — Grendel balançou a cabeça. Uma lágrima solitária escorreu do olho doente. — Não vai se surpreender com minha posição, porque já tivemos essa conversa na última vez em que nos encontramos. Decidi que cheguei ao meu limite. Sou um homem velho. Quero me aposentar e ir viver no meu castelo em Viena. A Espada Invisível será sua maior realização, não duvido. Mas não tenho mais força para continuar. É hora de me aposentar. Vocês terão que prosseguir sem mim.

— Não pode se aposentar! — protestou Levi Kroll.

— Por que não falou antes? — outro homem perguntou furioso. Ele era negro, mas tinha olhos amendoados como os orientais, e havia mandado incrustar um diamante do tamanho de uma ervilha em um dos dentes da frente.

— Eu conversei com a sra. Rothman — Max Grendel respondeu em um tom razoável. — Ela é a líder do projeto. Não pensei que fosse necessário informar todo o comitê.

— Realmente, não precisamos discutir por causa disso, sr. Mikato — interferiu Julia. — Max tem falado sobre se aposentar há algum tempo e creio

que devemos respeitar a vontade dele. É uma pena, certamente. Mas, como meu falecido marido costumava dizer, tudo que é bom tem um fim.

O marido multimilionário da sra. Rothman havia despencado para a morte de uma janela no 17º andar. Apenas dois dias depois de ter se casado com ela.

— Isso é muito triste, Max — ela continuou. — Mas tenho certeza de que está fazendo a coisa certa. É hora de você ir.

Julia Rothman o acompanhou até o píer, usando o elevador para descer ao piso térreo. Finalmente eles estavam sob o sol brilhante, cercados pelos sons e cheiros da vida real. Max Grendel olhou para trás, para o palácio, o edifício de quatro andares de onde acabara de sair. A comparação foi imediata: o palácio era tão lindo quanto a proprietária. Porque, quando Julia Rothman não estava em seu apartamento em Nova York ou em sua vila em Turtle Bay, na Ilha de Tobago, era ali que ela morava, à margem do Grande Canal.

Grendel procurou o barco motorizado. Aparentemente, ele já havia partido, mas uma gôndola o esperava para levá-lo de volta ao canal. A sra. Rothman segurou o braço dele.

— Vou sentir sua falta — ela disse.

— Obrigado, Julia — Max Grendel bateu carinhosamente no braço dela. — Também vou sentir sua falta.

— Não sei como faremos sem você.

— A Espada Invisível será um sucesso. Não pode falhar. Não com você no comando.

De repente ela parou.

— Eu quase esqueci. Tenho algo para você — Julia estalou os dedos e um empregado se aproximou com uma grande caixa embrulhada em papel azul e rosa e com um impressionante laço prateado. — Um presente.

— Um presente de aposentadoria?

— Algo para se lembrar de nós.

Max Grendel estava parado ao lado da gôndola. A embarcação balançava suavemente sobre a superfície ondulante do canal. Havia um gondoleiro na parte de trás, apoiado no remo, vestido com a tradicional roupa listrada.

— Obrigado, minha querida — disse Max. — E boa sorte.

— Divirta-se, Max. Mantenha contato.

Ela o beijou, os lábios tocando com suavidade o rosto enrugado. Depois Julia o ajudou a entrar na gôndola. Ele se sentou desajeitado, apoiando sobre os joelhos a grande caixa colorida. O gondoleiro partiu imediatamente. A sra. Rothman levantou a mão. A pequena embarcação deslizou pelo canal cinzento.

A sra. Rothman se virou e voltou ao palácio.

Max Grendel a observava com um olhar triste. Sabia que a vida não seria a mesma sem a Scorpia. Dedicara toda sua energia à organização por mais de duas décadas. Ela o mantivera jovem, mantivera-o vivo. Mas agora tinha que pensar nos netos. Pensava nos pequenos Hans e Rudi — os gêmeos. Eles também tinham 12 anos. A mesma idade dos alvos da Scorpia em Londres. Não podia participar daquilo. Havia tomado a decisão certa.

Quase esquecera o pacote apoiado sobre os joelhos. Típico de Julia. Talvez por ser a única mulher no comitê executivo, ela sempre havia sido a mais sentimental do grupo. O que teria comprado para ele? O pacote era pesado. Ele puxou a fita e rasgou o papel com um gesto impulsivo.

Era uma dessas maletas de executivo. Cara, evidentemente. Podia perceber pela qualidade do couro, pela costura feita à mão... e pela etiqueta. Um belo produto. Suas iniciais — MUG — estavam gravadas em dourado abaixo da alça. Max abriu a pasta com um sorriso.

E gritou quando o conteúdo pulou em cima dele.

Escorpiões. Dezenas deles. Escorpiões de no mínimo dez centímetros de comprimento, cor de areia, com pinças pequeninas e corpos gordos, inchados. Enquanto caíam em seu colo e subiam pela camisa, ele os identificou: escorpiões de cauda grossa e peluda da espécie *Parabuthus*, os mais mortais do mundo.

Max Grendel caiu para trás gritando, os olhos arregalados e braços e pernas se debatendo, enquanto as detestáveis criaturas encontravam as dobras em suas roupas e iam escalando, entrando pelas frestas e rastejando pelas axilas, descendo até a cintura da calça. A primeira ferroadada foi no pescoço, a segunda, no peito. E de repente os escorpiões estavam picando em todos os lugares, muitas e muitas vezes, até os gritos do infeliz morrerem antes mesmo de deixar a garganta.

O coração desistiu bem antes da ação das neurotoxinas que provocariam sua morte. Enquanto a gôndola flutuava lentamente pelo canal, tomando a direção da ilha cemitério de Veneza, talvez alguns turistas tenham notado o

homem deitado no banco do barco com os braços abertos, os olhos arregalados e fixos no brilhante céu veneziano que ele não enxergava mais.

SCIPPATORI

PARA OS DOIS LADRÕES na scooter Vespa 200 cc, aquilo foi um caso de vítima errada, no lugar errado, em uma errada manhã de domingo de um mês de agosto.

Era como se o mundo todo estivesse reunido na Piazza Esmeralda, alguns quilômetros além dos limites de Veneza. A igreja ficara pronta recentemente, e famílias inteiras caminhavam juntas sob o sol brilhante; avós em trajes pretos, meninos e meninas com seus melhores ternos e vestidos de comunhão. Cafés e sorveterias abriram as portas, espalhando seus clientes pelas calçadas e na rua. De uma grande fonte — habitada por deuses nus e serpentes —, jorrava jatos de água gelada. E havia o mercado. Barracas vendiam pipas, flores secas, velhos cartões-postais, passarinhos de dar corda e pacotes de sementes, para as centenas de pombos que ciscavam e arrulhavam pela praça.

No meio disso tudo, dois garotos ingleses estavam em uma das mesas bebendo água gelada com limão. Um deles era baixinho e moreno, com cabelos negros e espetados e olhos azuis brilhantes. O outro era Alex Rider.

Setembro estava começando. Havia se passado um mês desde o último confronto de Alex com Damian Cray no Air Force One, a aeronave presidencial norte-americana. Aquele havia sido o fim de uma aventura que o levaria a Paris e Amsterdã e, finalmente, à pista principal do aeroporto de Heathrow, em Londres, enquanto uma dúzia de mísseis nucleares era disparada contra alvos no mundo todo. Alex conseguira destruir os mísseis. Ele estava presente no momento da morte de Cray. E, depois de tudo, ele tinha ido para casa, com a habitual coleção de hematomas e arranhões, e encontrara uma carrancuda Jack Starbright esperando-o na sala de estar. Jack era sua governanta, mas também uma amiga e, como sempre, estava preocupada.

— Não pode continuar com isso, Alex — ela disse. — Quero dizer, se precisa sair e salvar o mundo de vez em quando, não vou discutir. Mas a situação está ficando ridícula. Você volta para casa machucado, cheio de hematomas e completamente exausto. Precisa de férias! Uma semana de sol!

— Tem razão — Alex estava estranhamente quieto. Jack logo percebeu. Ele quase nem falara sobre Cray e o que havia acontecido naqueles últimos

minutos na pista do aeroporto. — Quero ir a Veneza — anunciou de repente.

— Veneza?

— Isso mesmo.

— Tudo bem. Vou comprar as passagens. Se quiser, podemos visitar Florença também...

— Na verdade, Jack, eu estava pensando em viajar com um amigo. Tom Harris. Você sabe... ele é da escola Brookland. Tem um irmão morando em Nápoles e vai visitá-lo. Ele disse que posso ir junto.

— Sim, é claro — por um momento Jack ficou desapontada, mas depois se animou. — Ótima ideia, Alex. Deve passar mais tempo com seus amigos. Veneza e Nápoles, essa vai ser uma viagem incrível. E o principal é ter certeza de que vai descansar.

Naquele momento, Alex olhava para Tom enquanto os dois tomavam uma espécie de limonada na praça italiana. Tom Harris era seu melhor amigo na Brookland. Muitos garotos, e alguns professores também, não o achavam muito brilhante. Era verdade que Tom nunca tirava boas notas. Sim, não havia como negar. Mas o que havia de melhor nele era isso, não se importar. Ele conseguia estar sempre alegre, animado, e era uma companhia muito divertida. E, se em sala de aula Tom não era um exemplo de sucesso, nos esportes ele era genial. Capitão do time de futebol da escola e principal rival de Alex no atletismo, costumava vencer nos arremessos, nos 500 metros e no salto com vara.

Tom falava sobre essa viagem à Itália fazia um bom tempo, mas só recentemente Alex descobrira o motivo de tanta ansiedade. Os pais dele haviam se divorciado, um processo difícil e demorado e, no verão, a situação havia chegado ao ponto em que aparecem os caminhões de mudança, as cartas dos advogados e os longos e amargurados períodos de silêncio. Tom queria se afastar de tudo isso, por isso o convite para visitar o irmão mais velho não podia ter aparecido em melhor hora.

— Como disse que é o nome disto? — perguntou, deixando a colher sobre o prato.

— É *granita* — Alex respondeu. Era o que sempre pedia quando ia à Itália: gelo triturado e suco de limão. Ficava na metade do caminho entre um sorvete e uma bebida, e não havia nada mais refrescante no mundo.

— É bom — Tom concordou. Ele usava óculos de marca com lentes fotossensíveis, um presente que comprara para si mesmo no aeroporto de Heathrow. Eram um pouco maiores do que deveriam ser para o seu rosto e estavam sempre escorregando pelo nariz. — Vai continuar no colégio no próximo semestre? — Tom perguntou de repente.

Alex deu de ombros.

— Vou, é claro.

— Você quase não compareceu às aulas no semestre passado. Ou no anterior.

— Estive doente.

Tom refletiu por um momento.

— Sabe que ninguém acredita nisso — falou.

— Por que não?

— Porque ninguém fica tão doente e por tanto tempo. É impossível — Tom baixou a voz. — Sabe que existe um boato de que você é desajustado?

— O quê?

— Por isso passa tanto tempo longe da escola. Porque tem problemas com a polícia.

— E você também acredita?

— Não. Mas a srta. Bedfordshire me perguntou sobre você. Ela sabe que somos amigos e me contou que uma vez você ficou encrencado por ter roubado um guindaste, ou algo assim. Ela ouviu essa história de alguém e tem certeza de que você está fazendo terapia.

— Terapia? — Alex repetiu confuso.

— Sim! Ela tem muita pena de você. Acha que por isso tem que se ausentar da escola com tanta frequência e por tanto tempo, para... Você sabe, para se submeter a tratamento psiquiátrico.

Jane Bedfordshire era a secretária da escola, uma mulher atraente de 40 anos, que sempre tivera uma simpatia especial por Alex. E Alex não conseguia acreditar no que Tom estava dizendo. A secretária realmente acreditava que ele era maluco?

— Você também pensa assim? — perguntou.

— Não sei. Você é bem estranho, isso é certo.

— Obrigado!

Um relógio badalou 12 vezes. Alex e Tom estavam hospedados em um albergue para jovens na pequena cidade de San Lorenzo, bem perto de Ve-

neza. Os pais de Tom o cobriam de dinheiro, provavelmente por culpa, ele dizia, mesmo assim era mais barato ficar ali do que na cidade propriamente dita.

— Então, você é...? — Tom começou.

E parou. Tudo aconteceu muito depressa, enquanto os dois garotos estavam olhando do outro lado da praça.

Uma mulher elegante e bem vestida caminhava com os dois filhos. Ela havia descido da calçada e se preparava para atravessar a rua quando a motocicleta arrancou. Era uma Vespa Granturismo 200 cc, quase nova, com dois homens. Os dois vestiam jeans e camiseta larga de mangas compridas. O passageiro usava um capacete com visor, tanto para esconder a identidade como para se proteger em caso de queda. O piloto, de óculos escuros, ia em direção à mulher como se tivesse a intenção de atropelá-la. Mas, no último momento, ele desviou. Ao mesmo tempo, o passageiro estendeu o braço e arrancou a bolsa da mão dela. Foi tudo tão preciso que Alex logo percebeu que os dois eram profissionais... *scippatori*, como eram conhecidos na Itália. Ladrões de bolsas.

As duas crianças viram o que havia acontecido. Uma delas gritava e apontava, porém não havia nada que pudessem fazer. A motocicleta já estava se afastando. O piloto mantinha a cabeça baixa. O passageiro levava a bolsa no colo. Eles estavam atravessando a praça em alta velocidade no sentido diagonal, na direção de Alex e Tom. Havia pessoas ocupando todos os espaços um momento antes, mas de repente o centro da praça ficou vazio e não havia mais nenhum obstáculo impedindo a fuga.

Alex se levantou e correu.

— Alex! — Tom chamou.

— Fique longe!

Ele pensou, por um instante, em bloquear o caminho da Vespa. Mas seria inútil. O piloto desviaria com facilidade ou, se decidisse não desviar, Alex acabaria indo parar em um hospital. A moto já devia estar a 60 quilômetros por hora, mais ou menos, e o motor parecia ser capaz de muito mais. Alex não ia ficar no caminho.

Ele olhou em volta, tentando encontrar alguma coisa que pudesse arremessar. Uma rede? Um balde de água? Não havia nenhuma rede por ali e a fonte estava muito longe, mas havia baldes...

A motocicleta estava a menos de 20 metros e continuava acelerando. Alex correu e pegou um balde da banca de flores, esvaziou-o, espalhando flores secas pela calçada, e o encheu com alpiste vendido na barraca vizinha. Os dois ambulantes gritaram com ele em italiano, mas foram ignorados. Sem parar, ele se virou e jogou o alpiste na direção da Vespa no momento em que ela passava a seu lado. Tom assistia a tudo... primeiro com espanto, depois com desapontamento. Se Alex esperava que a chuva de alpiste derrubasse os ladrões, não havia dado certo. A moto seguia em frente.

Mas derrubá-los não era a intenção.

Devia haver duas ou três centenas de pombos na praça, e todos viram a chuva de alpiste. Os dois ladrões estavam cobertos de sementes. Elas se alojaram nas dobras das roupas, embaixo da gola e nos vãos dos tênis. Havia uma pilha de alpiste entre as pernas do piloto. Uma porção caíra sobre a bolsa roubada. Outra ficara perdida entre os cabelos do piloto.

Para os pombos, os ladrões de bolsas se transformaram repentinamente em uma succulenta e farta refeição ambulante. Vindas de todas as direções, as aves caíram sobre os dois homens em uma explosão súbita de penas cinzentas. O piloto sentia as garras de um pombo em seu rosto, enquanto, com o bico, a ave martelava sua cabeça, pegando qualquer alpiste que conseguia encontrar. E havia outro pombo em seu pescoço, um terceiro entre as pernas, bicando a área mais sensível de um homem. O passageiro tinha dois pombos no pescoço, outro pendurado na camisa, outro tentando entrar na bolsa roubada. E mais aves iam aparecendo. Devia haver pelo menos 20, batendo as asas e bicando, uma nuvem agitada de penas, garras e — resultado da excitação — fezes.

O piloto não enxergava nada e mantinha apenas uma das mãos no guidom, enquanto com a outra tentava espantar as aves. Alex viu a moto descrever uma curva de 180 graus, estava voltando, ia para cima dele e seguia em velocidade ainda maior que antes. Por um instante ele ficou parado, esperando o momento de se jogar para o lado. Tudo indicava que seria atropelado. Mas a moto descreveu outra curva e estava seguindo para a fonte, com os dois homens quase inteiramente cobertos pela nuvem de asas em movimento. A roda da frente se chocou contra a mureta da fonte, e a motocicleta saiu do chão. Os dois homens foram arremessados. As aves debandaram.

No breve segundo antes de atingir a água, o homem que segurava a bolsa gritou e a soltou. Quase em câmera lenta, a bolsa descreveu um arco no ar.

Alex deu dois passos à frente e a pegou.

E então acabou. Os dois ladrões eram um emaranhado de braços e pernas meio submerso na água fria. A Vespa estava caída no chão, quebrada. Dois policiais italianos, que chegaram um tanto atrasados, corriam na direção deles. Os ambulantes riam e aplaudiam. Tom olhava tudo boquiaberto. Alex foi devolver a bolsa à legítima dona.

— Acho que isto é seu — disse.

A mulher o olhava com ar atordado. Alex se virou e voltou para perto do amigo, sentando-se novamente à mesa.

— Alex... — Tom começou. — Como...

Alex sorriu.

— Foi só uma coisa que descobri na terapia — disse.

3

O PALÁCIO DA VIÚVA

NAQUELA TARDE, os dois garotos estavam diante de outro palácio no coração de Veneza.

— O nome é Contarini dei Bovolo — disse Alex consultando um guia.
— Aqui diz que a forma da escada parece a concha de um caracol. E *bovolo* é o equivalente veneziano para “concha de caracol”.

Tom sufocou um bocejo.

— Fascinante, Alex — comentou. — Mas, se tiver que ver mais um palácio, mais uma igreja, ou mais um canal, acho que vou me jogar na frente de um ônibus.

— Não tem ônibus em Veneza — lembrou Alex.

— Um ônibus aquático. Se não me atropelar, talvez eu tenha sorte e me afogue — suspirou. — Sabe qual é o problema com este lugar? A cidade toda parece um museu. Um enorme museu. Tenho a sensação de que passei metade da minha vida aqui.

Alex não concordava com o amigo. Nunca estivera em um lugar como Veneza. Na verdade, não havia no mundo um lugar remotamente parecido com as ruas estreitas e os canais escuros se enrascando uns nos outros e formando um nó complexo, incrível. Cada edifício parecia competir com o vizinho pelo posto de mais ornamentado e espetacular. Em uma breve caminhada, era possível passar por quatro séculos, e cada esquina escondia uma nova surpresa. Podia ser um mercado ao lado do canal, com grandes pedaços de carne expostos sobre o balcão e peixe pingando sangue nas pedras do calçamento. Ou uma igreja, aparentemente flutuante, cercada de água por todos os lados. Um grande hotel ou um pequeno restaurante. Até as lojas eram obras de arte com vitrines emoldurando máscaras exóticas, vasos de vidro coloridos e brilhantes, massas ou antiguidades. Era um museu, talvez, mas um museu vivo.

No entanto, sentia-se parcialmente culpado por ter arrastado Tom até ali. Seu amigo teria preferido seguir direto para Nápoles, mas Alex conseguira convencê-lo a passar alguns dias antes, em Veneza. Só não havia conseguido contar ao amigo o verdadeiro motivo da visita.

Scorpiia.

Ainda não esquecera as últimas palavras que Yassen Gregorovich dissera no avião quando estava morrendo. Pensava nelas noite após noite, virando na cama, incapaz de dormir. Seu pai, John Rider, havia trabalhado com Yassen. E salvara a vida dele uma vez. Mais tarde, John Rider havia sido morto pelo MI6, o serviço secreto britânico, o mesmo grupo que obrigara Alex a trabalhar para eles três vezes: mentiram para ele, manipularam-no, e finalmente o dispensaram quando não era mais necessário. Era quase impossível acreditar, mas Yassen havia oferecido a prova.

— Vá para Veneza. Encontre Scorpia. E você vai descobrir seu destino...

O problema era que não tinha ideia do que Yassen Gregorovich queria dizer com aquelas últimas palavras. Scorpia podia ser uma pessoa. Alex havia procurado na lista telefônica e encontrara pelo menos 14 pessoas vivendo em Veneza e nas imediações com esse nome. Podia ser uma empresa. Ou um edifício. *Scuole* era o nome que davam ali a casas destinadas aos pobres. La Scala era um teatro de ópera em Milão. Mas Scorpia não parecia ser nada. Não havia placas indicando o caminho ou sinalizando a distância até lá. Não havia ruas com esse nome.

Só naquele momento, ali, um dia antes da data marcada para irem embora, Alex começou a ver o que estivera claro desde o início: não havia nenhuma chance de sucesso. Se Yassen havia dito a verdade, os dois homens, ele e John Rider, eram assassinos de aluguel. Teriam trabalhado para Scorpia? Se sim, Scorpia estaria em um esconderijo muito protegido... talvez em um desses velhos palácios. Olhou novamente para a escada descrita no guia. Como saber se esses degraus não levavam a Scorpia? Scorpia podia estar em qualquer lugar. Podia ser qualquer pessoa. E depois de seis dias em Veneza Alex não havia descoberto nada.

— Para onde vamos agora? — perguntou Tom.

— Não sei. O que quer fazer?

— Gostaria de ir ao cinema. O problema é que os filmes são todos em italiano. Não sei. Podemos ir à Piazza San Marco alimentar os pombos. Você parece gostar deles...

E foi então que Alex viu algo: quando o sol incidiu sobre uma superfície qualquer, um lampejo de prata refletiu na periferia de seu campo de visão. Ele virou a cabeça. Não havia nada. Um canal corria para longe. Outro o atravessava. Um barco motorizado passava por baixo de uma ponte. A fachada habitual de antigas paredes marrons recortadas por janelas com vene-

zianas de madeira. A cúpula de uma igreja sobre o telhado vermelho. Ele havia imaginado.

Mas o barco começou a fazer uma curva, e ele viu pela segunda vez. Estava mesmo ali. Era um escorpião prateado decorando a lateral do barco, preso à proa de madeira. Alex viu a embarcação descrever uma curva e entrar no segundo canal. Aquilo não era uma gôndola, nem um *vaporetto* público e barulhento, mas um barco motorizado particular e reluzente — todo de madeira polida, com cortinas nas janelas e assentos de couro. Havia dois tripulantes com uniformes brancos impecáveis, short e jaqueta, um ao volante, o outro servindo um drinque para o único passageiro. E era uma passageira. Sentada com as costas eretas, ela olhava diretamente para a frente. Alex só teve tempo de ver cabelos muito negros, o nariz empinado e o rosto inexpressivo. Em seguida, o barco completou a curva e desapareceu.

Um escorpião decorando um barco a motor.

Scorpia.

Era só a mais distante das conexões, mas de repente Alex estava determinado a descobrir para onde ia aquele barco. Era quase como se o escorpião de prata tivesse sido enviado para guiá-lo ao local que ele precisava encontrar. E havia algo mais. A imobilidade da mulher sentada no barco. Como era possível passar pela cidade fascinante sem registrar nenhuma emoção, sem, pelo menos, virar a cabeça para um lado ou para o outro? Alex pensou em Yassen Gregorovich. Ele teria tido o mesmo comportamento. Ele e essa mulher eram parecidos.

O garoto olhou para o amigo e falou apressado:

— A gente se encontra depois no albergue.

— Por quê? Aonde vai?

— Explico mais tarde!

E depois disso ele desapareceu, passando entre um café e uma loja de antiguidades, correndo pela rua mais estreita, tentando seguir na direção em que fora o barco.

Mas, quase imediatamente, ele viu que tinha um problema. A cidade de Veneza fora construída sobre mais de cem ilhas. Ele havia lido no guia, no dia em que chegara. No século 15, a área era pouco mais que um pântano. Por isso não havia ruas — apenas canais e trechos de terra irregulares interligados por pontes. A mulher estava na água. Alex corria por terra. Segui-la

seria como tentar atravessar um labirinto no qual seu caminho e o dela nunca se encontrariam.

Já a perdera de vista. A rua por onde seguia deveria continuar reta, em frente. Em vez disso, ela se curvava em um ângulo inesperado, bloqueada por um conjunto de prédios de apartamentos. Alex acompanhou a curva sob o olhar atento de duas italianas, ambas vestidas de preto, sentadas em banquetas de madeira. Havia um canal diante dele, mas estava vazio. Um lance de degraus de pedra descia para a água turva, mas não era possível continuar... a menos que fosse nadando.

Ele olhou para a esquerda e viu um pedaço de madeira e água remexida, resultado do movimento das hélices do barco a motor passando por uma frota de gôndolas amarradas ao píer. Lá estava a mulher sentada no fundo do barco e naquele momento ela bebia uma taça de vinho. O barco prosseguiu seu curso por baixo de uma ponte tão pequenina que quase não deixava espaço para passar. Só havia uma coisa que ele podia fazer. Alex voltou pelo mesmo caminho, correndo tanto quanto podia. As duas italianas o viram novamente e balançaram a cabeça em sinal de desaprovação. Até então ele não havia percebido o calor terrível que fazia. O sol parecia estar encurralado nas ruas estreitas e, mesmo nas sombras, o calor persistia. Suando, voltou ao local onde começara a perseguição. Não havia sinal de Tom. Alex imaginou que ele já teria voltado ao albergue, satisfeito por poder descansar.

Por onde?

De repente todas as ruas e esquinas pareciam iguais. Confiando no senso de direção, Alex virou para a esquerda e passou correndo por uma banca de frutas, uma loja de velas e um restaurante ao ar livre, onde os garçons já começavam a arrumar as mesas para o almoço. Mais uma esquina, e lá estava a ponte — tão curta que seria possível atravessá-la com cinco passos. Alex parou no meio da travessia e se debruçou sobre a proteção, olhando para o canal. O cheiro de água parada invadiu suas narinas. Não havia nada. O barco não estava em nenhum lugar.

Mas sabia em que direção estava navegando. Ainda não era tarde demais... se continuasse em frente. Alex voltou a correr. Um turista japonês se preparava para tirar uma foto da esposa e da filha. Alex ouviu o obturador da câmera quando passou entre ele e as duas. Quando voltassem a Tóquio, os japoneses teriam a foto de um menino atlético, esguio, com cabelos cla-

ros e longos, vestindo uma camiseta de surfista, com o rosto suado e olhos determinados. Uma lembrança dele.

Um grupo de turistas. Um estudante tocando violão. Outro café. Garçons com bandejas de prata. Alex passou por todos eles, ignorando os gritos de protesto. Não havia mais sinal de água. A rua parecia seguir para sempre. Mas ele sabia que devia haver um canal em algum lugar adiante.

E logo o encontrou. O terreno descia de repente. A água turva ocupava o espaço lá embaixo. Chegara ao Grande Canal, a maior via aquática de Veneza. E lá estava o barco a motor com o escorpião prateado, totalmente visível. A distância era de 50 metros, pelo menos, e havia outras embarcações em volta. O barco se afastava mais e mais a cada segundo.

Alex sabia que, se o perdesse, não o encontraria mais. Havia muitos canais por onde ele podia seguir, muitas vias abertas à direita e à esquerda. Naquele momento, estava diante de uma plataforma flutuante de madeira, um dos pontos de ancoragem para os *vaporetti* — os ônibus aquáticos de Veneza. As passagens eram vendidas em um quiosque e muita gente andava por ali. Uma placa amarela anunciava o nome daquela parada no canal: Santa Maria dei Giglio. Um barco grande e cheio de passageiros deixava o píer, o ônibus número 1. No dia em que chegaram, um grupo da escola havia viajado nesse mesmo barco desde a principal estação ferroviária, e Alex sabia que ele percorria toda a extensão do canal. O progresso era lento, mas apenas dois metros o separavam do cais onde era feito o embarque.

Alex olhou para trás. Percorrendo o labirinto de ruas, não havia nenhuma possibilidade de achar o caminho e alcançar o barco que perseguia. O ônibus aquático era sua única esperança. Mas ele já estava se afastando. Perdera sua chance, e não haveria outro senão em cinco ou dez minutos. Uma gôndola passou deslizando pelo canal, o gondoleiro cantando em italiano para a sorridente família de turistas a bordo. Por um momento, Alex pensou em roubar a gôndola. Mas, em seguida, teve uma ideia melhor.

O remo saía da água bem perto dele, e Alex estendeu a mão, arrancando-o das mãos do gondoleiro. Pego de surpresa, o gondoleiro gritou em italiano, girou o corpo e perdeu o equilíbrio. A família de passageiros reagiu alarmada quando ele caiu na água. Enquanto isso, o garoto examinava o remo de aproximadamente dez metros de comprimento. O gondoleiro o estivera segurando no sentido vertical, usando a parte mais larga para guiar o

barco pela água. Alex correu para a frente, enfiou a pá do remo no canal, esperando que a água não fosse profunda demais, e deu impulso.

Estava com sorte. A água ali era rasa e o fundo do canal tinha de tudo, desde velhas máquinas de lavar roupa a bicicletas e carrinhos de mão, lixo jogado pelos alegres venezianos que não se preocupavam com a poluição. O remo atingiu algo sólido e Alex conseguiu usar o comprimento do cabo de madeira para se lançar à frente. Era a mesma técnica utilizada para o salto com vara praticado no dia esportivo na Brookland. Por um momento ele teve a sensação de parar no ar, suspenso sobre o Grande Canal. Depois de uma fração de segundo, o movimento o lançou para a frente, para dentro do ônibus aquático. Alex caiu no convés da embarcação, soltou o remo na água e olhou em volta. Os passageiros o observaram perplexos. Mas estava a bordo.

Havia poucos coletores de passagens nos ônibus aquáticos de Veneza, motivo pelo qual muitos jovens da cidade se “esqueciam” de comprar o bilhete antes de embarcar. Assim, ninguém questionou o método nada ortodoxo de embarque usado por Alex ou lhe pediu o bilhete. Ele se debruçou sobre a proteção do barco, grato pela brisa que varria a superfície da água. E não havia perdido de vista o barco motorizado. Ainda estava atrás dele, que se afastava da lagoa principal e seguia rumo ao coração da cidade. Uma estreita ponte de madeira passava sobre o canal acima dele e Alex a reconheceu imediatamente. Era a Ponte da Academia, que levava à maior galeria de arte da cidade. Por um momento, ele pensou no que estava fazendo. Havia acabado de abandonar o amigo. E correria por toda Veneza. Por quê? O que tinha como ponto de partida? Um escorpião prateado decorando um barco particular. Devia estar maluco. O *vaporetto* começou a reduzir a velocidade. Ele já estava chegando ao próximo píer. Alex ficou tenso. Sabia que, se esperasse o desembarque dos passageiros e o embarque de um novo grupo, nunca mais veria o barco a motor. Naquele momento, ele estava do outro lado do canal. As ruas ali eram um pouco menos movimentadas. Alex respirou fundo. Não sabia quanto ainda conseguiria correr.

E então ele viu, tomado por um forte alívio, que o barco a motor também havia chegado ao seu destino. Ele estava parando diante de um palácio, um pouco mais adiante, atracando atrás de uma série de estacas que brotavam da água como presas de javali, como se houvessem sido postas ali por acaso. Alex viu mais dois criados uniformizados aparecerem. Um ancorou o

barco. O outro estendeu a mão enluvada. A mulher segurou a mão estendida e desembarcou. Ela usava um vestido justo cor de creme com uma jaqueta curta, acima da cintura. Uma bolsa pendia de seu braço. Ela poderia ser uma modelo estampada na capa de uma revista de moda. E parecia determinada. Enquanto os empregados se ocupavam com a bagagem, retirando as malas do barco, ela desapareceu atrás de uma coluna de pedra. O ônibus aquático se preparava para partir. Rápido, Alex desembarcou e caminhou apressado pelo píer. Mais uma vez, tinha que deduzir o caminho por entre os edifícios que se aglomeravam à margem do Grande Canal. Mas, dessa vez, sabia o que estava procurando. E, alguns minutos mais tarde, ele encontrou o que queria.

Era um típico palácio veneziano, rosa e branco, com janelas estreitas encaixadas no meio de uma trama fantástica de pilares, arcos e balaustradas... como um cenário de *Romeu e Julieta*. Mas o que tornava o palácio tão inesquecível era sua posição. Ele não ficava de frente para o Grande Canal, mergulhava nele, com a água lambendo os tijolos das paredes. A mulher do barco havia passado por um portal, como se entrasse em um castelo. Mas era um castelo flutuante. Ou um castelo que afundava na água. Era impossível dizer onde terminava a água e começava o castelo.

O edifício tinha pelo menos um lado acessível por terra. O fundo do castelo ficava em uma praça ampla com árvores e arbustos em vasos ornamentais. Havia homens, empregados, em todos os lugares, posicionando cordas, acendendo tochas e desenrolando um tapete vermelho. Carpinteiros trabalhavam na construção do que parecia ser um pequeno palco. Mais homens levavam para o interior do palácio várias caixas e muitos engradados. Alex viu garrafas de champanhe, fogos de artifício, diferentes tipos de pratos. Era evidente que preparavam uma grande festa.

Alex abordou um dos homens.

— Com licença. Pode me dizer quem mora aqui?

O homem não falava inglês. Nem tentou ser simpático. Alex tentou se aproximar de outro criado e o resultado foi o mesmo. Ele reconhecia o tipo. Já havia conhecido outros como eles. Os guardas na Academia de Point Blanc. Os técnicos da Cray Software Technology. Todos eram pessoas que trabalhavam para alguém que temiam. Eram pagos para fazer um serviço e nunca saíam da linha. Pessoas com algum segredo, alguma coisa a esconder? Talvez.

Alex desistiu da praça e caminhou até uma lateral do edifício. Um segundo canal banhava toda a extensão do palácio, e dessa vez o menino teve mais sorte. Vestida de preto com avental branco, uma mulher idosa, a imagem perfeita de uma avó, varria a calçada sobre a água. Alex a abordou.

— Fala inglês? — perguntou. — Pode me ajudar?

— *Si, con piacere, piccolo amico* — a mulher concordou, deixando a vassoura de lado. — Passei muitos anos em Londres. Falo bem seu idioma. Em que posso ajudá-lo?

Alex apontou para o palácio.

— Que lugar é este?

— É o *Ca' Vedova* — e ela tentou explicar: — *Ca'*... você sabe... em Veneza dizemos *casa*. Significa “palácio”. E *vedova*... — ela procurou a palavra. — É o Palácio da Viúva. *Ca' Vedova*.

— E o que está acontecendo?

— Vai haver uma grande festa esta noite. Uma comemoração de aniversário. Um baile de máscaras. Muitas pessoas importantes virão aqui.

— Aniversário de quem?

A mulher hesitou. Alex fazia muitas perguntas e ela começava a ficar desconfiada. Mas, novamente, a idade o ajudou. Era só um menino de 14 anos. Que mal havia em ser curioso?

— Da *signora* Rothman. Ela é muito rica. E é a proprietária desta casa.

— Rothman? Como o cigarro?

Mas a mulher fechou a boca e, de repente, o medo invadiu os olhos dela. Alex se virou e viu que, em pé na esquina, um dos homens da praça o observava. Ele percebeu que havia ficado tempo demais por ali... prolongando uma conversa para a qual não fora convidado.

Mesmo assim, ele decidiu fazer uma última tentativa.

— Estou procurando Scorpia — disse.

A mulher o encarou como se houvesse levado uma bofetada. Ela pegou a vassoura e, ao mesmo tempo, olhou para o homem parado na esquina. Felizmente, ele não tinha ouvido a conversa. Havia percebido algo errado, porém não tinha saído do lugar. Mas Alex sabia que era hora de ir.

— Não tem importância — ele disse. — Obrigado pela ajuda.

Rápido ele subiu pela calçada ao longo do canal. Havia outra ponte adiante e ele a atravessou. Não sabia exatamente por que, mas estava aliviado por ter deixado *Ca' Vedova* para trás.

Assim que se afastou o suficiente para não ser visto por ninguém do palácio, ele parou e pensou no que havia descoberto. Um barco com um escorpião prateado o levava a um palácio. O palácio pertencia à mulher linda e rica que não sorria. O lugar era protegido por vários homens de aparência hostil e, no momento em que ele mencionara Scorpia a uma mulher que varria a calçada, passara a ser tratado repentinamente com a mesma simpatia com que deviam receber uma epidemia de peste negra.

Não era muito, no entanto era o suficiente. Haveria um baile de máscaras à noite, uma festa de aniversário. Pessoas importantes haviam sido convidadas. Alex não era uma delas, mas já havia decidido. Estaria lá mesmo assim.

SÓ PARA CONVIDADOS

NAQUELA NOITE, o Palácio da Viúva voltou três séculos no tempo.

O cenário era extraordinário. As tochas a óleo estavam acesas e as chamas projetavam sombras negras e alaranjadas na praça. Os criados vestiam trajes do século 18 e usavam perucas, calças justas como meias, sapatos de pontas longas e finas e coletes. Um quarteto de cordas tocava ao ar livre, os músicos ocupavam o palco que Alex vira ainda em construção. Havia milhares de estrelas no céu e até uma lua cheia. Era como se os organizadores da festa também tivessem o poder de controlar o tempo.

Os convidados chegavam de barco e a pé. Todos estavam fantasiados, usando chapéus elaborados e mantos de veludo, que iam até o chão, de cores vivas. Alguns tinham acessórios, como bengalas de ébano. Outros carregavam espadas e adagas. Mas, em meio à verdadeira multidão que se dirigia à porta de entrada, não se distinguia nenhum rosto. Todos usavam máscaras brancas ou douradas, incrustadas com joias ou envoltas em penas e plumas. Era impossível saber quem havia sido convidado para a festa da sra. Rothman — mas nem por isso qualquer um podia entrar. A entrada do palácio pelo canal estava fechada, por isso os convidados eram direcionados para a porta principal, que Alex vira antes. Quatro guardas vestidos com túnicas vermelhas de cortesões venezianos guardavam essa entrada, examinando cada convite.

Alex estava observando tudo do outro lado da praça. Estava abaixado atrás de um dos vasos com Tom, ambos fora do círculo de luz projetado pelas tochas. Não havia sido fácil convencer Tom a acompanhá-lo. Aquela deveria ser a última noite que passariam em Veneza antes de seguirem viagem para Nápoles, e Tom sonhava com um bom prato de espaguete e com sua cama. Alex tinha outros planos. Descobrira o que precisava saber em Veneza antes de voltar para o albergue. Mas sabia que não poderia fazer tudo sozinho. Tom precisava ir também.

- Alex, não consigo acreditar no que está fazendo — Tom cochichou.
- Por que esta festa é tão importante?
- Não posso explicar.

— Por que não? Às vezes não o entendo. Somos amigos, mas você nunca me conta nada.

Alex suspirou. Estava acostumado com isso. Quando pensava em tudo o que havia acontecido com ele no último ano, em como fora arrastado para o mundo da espionagem, um mundo de segredos e mentiras, percebia que essa era a pior parte. O MI6 o transformara em um espião e, ao mesmo tempo, o impedia de ser quem ele queria ser... um garoto comum, um estudante como os outros. Vivia duas vidas, um dia salvando o mundo de um holocausto nuclear, no outro se debatendo com a lição de química. Duas vidas, e acabara encurralado entre elas, preso. Não sabia mais qual era seu lugar. Havia Tom, havia Jack Starbright, e havia Sabina Pleasure — embora ela agora tivesse se mudado para os Estados Unidos. Além deles, não contava com amigos de verdade. Não fora uma escolha sua, mas, de alguma maneira, acabou ficando sozinho.

Ele tomou uma decisão:

— Tudo bem — respondeu. — Vou lhe contar tudo. Mas não agora.

— Quando?

— Amanhã. No trem para Nápoles.

Tom pensou um pouco.

— Vou ajudá-lo de qualquer jeito, Alex — falou. — Porque é para isso que servem os amigos. E não vou exigir nada, nenhum segredo. Não, se não quiser contar.

Alex concordou e sorriu.

— Obrigado.

Ele pegou a bolsa esportiva que havia preparado no albergue. Dentro dela, havia vários objetos comprados em Veneza. Rápido, Alex despiu o short e a camiseta, vestiu calça larga de seda e um colete de veludo que deixava o peito e os braços nus. Em seguida, ele pegou um tubo que parecia ter gelatina, mas era um gel dourado. Pintura corporal. Esfregou uma porção generosa da substância entre as mãos, depois a espalhou sobre os braços, no pescoço e no rosto. Fez um gesto para Tom, que, com uma careta contrariada, terminou o trabalho nas costas e nos ombros de Alex. Agora ele estava dourado.

Finalmente, o menino pegou sandálias douradas, um turbante branco com uma pluma lilás e uma máscara simples, que cobria a metade superior do rosto, especialmente os olhos. Havia pedido na loja de fantasias todas as

peças necessárias para se transformar em um escravo turco. Esperava que o efeito final não fosse tão ridículo quanto ele se sentia.

— Pronto? — perguntou.

Tom respondeu que sim enquanto limpava as mãos na calça.

— Sabe... você parece um pouco triste — murmurou.

— Não tem importância... desde que funcione.

— Ainda acho que você é completamente maluco.

Alex via pessoas chegando, mais convidados. Para fazer o plano funcionar, tinha que escolher o momento ideal. E também tinha que esperar os convidados certos. Eles ainda chegavam em grupos numerosos, aglomerando-se na entrada principal enquanto os guardas verificavam os convites. Alex olhou para o Grande Canal. Um barco de aluguel havia acabado de parar junto do palácio e duas pessoas desembarcavam. As duas estavam mascaradas: um homem vestindo casaca longa e uma mulher coberta por um manto, que arrastava no chão atrás dela. Eram perfeitos. O garoto acenou para Tom.

— Agora.

— Boa sorte, Alex — Tom pegou alguma coisa dentro da bolsa e correu, sem fazer nenhum esforço para não ser visto. Um instante depois, Alex saiu de trás do vaso pelo outro lado, mantendo-se nos locais escuros.

Havia uma comoção na porta. Um guarda brandia um convite e interrogava a pessoa que o apresentara. Muito oportuno. Alex precisava de toda a confusão que fosse possível. E Tom devia ter notado que esse era o momento ideal. De repente houve um estrondo, e todo mundo olhou para a praça, onde um menino dava cambalhotas, ria e gritava. Ele acabara de soltar um rojão e, diante de todos os olhares, acendia outro.

— *Come sta?* — o garoto gritava. Como vai? — *Quanto tempo ci vuole per andare a Roma?* — Quanto tempo leva para chegar a Roma? Alex tinha procurado as palavras em um dicionário. E isso foi tudo o que Tom conseguiu aprender de italiano.

Tom acendeu o segundo rojão e houve outro estrondo. Alex correu para a beirada do Grande Canal no mesmo instante em que os dois convidados subiam a escada que os levaria até a praça. As sandálias faziam barulho na calçada de pedras, mas ninguém parecia perceber que ele estava correndo. Todos olhavam para Tom, que cantava *You'll never walk alone* a plenos pul-

mões. Alex se abaixou e pegou a cauda do manto da mulher. Ela se dirigia para a porta de entrada e ele a seguia, segurando o manto.

Funcionou exatamente como ele esperava. As pessoas se cansaram de pressa do inglês maluco que fazia papel de bobo. Um dos guardas já havia sido designado para cuidar dele. Pelo canto do olho, Alex viu Tom se virar e correr. Eles chegaram à porta e o homem de casaca entregou o convite. O guarda olhou para os recém-chegados e os convidou para entrar. Presumiu que Alex estivesse com eles. O casal levava um menino turco como parte da fantasia. Por outro lado, o casal de convidados havia deduzido que Alex trabalhava no palácio e fora enviado para acompanhá-los ao salão onde acontecia a festa. Por que mais ele teria aparecido?

Os três passaram juntos pela porta e entraram em um grande salão de colunas brancas, piso de mármore e um teto arredondado revestido de mosaicos. Um par de portas de vidro com pé-direito duplo se abria para um pátio onde havia uma fonte cercada por arbustos e flores ornamentais e, pelo menos, cem convidados conversando, rindo e bebendo champanhe em taças de cristal. Era evidente que todos estavam felizes por participarem da festa. Criados vestidos exatamente como os que estavam na porta de recepção circulavam com bandejas de prata cheias de comida. Um homem tocava Mozart e Vivaldi num cravo. Para combinar com a atmosfera, todas as luzes elétricas estavam apagadas, porém havia tochas e milhares de velas nas paredes, e as chamas tremulavam e dançavam agitadas pela brisa da noite.

Alex havia seguido o casal até o pátio, lá soltou o manto da desconhecida e se afastou sorrateiro. Olhou para cima. O palácio se erguia três andares acima do solo e tinha uma escada em espiral como a que ele vira em Contarino dei Bovolo. O primeiro andar se abria para uma galeria com mais arcos e colunas, e alguns convidados haviam subido até lá e passeavam sem pressa pela ampla varanda, olhando para as pessoas que estavam embaixo. Alex olhou em volta e pensou que era difícil acreditar que, na verdade, estavam no século 21. Uma ilusão perfeita havia sido criada entre as paredes do palácio.

Agora que estava ali, não sabia bem o que fazer. Havia mesmo encontrado o caminho para Scorpia? Como poderia ter certeza? Se Yassen havia dito a verdade e seu pai trabalhara mesmo para essas pessoas, talvez elas ficassem felizes em vê-lo. Ele perguntaria o que havia acontecido, como seu pai

morrera, e elas contariam tudo. Não teria que se esgueirar pelo palácio disfarçado.

Mas e se estivesse errado? Lembrava-se da expressão de medo que tinha visto no rosto da mulher quando mencionara o nome Scorpia e do homem de olhar duro trabalhando do lado de fora do palácio, observando-o. As pessoas não falavam inglês e Alex não se sentia capaz de explicar o que estava fazendo, caso o surpreendessem ali. Até que alguém tivesse a ideia de ir buscar um dicionário de inglês, ele estaria boiando no canal.

Não. Precisava descobrir mais coisas antes de fazer uma abordagem. Quem era aquela mulher — a sra. Rothman? O que ela fazia em Veneza? Parecia incrível que um baile de máscaras em Veneza tivesse alguma ligação com um assassinato cometido 14 anos atrás.

As notas do cravo ficaram mais altas. A conversa também ia ganhando volume com a chegada de mais e mais convidados. Muitos haviam tirado a máscara — ou não poderiam comer e beber — e Alex viu que aquela era realmente uma reunião internacional. Os convidados falavam em italiano, mas havia muitos rostos negros e asiáticos entre os presentes. Alex viu um chinês baixinho conversando compenetrado com outro homem, que tinha um diamante incrustado no dente da frente. Uma mulher que ele acreditava conhecer atravessou o pátio diante de seus olhos e, sobressaltado, Alex reconheceu uma das atrizes de cinema mais famosas do mundo. Agora que olhava em volta, via que o palácio estava repleto de astros e estrelas de Hollywood. Por que haviam sido convidados? Então ele lembrou. Era setembro, época do Festival Internacional de Cinema de Veneza. Bem, isso sugeria alguma coisa sobre a sra. Rothman. Ela era alguém influente ou não teria acesso a tantas celebridades.

Alex sabia que não podia passar muito tempo ali. Como único adolescente no palácio, era só uma questão de tempo até que alguém o notasse. Estava terrivelmente exposto. Tinha os ombros e os braços nus. A calça de seda era muito fina, mal podia senti-la sobre o corpo. O disfarce de turco o ajudara a entrar, mas era incômodo e inútil agora que estava no palácio. Ele decidiu agir. No térreo não havia nem sinal da sra. Rothman, a pessoa que ele mais queria ver. Talvez a encontrasse em algum lugar lá em cima.

Alex começou a caminhar por entre os convidados e subiu a escada em espiral. Quando chegou à galeria, viu uma série de portas que se abriam para o palácio propriamente dito. Ali o movimento era menor e algumas pes-

soas olharam para ele com curiosidade. Ele sabia que o importante era não parar. Se alguém o abordasse, logo seria posto na rua. Ao passar por uma porta, ele se viu em um espaço que era algo entre um corredor muito largo e um quarto. Um espelho com moldura dourada pendia de uma parede, sobre uma mesa muito antiga, onde se via um grande vaso de flores. Do outro lado, havia um guarda-roupa pesado. Com exceção desses móveis, o aposento estava vazio.

Havia uma porta no fundo, Alex continuou caminhando na direção dela, mas parou ao ouvir vozes se aproximando. Precisava se esconder. Só havia o guarda-roupa. Não tinha tempo de abri-lo, por isso se encostou na parede ao lado dele. Como o pátio, o piso de cima também era iluminado apenas por velas. Esperava que o guarda-roupa projetasse uma sombra grande o bastante para escondê-lo.

Alguém abriu a porta. Duas pessoas entraram conversando em inglês: um homem e uma mulher.

— Recebemos as licenças, e o carregamento será despachado depois de amanhã — dizia o homem. — Como expliquei antes, sra. Rothman, tempo é dinheiro.

— A cadeia fria.

— Exatamente. A cadeia fria não pode ser rompida. As caixas serão levadas de avião para a Inglaterra no mesmo dia. Depois disso...

— Obrigada, dr. Liebermann. Fez um ótimo trabalho.

Os dois haviam parado longe do lugar onde Alex estava escondido. Porém, inclinando o corpo para a frente, ele conseguia ver o reflexo dos dois no espelho.

Julia Rothman era estonteante. Não havia outra palavra para descrevê-la. Com aqueles cabelos negros e longos caindo em ondas suaves sobre os ombros, ela possuía mais jeito e aparência de estrela que todas as atrizes que ele vira lá embaixo. Julia carregava sua máscara na mão, segurando-a pela haste de madeira, por isso era possível ver seu rosto iluminado por olhos escuros brilhantes, lábios vermelhos como sangue e dentes perfeitos. O vestido era incrível, feito de renda cor de marfim, e Alex soube de imediato que não era uma fantasia, mas uma antiguidade. Um colar de ouro e safiras azuis enfeitavam o pescoço delicado. O homem com quem ela estava era seu oposto perfeito. Devia ter cerca de 50 anos e, como ela, estava fantasiado, coberto por um longo manto forrado de pele com gola elisabetana e cha-

péu de bicos. Carregava uma varinha. Alex não sabia, mas, na Idade Média, aquele era o traje tradicional do médico da peste negra e, com certeza, combinava com o homem. Ele era calvo e feio, dono de um nariz comprido sobre o qual equilibrava os óculos. Embora fosse muito alto, muito mais que Julia Rothman, de algum modo, ela se impunha. E, apesar da roupa, ele parecia um nerd, o que fez Alex se perguntar por que teria sido convidado.

— A senhora prometeu, sra. Rothman — o homem falou nervoso. — Ninguém iria se machucar.

— Isso é mesmo importante? — ela retrucou. — Vai receber 5 milhões de dólares. Uma pequena fortuna. Pense nisso, dr. Liebermann. Vai ficar bem para sempre, pelo resto da vida.

Alex deu mais uma espiada no espelho e viu a mulher parada e quieta, esperando uma resposta. O dr. Liebermann parecia paralisado. Preso entre ganância e medo.

— Não sei — ele disse. — Se me pagasse mais, talvez...

— Então, talvez tenhamos que pensar nisso — a voz dela soava completamente relaxada. — Mas não vamos estragar a festa discutindo negócios. Irei a Amalfi em dois dias. Quero estar lá quando o carregamento for despachado, então voltaremos a falar sobre dinheiro — ela sorriu. — Agora, vamos tomar uma taça de champanhe, quero apresentá-lo aos meus amigos famosos.

Eles já estavam se encaminhando para a porta e passaram por Alex sem olhar na direção dele. Por um momento, sentiu-se tentado a anunciar sua presença. Estava ali porque fora procurar aquela mulher. Devia abordá-la antes que ela desaparecesse entre os convidados. Mas, ao mesmo tempo, estava intrigado. Licenças e cadeias frias. Do que estavam falando? Mais uma vez, ele decidiu que seria melhor conseguir mais informações antes de se apresentar.

Alex saiu do esconderijo e foi atrás da sra. Rothman e do amigo com quem ela conversava. Quando abriu a porta, ele viu do outro lado uma sala muito grande, um espaço digno de um palácio. Devia ter pelo menos 30 metros de comprimento com uma fileira de janelas que iam do teto ao chão e ofereciam uma visão maravilhosa do Grande Canal. O piso era de madeira polida, mas quase todo o resto era branco. Havia uma grande lareira de mármore branco e, diante dela, um tapete branco de pele de tigre (Alex se encolheu, não conseguia pensar em nada mais repugnante). Estantes brancas se

perfilavam na parede mais afastada da entrada, todas cheias de livros de capa de couro e, ao lado de uma segunda porta, havia uma mesa branca sobre a qual se via o que parecia ser um controle remoto de TV. Do outro lado da lareira, na frente de uma das janelas, ficava uma sólida mesa de carvalho. A mesa da sra. Rothman? Alex se aproximou dela.

A superfície da mesa estava vazia, exceto por um bloco mata-borrão de capa de couro branco e uma bandeja com duas canetas-tinteiro prateadas. Alex imaginou a sra. Rothman sentada ali. Era o tipo de mesa que um juiz ou um presidente de empresa ocuparia, uma mesa imponente. Ele olhou em volta para se certificar de que não havia câmeras de segurança, depois tentou abrir uma das gavetas. Estava destrancada, mas só tinha papel de carta e envelopes. Ele tentou abrir a gaveta de baixo. Também estava destrancada e dessa vez ele encontrou uma brochura com capa amarela e um nome gravado em preto:

CONSANTO ENTERPRISES

Ele abriu a brochura. A primeira página trazia a foto de um prédio. Uma construção de alta tecnologia, evidentemente, alta e cheia de ângulos, com paredes feitas inteiramente de vidro espelhado. Havia um endereço sob a foto: Via Nuova, Amalfi.

Amalfi. Era o lugar que a sra. Rothman havia mencionado momentos antes.

Ele virou a página. Havia fotos de vários homens e mulheres em ternos formais e aventais brancos. A equipe da Consanto, talvez? Em uma delas — no meio da fileira de cima — estava Harold Liebermann. O nome dele havia sido impresso logo abaixo, mas o texto fora escrito em italiano. Alex não conseguiria obter nenhuma informação ali. Fechou a brochura e tentou abrir outra gaveta.

Alguma coisa se moveu.

Alex tinha certeza de que estava sozinho. Surpreendera-se com a total ausência de seguranças na sala, especialmente se ali fosse mesmo o escritório da sra. Rothman. Mas de repente ele percebeu que algo havia mudado. Foram necessários alguns segundos para Alex perceber o que era, então ele sentiu um arrepio que o deixou de cabelos em pé.

O que ele tinha pensado ser um tapete de pele de tigre havia acabado de se levantar.

Era um tigre. Vivo e faminto.

Um tigre siberiano. Como ele sabia que era siberiano? Pela cor, é claro. E pelas listras douradas e pretas... e pelo fato de haver tão poucos deles. Quando a criatura olhou na direção dele, estudando-o, Alex lembrou o que sabia sobre a mais rara das espécies. Havia apenas 500 tigres siberianos, aproximadamente, na natureza, e outros tantos em zoológicos. Era o maior felino vivo do mundo. E... sim! Havia cinco dedos em suas patas dianteiras, mas só quatro nas traseiras. Essa era uma informação muito útil, mesmo, considerando que o animal se preparava para destruí-lo.

Porque não tinha dúvida de que era exatamente isso o que ia acontecer. O tigre parecia ter despertado de um sono profundo, mas seus olhos amarelos estavam fixos nele, atentos, e era quase possível sentir a mensagem enviada ao seu cérebro. Comida. E esse era outro detalhe que ele lembrava agora. Um tigre siberiano podia comer 30 quilos de carne de uma vez só. Quando esse tigre terminasse de comê-lo, não sobraria muita coisa.

A cabeça de Alex girava dominada por pensamentos tortuosos. O que havia encontrado em Ca' Vedova? Que tipo de mulher não se incomodava com trancas e câmeras de segurança, mas mantinha um tigre vivo ao lado de sua mesa? A criatura se espreguiçou. Alex viu os músculos perfeitos se contraindo sob o pelo espesso. Tentou se mover, porém descobriu que não conseguia. O que se passava? A resposta era óbvia: estava aterrorizado. Paralisado pelo pavor. Estava a menos de dez passos de distância de um animal que, durante séculos, havia espalhado o medo por três continentes. Era quase inacreditável que um tigre siberiano vivesse preso dentro de um palácio veneziano. Mas ele estava ali. E era só isso o que importava. E, qualquer que fosse o endereço ou estilo, o estrago seria o mesmo.

O tigre rosnou. Era um rugido baixo, contido, mais terrível que qualquer coisa que o garoto tivesse ouvido até então. Alex tentou encontrar forças para se mover, colocar alguma coisa entre eles. Mas não havia nada.

O tigre deu um passo à frente. Ele preparava o salto. Seus olhos estavam mais escuros. A boca estava aberta revelando duas fileiras de dentes muito brancos e afiados. O animal rosnou uma segunda vez, mais alto, um rugido mais prolongado.

E saltou.

5
MARÉ CHEIA

ALEX FEZ A ÚNICA COISA que podia fazer. Diante de 220 quilos de tigre rosnando e pulando em cima dele, caiu de joelhos ao mesmo tempo que escorregava pelo piso de madeira e desaparecia sob a mesa.

O tigre caiu em cima dele. Podia sentir o peso, embora estivessem separados pela superfície da mesa, e ouvia as garras rasgando a madeira. Duas coisas passaram por sua cabeça. A primeira era a total improbabilidade de encontrar um animal selvagem solto em um palácio veneziano. A segunda era a certeza de que, se não encontrasse logo um jeito de sair da sala, esse poderia ser seu último pensamento.

Havia duas portas. A primeira, por onde ele entrara, parecia ser a mais próxima. O tigre estava com metade do corpo no chão, metade em cima da mesa, momentaneamente confuso. Na selva, ele já teria se recuperado e se orientado e estaria pronto para atacar novamente, mas este mundo era totalmente estranho para o animal. Alex agarrou sua chance e rastejou para a frente. Só depois que deixou a minguada proteção da mesa, percebeu que não ia conseguir.

O tigre o viu. Alex estava virando o corpo, com as mãos para trás, as pernas flexionadas para um lado, os músculos prontos para levantá-lo do chão. O tigre mantinha as patas dianteiras sobre a mesa. Nenhum dos dois se moveu. Alex sabia que a porta estava muito longe. Não havia outro lugar onde pudesse se esconder. Uma onda de raiva o invadiu. Não devia ter ido ao palácio. Devia ter sido mais cuidadoso.

O tigre rugiu. Alex nunca ouvira nada parecido. Uma rajada de ar quente e úmido que fez tremer todas as suas terminações nervosas. Era, simplesmente, o som do terror.

Então, uma segunda porta se abriu e um homem entrou.

O garoto mal registrou a presença dele. Nesse momento, toda a sua concentração estava voltada para o tigre. Mas, ao mesmo tempo, notou que o homem não usava fantasia. O recém-chegado vestia camisa polo e jeans e calçava tênis; mas eram roupas caras, elegantes. E pelo caimento das peças, pelos músculos que se desenhavam sob o tecido da camisa e da calça, via-se

que o homem tinha uma excelente forma física. Era jovem, teria mais ou menos 25 anos. E era negro.

Mas havia algo errado.

O homem virou a cabeça e Alex viu que um lado do rosto estava coberto de estranhas manchas brancas, como se ele houvesse sofrido algum tipo de acidente químico ou talvez queimaduras por fogo. O garoto reparou nas mãos. Elas também tinham outra cor. O homem devia ter sido bonito. Mas agora ele era um horror.

O negro percebeu imediatamente o que estava acontecendo: o tigre estava prestes a saltar. Sem pensar duas vezes, ele pegou o controle remoto que Alex tinha visto sobre a mesa. Apontando o aparelho na direção do tigre, o homem apertou um botão.

E então o impossível aconteceu. O tigre desceu da mesa. Alex viu os olhos dele se apagarem. Ele perdeu as forças e caiu no chão. O garoto assistia à cena com espanto. O tigre se transformara, em segundos, de monstro assustador em nada mais que um gato super-desenvolvido. De olhos fechados, ele agora dormia profundamente, a barriga subindo e descendo com os movimentos da respiração profunda.

Como havia acontecido aquilo?

Alex olhou para o homem que acabara de entrar. Ele ainda segurava o controle ou o que quer que aquilo fosse. Por um momento o garoto se perguntou se o tigre era mesmo real. Seria algum tipo de robô que podia ser ligado e desligado por controle remoto? Não. Isso era ridículo. Estivera perto do tigre o suficiente para ver todos os detalhes. Sentira o hálito. Podia vê-lo agora, respirando profundamente enquanto voltava à selva que era seu lar... em sonhos. Era uma coisa viva. Mas, de alguma forma, ele havia sido desligado com a mesma rapidez e facilidade com que se apaga uma lâmpada. Alex nunca se sentira mais confuso. Seguiu um barco com um escorpião prateado e acabara indo parar em uma espécie de País das Maravilhas na Itália.

— *Chi sei? Cosa fai qui?*

O homem falava com ele. Alex não entendia as palavras, mas não era difícil deduzir o significado. Quem era ele? O que estava fazendo ali? Ele se levantou, lamentando não ter tido tempo para trocar a fantasia por roupas comuns. Sentia-se meio nu e tremendamente vulnerável. Tom ainda o esperava lá fora? Não. Havia dito a ele que voltasse para o albergue.

O homem falou com ele mais uma vez. Alex não tinha escolha.

— Não falo italiano — respondeu.

— Você é inglês? — o homem mudou de idioma sem nenhum esforço.

— Sim.

— O que faz no escritório da sra. Rothman?

— Meu nome é Alex Rider...

— E o meu é Nile. Mas não foi isso o que eu perguntei.

— Estou procurando Scorpia.

O homem, Nile, sorriu exibindo dentes perfeitos. Com o tigre neutralizado, Alex conseguia examiná-lo mais atentamente. Não fosse pela descoloração da pele, ele teria uma beleza clássica. Perfeitamente barbeado e elegante, exibia uma forma física perfeita. Seus cabelos eram negros, bem curtos e com um estranho desenho de linhas curvas em torno das orelhas. Embora parecesse relaxado, Alex sabia que sua postura era de combate. Esse era um homem perigoso. O garoto sabia disso também. Ele irradiava autoconfiança e controle. Não estava assustado por encontrar um adolescente ali no escritório. Na verdade, parecia se divertir com a situação.

— O que sabe sobre Scorpia? — o homem perguntou.

A voz era suave e muito precisa.

Alex não disse nada.

— É um nome que ouviu lá embaixo — continuou Nile. — Ou o encontrou na mesa, em algum lugar. Estava vasculhando a mesa? Por isso está aqui? É um ladrão?

— Não...

Alex já havia decidido que era hora de dar um fim naquela situação. A qualquer instante, mais alguém apareceria. Era hora de ir. Ele se virou e começou a se mover para a porta por onde entrara.

— Se der mais um passo, receio que terei que matá-lo — comunicou Nile.

Alex não parou.

Ele ouviu os passos no piso de madeira atrás dele e calculou os movimentos com precisão. No último momento, ele parou e se virou, estendendo a perna em um chute que deveria encontrar o estômago do homem, deixando-o sem fôlego, no mínimo, e nocauteando-o, se tivesse sorte. Mas seu pé encontrou apenas o ar. Nile antecipara o que ele ia fazer ou se esquivara com velocidade incrível. Alex girou, tentando complementar o chute com

um jab frontal — o *kizami-zuki* — que havia aprendido no caratê. Mas era tarde demais. Nile se movera novamente e a mão dele desceu como uma lâmina sobre o garoto. Foi como ser atingido por um pedaço de pau. A sala toda estremeceu e ficou escura. Desesperado, ele tentou encontrar uma posição defensiva cruzando os braços, mantendo a cabeça baixa. Nile já estava esperando. Alex sentiu o braço envolvendo seu pescoço. Uma das mãos pressionou sua cabeça. Com um movimento preciso e rápido, Nile poderia quebrar seu pescoço.

— Não devia ter feito isso — o homem falou como se lidasse com uma criança. — Eu avisei e você não ouviu. Portanto, agora chegou seu fim.

Houve um momento de dor lancinante, um lampejo de luz branca. Depois o nada.

Alex acordou com a sensação de que sua cabeça havia sido arrancada. Mesmo depois de abrir os olhos, ainda foram necessários alguns segundos para que ele voltasse a enxergar. Experimentou mover a mão e sentiu um grande alívio ao ver que os dedos se dobravam. Pelo menos não havia quebrado o pescoço. Tentou lembrar os acontecimentos. Nile devia ter soltado sua cabeça no último momento e aplicado um golpe com o cotovelo. Alex já havia sido nocauteado antes, porém nunca recobrava a consciência sentindo tanta dor. O homem tivera a intenção de matá-lo? De alguma forma, duvidava disso. Mesmo naquele breve encontro, fora possível perceber que Nile era um mestre do combate desarmado, alguém que sabia exatamente o que estava fazendo e não cometia erros.

Ele o fizera desmaiar e o levara até o lugar onde estava agora. Aliás, que lugar era aquele? Sua cabeça ainda latejava. Alex olhou em volta. Não estava gostando nada do que via. Estava em um aposento pequeno, supostamente em algum lugar no subterrâneo do palácio. As paredes eram de gesso manchado e o ângulo de inclinação do teto sugeria se tratar de uma adega. O piso havia sido coberto de água recentemente. O garoto se encontrava sobre uma plataforma de tábuas cruzadas, úmidas e podres. A única luz no ambiente vinha de uma lâmpada coberta por um globo de vidro sujo. Não havia janelas. Alex tremia. Fazia frio ali, apesar do calor da noite de setembro. E havia mais alguma coisa. Ele deslizou um dedo por uma parede e sentiu uma camada de limo. A adega não era pintada de verde-escuro como

tinha pensado e percebia que a inundação ultrapassara muito a altura do piso. Em algum momento, até a lâmpada estivera debaixo da água.

De repente ele recobrou todos os sentidos. Reconhecera o cheiro de água no ar: vegetais podres, a lama e o sal do sistema de canais de Veneza. Podia ouvir o ruído característico, as ondas indo e vindo, não do outro lado da parede, mas em algum lugar abaixo dele. Alex se ajoelhou e examinou o piso. Uma das tábuas estava solta, ele conseguiu levantá-la e criar uma abertura estreita. Por essa abertura, ele estendeu a mão e tocou a água. Não havia saída. Ele olhou para trás. Uma escada de poucos degraus terminava em uma porta de aparência sólida. Subiu e jogou todo o peso do corpo contra a porta, que também estava coberta de limo. E ela não cedeu.

E agora?

Alex ainda vestia calça de seda e colete, sua fantasia. Não havia nada para protegê-lo do frio. Ele pensou rapidamente em Tom e, pelo menos, isso o confortou. Se não voltasse ao albergue até o amanhecer, Tom daria o alarme. E o raiar do dia não podia estar muito longe. Ele não sabia quanto tempo passara inconsciente e, embora se arrependesse disso agora, havia tirado o relógio do pulso ao vestir a fantasia. Não havia som do outro lado da porta. Aparentemente, não podia fazer nada além de esperar.

Alex se encolheu em um canto, envolvendo o corpo com os braços. A maior parte da tinta dourada havia desaparecido de seu corpo. Agora parecia desalinhado e sujo. Queria saber o que Scorpia faria com ele. Com certeza alguém, Nile ou a sra. Rothman, desceria, nem que fosse apenas para saber por que ele se dera o trabalho de invadir a festa.

De repente estava exausto. Era como se a velocidade dos eventos, desde a primeira vez que vira o barco com o escorpião prateado até o confronto com Nile, o houvesse esgotado. Não queria dormir. Na verdade, nunca teria imaginado que isso seria possível. Mas, quando percebeu, estava acordando, sentindo repentinamente o desconforto no pescoço e um frio intenso que se espalhava por todo o corpo. Apesar de tudo, havia adormecido e despertara com o som de uma sirene. Ainda podia ouvi-la — não dentro do palácio, mas longe dele.

Ao mesmo tempo, ele teve a sensação de que algo havia mudado ali, naquele espaço apertado. Olhou para baixo e viu que havia água no chão.

Por um momento ficou intrigado. Um cano teria se rompido? De onde vinha a água? Em seguida, os pensamentos se organizaram e ele entendeu

seu destino. Scorpia não se interessara por ele. Nile prometera que seu fim havia chegado, e falara sério.

As sirenes anunciavam uma inundação. Veneza tinha um sistema de alarme que funcionava o ano todo. A cidade fica no nível do mar e, por causa do vento e da pressão atmosférica, há frequentes “ondas de tempestade”. Isso faz a água do Atlântico invadir a lagoa em Veneza e o resultado é que os canais transbordam. Ruas e praças desaparecem por várias horas. A água fria e negra estava invadindo o aposento. Que altura ela alcançaria? Alex não precisava perguntar. As marcas nas paredes iam até o teto. A água o cobriria e ele lutaria em vão, iria se debater inutilmente até morrer afogado. Depois de um tempo, o nível baixaria e alguém removeria seu corpo ou talvez o jogassem na água.

Ele se levantou e correu para a porta, esmurrando-a. Também gritou, mesmo sabendo que era inútil. Ninguém respondeu. Ninguém se importava. Com certeza, não era o primeiro a ficar trancado naquele cômodo. Fazer perguntas demais, ir aonde não tinha o direito de ir... esse era o resultado.

A água subia rapidamente. Já devia estar a mais de meio metro de altura. O piso tinha desaparecido. Não havia janelas. A porta era sólida como uma rocha. Só existia uma saída possível, e Alex tinha medo de tentar. Mas... uma das tábuas estava solta. Talvez embaixo dela existisse algum poço ou cano de grande diâmetro. “Afinal”, ele pensou, “tem que haver um caminho para a entrada da água.”

E ela jorrava, inundando o espaço mais depressa que antes. Alex desceu a escada e descobriu que a água já alcançava quase seus joelhos. Ele fez um cálculo rápido. Naquele ritmo, o cômodo estaria completamente submerso em cerca de dez minutos. Despiu o colete e o jogou para o lado. Não ia precisar dele. Andando cauteloso, procurou com os pés a tábua que vira solta. Sabia que ela estava mais ou menos no meio do cômodo e logo a encontrou, batendo com o dedão em um lado da abertura. Quando se ajoelhou, Alex ficou submerso até a cintura. Não sabia nem se conseguiria passar pelo espaço apertado. E, se passasse, o que encontraria do outro lado?

Ele tentou sentir o lugar com as mãos. Havia uma entrada de água bem ali, por onde se originava a inundação. A água subia diretamente, brotando de alguma abertura mais abaixo. Portanto, esse era também o caminho da saída. A única pergunta era: seria capaz de sair? Teria que abrir passagem à força, de cabeça, mergulhar na abertura triangular, encontrar a passagem e

se enfiar dentro dela. Se ficasse preso, iria se afogar de cabeça para baixo. Se a passagem estivesse bloqueada — talvez por uma grade de metal — não conseguiria mais voltar. Estava ajoelhado diante da possibilidade de uma morte horrível. E a água subia depressa, gelada, implacável.

Uma raiva doentia o invadiu. Era esse o destino prometido por Yassen Gregorovich? Tinha ido até Veneza para aquilo? As sirenes ainda uivavam. A água cobrira o primeiro degrau da escada e já lambia o segundo. Alex resmungou um palavrão, depois respirou fundo algumas vezes para tomar fôlego. Quando decidiu que havia levado aos pulmões tanto ar quanto podia, ele se inclinou para a frente e mergulhou de cabeça.

A abertura era estreita, mal permitia a passagem de seu tronco. Ele sentiu as beiradas da tábua raspando nos ombros, mas conseguiu usar as mãos para puxar o corpo, seguir em frente. Não enxergava nada. Mesmo que mantivesse os olhos abertos, a água era escura. Podia senti-la tentando invadir o nariz e a boca. Era gelada, fedida. Deus! Que jeito de morrer. A metade de cima do corpo passou pela abertura, mas o quadril ficou entalado. Alex se contorceu como uma cobra e conseguiu liberar a parte inferior do corpo.

Já estava ficando sem ar. Queria virar, voltar, mas o pânico o dominou quando percebeu que estava preso em uma espécie de tubo sem saída. A única alternativa era descer. Os ombros se chocaram contra algo sólido como uma parede de tijolos. Ele bateu os pés, chutou a água e sentiu uma dor intensa quando um pé se chocou contra a parede que o cercava. Sentia a correnteza girando em torno do rosto e do pescoço... ondas que queriam puxá-lo para baixo, prendê-lo para sempre naquela morte negra. Só naquele momento estava se dando conta de todo o horror da situação, quando não havia possibilidade de fuga. Nenhum adulto teria conseguido chegar tão longe. Só conseguira penetrar naquele poço, ou no que quer que fosse a abertura, por ser menor que um adulto. Mas não tinha espaço para manobras. As paredes já tocavam seu corpo dos dois lados. Se o tubo se tornasse cinco centímetros mais estreito, ficaria preso.

Ele continuou descendo com esforço. Para a frente e para baixo, as mãos tateando a escuridão antes do corpo, temendo encontrar as grades de metal que anunciariam a vitória de Nile. Os pulmões chegavam ao limite da capacidade de esforço. A pressão oprimia o peito. Ele tentou não entrar em pânico, sabendo que a agitação só aceleraria o consumo de oxigênio. Porém, o cérebro já ordenava que parasse, respirasse, desistisse, aceitasse seu destino.

Para a frente e para baixo. Era capaz de ficar sem respirar por três minutos. Qualquer pessoa tinha essa capacidade. E não podia ter passado mais que um minuto desde que mergulhara. “Não desista! Continue se movendo...”

Deveria estar 10 ou 15 metros abaixo do piso do cômodo onde fora trancado. Alex conteve um gemido quando os dedos encontraram tijolos ásperos. Algumas preciosas bolhas de água lhe escaparam por entre os lábios e percorreram todo o seu corpo, desaparecendo na água além das pernas em movimento. Ele pensou ter encontrado o fim, uma parede fechando a passagem. Abriu os olhos por um momento. Não fez diferença nenhuma. Fechados ou abertos, não havia nada para ver. Estava na mais total e completa escuridão. O coração parecia ter parado de bater. Naquele momento, Alex soube qual era a sensação de morrer.

Mas a outra mão encontrou um ângulo na parede, uma curva, e ele compreendeu que, finalmente, o tubo fazia um ângulo. Era como se estivesse na base de uma grande letra J e, com uma resistência incrível, ele conseguiu seguir a curva. Talvez encontrasse o canal, enfim. Mas o que aconteceu foi o contrário. A passagem se tornou ainda mais estreita. Como se a correnteza que formava um redemoinho não fosse o suficiente, Alex sentia a parede mais próxima do corpo, raspando o peito e as pernas. Sabia que lhe restava pouco ar. Os pulmões faziam um esforço descomunal e havia um estranho vazio na cabeça, uma vertigem. Como quando se está bem perto de desmaiar. Bem, perder os sentidos seria uma bênção. Talvez nem sentisse a água penetrando pela boca, descendo pela garganta. Talvez adormecesse antes do final.

Ele passou pela curva. As mãos encontraram alguma coisa — barras — e ele conseguiu puxar as pernas e concluir a curva. E só então percebeu que seu pior temor se concretizava. Havia chegado ao fundo do poço, mas estava diante de uma grade, uma barreira metálica, um portal circular. Segurava-se nas barras. Mas não havia por onde sair.

Ele não saberia dizer como, mas, talvez por causa da sensação de ter quase conseguido, de ter falhado tão perto do sucesso, de repente recobrou as forças. Puxou a grade de metal, e as dobradiças cobertas por três séculos de ferrugem cederam. A passagem se abriu. Alex nadou em frente. Os ombros passaram pela abertura e ele sentiu que não havia mais nada acima além de água. Quando bateu as pernas com desespero, sentiu a parte quebrada da

grade rasgar sua perna. Mas não havia dor. Só o desespero, a necessidade de chegar logo ao fim daquilo tudo.

O rosto estava voltado para cima. Alex não enxergava nada, mas confiava no instinto e nas leis da natureza para chegar à superfície. Sabia que a tendência do corpo era subir, flutuar. Sentia as bolhas passando pelo rosto, pelos olhos e sabia que, mesmo sem querer, estava soltando o ar que ainda restava nos pulmões. A que profundidade havia chegado? Teria ar suficiente para chegar à superfície?

Batia os pés com toda a força que tinha, ajudando com movimentos dos braços e das mãos; era o estilo crawl, mas no sentido vertical. Mais uma vez, ele abriu os olhos esperando ver a luz... luar, lanternas... qualquer coisa. E talvez houvesse um brilho, uma faixa branca tremulando diante dele.

Alex gritou. Bolhas explodiram de seus lábios. E, quando o grito brotou de seu peito, ele emergiu para a luz do dia, além da superfície da água. Por um momento, braços e ombros também emergiram e ele encheu os pulmões de ar, depois caiu para trás. A água amorteceu a queda, espirrando em todas as direções, e ele flutuou de costas, respirando profundamente. Gotas de água escorriam por seu rosto. Alex sabia que havia lágrimas no meio delas.

Ele olhou em volta.

Deviam ser umas 5 horas. As sirenes ainda soavam, mas não havia ninguém por ali. E era melhor assim. Alex boiava no meio do Grande Canal. De onde estava, conseguia ver a Ponte da Academia, uma sombra vaga à meia-luz. A lua ainda era visível no céu, mas o sol já se erguia por trás de igrejas e palácios silenciosos, projetando sua luz sobre a lagoa.

Alex sentia tanto frio que estava entorpecido. Percebia apenas a morte bem perto dele no canal, tentando levá-lo para o fundo. Com a força que ainda lhe restava, nadou até a escada mais próxima do outro lado do Grande Canal, na margem oposta ao Ca' Vedova. Por via das dúvidas, ele não queria chegar perto daquele palácio nunca mais.

Estava nu da cintura para cima. Perdera as sandálias, e a calça estava em frangalhos. O sangue escorria por uma perna, misturando-se à água imunda do canal. Estava ensopado. Não tinha dinheiro, e o albergue ficava fora de Veneza, teria que pegar um trem para chegar lá. Mas Alex não se importou com nada disso. Estava vivo.

Ele olhou para trás. Lá estava o palácio, escuro e silencioso. A festa havia acabado havia um bom tempo.

Ele se afastou devagar, mancando.

PENSAMENTOS NO TREM

TOM HARRIS SENTOU no vagão da segunda classe do *pendolino* — o trem mais rápido de Veneza a Nápoles — e olhou pela janela, para os prédios e campos lá fora. Pensava em Alex Rider.

Eles haviam se conhecido dois anos atrás na escola Brookland. Tom, que tinha a metade do tamanho de todos de sua turma, fora espancado, o que lhe acontecia frequentemente. Naquele dia, a surra fora aplicada por um bando de meninos de 16 anos, liderado por um garoto chamado Michael Cook, que havia sugerido que Tom usasse o dinheiro do almoço na compra de cigarros para eles. Tom se recusara e, alguns minutos depois, Alex o encontrara sentado na calçada, recolhendo os livros rasgados e limpando o sangue que escorria do nariz.

— Tudo bem?

— Sim, exceto pelo nariz quebrado. E pelo dinheiro do almoço, que não tenho mais. E eles prometeram repetir a dose amanhã, mas, fora isso, está tudo bem.

— Mike Cook?

— Ele mesmo.

— Acho que preciso ter uma conversa com ele.

— E por que acha que ele vai ouvir o que você tem para dizer?

— Porque tenho um jeito especial de me expressar.

No dia seguinte, Alex encontrara o valentão e dois amigos dele atrás do abrigo das bicicletas. Havia sido um encontro rápido, mas Mike nunca mais incomodou ninguém. Na semana seguinte, todos notaram que ele estava mancando um pouco e falava de um jeito estranho, com uma voz aguda, estridente.

Aquele tinha sido o início de uma amizade muito próxima. Tom e Alex moravam perto um do outro e quase sempre andavam de bicicleta juntos. Os dois participavam de vários times — apesar do tamanho, Tom era extremamente rápido e, quando os pais de Tom começaram a falar sobre divórcio, o garoto só comentara o assunto com Alex.

E Tom provavelmente sabia mais sobre Alex do que qualquer outra pessoa na Brookland. Também estivera na casa dele algumas vezes e conhecera

Jack, a alegre ruiva americana que não era exatamente babá nem governanta, mas parecia cuidar dele, de alguma maneira. Alex não tinha pais. Todo mundo sabia que ele morava com o tio — que devia ser rico, a julgar pela casa. Mas esse tio havia morrido em um acidente de carro. O acidente fora comunicado em uma reunião na escola e Tom havia ido até a casa do amigo duas vezes, mas não o encontrara.

Depois disso, Alex havia mudado. Tudo começara com a primeira e longa ausência da escola depois da Páscoa, e todos imaginaram que ele ainda não tinha se recuperado da morte do tio. Porém, mais tarde, ele também havia sumido duas vezes no semestre de verão. E sem nenhuma explicação. Ninguém tinha ideia de onde ele estava. Quando os dois finalmente se encontraram outra vez, Tom se surpreendera com quanto o amigo havia mudado. Ele havia se machucado. Ganhara cicatrizes que Tom só notara no vestiário da escola, quando eles trocavam de roupa antes de um jogo. E parecia ter envelhecido também. Muito. Havia alguma coisa nos olhos dele que não estava ali antes, como se ele tivesse visto coisas que nunca conseguiria esquecer.

E agora aquela história em Veneza! Tom quase não dormira na noite anterior preocupado com o amigo. Vira Alex desaparecer no Palácio da Viúva e tivera certeza de que o plano havia dado certo. Mas, depois disso... nada! Alex não voltara ao albergue e, quando o amanhecer chegara iluminando a cama vazia ao lado da dele no quarto, Tom ficara ali deitado pensando se devia chamar a polícia, voltar ao palácio ou — se fosse necessário — deixar Veneza sozinho.

Alex havia retornado quando o café começava a ser servido, mancando e vestindo jeans velho e camiseta, ambos grandes demais para ele. E, além de descalço, estava sujo, com o cabelo grudado na cabeça, emaranhado. Também parecia exausto.

— Alex... — Tom estava chocado demais para falar.

— Oi — ele havia se jogado na cama. — Voltei!

— O que aconteceu? Onde conseguiu essas roupas? Está encharcado! — Tom não sabia por onde começar.

Alex o ajudara.

— Roubei as roupas de um varal. Mas não consegui sapatos.

— Esteve nadando no Grande Canal?

— Na verdade, sim — suspirara Alex. — Eu conto tudo no trem. A que horas ele parte?

— Às 10 horas.

— Então tenho tempo para uma ducha.

Ele pegara uma toalha e seguira sem pressa para o banheiro.

Já passava das 10 horas e Alex estava dentro do trem com Tom, viajando pela área rural da Itália. Estava dormindo há quase duas horas, com a cabeça apoiada nos braços. Tom passou esse tempo ouvindo música com seus fones de ouvido, olhando de vez em quando para o amigo silencioso do outro lado da mesa. Um comissário passou no corredor e Tom comprou dois sanduíches e dois refrigerantes. Finalmente, Alex acordou.

— Tudo bem? — Tom perguntou.

— Tudo bem — Alex se levantou devagar. Era verdade. Já se sentia melhor. O trem não só havia deixado Veneza para trás, mas o levava para longe das experiências da noite anterior. O garoto viu a comida esperando-o sobre a mesa.

— Achei que podia estar com fome — Tom explicou.

— Obrigado — Alex abriu a lata de refrigerante. Estava quente, mas ele não se incomodou. — Onde estamos?

— Passamos por Roma há meia hora, mais ou menos. Acho que não falta muito para chegarmos — Tom esperou enquanto Alex bebia, aproveitando esse tempo para remover os fones de ouvido e guardar o aparelho. — Sua aparência está péssima. Não vai me contar o que aconteceu ontem à noite?

— Vou, é claro — sabia que teria que contar tudo ao amigo. Havia prometido na noite anterior. Além disso, estava cansado de mentir. — Mas não sei se você vai acreditar — acrescentou.

— Tente!

Alex só havia contado a uma pessoa a sua verdadeira história, e essa pessoa era Sabina Pleasure. Ela não tinha acreditado... não, até ser nocauteada e amarrada no porão da mansão que o multimilionário Damian Cray tinha no campo. Naquele momento, Alex estava contando a Tom tudo que contara a ela, começando pela verdade por trás da morte de seu tio e prosseguindo até a noite anterior, quando conseguira fugir da adega inundada. O estranho era que gostava de contar essa história. Não estava se gabando de ser um espião e trabalhar para o serviço secreto. Pelo contrário. Por muito tempo, havia sido prisioneiro do MI6, forçado por eles a guardar segredo sobre

tudo que fazia. Eles até o fizeram assinar o Ato Secreto Oficial, um documento que o obrigava a guardar sigilo. Contando tudo como estava fazendo, agia exatamente do jeito que eles não queriam que fizesse, e isso era um grande alívio, como remover um peso de cima dos ombros. De repente tinha a sensação de estar no controle.

— ... Tive sorte de sair do poço vivo. Nadei até o outro lado do canal e peguei algumas peças de roupa que encontrei em um varal. Não gostei disso, mas não tive alternativa. Finalmente, voltei ao albergue... e aqui estou eu!

Alex concluiu o relato e esperou nervoso a reação de Tom. Ele estava em silêncio havia vinte minutos. Também o abandonaria, como Sabina?

Tom balançou a cabeça devagar.

— Bem, faz sentido — comentou.

Alex o encarou espantado.

— Acredita em mim?

— Não consigo pensar em nenhuma outra razão que possa justificar tudo o que aconteceu. Tantas faltas na escola. E todos aqueles ferimentos. Confesso que cheguei a pensar que você era agredido pela governanta, mas parecia bem improvável. Então, sim. Você deve ser um espião. Mas isso é bem complicado, Alex. Fico feliz por ser você, não eu.

Alex não conseguia parar de sorrir.

— Tom, você é meu melhor amigo, de verdade.

— Fico feliz por ajudar. Mas tem uma coisa que você não me contou. Por que estava interessado em Scorpia? E por que agora está a caminho de Nápoles?

Alex não mencionara o pai. Esse era o único assunto que ainda o incomodava. Sempre havia sido uma questão íntima demais para compartilhar com alguém. Mas naquele momento não tinha escolha. Havia prometido contar a verdade a Tom.

— Preciso encontrar Scorpia — respondeu. — Já falei sobre Yassen Gregorovich. O homem que matou meu tio. Ele era um assassino e eu o considerava meu inimigo. Mas, pouco antes de morrer, ele me contou tudo. Esse homem conheceu meu pai. Os dois trabalhavam juntos. Meu pai salvou a vida de Yassen, inclusive.

— Mas isso significa...

— Sim. Jamais conheci meu pai. Nunca soube nada sobre ele, exceto que fez parte do Exército. E descobri que ele não era um homem correto. Era... uma espécie de matador!

— Yassen pode ter mentido.

— Acho que não. Para que ele mentiria? Enfim, ele me disse que, se eu quisesse provas, teria que ir a Veneza e encontrar Scorpia. Por isso estou aqui.

— E por isso me trouxe com você.

— Sinto muito. Não devia ter feito isso.

— Não tem importância — Tom pensou por um momento. — O que aconteceu com seu pai?

Alex hesitou. Isso era pior que tudo que havia acontecido. Ele olhou para Tom, que o observava atento.

— Sempre pensei que ele havia morrido em um acidente de avião, mas isso não é verdade. Yassen me contou a verdade — respirou fundo. — Ele foi morto pelo MI6.

— MI6? — Tom repetiu chocado. — Mas... eu pensei que eles estivessem do seu lado.

— Era o que eu também pensava — Alex sentiu a raiva ganhando força dentro dele. — Eles mentiram para mim, Tom. Mentiram o tempo todo. Eles o mataram!

Tom passou a mão na cabeça.

— Alex, isso tudo é muito sério.

— Eu sei.

— O que vai fazer? Vai ficar comigo em Nápoles?

Alex concordou.

— Ouvi a sra. Rothman falando sobre uma empresa em Amalfi. Não é muito longe de Nápoles. Acho que o nome da companhia é Consanto. Vi o mesmo nome em uma brochura que encontrei em uma gaveta na mesa dela, e a pessoa com quem a sra. Rothman... Bem, havia uma foto desse homem no tal catálogo. Ela disse que estaria em Amalfi dentro de dois dias. Amanhã, portanto. E eu gostaria muito de saber por quê.

— Mas, Alex... — Tom franziu o cenho. — O cara que você encontrou no palácio, Nile... o negro...

— Ele não era exatamente negro. Era mais... Não sei como dizer... preto e branco.

— Bem, no momento em que você mencionou Scorpia, ele o trancou em um porão e tentou afogá-lo. Por que voltar? Quero dizer, não acho que eles tenham gostado tanto assim de conhecê-lo.

— Eu sei — Alex sabia que Tom estava certo. Descobrira muito pouco sobre Julia Rothman. Nem tinha certeza da ligação dela com Scorpia. A única coisa que sabia era que essa mulher e as pessoas que trabalhavam para ela eram implacáveis. Mas não podia desistir. Ainda não. Yassen Gregorovich havia indicado um caminho. Tinha que segui-lo até o fim.

— Só quero dar uma olhada, mais nada.

Houve um silêncio breve. O trem passou em alta velocidade por uma estação, que mais parecia um borrão de neon e concreto, sem parar.

— Isso deve ser muito importante para você — disse Tom. — Descobrir a verdade sobre seu pai.

— Sim. Muito.

— Meus pais gritam um com o outro o tempo todo. Vivem brigando. Agora estão se separando e brigam por causa disso. Não quero mais saber de nenhum dos dois. Acho que não gosto mais deles — por um momento Tom parecia triste como nunca. — Enfim, acho que entendo o que está dizendo e espero que descubra alguma coisa boa sobre seus pais, porque, nesse momento, não consigo pensar em nada positivo sobre os meus.

Jerry Harris, irmão mais velho de Tom, encontrou os dois na estação de trem e os levou de táxi até o apartamento onde morava. Tinha 22 anos e estava em Nápoles para estudar italiano. Havia trancado a matrícula na universidade para fazer o curso de um ano. O único problema era que ele tinha se esquecido de voltar. Alex sentiu uma simpatia imediata pelo rapaz. Jerry era totalmente relaxado, magro a ponto de ser esquelético, com cabelos descoloridos e um sorriso assimétrico. Ele vestia calça jeans larga e camiseta regata que expunha uma tatuagem no ombro esquerdo, um pequeno coração partido.

Jerry morava no bairro espanhol. A rua era típica de Nápoles; estreita, com edifícios de cinco e seis andares dos dois lados e varais estendidos entre eles. Ao olhar para cima, Alex viu uma confusão fantástica: trabalhos de gesso deteriorados, janelas de madeira, balaustradas enfeitadas, pequeninas janelas e varandas, onde mulheres italianas exibiam seus aventais coloridos e conversavam com as vizinhas. Não havia elevador. Os três subiram uma

escada que descrevia curvas concêntricas e proporcionava sons e cheiros diferentes a cada andar: desinfetante e choro de bebê no primeiro, molho de tomate e uma sonata de violino no segundo... e assim por diante.

— Aqui estamos — Jerry anunciou ao abrir a porta. — Sintam-se em casa.

O apartamento era só um cômodo quase sem mobília, com paredes pintadas, piso de madeira e janelas por onde se avistava a cidade. Havia uma cozinha em um canto, cuja pia tinha pilhas de pratos sujos, e uma porta que levava à pequena suíte composta de quarto e banheiro. Alguém dera um jeito de carregar um velho sofá de couro de três lugares até ali. Ele ficava no meio do ambiente, cercado por objetos relacionados ao esporte. Alex reconheceu alguns deles: dois skates, cordas e ganchos, uma pipa gigante, uma prancha de snowboard e o que parecia ser um paraquedas. Tom já havia comentado que o irmão apreciava e praticava esportes radicais. Ele ensinava inglês em Nápoles, mas só para pagar as viagens que fazia para praticar alpinismo, surfe ou qualquer outro esporte.

— Estão com fome? — Jerry perguntou.

— Estamos — Tom desabou no sofá. — Passamos as últimas seis horas no trem. Tem alguma coisa para comer?

— Você deve estar brincando! Não. Vamos sair e comer uma pizza, ou alguma outra coisa. Como vão as coisas, Tom? Como estão mamãe e papai?

— Do mesmo jeito.

— Tão ruim assim? — Jerry olhou para Alex. — Nossos pais são terríveis. Tenho certeza de que meu irmão já contou. Quero dizer, os nomes que eles escolheram para nós! Tom e Jerry? O que pode ser pior?

Jerry ergueu os ombros e continuou:

— Então, o que veio fazer aqui, Alex? Quer conhecer a costa?

No trem, Alex havia convencido Tom da importância de não repetir nada do que ele dissera. Por isso ele se surpreendeu quando o ouviu falar:

— Alex é espião.

— Ele é?

— Sim. Trabalha para o MI6.

— Uau. Incrível.

— Obrigado — Alex não sabia o que dizer.

— Então, o que faz em Nápoles, Alex?

Tom respondeu pelo amigo.

— Ele quer informações sobre uma empresa. Constanza.

— Consanto — Alex corrigiu.

— Consanto Enterprises? — Jerry abriu a geladeira e pegou uma cerveja. Alex notou que ali não havia nada além de cerveja. — Conheço. Tive um aluno de inglês que era funcionário dessa empresa. Ele era químico pesquisador ou algo do gênero. Espero que seja melhor em química do que em idiomas, porque o inglês daquele homem era um horror.

— Quem é Consanto? — perguntou Alex.

— Não sei. A empresa é uma dessas grandes indústrias farmacêuticas. Produzem remédios e outras substâncias, coisas biológicas. A fábrica fica na periferia de Amalfi.

— Pode me levar até lá? Acha que conseguimos entrar? — a voz de Alex estava cheia de esperança.

— Está brincando? Duvido que o papa consiga entrar naquele lugar! Passei por lá de carro uma vez e a empresa é um modelo de tecnologia. Parece um daqueles prédios dos filmes de ficção científica. E tem todas aquelas cercas, câmeras de segurança, essas coisas.

— Eles devem ter algo a esconder — Tom comentou.

— É claro que eles têm algo a esconder, seu tonto — resmungou Jerry. — Todas as indústrias farmacêuticas estão sempre registrando novas patentes, e elas valem uma fortuna. Quero dizer, se alguém descobre uma droga capaz de exterminar a aids, por exemplo, isso vale bilhões. Por isso você não pode entrar. Esse meu ex-aluno nunca falava nada sobre o trabalho. Ele não tinha autorização para divulgar nada.

— Como Alex.

— O quê?

— Ele é espião. Também não pode falar nada sobre isso.

— É claro — Jerry concordou.

Alex olhou para um e para o outro. Apesar de haver oito anos de diferença entre eles, os dois irmãos eram muito próximos. Gostaria de poder passar mais tempo com eles. Sentia-se relaxado como não acontecia há muito tempo. Mas não estava ali para isso.

— Pode me levar a Amalfi? — pediu.

— É claro — Jerry mexeu os ombros e terminou de beber a cerveja.

— Não marquei nenhuma aula para amanhã. O que acha?

— Ótimo.

— De Nápoles até lá são só duas horas de viagem. Posso pedir emprestado o carro de minha namorada e ir dirigindo. Você vai ver a Consanto com os próprios olhos. Mas, repito, Alex, não existe nenhuma possibilidade de entrar naquele lugar.

CONSANTO

PARADO AO LADO DO CARRO no calor abrasador do sol do meio da manhã, Alex tinha que admitir que Jerry Harris estava certo. A Consanto certamente havia feito tudo que era possível para proteger seus segredos.

Havia apenas um edifício retangular com cerca de 500 metros de comprimento. Alex vira a foto na brochura e estava impressionado com a fidelidade da imagem ao prédio — como se a foto tivesse sido ampliada mil vezes, cortada e posta em pé ali. Não era real. Observou uma parede de vidro espelhado que se estreitava no topo formando uma ponta. Nem a luz do sol conseguia uma passagem para entrar. Era um bloco gigantesco, preto e prateado, com uma placa de aço maciço onde se lia “Consanto”.

Jerry estava em pé ao lado dele, vestindo bermuda na altura dos joelhos e camiseta regata. Ele havia comprado um binóculo com o qual Alex examinou a larga escada de concreto que subia até a entrada principal. Viu alguns prédios periféricos, depósitos e um estacionamento com uma centena de carros. Apontou o binóculo para o telhado do edifício principal. Pôde ver dois tanques, uma fileira de painéis solares e, ao lado deles, uma torre de tijolos com uma porta. Uma saída de incêndio? Se conseguisse chegar lá em cima, talvez pudesse entrar.

Mas era óbvio que não chegaria nem perto da torre. A fábrica toda era protegida por uma cerca com mais de 20 metros de altura e guarnecida de arame cortante. Uma alameda levava a uma guarita diante de outra guarita. Todos os carros que entravam e saíam eram revistados. E, só para garantir, câmeras giratórias instaladas sobre postes de aço varriam com suas lentes cada centímetro do chão. Se uma mosca tentasse entrar, seria notada. E morta, Alex pensou desanimado.

A Consanto Enterprises havia sido instalada em um local escolhido com cuidado. Amalfi, o movimentado e povoado porto do Mediterrâneo, ficava aproximadamente três quilômetros ao norte. Havia alguns vilarejos isolados ao sul. O complexo fora instalado em uma espécie de buraco, uma extensão plana e rochosa onde se viam poucas árvores, poucas construções — nenhum lugar que pudesse servir de esconderijo. O Golfo de Salerno ficava a leste. Alex estava de costas para o mar. Havia barcos à vela espalhados pela

enseada, e uma balsa cortava o mar a caminho da Ilha de Capri. Mas sua principal impressão era que seria impossível se aproximar da Consanto por qualquer um desses pontos sem ser notado. Provavelmente, as câmeras o estavam filmando naquele exato momento.

— Entendeu agora? — Jerry perguntou.

Tom estava de costas para os edifícios, olhando para o mar.

— Alguém quer dar um mergulho? — perguntou.

— Eu quero — Jerry concordou devagar. — Trouxe calção?

— Não.

— Tudo bem. Podemos nadar de cueca.

— Não estou de cueca.

Jerry olhou para o irmão.

— Encantador!

Alex viu a van de um fornecedor passar pela primeira guarita. Parecia realmente impossível. Mesmo que conseguisse se esconder em um carro ou caminhão, seria encontrado quando o veículo fosse revistado. Era inútil esperar até o anoitecer. Havia dúzias de lâmpadas distribuídas pelo perímetro, e elas se acenderiam no momento em que escurecesse. Viam-se guardas uniformizados andando pela área interna da propriedade, em torno do prédio, levando cães pastores-alemães na coleira. Provavelmente, passariam a noite toda ali.

Estava quase desistindo. Não poderia entrar pela frente nem pelas laterais. Não poderia pular a cerca. Ele olhou além do complexo. Havia sido construído contra um paredão rochoso. A parede de pedra subia pelo menos 300 metros, e ele notou um grupo de edifícios no alto, bem longe do prédio principal.

— O que é aquilo? — Alex perguntou a Tom, apontando para o alto do paredão.

Jerry seguiu a direção de seu dedo.

— Não sei — e pensou por um instante. — Deve ser Ravello. É um vilarejo.

— Podemos ir até lá?

— Podemos, é claro. Tem uma estrada ligando o vilarejo a Amalfi.

Alex reuniu todos os dados em alguns momentos. O telhado plano do edifício com a saída de incêndio, aparentemente aberta. O vilarejo empolei-

rado no alto do penhasco. O equipamento que vira no apartamento de Jerry, em Nápoles. E de repente tudo ficou muito simples.

A Consanto Enterprises podia parecer impenetrável. Mas ele tinha encontrado uma entrada.

A vila do século 18 ficava um pouco afastada de Ravello, acessível por um caminho que seguia sinuoso pela encosta da montanha, bem acima dos pinheiros. Era um lugar maravilhoso para se recolher, perder-se em um mundo próprio, longe da multidão que ocupava as praias e as ruas lá embaixo. Uma brisa fresca soprava do mar e a luz se transformara, passando de azul para violeta e depois para um vermelho intenso enquanto o sol se punha lentamente. Havia um jardim ornamental cortado ao centro por uma longa avenida e, no final dela, um terraço que surgia inesperadamente com cabeças brancas de gesso sobre o parapeito. Além do terraço, não havia nada. O jardim simplesmente acabava em uma queda brusca que despencava até a estrada costeira, o complexo Consanto e o patamar rochoso mais de 300 metros abaixo.

Os turistas já haviam se retirado antes do anoitecer. A vila estava prestes a fechar. Alex estava sozinho, pensando no que tinha que fazer. Sentia a boca seca e uma sensação desagradável no estômago. Aquilo era loucura. Tinha que haver outro jeito...

Não. Havia examinado todas as possibilidades. Aquela era a única alternativa viável.

Sabia que o salto chamado *base jumping* era um dos mais perigosos dos esportes radicais, e todo praticante de salto conhecia alguém que havia se machucado ou morrido. Base é a sigla para *Buildings, Antennae, Spans* e *Earth* (ou Edifícios, Antenas, Vãos ou pontes, e Terra ou rochedos). Significa, basicamente, pular de paraquedas, mas não de um avião. Os praticantes de base se jogam de arranhacéus, comportas, rochedos e pontes. Os saltos não são ilegais, mas, normalmente, são realizados sem autorização, muitas vezes no meio da noite. Invadir propriedade, transgredir normas, tudo isso faz parte da diversão.

Jerry Harris voltou a Nápoles para pegar o equipamento que emprestaria a Alex. Ele aproveitou o tempo de viagem para instruir o garoto o máximo possível sobre a técnica e os riscos. Um “curso-relâmpago”, como Tom havia comentado.

— A primeira regra, a mais importante, é justamente a que os principiantes consideram mais difícil — explicou. — Quando você pular, tem que esperar o máximo que puder antes de liberar a vela. Quanto mais tempo esperar, mais vai se afastar da parede do precipício. E precisa manter o nível dos ombros. Não vai querer se chocar contra nada.

— Não entendi.

— Se você se descuida da posição dos ombros, acaba desviando da trajetória pretendida e vai para o lado errado. De encontro ao paredão rochoso.

— E se isso acontecer...

— Ah, bem... você morre.

Alex estava usando um capacete, joelheiras e protetores de ombros. Jerry também havia emprestado a ele um par de botas de trilha. Mas era só. Teria que agir instantaneamente quando caísse, e equipamentos de proteção em excesso só o retardariam. Além do mais, como Jerry observara, ninguém, até então, havia saltado sem treinamento básico. Se algo desse errado, nem todo o equipamento de proteção do mundo poderia ajudar.

E a diferença entre vida e morte?

Para Alex, ela se resumia a 15 metros quadrados de náilon F111. Paraquedistas precisavam de 0,9 metro quadrado de paraquedas para cada meio quilo de peso corporal. Mas os praticantes de salto base precisam de quase o dobro disso. O paraquedas de Alex havia sido projetado para Jerry, que era bem mais pesado que ele. Seria o suficiente.

A vela de sete células comprada de segunda mão custara pouco menos que mil dólares americanos. Um paraquedas comum tem nove células — nove bolsos separados. Por ser maior, a vela da base é considerada mais controlável, mais fácil de comandar e pousar com precisão. O peso de Alex a tiraria da bolsa quando ele caísse e a inflaria acima de sua cabeça, e a vela tomaria a forma de um aerofólio.

Jerry estava parado ao lado dele, apontando para o chão um aparelho com a mesma forma e tamanho de um binóculo. Ele fazia uma leitura.

— Trezentos e cinquenta e sete metros — disse. E tirou um cartão laminado e o consultou apressado. — Você pode fazer um oito. Isso vai lhe dar 25 segundos sob a vela. Um doze, no máximo. Mas isso vai significar aterrissagem quase imediata.

Alex entendeu o que ele dizia. Podia descer em queda livre por oito, até doze segundos. Quanto menos tempo ficasse com o paraquedas aberto, me-

nor seria a chance de ser visto lá de baixo. Por outro lado, quanto mais depressa chegasse, maior seria a probabilidade de quebrar boa parte dos ossos.

— E, quando estiver descendo, lembre-se de...

— Desacelerar.

— Sim. Se não quiser quebrar as duas pernas, precisa desacelerar três ou quatro segundos antes do impacto.

— Não três ou quatro segundos *depois* do impacto — Tom acrescentou prestativo. — Porque, então, vai ser tarde demais.

— Obrigado!

Alex olhou em volta. Não havia ninguém à vista. Chegava quase a desejar que um policial ou alguém do vilarejo aparecesse para pôr um ponto final naquilo antes de realmente pular. Mas os jardins estavam vazios. As cabeças de gesso branco olhavam para algum lugar além dele, totalmente desinteressadas.

— Vai passar de zero a 90 quilômetros por hora em aproximadamente três segundos — Jerry explicou. — Acoplei um *mesh slider*, mas você ainda vai sentir o impacto. Pelo menos serve para avisar que você está prestes a aterrissar. É então que seus pés e joelhos devem se unir. Aproxime o queixo do peito. E tente não morder a língua e rasgá-la ao meio. Quase arranquei a minha no primeiro salto.

— Sim — monossílabos eram tudo que Alex conseguia produzir.

Jerry olhou para baixo.

— O telhado da Consanto está bem embaixo de nós e não está ventando. Você não vai ter muito tempo para direcionar o voo, mas pode tentar puxar as alavancas — ele apoiou a mão sobre o ombro de Alex. — Posso fazer isso por você, se quiser. Eu gosto desse tipo de atividade.

— Não — Alex balançou a cabeça. — Obrigado, Jerry. Mas tenho que descer. A ideia foi minha.

— Boa sorte.

— Arrebente! — Tom exclamou sorrindo. — Ou melhor, não se arreben-te!

Alex se colocou na beirada do patamar, entre duas estátuas, e olhou para baixo. Estava bem acima do complexo, embora ele parecesse pequeno daquela altura, como um bloco de montar prateado. A maioria dos funcionários já devia ter ido embora, mas ainda havia guardas. Teria que torcer para ninguém olhar para cima nos 20 segundos que levaria para chegar. Mas ha-

via notado outro detalhe, quando ficara na rua, olhando para o portão: a Consanto ficava de frente para o mar. A rua principal e a entrada ficavam do mesmo lado. Para lá estaria voltada toda a atenção e, se Alex tivesse sorte, conseguiria cair — literalmente — despercebido.

Seu estômago protestou. As pernas estavam entorpecidas. Tinha a sensação de que flutuava. Tentou respirar fundo, mas era como se o ar se recusasse a entrar no peito. Aquilo era mesmo tão importante assim para ele? Desvendar Scorpia, descobrir como ela podia estar envolvida com a Consanto? O que Tom e o irmão dele diriam se mudasse de ideia no último instante?

“Dane-se”, ele pensou. Muitos adolescentes praticam esportes radicais. Salto base, inclusive. O próprio Jerry havia pulado recentemente da ponte New River George, no Estado da Virgínia. Era o Bridge Day, único dia do ano em que o salto era legal, e Jerry tinha comentado que havia dúzias de adolescentes esperando na fila. Era um esporte. As pessoas se divertiam. Se hesitasse por mais um segundo, nunca mais saltaria. Era hora de acabar com aquilo de uma vez.

Com um movimento apenas, ele subiu no parapeito, verificou a corda que abria o paraquedas, olhou para o alvo uma última vez e pulou.

Nunca havia experimentado nada parecido.

Era como cometer suicídio.

A visão ficou turva, como se o mundo de repente fosse um borrão. Havia o céu, a beirada do precipício e (a menos que tivesse imaginado) o rosto assustado de Tom. Em seguida tudo mudou. O azul ficou cinza com o telhado branco apontando para cima. O vento castigava seu rosto. Os olhos eram empurrados para dentro da órbita com a repentina aceleração. Qual seria a velocidade da queda? Quinze metros por segundo? Era essa a sensação. Precisava abrir o paraquedas. Não. Jerry o prevenira sobre esse erro. Quanto tempo podia esperar?

Agora!

Ele acionou a alavanca. A corda se desprende, puxando a vela para fora da mochila em suas costas. Deus! Havia esperado demais. Estava caindo muito depressa. Um grito longo e silencioso do vento uivava em seus ouvidos, a pele se arrepiava, o tecido do macacão tremulava... Onde estava a porcaria do breque? Havia subido quando ele puxara a vela? Havia caído? Caindo...

E de repente aquela súbita e devastadora sensação de frenagem. Por um segundo ele pensou que estava sendo rasgado ao meio. Conseguia ver alguma coisa — cordas e tecido tremulando — na periferia do campo de visão. A vela! Mas isso não tinha importância. Para onde estava indo? Ele olhou para baixo e viu os pés balançando no ar. Um retângulo branco se aproximava rapidamente. O telhado do complexo — mas estava muito longe. Não conseguiria chegar lá. Depressa. Puxar a alavanca. Assim era melhor. O telhado voltava a se aproximar de seus pés. O que havia esquecido? A redução de velocidade! Ele puxou as duas alavancas, baixando a cauda da vela de forma que, como em uma aterrissagem de avião, pousasse formando um ângulo estranho com o telhado. Mas havia esperado demais?

Só conseguia ver a superfície do telhado. No instante seguinte ele pousou. O choque subiu pelos tornozelos, pelos joelhos e para as coxas. Ele correu para a frente. A vela o puxava para trás. Jerry o prevenira sobre isso. Poderia haver uma brisa mais forte quando descesse e, se não fosse cuidadoso, seria puxado para fora do telhado. Podia ver o beiral se aproximando depressa. Alex fincou os calcanhares no chão, levando a mão às costas para soltar o velame. “Pare de correr!” Poucos centímetros antes do fim do telhado, ele conseguiu brevar cravando os pés no chão e se inclinando para trás, aproveitando a resistência do velame. Caiu sentado.

Havia chegado.

Durante alguns segundos, ele não fez nada. Queria experimentar a descarga de adrenalina que torna essa prática esportiva quase um vício para os que a experimentam. Seu organismo reagia intensamente. O coração batia com o dobro da velocidade normal. A pele estava arrepiada. Ele olhou para trás, para o precipício. Não havia nem sinal de Tom e do irmão dele. Mesmo que estivessem lá, seriam apenas dois pontos pequeninos demais para que pudesse enxergá-los. Alex não acreditava na distância que havia percorrido ou em como chegara depressa. Até onde podia ver, os guardas continuavam de cabeça baixa, olhando para o chão, não para o céu. A segurança da Consanto não era tão perfeita, afinal!

Alex esperou a pulsação voltar ao normal, depois tirou o capacete e as proteções. Rápido, dobrou o velame e o guardou na mochila da melhor maneira possível. Ao sentir o gosto de sangue na boca, ele percebeu que, apesar do aviso de Jerry, havia mordido a língua.

Caminhando abaixado, ele levou a mochila com o velame até a porta que tinha visto do chão. Deixaria o equipamento de Jerry no telhado até a hora de ir embora. Já havia planejado mais ou menos como sairia da Consanto. A maneira mais simples seria chamar a polícia e se deixar prender. Na pior das hipóteses, seria acusado de invasão. Mas tinha apenas 14 anos. Não acreditava que as autoridades italianas o processassem e prendessem — o mais provável era que o mandassem de volta para a Inglaterra.

A porta estava aberta. Nisso estivera certo. Uma dúzia de pontas de cigarro espalhadas pelo telhado contava uma história bem clara. Apesar de todos os guardas, das câmeras e dos alarmes modernos, um fumante desesperado por nicotina conseguira subir até ali para fumar e deixar todo o edifício exposto, aberto.

Bem, melhor assim. Alex passou pela porta e encontrou uma escada de metal. Havia um par de portas mais sólidas além dos degraus, de aço com pequenas janelas de vidro, e por um momento ele pensou que não ia conseguir entrar. Mas devia haver algum tipo de sensor, porque, quando se aproximou das portas, elas se abriram deslizando e fecharam assim que ele passou. O fumante anônimo talvez tivesse programado as portas automáticas, para não perder tempo. Alex se virou e balançou a mão. As portas não se moveram. O teclado numérico na parede ao lado delas anunciou a má notícia.

Entrar era uma coisa. Sair novamente... Bem, para isso ia precisar de um código. Estava preso.

Só havia uma direção a seguir. Para a frente.

Ele caminhou por um corredor vazio e branco até outra porta automática, que também deslizou silenciosa para permitir sua passagem. Imediatamente, Alex compreendeu que havia entrado no coração do complexo. A mudança na atmosfera foi imediata e perceptível. A temperatura era bem mais baixa e havia no ar um cheiro metálico. Ele olhou para cima e viu um cano prateado polido, brilhante, percorrendo a extensão do corredor. Havia relógios e monitores espalhados por toda parte. Sua cabeça já começava a doer. O lugar era limpo demais.

Ele continuou andando, disposto a ver o máximo possível antes de ser descoberto. Não havia ninguém ali, porém era só uma questão de tempo até a segurança aparecer para uma ronda de rotina.

Uma porta se abriu em algum lugar. O coração de Alex disparou e ele procurou um esconderijo. O corredor era vazio, iluminado por poderosas lâmpadas neon protegidas por painéis de vidro. Não havia nenhum lugar mais escuro onde pudesse se esconder. Ele viu uma porta e correu até lá, mas estava trancada. Alguém entrou no corredor e Alex colou o corpo na porta, esperando passar despercebido.

Era um homem. No início foi difícil saber que era um homem. Ele usava um avental azul que lhe cobria todo o corpo. Um capuz protegia a cabeça, e o rosto era encoberto por óculos de segurança do tipo máscara. Mas ele olhou para o lado e Alex pôde notar que sob a máscara havia óculos de grau e uma barba. O homem empurrava o que parecia ser uma enorme chaleira cromada e brilhante sobre rodas. Era um recipiente tão alto quanto ele, com uma série de válvulas e canos na tampa. Ele seguiu por um corredor perpendicular e, no momento seguinte, havia desaparecido.

A porta não era exatamente um esconderijo, mas havia funcionado. Alex olhava agora através de um visor de vidro espesso, como o da porta de uma máquina de lavar roupa. Do outro lado, havia uma sala bem grande, ainda iluminada, mas vazia. Supunha que fosse um laboratório, mas o espaço parecia mais uma destilaria com mais urnas parecidas com chaleiras, algumas delas suspensas por correntes. Uma escada de metal subia até uma espécie de guindaste e havia uma parede inteira coberta por portas que iam do teto ao chão, como portas de refrigeradores. O metal era novo, reluzente. Enquanto ele estava ali espiando, uma mulher atravessou a sala. O complexo não estava tão deserto quanto havia pensado, era evidente! Ela também vestia o uniforme de proteção com a máscara cobrindo o rosto e empurrava um carrinho prateado. O hálito de Alex embaçava o vidro, prejudicando a visão. Não fazia sentido, mas a mulher parecia transportar ovos... centenas alinhados perfeitamente em bandejas. Eram do tamanho de ovos de galinha, todos muito brancos. Seria aquela mulher uma funcionária da cozinha ou alguém encarregada das refeições dos funcionários? Alex duvidava disso. Havia algo quase sinistro nos ovos. Talvez fosse a uniformidade, o fato de serem tão evidentemente idênticos. A mulher passou por trás de uma máquina e desapareceu. Muito intrigado, Alex decidiu que era hora de seguir adiante.

Ele percorreu outro corredor, o mesmo por onde tinha ido o homem com o carrinho. Agora conseguia ouvir um ruído metálico e repetitivo, o som de máquinas trabalhando. Alex viu um painel de vidro na parede e olhou atra-

vés dele para uma sala escura onde outra mulher estava sentada diante de uma máquina bizarra, complicada, um equipamento que parecia separar centenas de tubos de ensaio, que eram girados, contados, etiquetados e, finalmente, entregues na mão dela.

O que era produzido dentro da Consanto Enterprises? Armas químicas talvez? E como ia sair dali? Alex olhou para baixo e viu suas próprias mãos, ainda sujas depois do salto. Estava imundo, suado, e era surpreendente que sua presença ainda não houvesse disparado todos os alarmes no edifício. Cercado pelas paredes brancas, com o ar do ambiente sendo sugado e esterilizado, tornara-se o equivalente a um germe gigantesco, e os monitores deveriam ter gritado no momento em que chegara perto deles.

Alex encontrou outra porta e suspirou aliviado quando ela também deslizou, permitindo sua passagem. Talvez conseguisse encontrar uma saída. Mas a porta se abria para outro corredor, um pouco mais largo do que aquele de onde acabara de sair, porém igualmente desanimador. Bem, estava apenas no último andar. Não havia janelas, entrara pelo telhado. Portanto, precisava encontrar uma escada ou um elevador por onde pudesse descer. Ele deu um passo adiante. Então, uma porta a quatro ou cinco metros de distância se abriu e um homem apareceu no corredor. Ele olhou para Alex com ar incrédulo.

— Quem é você e o que faz aqui? — o homem perguntou.

Alex notou que o homem falava em inglês. Ao mesmo tempo, ele o reconheceu: a cabeça calva, o nariz torto, os óculos pretos e pesados. Ele vestia um avental branco e largo por cima do paletó com gravata; na última vez em que Alex o vira, ele estava fantasiado. Era o dr. Liebermann, o homem que vira conversando com a sra. Rothman na festa em Veneza.

— Eu... — Alex não sabia o que dizer. — Estou perdido — murmurou impotente.

— Não pode ficar aqui! Esta é uma área de segurança! Quem é você?

— Meu nome é Tom. Meu pai trabalha aqui.

— Qual é o nome dele? Em que departamento seu pai trabalha? — o homem não acreditou na encenação do menino perdido e confuso. — Como entrou aqui?

— Meu pai me trouxe. Mas, se quiser me mostrar onde fica a saída, tudo bem.

— Não, eu vou chamar a segurança. Venha comigo!

Ele voltou ao escritório ou laboratório de onde havia saído. Alex não sabia o que fazer. Tentar fugir, correr? Quando o alarme fosse dado, seria uma questão de minutos até ser capturado. E daí? Havia imaginado que a Consanto o entregaria à polícia local, simplesmente. Mas, se escondiam alguma coisa ali, se havia visto algo secreto, talvez não tivesse tanta sorte.

O dr. Liebermann estendeu a mão e Alex viu o botão do alarme ao lado da porta.

— Está tudo bem, Harold. Eu vou cuidar disso.

A voz veio do corredor.

Alex se virou e sentiu o coração parar de bater por um segundo. Era um pesadelo. Nile, o homem que o nocauteara e abandonara para morrer afogado, estava parado atrás dele, sorrindo, totalmente relaxado. Ele também vestia um avental branco. No caso dele, o avental cobria jeans e camiseta justa. Ele estava carregando uma maleta cinza e a deixou no chão a seu lado.

— Não esperava vê-lo — Harold Liebermann estava surpreso.

— A sra. Rothman me mandou vir.

— Por quê?

— Bem, como pode ver, dr. Liebermann, temos tido vários problemas relativos à segurança. Ela me pediu para resolvê-los.

— Conhece esse garoto? Quem é ele?

— Seu nome é Alex Rider.

— Ele disse que se chama Tom.

— Está mentindo. Ele é um espião.

Preso entre os dois homens, Alex ouvia a conversa com atenção. Estava sentindo uma leve vertigem. E sabia que não havia nada que pudesse fazer. Nile era rápido e forte demais para ele. Já havia provado sua superioridade uma vez.

— O que vai fazer? — Liebermann perguntou. A voz soava irritada, como se nenhum dos dois tivesse o direito de estar ali.

— Acabei de dizer, Harold. Não podemos ter problemas com a segurança. Vou resolvê-los.

Nile enfiou a mão sob o avental e sacou uma arma de aparência letal, a mais ameaçadora que Alex tinha visto. Era uma espada de samurai ligeiramente curva, com cabo preto de ébano e lâmina plana, afiada. Mas ela era menor do que uma espada comum, embora fosse maior que uma adaga. Nile a segurou por um momento, apreciando o delicado equilíbrio, depois a le-

vantou na altura do ombro. Desse jeito, podia arremessá-la contra o adversário ou cortá-lo. De qualquer maneira, Alex sabia que estava diante de um mestre. Não tinha mais que alguns segundos de vida.

— Não pode matar o garoto aqui! — Liebermann exclamou exasperado. — Vai sujar tudo de sangue!

— Não se preocupe, Harold — respondeu Nile. — Isto aqui atravessa a garganta e chega ao cérebro. Vai haver pouquíssimo sangue.

Alex se abaixou, preparando uma tentativa de fuga, mesmo sabendo que não tinha chance. Nile ainda sorria e era evidente que se divertia.

Ele arremessou a espada.

Foi um movimento breve, preciso. Alex não viu Nile fazer pontaria, mas a lâmina se tornou um flash brilhante cortando o ar. E passou por cima do ombro do garoto. Nile havia errado? Não. Isso era impossível. De repente ele percebeu que a arma não havia sido arremessada em sua direção.

Alex se virou e viu o dr. Liebermann morto, ainda em pé, o rosto paralisado numa expressão de surpresa. Ele havia conseguido levantar uma mão, de forma que os dedos seguravam a lâmina da espada cravada na lateral do pescoço. O homem caiu para a frente e ficou imóvel no chão.

— Direto no cérebro — Nile murmurou. — Como eu disse.

Perplexo, Alex viu o homem se abaixar ao lado do dr. Liebermann, remover a espada, usar a gravata do morto para limpar a lâmina e devolvê-la à bainha, que pendia de sua cintura embaixo do avental. Só então ele ergueu os olhos.

— Oi, Alex — ele disse animado. — Você é a última pessoa que eu esperava ver aqui. A sra. Rothman vai ficar muito satisfeita.

— Não quer me matar? — Alex murmurou. Ainda não conseguia acreditar no que havia acontecido.

— De jeito nenhum.

Nile abriu a maleta que deixara no chão. Alex tinha dificuldade para acompanhar a rápida sequência de acontecimentos. Dentro da maleta havia um teclado, uma pequena tela de computador, dois pacotes quadrados e uma porção de fios. Ajoelhado, Nile digitava no teclado. Uma série de códigos surgiu na tela: pretos e brancos, como os dedos que os digitavam. Ele continuou falando enquanto trabalhava.

— Espero que me perdoe, Alex. Lamento muito pelo que aconteceu no Ca' Vedova. Não sabia quem você era... o filho de John Rider. O fato de ter

conseguido escapar é prova do seu brilhantismo, aliás. Jamais teria me perdoado se tivesse de pescá-lo no canal.

Ele terminou de digitar, pressionou a tecla enter, depois fechou a maleta.

— Mas não podemos conversar agora. A sra. Rothman está perto daqui, na costa... em Positano. Ela está ansiosa para conhecê-lo. Portanto, é melhor nos apressarmos.

— Por que matou o dr. Liebermann?

— Porque foi essa a ordem que recebi da sra. Rothman — Nile levantou-se. — Escute, sei que deve ter muitas perguntas, mas não posso responder nada agora. Acabei de programar uma bomba que vai transformar este lugar em farelos em — ele olhou para o relógio de pulso — 92 segundos. Sendo assim, acho melhor deixarmos o papo para outra hora.

Ele empurrou a maleta para perto do corpo do dr. Liebermann, ao lado da cabeça, examinou o morto pela última vez e se afastou. Alex o seguiu. O que mais poderia fazer? Nile parou diante de uma porta e digitou um código no painel. A porta se abriu e eles seguiram em frente. Caminhavam depressa. O homem tinha condicionamento físico para percorrer uma grande distância sem nenhum esforço aparente. E lá estava a escada que Alex procurava. Eles desceram três andares e encontraram outra porta. Nile digitou outro número e, de repente, estavam em um espaço aberto, ao ar livre. Havia um carro, um Alfa Romeo Spider de dois lugares, esperando com a capota abaixada.

— Entre! — Nile falou, usando um tom que sugeria que haviam acabado de sair do cinema e estavam voltando para casa.

Alex sentou ao lado de Nile e eles partiram. Quanto tempo havia se passado desde que o homem programara a bomba? Estava escuro do lado de fora. Era noite. Eles seguiam pela alameda que terminava na primeira guarita. Nile sorriu para o guarda.

— *Grazie. È stato bello verdervi...*

Obrigado. Foi bom vê-lo. Alex já sabia que Nile falava italiano, porque o ouvira falar nesse idioma na primeira vez em que o vira. O guarda balançou a cabeça e levantou a barreira.

Nile pisou no acelerador e o carro arrancou com suavidade. Alex se virou para olhar para trás. Poucos segundos depois, houve uma violenta explosão. Era como se um punho formado por chamas alaranjadas abrisse caminho à força pelo telhado do edifício. Janelas se estilhaçaram. Fumaça e

fogo brotavam do prédio. Milhares de fragmentos de aço e vidro, uma chuva mortal, voavam em todas as direções. Os alarmes tocavam estridentes, ensurdecedores. Uma boa parte do telhado e de uma lateral do prédio havia desaparecido. Alex vira o tamanho da bomba. Era difícil acreditar que pudesse causar danos tão extensos.

Nile olhou pelo retrovisor para avaliar o resultado de seu trabalho.

— Tsc, tsc. Esses acidentes industriais... — murmurou. — Nunca se sabe quando um vai acontecer.

O Alfa Spider seguiu pela estrada costeira, chegando rapidamente a 120 quilômetros por hora. Lá atrás, a Consanto Enterprises ardia, as chamas ganhavam altura e iluminavam a superfície escura do mar silencioso.

ETIQUETAS DE GRIFE

ALEX ESTAVA NA VARANDA, de onde podia ver toda a cidade de Positano e ao fundo o Mediterrâneo com suas águas negras. O sol desaparecera duas horas atrás, mas o calor ainda permanecia no ar. Depois do banho, ele tinha vestido roupão e seus cabelos estavam molhados. A poderosa ducha produzia jatos de água quente simultâneos em seis direções diferentes. Havia um copo de limonada fresca e gelo sobre a mesa ao lado dele. Desde que reencontrara Nile, passara a ter a sensação de que estava sonhando. E agora esse sonho o levava em uma nova e estranha direção.

Primeiro, o hotel. O Sirenuse, como Nile havia lhe contado com grande satisfação, era afamado por ser um dos mais luxuosos do sul da Itália. O amplo quarto de Alex não parecia um quarto de hotel... Estava mais para uma suíte de hóspedes em um luxuoso palácio italiano. Tinha cama king-size inteiramente branca e lençóis de algodão egípcio; escrivaninha, uma TV de 36 polegadas com DVD, um grande sofá de couro e, do outro lado das janelas, que iam do teto ao chão, varanda particular. E o banheiro! Além da ducha, havia uma banheira grande o bastante para acomodar um time de futebol, uma Jacuzzi. Tudo em mármore e ladrilhos artesanais. Uma suíte milionária. Alex não queria pensar em quanto custava a diária.

Nile havia levado ao hotel depois de tê-lo tirado da Consanto Enterprises, que tinha se transformado em um amontoado de escombros. Nenhum dos dois falara durante a breve viagem. Havia uma centena de coisas que o garoto queria perguntar, mas o vento e o ronco do Alfa Spider impossibilitavam qualquer conversa. Além disso, Alex tinha a impressão de que não era esse homem quem tinha as respostas. Desde Amalfi, o trajeto só tinha levado 20 minutos pela estrada costeira, e de repente chegaram, estacionaram diante de um hotel decepcionante, pequeno e absolutamente comum... por fora.

Enquanto Alex cuidava do registro, Nile fez uma chamada rápida pelo celular.

— A sra. Rothman está absolutamente encantada com a notícia de sua presença aqui — contou. — Ela vai jantar com você às 21 horas. E me pediu para mandar algumas roupas ao seu quarto.

Ele olhou Alex da cabeça aos pés.

— Acho que sei que número você usa. Tem alguma preferência com relação ao estilo ou alguma coisa de que não goste?

— Escolha o que quiser — respondeu Alex.

— Ótimo. O mensageiro do hotel levará as roupas ao seu quarto. Estou muito feliz por tê-lo encontrado outra vez, Alex. Sei que seremos bons amigos. Aproveite o jantar. A comida aqui é fantástica.

Ele voltou ao carro e foi embora.

“Sei que seremos bons amigos.” Alex balançou a cabeça com incredulidade. Poucos dias antes, esse mesmo homem o nocauteara e prendera em um cômodo subterrâneo para morrer afogado.

Seus pensamentos foram interrompidos pela chegada de um homem idoso e uniformizado. Era um funcionário do hotel, que cumprimentou o menino com um gesto e o levou ao quarto no segundo andar, conduzindo-o por corredores cheios de obras de arte e antiguidades. Finalmente, o homem se retirou e ele ficou sozinho. E verificou tudo imediatamente. A porta não havia sido trancada por fora. Os dois telefones sobre a escrivaninha tinham linha. Presumiu que poderia telefonar para qualquer pessoa em qualquer lugar do mundo... e isso incluía a polícia. Afinal, acabara de testemunhar a destruição de grande parte do prédio da Consanto Enterprises e o assassinato de Harold Liebermann. Mas Nile acreditava que ele guardaria silêncio, era óbvio, pelo menos até encontrar a sra. Rothman. E também podia ir embora do hotel, se quisesse. Desaparecer. Mais uma vez, eles haviam deduzido que desejaria ficar. Era tudo muito intrigante.

Alex bebeu um gole da limonada e observou a paisagem.

Era uma linda noite, com o céu se estendendo até o infinito e cravejado por milhares de estrelas brilhantes. Ouvia as ondas quebrando lá embaixo. A cidade de Positano se situava em uma encosta íngreme, com lojas, restaurantes, casas e apartamentos empilhados uns sobre os outros, uma série de vielas interligadas e uma rua estreita descendo em zigue-zague até a baía em forma de ferradura, toda iluminada. A temporada de férias se aproximava do final, mas ainda havia ali muita gente interessada em desfrutar até o fim o que o verão tinha a oferecer.

Alguém bateu na porta. Alex voltou ao interior da suíte e atravessou o quarto de piso de mármore brilhante. Um garçom de paletó branco e gravata-borboleta se encontrava em pé do outro lado.

— Suas roupas, senhor — ele disse. E entregou uma caixa a Alex. — O sr. Nile sugere o terno para hoje à noite — acrescentou. Depois se virou e partiu.

Alex abriu a caixa. Dentro dela, havia uma infinidade de roupas, todas muito caras, todas novas. O terno estava por cima das outras peças. Ele o tirou da caixa e estendeu sobre a cama. Era cinza escuro, de seda, e tinha uma etiqueta da Miu Miu. A camisa branca que o acompanhava era Armani. Sob o terno ele encontrou uma caixa fina de couro. Quando a abriu, Alex não conteve uma exclamação de espanto. Havia providenciado até um relógio novo, um Baume & Mercier de pulseira de aço polido. Ele o tirou da caixa e sentiu o peso na palma da mão. Devia ter custado centenas de dólares. Primeiro o quarto, agora aquilo! Alguém estava jogando dinheiro sobre a cabeça dele — e, como a água da ducha, vinha de todas as direções.

Alex pensou por um momento. Não sabia em que estava se metendo, mas o melhor a fazer era seguir as regras desse jogo, pelo menos por enquanto. Eram quase 21 horas e estava faminto. Ele se vestiu e parou diante do espelho. O terno tinha um estilo clássico, com lapelas pequenas que mal alcançavam o peito e calça mais justa. A gravata era azul-marinho, estreita e reta. A sra. Rothman também havia enviado um par de sapatos de camurça preta da grife D&G. Era um conjunto fabuloso. Olhando para o espelho, quase não conseguia se reconhecer.

Às 21 horas em ponto, ele entrou no restaurante, no piso térreo do hotel. Naquele momento, ele percebeu que o edifício havia sido construído na encosta de uma colina, por isso era maior do que parecia visto de fora, com muitos andares abaixo da entrada e da recepção. Encontrou-se em uma sala comprida de teto arredondado, com mesas que iam além da porta de vidro e ocupavam a varanda. Centenas de velas arranjadas em candelabros de vidro iluminavam o ambiente. O lugar estava lotado. Garçons corriam de mesa em mesa e se ouvia de longe o ruído de talheres, louças e cristais, bem como o murmúrio baixo de conversas polidas.

Julia Rothman ocupava a melhor mesa, no meio da varanda, com vista para Positano e para o mar. Ela estava sentada sozinha e havia uma taça de champanhe sobre a mesa. A sra. Rothman esperava Alex em um vestido preto com decote nas costas, um colar de diamantes adornava seu pescoço. Ela o viu, sorriu e acenou. Alex dirigiu-se à mesa se sentindo repentinamen-

te acanhado no terno. A maioria dos clientes do restaurante usava roupas casuais. Não devia ter posto a gravata.

— Alex, você está ótimo — ela o estudou com seus olhos escuros. — O terno ficou perfeito. É Miu Miu, não é? Adoro o estilo. Sente-se, por favor.

Alex ocupou seu lugar à mesa. O que pensaria alguém que os estivesse observando? Mãe e filho jantando juntos? Sentia-se como um figurante em um filme... e começava a desejar que alguém chegasse com o roteiro.

— Já faz um bom tempo que não acompanho o jantar com um mimo. Champanhe?

— Não, obrigado.

— O que vai beber, então?

Um garçom surgiu ao lado dele, pronto para anotar o pedido.

— Um suco de laranja, por favor. Natural, com gelo.

O garçom se curvou e foi buscar a bebida. Alex esperou a sra. Rothman falar. Fazia o jogo dela, mesmo sem conhecer as regras.

— A comida aqui é simplesmente maravilhosa — ela comentou. — Uma das melhores cozinhas da Itália e, é claro, a comida italiana é a melhor do mundo. Espero que não se importe, já fiz o pedido por você. Se não gostar de algum prato, pode mandar de volta.

— Tudo bem.

Ela pegou a taça de champanhe. Alex viu as bolhas pequeninas subindo para a superfície do líquido dourado.

— Um brinde à sua saúde — ela disse. — Mas antes precisa dizer que me perdoou. O que aconteceu com você no Ca' Vedova foi monstruoso. Estou muito constrangida.

— Por tentar me matar?

— Meu caro Alex! Você invadiu minha festa, esgueirou-se pela casa e foi bisbilhotar meu escritório. Mencionou um nome que poderia ter significado sua morte imediata, mas teve sorte por Nile ter decidido afogá-lo, em vez de quebrar seu pescoço. Então, embora tenha sido realmente lamentável o que aconteceu em Veneza, não pode dizer que não provocou essa reação. É claro, tudo teria sido diferente se soubéssemos quem você era.

— Eu disse meu nome a Nile.

— Ele não associou seu nome a nada importante, é claro, nem o mencionou em minha presença até a manhã seguinte. Foi um choque para mim. Não conseguia acreditar. Alex Rider, o filho de John Rider, em minha ca-

sa... trancado naquele lugar, abandonado... — ela fechou os olhos por um momento. — Tivemos que esperar a água baixar para abrir a porta. Eu estava morrendo de preocupação. Tinha certeza de que seria tarde demais. E então... entramos no cômodo e não havia ninguém lá! Você desapareceu como em um passe de mágica. Presumo que tenha nadado pelo poço, descido por ele?

— Foi, sim.

— Nunca pensei que o cano fosse grande o bastante para passar uma pessoa. Enfim, fiquei furiosa com Nile. Ele não havia raciocinado! O simples fato de você se chamar Rider devia ter sido suficiente. E depois, quando ele o encontrou pela segunda vez na Consanto... A propósito, o que fazia lá?

— Procurava a senhora.

Ela refletiu por um momento.

— Deve ter visto a brochura na gaveta da minha mesa. E ouviu minha conversa com Harold Liebermann? — Julia não esperou uma resposta. — Há algo que preciso saber. Como entrou no complexo?

— Pulei do precipício em Ravello.

— Com um paraquedas?

— É claro.

Julia Rothman jogou a cabeça para trás e riu alto. Naquele momento ela parecia uma estrela de cinema. Era mais estrela que qualquer pessoa que Alex tinha visto na vida. Não só pela beleza, mas pela suprema confiança.

— Isso é maravilhoso — Julia afirmou. — Realmente maravilhoso!

— Era um paraquedas emprestado — explicou Alex. — De um amigo meu. Perdi todo o equipamento, e ele deve estar se perguntando onde eu me enfiei.

— Telefone para ele depois e avise que está vivo. E amanhã vou fazer um cheque para que ele compre um equipamento novo. É o mínimo que posso fazer depois de tudo que aconteceu.

O garçom chegou com o suco de laranja e o primeiro prato do jantar. Ravióli. A massa era fresca e recheada com cogumelos, servida com uma salada de folhas verdes e queijo parmesão. Alex provou um ravióli e teve que concordar com a sra. Rothman: a comida era deliciosa.

— Qual é o problema de Nile? — ele perguntou.

— Estupidez. Ele age sem pensar e só depois faz perguntas. Não pensa antes de agir.

— Estou falando da cor da pele.

— Ah, isso! Ele tem vitiligo. Tenho certeza de que já ouviu falar. É uma doença autoimune. Os anticorpos atacam as células de pigmentação ou alguma coisa assim. Michael Jackson dizia sofrer da mesma doença. Pobre Nile! Nasceu negro, mas vai morrer completamente branco! Bem, não vamos falar sobre ele. Temos muitas outras coisas para discutir.

— A senhora conheceu meu pai — disse Alex.

— Sim, eu o conheci muito bem. Ele era um ótimo amigo. E preciso dizer, você é a cara dele! Não imagina como é estranho estar aqui sentada com você. Cá estou eu, 15 anos mais velha, mas você... — ela o fitou profundamente nos olhos. Alex sabia que era examinado e ao mesmo tempo sentia que ela sugava alguma coisa de dentro dele. — É quase como se ele houvesse voltado.

— Quero saber mais sobre ele — disse Alex.

— O que posso dizer que você já não saiba?

— Não sei nada, exceto o que Yassen me disse — Alex fez uma pausa. Esse era o momento que temia. A razão para estar ali. — Meu pai era um assassino?

Mas a sra. Rothman não respondeu. Seu olhar ficou distante por um momento.

— Você conheceu Yassen Gregorovich — Julia falou em seguida. — Foi ele quem o trouxe até mim?

— Eu estava com ele no momento de sua morte.

— Lamento sobre Yassen. Eu soube que ele foi morto.

— Quero saber sobre meu pai — Alex insistiu. — Ele trabalhava para uma organização chamada Scorpia. Era um assassino. É isso?

— Seu pai era meu amigo.

— Não respondeu à minha pergunta — Alex insistiu, tentando não se zangar. A sra. Rothman o tratava com muita simpatia, porém ele já sabia que ela era muito rica e implacável. Sabia que se arrependeria se a aborresse.

A sra. Rothman estava completamente calma.

— Não quero falar sobre ele. Ainda não. Não até ter uma chance de conversar com você.

— O que quer saber sobre mim?

— Já sei muitas coisas sobre você, Alex. Sua reputação é bastante conhecida. Por isso estamos aqui esta noite. Tenho uma oferta, algo que pode assustá-lo. Mas quero que entenda desde já que é completamente livre. Pode partir quando quiser. Não quero prejudicá-lo de maneira nenhuma. Pelo contrário. Tudo que peço é que considere o que tenho para dizer e depois me diga o que acha.

— E depois vai me contar sobre meu pai?

— Tudo que quiser saber.

— Ótimo.

A sra. Rothman havia esvaziado a taça de champanhe. Ela fez um gesto delicado e imediatamente o garçom se aproximou para servir mais uma taça.

— Adoro champanhe — ela disse. — Tem certeza de que não vai mudar de ideia?

— Não bebo álcool.

— Uma decisão sábia, provavelmente — de repente ela ficou séria. — Pelo que entendi, você trabalhou para serviços de inteligência na Inglaterra quatro vezes. Houve aquele negócio com os computadores Stormbreaker. Depois a escola para onde o mandaram no sul da França. Depois estive nos Estados Unidos. E, finalmente, conheceu Damian Cray. O que quero saber é por que fez isso. O que ganhou?

— Como assim?

— Foi pago pelos serviços?

Alex balançou a cabeça.

— Não.

A sra. Rothman refletiu por um momento.

— Então... você é um patriota?

Alex deu de ombros.

— Gosto da Inglaterra — disse. — E acho que lutaria por ela, se houvesse uma guerra. Mas não me considero um patriota.

— Bem, então precisa responder à minha pergunta. Por que arriscou a vida e sua integridade física pelo MI6? Não me diga que foi por simpatia por Alan Blunt e pela sra. Jones. Eu os conheci e não posso dizer que tenham feito alguma coisa por mim! Você arriscou a vida por eles, Alex. Foi ferido, quase morreu... Por quê?

Alex estava confuso.

— Aonde quer chegar? Por que está me perguntando essas coisas?

— Porque, como eu disse, quero lhe fazer uma proposta.

— Que proposta?

A sra. Rothman comeu um pouco de ravióli. Ela usava apenas o garfo, cortando cada envelope de massa ao meio antes de espetá-lo. E comia com delicadeza. Alex conseguia ver o prazer nos olhos dela. Não era só comida para ela. O prato era uma obra de arte.

— O que acha de trabalhar para mim? — ela perguntou.

— Para a Scorpia?

— Sim.

— Como meu pai?

— Sim.

— Está pedindo que eu me torne um assassino?

— Talvez — Julia Rothman sorriu. — Você tem muitos talentos, Alex. Para um garoto de 14 anos, é muito habilidoso e competente e, é claro, sendo tão jovem, poderia ser útil para nós de muitas maneiras. Imagino que por isso o sr. Blunt tenha se interessado tanto em mantê-lo por perto. Você pode fazer coisas e ir a lugares impossíveis para um adulto.

— O que é a Scorpia? — Alex perguntou. — O que aconteceu na Con-santo? O que faziam naquele complexo? E por que o dr. Liebermann teve que ser morto?

A sra. Rothman terminou de comer os últimos raviólis e deixou o garfo sobre o prato vazio. Alex se sentia hipnotizado pelo colar. Os diamantes refletiam a luz das velas, cada pedra multiplicando e ampliando as chamas amarelas.

— Quantas perguntas! — ela comentou e ergueu de ombros. — A Con-santo Enterprises é uma indústria biomédica absolutamente comum. Se quiser saber sobre ela, pode achar o número do telefone na lista. Ela tem escritórios espalhados por toda a Itália. Quanto ao que fazíamos lá, não posso revelar. No momento estamos envolvidos em uma operação chamada Espada Invisível e não há motivo algum para você saber algo sobre ela. Ainda não. No entanto, vou explicar por que tivemos que matar o dr. Liebermann. É muito simples, na verdade. Ele morreu porque não era confiável. Recebeu uma grande quantia para nos ajudar. Estava preocupado com o que fazia e, ao mesmo tempo, queria mais. Um homem assim poderia nos colocar em

perigo. Foi mais seguro eliminá-lo. Mas vamos voltar à nossa primeira questão.

Julia Rothman fez uma pausa, respirou fundo e prosseguiu:

— Quer saber sobre a Scorpia. Por isso estava em Veneza e por isso me seguiu até aqui. Muito bem, eu vou contar tudo.

Ela bebeu um gole de champanhe, depois deixou a taça sobre a mesa. Alex percebeu que a mesa estava posicionada de maneira a permitir que tivessem uma conversa reservada, sem que ninguém os ouvisse. Mesmo assim, a sra. Rothman se aproximou um pouco mais antes de começar a falar.

— A Scorpia é uma organização criminosa — ela começou. — Não faça essa cara de surpresa, Alex. Tenho certeza de que já havia deduzido. O S é de sabotagem. O *CORP* é uma seleção de letras tiradas de corrupção. O I é de informações ou, sendo mais direta... espionagem. E o A é de assassinato. Essas são nossas principais áreas de atuação, embora haja outras. Somos bem-sucedidos e isso nos fez poderosos. Estamos no mundo todo. Os serviços secretos não podem fazer nada contra nós. Somos muito grandes, e eles esperaram demais. Além do mais, às vezes uma dessas agências utiliza nossos serviços. Pagam para fazermos o trabalho sujo no lugar deles. Aprendemos a conviver.

— E quer que eu me junte a vocês? — Alex deixou os talheres sobre o prato, embora não tivesse acabado de comer. — Não sou como vocês. De jeito nenhum.

— Estranho. Seu pai era.

Isso o atingiu. Ela falava sobre um homem que Alex não havia conhecido. Mas as palavras de Julia Rothman tocavam a essência de quem e o que ele era.

— Alex, você precisa crescer um pouco e parar de ver as coisas em preto e branco. Trabalhou para o MI6. Acha que eles são os heróis, os bons moços? Suponho que isso faça de mim a bandida. Talvez eu devesse estar aqui sentada em uma cadeira de rodas, com a cabeça raspada, o rosto marcado por uma cicatriz e afagando um gato — ela riu da imagem. — Infelizmente, não é mais tão simples. Não no século 21. Pense em Alan Blunt. Além de todas as pessoas que ele matou, pense em como ele o *usou*! Ele pediu gentilmente antes de tirá-lo da escola e transformá-lo em espião? Acho que não! Você foi explorado, Alex, e sabe disso.

— Não sou um assassino — ele insistiu. — Nunca poderia ser.

— É muito estranho que diga isso. Quero dizer, não vejo Damian Cray na mesa ao lado. O que será que aconteceu com ele? Ou com aquele simpático dr. Grief? Pelo que sei, ele não sobreviveu ao último encontro com você.

— Foram acidentes.

— Você parece ter se envolvido em muitos acidentes nos últimos meses.

Ela parou. Quando falou novamente, a voz era mais suave, como a de uma professora se dirigindo ao aluno preferido.

— Vejo que ainda está perturbado por causa do dr. Liebermann. Acontece que ele não era um bom homem e ninguém vai sentir falta dele. Na verdade, eu não me surpreenderia se a viúva nos mandasse um cartão de agradecimento — ela sorriu como se tivesse lembrado uma piada. — Podemos dizer que a morte desse homem foi como uma vacina, incômoda, mas necessária. E você tem que lembrar, Alex, que a escolha foi dele. Se Liebermann não tivesse mentido e traído a empresa para a qual trabalhava para fazer esse serviço para nós, ele ainda estaria vivo. Não foi nossa culpa.

— É claro que foi! Vocês o mataram!

— Bem, sim, isso é verdade. Mas somos uma grande empresa internacional. E às vezes acontece de alguém se colocar no nosso caminho e acabar morto. Lamento, mas é assim que funciona.

Um garçom se aproximou para retirar os pratos. Alex terminou o suco de laranja, esperando que o gelo clareasse as ideias.

— De qualquer maneira, não posso trabalhar para a Scorpia — ele respondeu.

— Por que não?

— Tenho que voltar à escola.

— Concordo — a sra. Rothman se inclinou sobre a mesa. — Nós temos uma escola. Quero mandá-lo para lá. E nossa escola pode ensinar coisas mais úteis que logaritmos e gramática.

— Que tipo de coisas?

— Como matar. Você disse que nunca seria capaz de matar, mas como pode ter certeza? Se for para Malagosto, vai descobrir. Nile foi nosso aluno e hoje é um assassino perfeito... ou quase perfeito, porque ele tem uma única e irritante fraqueza.

— Está falando... da doença?

— Não. É mais irritante que isso — Julia fez uma pausa breve. — Você poderia ser melhor que ele, Alex, com o tempo. E, embora eu saiba que não gosta de tocar nesse assunto, seu pai foi professor na nossa escola. E foi brilhante. Ficamos todos arrasados quando ele morreu.

E lá estava outra vez. Tudo começava e terminava em John Rider. Não podia mais evitar esse assunto. Tinha que saber.

— Fale-me sobre meu pai — Alex pediu. — É por isso que estou aqui. O único motivo que me trouxe aqui. Como ele foi trabalhar para vocês? E como ele morreu? — ele fez um esforço para continuar. — Não sei nem como era a voz dele. Não sei nada sobre meu pai.

— Tem certeza de que quer saber? Pode ser doloroso.

Alex ficou em silêncio.

O garçom chegou com o prato principal. A sra. Rothman havia escolhido para os dois, cordeiro assado: uma carne levemente rosada e com acentuado sabor de alho. Outro garçom encheu a taça de Julia com mais champanhe.

— Muito bem — ela disse, quando ficaram novamente sozinhos. — Vamos terminar de comer e falar sobre outros assuntos. Você pode me contar sobre a Brookland. Quero saber que música gosta de ouvir e para que times torce. Tem namorada? Um menino bonito como você deve ter muitas opções. Ei, você ficou vermelho. Vamos jantar. Garanto que nunca provou cordeiro melhor que este. E, quando terminarmos, vamos subir, prometo contar tudo que você quer saber.

A PONTE ALBERT

ELA O LEVOU AO QUARTO na cobertura do hotel. Não havia cama, apenas uma mesa sobre cavaletes com um DVD, algumas pastas e duas cadeiras.

— Mande trazer de Veneza — disse a sra. Rothman. — Assim que soube que estava aqui, pensei que gostaria de ver o material.

Alex concordou. Depois do movimento de pessoas no restaurante, o ambiente lhe parecia estranho, era como estar em um palco do qual o cenário havia sido removido. O quarto era amplo, com teto alto, e o espaço vazio fazia ecoar os sons. Ele caminhou até a mesa, sentindo um repentino nervosismo. Havia feito algumas perguntas em Londres. Agora teria as respostas. Gostaria do que estava prestes a ouvir?

A sra. Rothman o seguiu, caminhando sobre os saltos finos e altos que faziam barulho em contato com o mármore do chão. Ela parecia estar completamente à vontade.

— Sente-se — disse.

Alex tirou o paletó e o pendurou no espaldar de uma cadeira. Depois afrouxou a gravata e se sentou. A sra. Rothman continuou em pé ao lado da mesa, estudando-o por um instante antes de falar.

— Alex — ela começou —, não é tarde demais para mudar de ideia.

— Não quero mudar de ideia — ele respondeu.

— Mas é que... Bem, para falar sobre seu pai, vou ter que dizer coisas que vão aborrecê-lo e não quero que isso aconteça. Acha mesmo que o passado é tão importante? Isso vai fazer alguma diferença?

— Ele era meu pai.

— Muito bem...

Julia Rothman abriu uma pasta e tirou uma fotografia em preto e branco. Era de um homem muito elegante com um uniforme militar. Ele olhava diretamente para a lente da câmera, tinha os ombros bem eretos e as mãos para trás. O rosto era barbeado com perfeição e os olhos atentos e inteligentes.

— Este é seu pai aos 26 anos. A foto foi tirada quatro anos antes de você nascer. Não sabe nada sobre ele? Absolutamente nada, mesmo?

— Meu tio contou um pouco sobre meu pai. Sei que ele esteve no Exército.

— Bem, talvez eu possa preencher algumas lacunas. Deve saber que ele nasceu em Londres e frequentou uma escola famosa... a Oratory. De lá ele foi para Cambridge, onde se formou em ciências políticas e econômicas. Mas sua verdadeira vontade sempre foi integrar as fileiras do Exército. E foi o que ele fez. Alistou-se no Regimento de Paraquedistas em Aldershot. Só isso já teria sido uma realização impressionante. O Regimento de Paraquedistas é um dos mais duros do Exército britânico, atrás apenas do Serviço Aéreo Especial. E ninguém se alista simplesmente no Serviço Aéreo Especial. Tem que ser convidado.

— É, eu sei.

— Seu pai passou três anos com os paraquedistas. Participou de operações na Irlanda do Norte, em Gâmbia, e do ataque a Goose Green, nas Ilhas Falkland, em maio de 1982. Carregou um soldado ferido para um local seguro, mesmo estando sob fogo intenso, e por isso recebeu uma medalha da rainha. E também foi promovido ao posto de capitão.

Alex já havia visto a medalha uma vez: a Cruz Militar. Ian Rider sempre a mantivera na primeira gaveta de sua mesa de trabalho.

— Ele voltou à Inglaterra e se casou — prosseguiu a sra. Rothman. — Tinha conhecido sua mãe em Cambridge. Ela estudava medicina e se tornou radiologista. Mas não tenho muito para contar sobre ela. Não a conheci e seu pai nunca falou muito da esposa. Não comigo. E foi logo depois do casamento que as coisas começaram a ficar difíceis. Não que eu culpe sua mãe, é claro que não. Porém, algumas semanas depois do casamento, seu pai se envolveu em uma briga em um bar de Londres. Algumas pessoas conversavam sobre a Guerra das Falklands. Não sei. Deviam estar bêbados, talvez. Houve uma diferença de opiniões, uma discussão, seu pai agrediu um homem e o matou. Foi apenas um golpe na garganta... um golpe que ele havia aprendido durante o treinamento.

A sra. Rothman abriu outra pasta. Dentro dela havia um recorte de jornal que ela entregou a Alex. O jornal fora publicado dez anos atrás, pelo menos. Alex notou a letra antiquada e a coloração amarelada. Ele leu a manchete:

CADEIA PARA O “SOLDADO BRILHANTE” QUE PERDEU A CABEÇA

E lá estava outra foto de John Rider, porém em trajes civis, cercado de fotógrafos enquanto descia de um automóvel. A imagem era um pouco desfocada e antiga, mas bastava olhar para ela e se percebia a dor daquele homem, a sensação de que o mundo se voltara contra ele.

Alex leu o artigo.

John Rider, descrito por seu oficial comandante como um “soldado brilhante”, foi condenado a quatro anos de detenção por ter agredido e matado Ed Savitt, motorista de táxi, há nove meses em um bar do Soho.

O júri foi informado que Rider, 28 anos, havia bebido muito quando se envolveu em uma briga com Savitt. Condecorado por bravura na Guerra das Falklands, o soldado matou Savitt com apenas uma pancada na cabeça. O júri também foi informado que Savitt havia passado por extensivo treinamento em diversas artes marciais.

Resumindo, o juiz James Masterman declarou: “O Capitão Rider jogou fora uma promissora carreira no Exército em um momento de loucura. Levei em consideração seu impressionante histórico, mas ele tirou a vida de um homem, e a sociedade exige que ele pague por isso...”

— Sinto muito — disse a sra. Rothman. Ela observava o menino atentamente. — Você não sabia.

— Meu tio me mostrou a medalha uma vez — Alex respondeu e teve que parar por um instante, porque a voz soava rouca. — Mas ele nunca me mostrou este jornal.

— Seu pai não teve culpa. Ele foi provocado.

— O que aconteceu depois?

— Ele foi preso. Houve grande comoção em torno do caso. A opinião pública o apoiava, mas mesmo assim ele era acusado de agressão seguida de morte. O juiz não teve escolha.

— E depois?

— Seu pai foi libertado depois de um ano de detenção. Foi tudo muito discreto. Sua mãe permaneceu ao lado dele, nunca deixou de apoiá-lo, e eles voltaram a morar juntos. Infelizmente, a carreira militar havia acabado.

Seu pai foi exonerado de maneira desonrosa — ela parou para estudar a reação de Alex.

— Continue — ele pediu com voz fria.

— Seu pai teve dificuldade para conseguir emprego. E, àquela altura, nosso departamento de pessoal já estava seguindo os passos dele — mais uma pausa. — Scorpia está sempre procurando novos talentos — ela explicou. — Para nós, era evidente que seu pai havia recebido um tratamento injusto. E achávamos que ele seria perfeito para a organização.

— Vocês o abordaram?

— Sim. Seus pais enfrentavam dificuldades financeiras, estavam desesperados. Um representante da nossa organização procurou seu pai e, duas semanas depois, ele foi submetido à nossa avaliação — ela sorriu. — Todos os novos recrutas passam por testes, Alex. Se decidir juntar-se a nós, e ainda tenho esperança de que mude de ideia, será levado ao mesmo lugar a que levamos seu pai.

— Onde?

— Já mencionei o nome. Malagosto. Fica perto de Veneza — e não foi mais precisa que isso. — Logo vimos que seu pai era extremamente duro e muito talentoso. Ele foi aprovado com louvor em todos os testes. A propósito, sabíamos que ele tinha um irmão, Ian Rider, trabalhando para o MI6. Nunca consegui entender por que Ian não tentou ajudar seu pai naquele momento de dificuldade, mas imagino que não havia nada que ele pudesse fazer. De qualquer maneira, não fazia diferença... o fato de os dois serem irmãos. Seu pai era perfeito para nós. E, depois do que aconteceu, nós nos tornamos perfeitos para ele.

Alex estava ficando cansado. Eram quase 23 horas. Mas, sabia que não sairia dali enquanto não escutasse toda a história.

— Então, meu pai ingressou em Scorpia — disse.

— Sim. Seu pai trabalhou para nós como assassino — respondeu a sra. Rothman. — Passou quatro meses em campo.

— Quantos homens ele matou?

— Cinco ou seis. Ele estava mais interessado em trabalhar como professor na escola onde foi avaliado. Talvez queira saber, Alex, que Yassen Gregorovich foi um dos assassinos que ele ajudou a treinar. Seu pai salvou a vida de Yassen quando eles estavam em missão na selva amazônica.

Alex sabia que a sra. Rothman dizia a verdade. Yassen contara a mesma história nos últimos segundos antes de morrer.

— Eu conhecia bem seu pai — prosseguiu a sra. Rothman. — Jantamos juntos algumas vezes, aqui mesmo neste hotel em uma ocasião. — Ela jogou a cabeça para trás, deixando os cabelos negros cobrirem as costas. Por um momento, seu olhar tornou-se distante. — Eu me sentia muito atraída por ele. Seu pai era um homem muito bonito. Ele também era inteligente e me fazia rir. No entanto, era casado com sua mãe.

— Ela sabia sobre esse novo trabalho? Sabia sobre a senhora?

— Espero que não — de repente ela voltava a agir como profissional. Agora tenho que contar como seu pai morreu. Lamento que tenha me perguntado. Tem certeza de que quer que eu continue?

— Tenho.

— Tudo bem — ela respirou fundo. — O MI6 queria neutralizá-lo. Ele era um dos nossos agentes mais eficientes e treinava outros homens para serem igualmente competentes. Então, eles decidiram caçá-lo. Não vou entrar em detalhes, mas o MI6 montou uma armadilha para ele na ilha de Malta. Yassen Gregorovich também estava lá. Ele escapou, mas seu pai foi capturado. Imaginamos que aquele seria o fim de John Rider e que nunca mais o veríamos. Você pode pensar que a pena de morte foi extinta na Inglaterra, mas, como eles dizem, acidentes acontecem. E ocorreu algo inesperado. Scorpia havia sequestrado o filho de um servidor civil do governo britânico, um rapaz de 18 anos. Esse funcionário tinha influência considerável no governo, ou melhor, nós pensávamos que tinha. Mais uma vez, essa é uma história complicada, está ficando tarde, por isso não vou entrar em detalhes. Mas, resumindo, a ideia geral era que o pai deveria fazer o que exigíamos ou mataríamos o filho.

— E foi o que vocês fizeram, não foi? — perguntou Alex.

— Corrupção e assassinato, Alex. É parte do que fazemos. Descobrimos rapidamente que o funcionário do governo não tinha poder suficiente para atender às nossas exigências. Infelizmente, isso nos obrigou a matar o rapaz. Quando se faz uma ameaça é preciso cumpri-la ou ninguém mais vai acreditar em nada. E nós nos preparávamos para matar o garoto da maneira mais dramática possível, quando o MI6 entrou em contato conosco e nos propôs um acordo. Uma troca direta. Eles nos entregavam John Rider e nos entregávamos o rapaz a eles. A diretoria executiva da Scorpia se reuniu e,

embora não tenha sido uma votação unânime, decidimos aceitar a proposta. Normalmente, nunca teríamos permitido que uma operação se complicasse tanto, mas seu pai era extremamente importante para nós e, como já disse, eu era muito próxima dele em um nível pessoal. Por isso, aceitamos a oferta. Fariamos a troca às 6 horas da manhã seguinte. Era março, e marcamos o local para a transação: ponte Albert.

— Março? De que ano?

— Essa história aconteceu há 14 anos, Alex. Dia 13 de março. Você tinha 2 meses de idade — a sra. Rothman se inclinou sobre a mesa e apoiou a mão sobre o aparelho de TV. — A Scorpia tem o hábito de gravar e documentar tudo que faz — explicou. — Há uma boa razão para isso. Somos uma organização criminosa. Consequentemente, ninguém confia em nós, nem nossos clientes. Eles pressupõem que mentimos, trapaceamos... Enfim, filmamos tudo que fazemos para provar que somos honestos à nossa maneira. E filmamos a troca na ponte Albert. Se o filho do funcionário do governo fosse ferido ou morto, poderíamos provar que não havíamos sido nós.

Ela apertou um botão e a tela se acendeu, exibindo imagens feitas em outro mundo, quando Alex tinha apenas 8 semanas de vida. A primeira cena mostrava a ponte Albert sobre o gelado Rio Tâmisa, com o parque de um lado e a parte baixa de Chelsea do outro. Garoava. Era uma chuva tão fina que as gotas de água pairavam no ar.

— Tínhamos três câmeras — explicou Julia Rothman. — Estavam bem escondidas, porque o MI6 as removeria, se as descobrisse. Mas, como você pode ver, elas contam toda a história.

A primeira imagem: três homens vestindo terno e sobretudo. Com eles, um jovem com as mãos amarradas diante do corpo. Devia ser o prisioneiro. Ele parecia ainda mais jovem do que era. E tremia.

— Esse é o extremo sul da ponte — a sra. Rothman explicou. — Foi assim que combinamos. Nossos agentes chegariam pelo parque com o jovem, o MI6 estaria na outra margem com seu pai. Os dois atravessariam a ponte e a troca seria feita. Simples assim.

— Não havia movimento, trânsito... nada?

— Às 6 horas da manhã? Não, dificilmente haveria movimento nesse horário. De qualquer maneira, desconfio de que o MI6 fechou as vias de acesso.

A imagem mudou. Alex sentiu alguma coisa se mover no estômago. A câmera estava escondida em algum lugar no final da ponte, no alto. E a imagem gravada era de seu pai, a primeira imagem que via de John Rider em movimento. Ele vestia jaqueta acolchoada. Olhava em volta atento a todos os detalhes, estudando o ambiente. Alex queria que a câmera estivesse mais perto. Queria ver melhor o rosto do pai.

— Esse é o método clássico de troca — disse a sra. Rothman. — Uma ponte é uma área neutra. Os dois participantes, nesse caso o jovem e seu pai, estavam sozinhos. Nada devia dar errado.

Ela estendeu a mão e pressionou o botão de pausa.

— Alex — preveniu —, seu pai morreu na ponte Albert. Sei que não chegou a conhecê-lo, que era só um bebê quando tudo isso aconteceu, mas ainda tenho dúvidas... Não sei se deve assistir a essa cena.

— Mostre a cena para mim — Alex respondeu com firmeza, embora a voz soasse distante.

A sra. Rothman concordou e pressionou o play.

A tela ganhou vida novamente. As imagens tinham sido feitas por uma câmera manual operada por alguém que se mantinha escondido, e o foco era ruim. Alex via toda a extensão da ponte, centenas de lâmpadas desenhando uma curva no ar. Lá estava o rio novamente, capturado por um instante ao longe, as grandes chaminés da Estação de Energia Albert. Houve um corte. A imagem mostrava um ângulo mais amplo, uma cena que devia ter sido gravada do rio.

Os três homens com o filho do funcionário do governo britânico estavam em uma extremidade da ponte. Seu pai estava na outra. Alex viu três pessoas atrás dele. Deviam ser agentes do MI6. A imagem era de má qualidade. O dia começava a clarear e havia pouca luz. A água do rio não tinha cor, era uma faixa cinzenta. Alguém devia ter dado um sinal, porque o rapaz começou a caminhar. Ao mesmo tempo, John Rider deixou o outro grupo, também com as mãos amarradas diante do corpo.

Alex queria tocar a tela da TV. Estava vendo o pai caminhar na direção dos três homens da Scorpia. Mas a silhueta na tela tinha apenas três centímetros de altura. Alex sabia que aquele era seu pai. O rosto era o mesmo das fotos que vira. Mas ele estava muito longe. Não conseguia ver se John Rider sorria, se estava zangado ou nervoso. Ele imaginava o que estava para acontecer?

John Rider e o rapaz sequestrado se encontraram no meio da ponte. Eles pararam e pareciam conversar, mas o único som que se ouvia era o da chuva leve e de um ou outro carro que passava pela rua sem ser filmado. Depois de um instante, eles voltaram a se mover. O filho do funcionário do governo britânico já estava na metade norte da ponte, o lado controlado pelo MI6. John Rider caminhava para o sul, um pouco mais depressa, aproximando-se dos agentes que o esperavam.

— Foi aí que aconteceu — avisou a sra. Rothman.

O pai de Alex estava quase correndo. Devia ter sentido que havia algo de errado. Ele se movia de um jeito estranho, desajeitado, com as mãos amarradas para a frente. Do lado norte da ponte, um dos agentes do MI6 pegou um radiotransmissor e falou pelo aparelho. Um segundo depois, alguém atirou. Um tiro. John Rider cambaleou e Alex compreendeu que ele havia sido atingido nas costas. Ele deu mais dois passos, girou e caiu.

— Quer que eu desligue a TV, Alex?

— Não.

— Há uma tomada mais próxima...

O ângulo da câmera agora era mais baixo. Alex via o pai caído de lado. Os três homens da Scorpia sacaram as armas. Eles corriam para a ponte, apontando para o rapaz sequestrado. Alex não estava entendendo. O garoto não tinha nada a ver com o que acabara de acontecer.

Mas logo ele entendeu. O MI6 matara John Rider. Não cumprira sua parte no acordo. Portanto, o rapaz tinha que morrer também.

No entanto, o jovem teve uma reação incrivelmente rápida. Ele já estava correndo em ziguezague pela ponte, mantendo a cabeça baixa. Era como se soubesse exatamente o que acontecia. Um dos homens da Scorpia atirou e errou. Houve uma explosão súbita, uma metralhadora abrindo fogo. Alex via as balas ricocheteando no metal da balaustrada da ponte. Lâmpadas explodiram. O piso de asfalto parecia pular. Os homens hesitaram e recuaram. Enquanto isso, o rapaz conseguira chegar ao extremo oposto da ponte. Um carro apareceu do nada. Alex viu a porta se abrir e ele ser puxado para dentro.

A sra. Rothman congelou a imagem.

— Parece que o MI6 queria o rapaz de volta, mas não pretendia pagar o preço combinado, a liberdade de seu pai — ela comentou. — Eles nos enga-

naram e atiraram nele pelas costas, diante dos nossos olhos. Você mesmo acabou de ver.

Alex não disse nada. O quarto parecia ter ficado mais escuro de repente, como se sombras o espreitassem dos cantos. Ele sentiu um arrepio.

— Ainda tem uma última parte do filme — avisou a sra. Rothman. — Odeio vê-lo assim, Alex. Odeio ter que lhe mostrar essas imagens. Mas já viu demais, agora é melhor ver até o fim.

O último trecho do filme era composto por cenas dos momentos finais da vida de John Rider. Ele estava em pé, começando a correr, enquanto o jovem sequestrado corria para o outro lado.

— Olhe para o agente do MI6 que deu a ordem para atirar — disse a sra. Rothman.

Alex olhou para as pessoas pequeninas no filme.

— Melhoramos a imagem no computador — Julia avisou.

A câmera aproximou a cena e Alex conseguiu ver que o agente do MI6 com o radiotransmissor era, na verdade, uma mulher vestindo uma capa preta.

— É possível aproximar mais.

A imagem ficou ainda maior.

— E mais.

A mesma ação, repetida pela terceira ou quarta vez. A mulher pegando o radiotransmissor. Porém, agora seu rosto ocupava toda a tela. Alex conseguia ver os dedos segurando o rádio na frente da boca. Não havia som, mas ele via os lábios se movendo, dando a ordem, e entendia perfeitamente o que ela havia falado.

“Atire nele.”

— Havia um atirador sobre um prédio na margem norte do Tâmis — contou a sra. Rothman. — Foi uma questão de oportunidade. A mulher para quem estamos olhando foi a mentora da operação e o que você acabou de ver foi um dos primeiros sucessos que ela teve como agente, uma das razões para ter sido promovida. Sabe quem é ela, é claro.

Alex a reconheceu imediatamente. A mulher era 14 anos mais jovem na tela, porém não mudara muito. E não havia como não reconhecer o cabelo negro e curto, o rosto pálido e determinado, os olhos atentos como os de uma águia ou um corvo.

Era a sra. Jones, chefe de operações no MI6.

A sra. Jones, que estivera presente quando Alex havia sido recrutado e sempre fingira ser amiga dele. Quando ele voltara a Londres, cansado e ferido depois da luta contra Damian Cray, ela fora procurá-lo e tentara ajudá-lo. Havia dito que estava preocupada com ele. Mas, durante todo o tempo, estivera mentindo. A sra. Jones se sentara diante de Alex e sorrira, sabendo que havia tirado o pai da vida do garoto semanas depois de ele ter nascido.

Julia Rothman desligou a TV.

Houve um longo silêncio.

— Sempre me disseram que ele havia morrido em um acidente de avião — Alex comentou com uma voz que não reconhecia.

— É claro. Eles não queriam que soubesse a verdade.

— O que aconteceu com minha mãe, então? — sentia uma esperança repentina. Se haviam mentido sobre o pai, talvez sua mãe não estivesse morta. Seria possível? Sua mãe estaria em algum lugar da Inglaterra, viva?

— Sinto muito, Alex. *Houve* mesmo um acidente de avião. Aconteceu alguns meses depois. Era um jato particular e sua mãe estava a bordo, a caminho da França — a sra. Rothman pousou a mão no braço dele. — Nada pode compensar o que fizeram com você, todas as mentiras que contaram. Se quiser voltar à Inglaterra, retomar os estudos, eu vou entender. Tenho certeza de que prefere esquecer todos nós. Mas, se serve de consolo, eu adorava seu pai. Ainda sinto saudades dele. Isto foi a última coisa que ele mandou para mim, pouco antes de ser capturado em Malta.

Ela abriu uma pasta e pegou um cartão-postal. A foto mostrava um trecho de praia e um sol poente. Havia apenas algumas linhas manuscritas.

Minha querida Julia,

Tempos horríveis sem você. Mal posso esperar para estarmos juntos novamente no Ca' Vedova.

John R.

Alex poderia reconhecer a caligrafia, mesmo sem nunca tê-la visto, e naquele instante todas as dúvidas que ainda restavam desapareceram.

Era a letra de seu pai. Tinha que ser: era idêntica à dele.

— É muito tarde — disse a sra. Rothman. Você já deveria estar na cama. Podemos voltar a conversar amanhã.

Alex olhou para a tela da TV como se esperasse ver a sra. Jones debochando dele 14 anos atrás, destruindo sua vida antes mesmo de ela ter começado. Por um minuto ele ficou em silêncio. Depois se levantou.

— Quero me juntar à Scorpia — disse.

— Tem certeza?

— Tenho.

“Vá para Veneza e encontre seu destino”, Yassen havia dito. E era isso o que estava acontecendo. Acabara de tomar uma decisão. E não tinha como voltar atrás.

COMO MATAR

A ILHA FICAVA A POUCOS QUILÔMETROS de Veneza, mas havia sido esquecida por um século. Chamada Malagosto, lembrava uma lua crescente e tinha aproximadamente 750 quilômetros de extensão. Ali havia seis edifícios cercados de árvores e vegetação exuberante, mas eles pareciam condenados. A maior construção era um monastério, um prédio erguido em torno de um pátio e ao lado de uma torre de tijolos vermelhos, a torre do sino, ligeiramente inclinada. Depois de um hospital em ruínas, uma fileira de prédios que pareciam ser de apartamentos, exibiam janelas quebradas e buracos no telhado. Alguns barcos passavam por Malagosto, porém nunca ancoravam nela. Era proibido. E o lugar tinha uma reputação ruim.

Ali vivera uma comunidade pequena e próspera. Mas isso acontecera havia muito tempo... na Idade Média. Destruída em 1380 durante a guerra com Gênova, havia sido utilizada para acolher vítimas da peste negra. Espirrar em Veneza era o suficiente para acabar em Malagosto. Quando a epidemia de peste negra terminou, a ilha se tornou um centro de quarentena e mais tarde, no século 18, um sanatório para doentes mentais. Finalmente, o lugar havia sido abandonado. Mas alguns pescadores diziam que, em noites frias de inverno, ainda se ouviam os gritos e as gargalhadas doentias dos loucos que haviam sido os últimos moradores da ilha.

Malagosto era a base perfeita para o Centro de Treinamento e Avaliação da Scorpia. Eles haviam comprado a ilha do governo italiano em 1987 e estavam no local desde então. Se alguém questionava o que acontecia ali, a explicação era que a ilha se tornara um centro comercial onde advogados, banqueiros e empresários se reuniam para treinamentos motivacionais e de aperfeiçoamento. Isso era mentira, claro. A Scorpia enviava novos recrutas para a escola que administrava em Malagosto. Era ali que eles aprendiam como matar.

Alex Rider ia sentado na frente do barco motorizado, vendo a ilha cada vez mais próxima. Era o mesmo barco que o levara a encontrar o Ca' Vedova, com o escorpião prateado brilhando na proa. Nile estava sentado do outro lado, totalmente à vontade, vestindo calça branca e um blazer.

— Passei três meses em treinamento ali — ele gritou mais alto que o barulho do motor. — Você vai adorar!

Alex concordou, mas não disse nada. Via a torre do sino acima das árvores, levemente inclinada para um lado. O vento agitava os cabelos do menino e a água do mar espirrava em seus olhos.

Julia Rothman deixara Positano naquela manhã, voltando a Veneza, onde estava envolvida em algum trabalho que exigia sua presença. Eles se encontraram rapidamente depois do café, e dessa vez ela se comportara de um jeito sério, profissional. Alex passaria alguns dias em Malagosto, ela informara, não para treinamento, mas para uma avaliação inicial que incluiria um exame médico, testes psicológicos e uma verificação geral de forma física e aptidão. Seria um tempo durante o qual Alex poderia refletir sobre sua decisão.

Mas Alex não queria refletir. Havia tomado a decisão e, de sua parte, nada mais tinha importância. Só uma coisa boa resultara da noite anterior. Não esquecera Tom Harris e o irmão dele. Eles não tinham notícias sobre seu paradeiro desde que invadira a Consanto, e ainda havia a questão do equipamento de Jerry, deixado no telhado do prédio.

A sra. Rothman tinha sido compreensiva.

— É claro que deve telefonar para eles — dissera. — Além do mais, não convém que fiquem preocupados e deem o alarme. Quanto ao equipamento perdido, já disse, vou mandar um cheque para cobrir o prejuízo do seu amigo. Cinco mil dólares? Acho que deve ser o suficiente — ela sorria. — Está vendo, Alex? É disso que estou falando, queremos cuidar de você.

Depois que ela partiu, Alex havia telefonado para Tom do quarto do hotel. Tom não escondeu a alegria ao ouvir sua voz.

— Vimos que conseguiu aterrissar, por isso sabíamos que não havia se arrebatado. Depois, ficamos esperando e não aconteceu nada durante um tempo. De repente, o lugar explodiu. Foi você?

— Não exatamente — Alex respondeu.

— Onde está agora?

— Em Positano. Estou bem. Mas, Tom, escute...

— Já sei — a voz de Tom era pesarosa. — Não vai voltar para a escola.

— Não por um bom tempo.

— É o MI6 novamente?

— Mais ou menos. Um dia eu conto tudo — era mentira. Alex sabia que nunca mais veria o amigo. — Diga a Jerry que ele vai receber um cheque para ressarcir o equipamento perdido. E agradeça a ele por mim.

— Alex... você está estranho. Tem certeza de que está bem?

— Estou, Tom. Adeus...

Alex havia desligado sentindo uma onda de tristeza. Era como se Tom fosse o último vínculo com o mundo que conhecia... e naquele momento cortara essa conexão.

O barco começava o procedimento de ancoragem. Havia um píer escondido de maneira muito engenhosa em uma falha natural na linha das rochas, assim ninguém podia ser visto chegando ou saindo da ilha. Nile desembarcou. Ele se movia com a graça e o equilíbrio de um bailarino. Alex havia notado a mesma característica em Yassen Gregorovich.

— Por aqui, Alex.

O garoto o seguiu. Os dois caminharam por uma trilha sinuosa entre as árvores. Por um momento, os edifícios ficaram escondidos.

— Posso lhe contar uma coisa? — disse Nile, olhando para Alex com um sorriso muito simpático. — Fiquei muito feliz quando soube que decidiu se juntar a nós. É muito bom tê-lo do lado vitorioso.

— Obrigado.

— Mas espero que nunca mude de ideia, Alex. Espero que nunca nos desaponte. Depois do que aconteceu no Ca' Vedova... Eu odiaria ter que matá-lo de novo.

— É, não foi muito divertido da última vez — Alex concordou.

— Eu ficaria muito aborrecido, de verdade. A sra. Rothman espera muito de você. Tomara que não a decepcione.

Eles continuaram andando e Alex viu o monastério com suas paredes descascadas, sinal do tempo e do abandono. Havia uma pesada porta de madeira na qual estava recortada uma porta menor e, ao lado, o único sinal de que o prédio poderia ter sido adaptado aos tempos modernos: um teclado com uma câmera de vídeo embutida. Nile digitou um código. Houve um zumbido eletrônico e a porta menor se abriu.

— Bem-vindo de volta à escola! — disse Nile.

Alex hesitou. O novo período letivo na Brookland começaria em dois dias e lá estava ele, entrando em uma escola completamente diferente. Mas

era tarde demais para se arrepender. Seguiu o caminho que o pai havia pavimentado para ele.

Nile estava esperando. Alex entrou.

A porta dava para um pátio retangular, no qual a torre do sino se erguia em um dos lados e claustros cercavam os outros três. O piso era um gramaço onde se viam dois ciprestes de um lado e estava coberto por um telhado vermelho e inclinado, como uma antiga quadra de tênis. Quatro homens de branco cercavam um instrutor, um homem mais velho vestido de preto. Quando Alex e Nile entraram, eles deram um passo à frente todos juntos, estenderam os braços com os punhos cerrados e gritaram o *kiai* que Alex conhecia do caratê.

— Às vezes, quando é necessário matar em silêncio, não se pode gritar — disse o instrutor. Ele falava com um sotaque russo ou do Leste Europeu. — Mas se lembre do poder do *kiai* silencioso. Use-o para direcionar seu *chi* para a zona de ataque. Não subestime seu poder no momento de matar.

— Obrigado, professor Yermalov — disse Nile. — Alex, ele foi meu instrutor quando estive aqui. Não queira despertar a ira desse homem. Eu o vi terminar uma luta com um dedo apenas. Rápido como uma serpente e igualmente simpático...

Eles atravessaram o pátio e passaram por baixo de um arco, para entrar em uma sala muito ampla com piso de mosaico colorido, janelas muito enfeitadas, pilares e anjos de madeira entalhados nas paredes. No passado, aquele teria sido um local de culto. Agora era usado como refeitório e sala de reunião, com longas mesas, sofás modernos e uma abertura por onde se comunicava com a cozinha. O teto era arredondado e ainda exibia tênues resquícios de um afresco. Houvera também pinturas de anjos, mas elas desapareceram há muito tempo.

Nile se aproximou de uma porta que ficava mais afastada da entrada e bateu.

— *Entrez!* — disse uma voz amigável. Alex reconheceu o idioma, mesmo tendo ouvido apenas uma palavra: era francês.

Eles entraram em uma sala octogonal de teto alto, com livros que cobriam cinco das oito paredes. O pé-direito tinha 18 metros, aproximadamente, e no teto um céu pintado de azul exibia estrelas prateadas. Uma escada sobre rodinhas permitia o acesso às prateleiras mais altas. Duas janelas se abriam para árvores, mas a maior parte da luz era bloqueada pelas folhas, e

um lustre de ferro com 12 lâmpadas elétricas pendia de uma corrente grossa. No centro da sala, havia uma mesa de aparência sólida, com duas cadeiras muito antigas na frente e outra atrás. Essa terceira cadeira era ocupada por um homem pequeno e gordinho vestindo terno e colete. Ele trabalhava em um laptop, onde os dedos curtos se moviam com grande velocidade.

O homenzinho olhava para a tela através das lentes dos óculos de armação dourada, que ele mantinha equilibrados na ponta do nariz. A barba preta e bem cuidada terminava em ponta abaixo do queixo. Os cabelos eram grisalhos.

— Alex Rider! Por favor... entre — o homem levantou os olhos da tela do computador com grande alegria. — Eu o teria reconhecido imediatamente. Conheci seu pai muito bem, e você é quase uma cópia dele. — Com exceção de um leve sotaque francês, o inglês era perfeito. — Meu nome é Oliver D’Arc. Sou o diretor deste estabelecimento... o chefe dos professores, digamos. Estava vendo suas informações pessoais na internet.

Alex sentou em uma das cadeiras.

— Nunca imaginei que elas tinham sido postadas — disse.

— Depende do mecanismo de busca que você utiliza — D’Arc sorriu para Alex. — Sei que a sra. Rothman contou que seu pai foi instrutor aqui. Trabalhei com ele e nos tornamos bons amigos, mas nunca sonhei que um dia conheceria o filho dele. E você chega trazido por Nile, que se graduou aqui há alguns anos. Ele foi um aluno brilhante... o segundo de sua turma.

Alex olhou para Nile e, pela primeira vez, viu um sinal de irritação no rosto dele. Ele se lembrou do que a sra. Rothman havia dito, algo sobre Nile ter uma fraqueza, e tentou imaginar o que o impedira de ser o número 1.

— Está com sede? — D’Arc perguntou. — Quer alguma coisa? Um *sirop de grenadine*, talvez?

Alex se assustou. O suco da fruta vermelha era sua bebida favorita quando estava fora do país. D’Arc havia encontrado essa informação na internet?

— Era o que seu pai sempre bebia — ele explicou, como se pudesse ler seus pensamentos.

— Não quero nada, obrigado.

— Então, deixe-me falar sobre o programa. Nile o apresentará aos outros alunos que estão em Malagosto. Nunca há mais de 15 ao mesmo tempo e atualmente são apenas dez. Oito homens e duas mulheres. Você se juntará

ao grupo e, nos próximos dias, vamos avaliar seu progresso. Depois de um tempo, se eu constatar que você tem habilidade para se tornar membro da Scorpia, farei um relatório. Depois disso é que você vai começar o treinamento de verdade. Se bem que não tenho dúvidas, Alex. Você é muito jovem... tem só 14 anos. Mas é filho de John Rider, e ele foi o melhor.

— Tem uma coisa que preciso lhe dizer.

— Por favor, fale — D’Arc se recostou na cadeira.

— Quero me juntar à Scorpia. Quero fazer parte desta organização. Mas o senhor precisa saber que não me considero capaz de matar alguém. Já disse isso à sra. Rothman, mas ela não acreditou em mim. Ela disse que eu só estaria fazendo o que meu pai já havia feito no passado, mas sei como sou e sei que sou diferente dele.

Alex não tinha ideia de como D’Arc reagiria. Mas ele não parecia preocupado.

— A Scorpia faz muitas coisas que não envolvem matar — ele respondeu. — Você pode ser muito útil para nós, por exemplo, nos casos de chantagem. Ou como um portador. Quem iria desconfiar de que um menino de 14 anos estaria carregando explosivos plásticos ou drogas? Mas ainda é muito cedo, Alex, estamos apenas começando. Você precisa confiar em nós. Vamos descobrir o que é capaz de fazer e o que está além dos seus limites, assim saberemos qual é o melhor trabalho para você.

— Eu tinha 18 anos quando matei o primeiro homem — Nile contou. — Tinha apenas quatro anos a mais que você.

— Mas, Nile, você sempre foi excepcional — D’Arc comentou.

Batidas na porta anunciaram que mais alguém se juntaria ao grupo. Uma mulher. Ela era tailandesa: alta, magra e delicada, vários centímetros mais baixa que Alex. Os cabelos eram longos e negros, os olhos, escuros e inteligentes, e os lábios pareciam ter sido desenhados pelo pincel de um artista. Ela parou e cumprimentou da maneira tradicional da Tailândia, unindo as mãos como em oração e inclinando a cabeça.

— *Sawasdee*, Alex — disse a recém-chegada. — É um grande prazer conhecê-lo. — A voz era delicada e, como o diretor, a jovem falava um inglês perfeito.

— Essa é a srta. Binnag — D’Arc apresentou.

— Meu nome é Eijit. Mas pode me chamar de Jet. Vim para levá-lo ao seu quarto.

— Pode descansar hoje à tarde, voltaremos a nos ver no jantar — D’Arc sugeriu enquanto se levantava. Ele era muito baixo. Sua barba pontuda ficava poucos centímetros acima da superfície da mesa. — Estou muito feliz com sua presença aqui, Alex. Seja bem-vindo a Malagosto.

A mulher chamada Jet levou Alex para fora da sala, de volta ao saguão principal e por um corredor com um teto alto e arredondado e paredes de gesso liso.

— O que a senhora faz aqui? — Alex perguntou.

— Leciono botânica.

— Botânica? — ele não conseguiu disfarçar a surpresa.

— É uma parte muito importante do programa. Muitas plantas podem ser úteis ao nosso trabalho. A espirradeira, por exemplo. É possível extrair das folhas dessa planta um veneno semelhante ao da dedaleira, e essa substância paralisa o sistema nervoso e causa morte imediata. Os frutos do visco branco também podem ser fatais. Você vai ter que aprender como cultivar o jequiriti. Uma semente basta para matar um adulto em minutos. Amanhã você pode ir à minha estufa, Alex. Cada flor ali é um funeral.

Ela falava de um jeito objetivo, frio. Mais uma vez, Alex se sentiu desconfortável. Porém não disse nada.

Eles passaram por uma sala de aula que poderia ter sido uma capela no passado, sem janelas e com afrescos desbotados nas paredes. Outro professor, um homem de cabelos claros e rosto corado e marcado pelo sol, estava parado diante de um quadro-negro, falando para meia dúzia de alunos, entre eles duas mulheres. Havia um complicado diagrama na lousa e cada aluno tinha o que parecia ser uma caixa de charutos na frente.

— ... e vocês podem introduzir o circuito principal pela tampa e para dentro do explosivo plástico — ele dizia. — E é bem aqui, na frente da trava, que eu sempre acoplei a chave...

Jet havia parado na frente da porta.

— Aquele é o sr. Ross — ela murmurou. — Especialista técnico. Ele é do seu país, de Glasgow. Você vai ser apresentado a ele hoje à noite.

Eles seguiram em frente. Atrás dele, Alex ouviu o sr. Ross voltar a falar.

— Tente se concentrar, por favor, srta. Craig. Não vai querer mandar todos aqui para o espaço...

Alex e Jet saíram do edifício principal e seguiram até o prédio de apartamentos mais próximo, um dos que Alex vira do barco. Como os outros, o

prédio parecia dilapidado por fora, mas o interior era moderno e elegante. Jet levou Alex a um quarto com ar-condicionado no segundo andar. O apartamento era dividido em dois níveis, com uma cama king-size na parte mais alta, e sofás e uma escrivaninha no nível inferior. Havia uma porta com varanda de onde se avistava o mar.

— Virei buscá-lo às 16 horas — Jet avisou. — Você tem consulta marcada com o médico. A sra. Rothman quer que seja submetido a um exame completo. Encontre o pessoal às 18 horas para os drinks, pois o jantar é servido cedo... às 19 horas. Hoje teremos um exercício noturno. Os alunos vão mergulhar. Mas não se preocupe, você não vai participar.

Jet se curvou pela segunda vez e saiu do quarto. Alex ficou sozinho. Sentou-se em um dos sofás, notando que o quarto dispunha de refrigerador, TV e até um Playstation 2, que, ele supôs, serviria como distração.

Em que tinha se metido? Havia tomado a decisão certa? Inseguranças afloravam sombrias em seus pensamentos, mas ele as banuiu com determinação. Lembrou-se do vídeo que havia visto, as imagens terríveis a que assistira. A sra. Jones movendo a boca para dar a ordem fatal pelo rádio. Ele fechou os olhos.

Do lado de fora, as ondas quebravam na praia da ilha, e os alunos em suas vestimentas brancas repetiam incansáveis os movimentos da morte silenciosa.

Dez quilômetros longe dali, a mulher que ocupava os pensamentos de Alex examinava uma fotografia. Presa à foto, havia uma folha de papel, e ambas exibiam a palavra “ultrassecreto” carimbada em vermelho. A mulher sabia o que significava aquela fotografia. Só havia uma coisa a fazer. Mas pela primeira vez — e, para ela, era mesmo a primeira vez — sentia-se relutante. Não podia deixar a emoção interferir. Era assim que graves erros eram cometidos em seu campo de atuação, erros que podiam ser desastrosos. Mas, mesmo assim...

A sra. Jones tirou os óculos de leitura e esfregou os olhos. Recebera a foto e o relatório alguns minutos atrás. Desde então, dera dois telefonemas, torcendo para que tudo fosse só um engano. Mas não havia dúvidas. A evidência estava bem ali, diante de seus olhos. Ela pressionou um botão no aparelho de telefone e disse:

— William, o sr. Blunt está na sala dele?

Em um espaço do lado de fora do escritório, o assistente particular William Dearly olhou para a tela de seu computador. Tinha 23 anos e era formado em Oxford. E estava sentado em uma cadeira de rodas.

— Ele ainda não saiu do edifício, sra. Jones

— Alguma reunião?

— Nada marcado na agenda.

— Muito bem. Vou até lá então.

Era necessário. A sra. Jones pegou a fotografia e a folha impressa e percorreu o corredor do 12º andar do edifício identificado como sede de um banco internacional, mas que era, na verdade, o quartel do MI6 — de Operações Especiais. Alan Blunt era seu superior imediato, o chefe executivo. Como ele reagiria à notícia de que Alex Rider se juntara à Scorpia?

O escritório de Blunt ficava no fim do corredor e pelas janelas se via a Liverpool Street. A sra. Jones entrou sem bater. Não era necessário. William já devia ter informado que ela estava a caminho. E, é claro, Blunt não ficou surpreso quando a porta se abriu e ela entrou. Não que seu rosto redondo e estranhamente inexpressivo exibisse alguma emoção habitualmente. Ele também lia um relatório, várias páginas empilhadas. Era visível que Blunt havia feito anotações organizadas com uma caneta-tinteiro e tinta verde para reconhecimento imediato.

— Sim? — ele disse ao vê-la sentar-se diante da mesa.

— Isto acabou de chegar do SatInt. Achei que tinha que ver — SatInt era o satélite de inteligência. Ela empurrou a folha por cima da mesa.

A sra. Jones observou Alan Blunt atenciosamente enquanto ele lia o texto. Era assistente dele há sete anos e, antes, trabalhara para ele por quase dez. Nunca estivera em sua casa. Nunca conhecera sua esposa. Mas, provavelmente, o conhecia melhor que todo mundo no edifício. E estava preocupada com ele. Recentemente, Blunt cometera um grave erro, recusando-se a acreditar em Alex sobre o episódio com Damian Cray. Por causa disso, Cray quase havia destruído o mundo inteiro. A tragédia não acontecera por um triz. Blunt fora duramente repreendido pelo secretário para assuntos internos, mas não era só isso que ele estava com dificuldade de engolir. O pior era saber que ele, o presidente da Divisão de Operações Especiais do MI6, havia sido superado por um menino de 14 anos de idade. A sra. Jones já se perguntava quanto tempo ele ainda ficaria no cargo.

Ele agora examinava a fotografia, e seus olhos nem piscavam por trás das lentes. A foto mostrava duas pessoas, um homem e um garoto, saindo de um barco. Havia sido tirada do alto, por cima de Malagosto, e ampliada muitas vezes. As duas pessoas tinham o rosto desfocado na imagem.

— Alex Rider? — perguntou Blunt. Havia um tom letal em sua voz.

— A imagem foi registrada por um satélite espião — disse a sra. Jones. — Mas Smithers a examinou em um de seus computadores, e é ele, sem dúvida nenhuma.

— Quem é o homem?

— Pensamos que possa ser um agente da Scorpia, um homem chamado Nile. É difícil afirmar. A foto é em preto e branco, mas ele também é. Baixei informações da internet, aqui estão.

— Devemos deduzir que Rider decidiu mudar de lado?

— Falei com a governanta da casa onde ele morava, a garota americana... Jack Starbright. Parece que há uma semana Alex decidiu sair de férias com um amigo. Foram a Veneza.

— A escolha pode ter sido coincidência.

— Acho que não.

— É possível que o menino tenha se envolvido com a Scorpia de outro jeito e que eles o tenham levado à força?

— Gostaria de acreditar nisso — suspirou a sra. Jones. Não havia mais como evitar e ela prosseguiu. — Mas também é possível que Yassen Gregorovich tenha conseguido falar com Alex antes de morrer. Quando o encontrei depois do episódio com Cray, eu percebi que havia algo errado. Acho que Yassen contou a ele sobre John Rider.

— A ponte Albert.

— Sim.

— Aquilo foi um grande infortúnio.

Houve um longo silêncio. A sra. Jones sabia que Blunt examinava mais de uma dúzia de possibilidades, considerando e eliminando cada uma delas em segundos. Jamais conhecera outra pessoa com a mesma mente analítica.

— A Scorpia não tem estado muito ativa recentemente — ele disse.

— É verdade. Eles andam muito quietos. Acreditamos que eles possam ter se envolvido com um caso de sabotagem na Consanto, perto de Amalfi.

— A companhia farmacêutica?

— Sim. Recebemos há pouco os relatórios e estamos examinando as informações com cuidado. Pode haver alguma ligação.

— Se a Scorpia conseguiu atrair Alex, vai usá-lo contra nós.

— Eu sei.

Blunt deu uma última olhada na fotografia.

— Isto é Malagosto — disse. — E isso significa que ele não é prisioneiro da organização. A Scorpia o está treinando. Acho que devemos aumentar sua segurança imediatamente.

— E a sua?

— Eu não estava na ponte Albert — Blunt deixou o retrato sobre a mesa.

— Quero todos os agentes de Veneza em alerta imediato e acho melhor acionarmos os aeroportos e todos os pontos de entrada para o Reino Unido. Quero que Alex Rider seja localizado e trazido para cá.

— Sem sofrer nenhum ferimento — a declaração era quase um desafio.

Blunt olhou para ela com uma expressão vazia.

— Como for necessário.

A TORRE DO SINO

— ENTÃO, ALEX, O QUE VOCÊ VÊ?

Alex estava sentado em uma cadeira de couro dentro de uma sala branca no fundo do monastério. Ele olhava para um sorridente homem de meia-idade sentado do outro lado da mesa. O nome desse homem era dr. Karl Steiner e, embora falasse com um ligeiro sotaque alemão, chegara à ilha vindo da América do Sul. Era psiquiatra e tinha a aparência de psiquiatra: óculos prateados, cabelos finos e olhos sempre mais inquisitivos do que amigáveis. O dr. Steiner segurava um cartão branco onde se viam manchas pretas. Elas não representavam nada em especial. Eram só uma série de borrões. Mas Alex devia ser capaz de interpretá-las.

Ele pensou por um momento. Sabia que esse teste tinha um nome, teste de Rorschach. Já tinha visto sua aplicação em um filme. Devia ser importante. Mas não tinha certeza de ver alguma coisa específica no cartão.

— Acho que é um homem voando pelo céu — Alex falou depois de um tempo. — Ele está carregando uma mochila.

— Excelente! Muito bom! — o dr. Steiner deixou o cartão sobre a mesa e pegou outro. — E este?

A segunda forma foi mais fácil.

— É uma bola de futebol sendo inflada — Alex respondeu.

— Bom, obrigado.

O dr. Steiner deixou o segundo cartão em cima do primeiro e por um momento a sala ficou em silêncio. Alex ouvia o som de disparos lá fora. Os outros alunos estavam no treino de tiro. Mas, da janela da sala do médico, a área de treino não era visível. Talvez a sala houvesse sido projetada com essa finalidade.

— Então, está se adaptando? — perguntou o dr. Steiner.

Alex deu de ombros.

— Sim, estou bem.

— Não tem ansiedades? Nada que gostaria de discutir?

— Não, está tudo bem, obrigado, dr. Steiner.

— Bom. Isso é bom — o psiquiatra parecia decidido a ser simpático. Alex imaginou se a consulta havia terminado, mas o médico abriu uma pas-

ta.

— Tenho aqui seu histórico médico.

Por um momento, Alex ficou nervoso. Havia passado por uma avaliação física em seu primeiro dia na ilha. Vestindo apenas a cueca, fora submetido a uma bateria de exames aplicados por uma enfermeira, uma matrona que quase não falava inglês e, aparentemente, havia sido trazida de Veneza. Ela colhera amostras de sangue e urina, medira pulsação e pressão, examinara visão, audição e reflexos. Teriam encontrado alguma coisa errada?

Mas o dr. Steiner ainda sorria.

— Você está em muito boa forma, Alex — disse. — Fico feliz por saber que esteve se cuidando. Não come porcaria, não fuma... Muito sensato.

Ele abriu uma gaveta da escrivaninha de onde tirou uma seringa hipodérmica e um pequeno frasco. Alex o viu inserir a agulha na tampa da embalagem e encher a seringa.

— O que é isso? — perguntou.

— De acordo com o resultado dos exames, você está um pouco debilitado. É esperado, depois de tudo que enfrentou. A rotina nesta ilha exige resistência e boa forma. O médico sugeriu um suplemento vitamínico. É só isso — ele segurou a seringa contra a luz e apertou o êmbolo, expulsando uma gota do líquido cor de âmbar. — Levante a manga, por favor.

Alex hesitou.

— Pensei que fosse psiquiatra — disse.

— Sou devidamente qualificado para aplicar uma injeção — o dr. Steiner levantou o dedo num gesto de acusação. — Não vá me dizer que tem medo de uma pequena picada!

— Não. Não é isso — Alex levantou a manga da blusa.

Dois minutos depois, estava fora do consultório.

Havia perdido parte do treino de tiro por causa da consulta, mas ainda podia se juntar aos outros alunos e aproveitar o final do treinamento. A área de treino de tiro ficava na parte ocidental da ilha, o lado mais afastado de Veneza. Embora a Scorpia tivesse permissão legal para estar em Malagosto, ninguém queria chamar atenção com o som dos tiros, e o bosque proporcionava uma barreira natural. Havia uma faixa de terra comprida e plana, sem nenhum tipo de vegetação além da relva, e a escola construía ali uma cidade com escritórios e lojas que nada mais eram se não fachadas, como o cenário de um filme. Alex já havia estado ali duas vezes, atirando contra alvos

de papel, círculos pretos com o alvo bem no centro, que apareciam de repente nas janelas e portas.

O especialista técnico Gordon Ross era um homem de cabelos claros que parecia ter desenvolvido a maior parte de suas habilidades nas cadeias mais sombrias da Escócia e estava no comando do treino de tiro. Ele sorriu ao ver Alex se aproximar.

— Boa tarde, sr. Rider. Como foi a consulta com o psiquiatra? Ele disse que você é doido? Se não disse, não entendo o que ainda está fazendo aqui!

Havia alguns alunos em volta dele, descarregando e preparando as armas. Alex já conhecia todos. Klaus, um alemão mercenário que treinara com o Talibã no Afeganistão. Walker, que passara cinco anos com a CIA em Washington antes de decidir que podia ganhar mais dinheiro do outro lado. Uma das duas mulheres que vira no primeiro dia se tornara bem próxima de Alex. Às vezes, o garoto se perguntava se ela havia sido especialmente escolhida para cuidar dele. Era Amanda, uma ex-soldado do Exército israelense na Faixa de Gaza. Ao vê-lo, ela levantou a mão num cumprimento. Parecia realmente feliz por encontrá-lo.

Todos pareciam felizes com sua presença. Era estranho. Havia sido aceito na rotina diária de Malagosto sem nenhum problema, o que era impressionante. Alex lembrou a ocasião em que o MI6 o enviara para treinamento com o Serviço Aéreo Especial no País de Gales. Sentira-se excluído desde o primeiro instante, indesejado e ignorado, uma criança em um mundo de adultos. Nesse novo grupo, também era o mais jovem, mas agora isso não parecia ser importante. Pelo contrário. Era aceito e tratado com simpatia pelos outros alunos.

— Chegou bem a tempo de mostrar o que é capaz de fazer antes de irmos almoçar — disse Gordon Ross. Seu sotaque escocês fazia quase tudo soar como um desafio. — Obteve uma pontuação bem alta antes de ontem. Na verdade, foi o segundo da turma. Vamos ver se pode melhorar hoje. Pode ser que eu tenha lhe preparado uma surpresinha!

Ele entregou uma arma a Alex, uma pistola semiautomática FN produzida na Bélgica. Alex a pesou na palma da mão, tentando encontrar o equilíbrio entre o corpo e a arma. Ross havia explicado que isso era essencial para a técnica que ele chamava de “disparo instintivo”.

— Lembre: você tem que atirar instantaneamente. Não pode parar para apontar, ou morre. Em uma situação real de combate, não há tempo a per-

der. Você e a arma devem ser um só. E, se acreditar que é capaz de acertar o alvo, você vai acertar o alvo. É isso que significa disparo instintivo.

Alex deu um passo à frente, segurando a arma junto do corpo com o braço abaixado, observando as falsas portas e janelas diante dele. Sabia que não haveria aviso prévio. A qualquer momento, apareceria um alvo. E, quando isso acontecesse, teria que atirar.

Ele esperou. Sabia que os outros alunos o observavam. Pelo canto do olho, identificava apenas a silhueta de Gordon Ross. O professor estava sorrindo?

Um movimento súbito.

Um alvo surgiu em uma janela superior e, num piscar de olhos, Alex viu que os inocentes alvos de círculos pretos haviam sido substituídos. Agora havia uma foto no lugar do desenho. A foto colorida e em tamanho natural de um homem jovem. Alex não sabia quem era... nem tinha importância. Era um alvo.

Não havia tempo para hesitação.

Alex levantou a pistola e atirou.

Naquele dia, um pouco mais tarde, Oliver D'Arc, diretor do Centro de Avaliação e Treinamento da Scorpia, conversava com Julia Rothman em seu escritório. A imagem da mulher preenchia toda a tela do laptop sobre a mesa da sala dele, em Malagosto. Havia uma webcam acoplada ao equipamento, e a imagem dele devia aparecer simultaneamente em algum cômodo do Ca' Vedova, no outro lado do mar, em Veneza. A sra. Rothman nunca ia à ilha. Sabia que o local era vigiado tanto pelo serviço de inteligência inglês como pelo americano e, um dia, um dos dois poderia sucumbir à tentação de disparar um míssil não nuclear contra a ilha. Era muito perigoso.

Essa era a segunda conversa que tinham desde que Alex chegara. Eram exatamente 19 horas. Do lado de fora, o sol começava a se pôr.

— Então, como ele tem se saído? — perguntou a sra. Rothman. A webcam não a favorecia. Seu rosto na tela era frio e pálido.

D'Arc pensou um pouco, deslizando o polegar e o indicador pelas laterais do queixo, alisando a barba.

— O menino é excepcional, não há dúvida — respondeu. — É claro, o tio dele, Ian Rider, o treinou desde sempre... quase desde que nasceu. E fez um bom trabalho, tenho que admitir.

— E...

— Ele é muito inteligente. Rápido. Todos aqui em Malagosto gostam muito dele, de verdade. Porém, infelizmente, tenho dúvidas sobre a utilidade desse garoto para nós.

— Lamento saber disso, professor D’Arc. Pode ser mais claro?

— Vou lhe dar dois exemplos, sra. Rothman. Hoje à tarde, Alex voltou ao treino de tiro. Nós o submetemos a uma aula de disparo instintivo. Ele nunca havia feito isso antes e vários dos nossos alunos precisam de semanas para dominar essa habilidade. Após algumas horas de treino, Alex já obteve resultados impressionantes. No final do segundo dia, ele alcançou 72% de aproveitamento.

— Não vejo nada de errado.

D’Arc se mexeu na cadeira. Já era um homem pequeno e, vestindo terno formal e gravata, ele parecia encolher ainda mais, tanto que cabia inteiro na tela do computador da sra. Rothman, lembrando um boneco de ventríloquo.

— Hoje trocamos os alvos — ele explicou. — No lugar dos círculos pretos sobre fundo branco, Alex devia atirar contra fotografias de homens e mulheres. Ele foi orientado a apontar para os pontos vitais, como coração e área entre os olhos.

— E como ele se saiu?

— Aí é que está. O aproveitamento caiu para 46%. Ele errou vários alvos — D’Arc tirou os óculos e os limpou com um lenço. — Também tenho os resultados do teste psicológico a que ele foi submetido. Aplicamos o Rorschach, no qual o sujeito é convidado a identificar várias manchas e...

— Sei o que é um Rorschach, professor.

— É claro. Desculpe-me. Pois bem, há uma mancha que todos os alunos que fizeram o teste identificaram como um homem caído numa poça de sangue. Mas Alex não. Ele disse ter visto um homem voando com uma mochila. Outra mancha, invariavelmente identificada como uma arma apontada para a cabeça de alguém, foi interpretada por ele como uma bola de futebol sendo inflada. Em seu primeiro dia na ilha, Alex me disse que não seria capaz de matar ninguém e devo dizer que, de acordo com seu perfil psicológico, ele parece não ter o que se pode chamar de instinto assassino.

Houve uma longa pausa. A imagem na tela do computador tremulou.

— Isso é muito decepcionante — prosseguiu D’Arc. — Depois de conhecer Alex, estou convencido de que um assassino adolescente seria muito

conveniente para nós. As possibilidades são quase ilimitadas. Acho que devemos considerar prioritária a localização de um agente com essas características.

— Duvido que existam muitos outros com a experiência de Alex.

— Foi o que eu disse no início da nossa conversa. Porém, mesmo assim...

Houve outra pausa. A sra. Rothman tomou uma decisão.

— Alex já fez os exames médicos? — ela perguntou.

— Sim. Tudo foi feito de acordo com suas instruções.

— Muito bem. Disse que Alex não é capaz de matar em nome da Scorpia, mas é possível que esteja enganado. É só uma questão de dar a ele o alvo certo... e não me refiro a fotos coladas em papel.

— Quer enviá-lo em uma missão?

— Como sabe, a Espada Invisível está prestes a entrar em sua segunda frase crítica. Introduzir Alex nessa operação pode ser interessante, no mínimo. E, se ele se sair bem, o que acredito que é possível, será muito útil para nós. Eu diria que o momento não poderia ser melhor.

Julia Rothman se aproximou da câmera, de forma que seus olhos quase encheram a tela.

— Vou dizer o que quero que faça.

Havia 247 degraus até o topo da torre do sino. Alex sabia, porque contara um por um. A base da torre era vazia, só uma área com paredes de tijolos e cheiro de umidade. O local havia sido abandonado por anos, era evidente. Os sinos tinham sido roubados ou caíram e se perderam. A escada de pedra subia sinuosa acompanhando o contorno da torre, cujas janelas pequenas deixavam entrar pouca luz, apenas o suficiente para enxergar. Havia uma porta no alto. Alex temia encontrá-la trancada. A torre era usada ocasionalmente, quando havia algum exercício de camuflagem e os alunos tinham que ir de um lado ao outro da ilha. Era um posto de observação útil. Mas o garoto nunca havia ido até o topo.

A porta estava aberta. Por ela era possível chegar a uma plataforma quadrada de nove ou dez metros de largura, sem paredes ou cobertura. No passado, uma balaustrada de metal cercara a área, tornando-a segura, mas em algum momento essa proteção fora removida, por esse motivo agora o piso

terminava no nada. Se Alex desse três passos para a frente, despencaria no vazio. Cairia para a morte.

Cauteloso, Alex se aproximou da beirada da plataforma e olhou para baixo. Estava certo sobre o pátio do monastério. Era possível ver a *makiwara* montada naquele espaço no início da tarde. O poste pesado tinha revestimento grosso de couro e a altura de um adulto. Era utilizado para a prática de golpes de caratê e kickboxing. Mas não havia ninguém treinando. As aulas do dia estavam encerradas e os alunos descansavam antes do jantar.

Ele olhou mais além, para o bosque que cercava o prédio, já escuro e impenetrável. O sol mergulhava no mar, derramando sobre a água seus últimos raios de luz. Ao longe, era possível ver as luzes da cidade de Veneza. O que estaria acontecendo lá naquele instante? Turistas saíam dos hotéis procurando bares e restaurantes. Devia haver concertos em algumas igrejas. Os gondolheiros amarravam seus barcos. O inverno ainda estava longe, mas a temperatura à noite já caía o suficiente para ninguém mais se interessar por cruzeiros noturnos. Alex ainda tinha dificuldade para acreditar que a ilha com todos os seus segredos podia existir tão perto de um dos destinos turísticos mais famosos do mundo. Dois mundos. Lado a lado. Mas um deles era cego, totalmente ignorante da existência do outro.

Alex ficou ali imóvel, sentindo a brisa brincar com seu cabelo. Vestia apenas uma camiseta de mangas longas e jeans e sentia o frio da noite. Mas era uma sensação distante. Era como se houvesse se tornado parte da torre, uma estátua ou gárgula. Estava ali porque não tinha outro lugar para onde ir. Não tinha mais alternativa.

Ele pensou nos últimos dias. Há quanto tempo estava na ilha? Não tinha a menor ideia. Em vários aspectos, era como estar na escola. Havia professores e salas de aula, lições e horários, e os dias iam se fundindo numa sequência interminável. A única diferença era que, ali, as matérias eram bem diferentes daquelas que estudara na Brookland.

Alex teve aula de história. O professor era Gordon Ross. Mas sua versão da matéria não tinha nenhuma relação com reis e rainhas, batalhas e tratados. Ross era especialista em história das armas.

— Muito bem, esta é uma faca de dois gumes. Foi desenvolvida na 2ª Guerra Mundial, por Fairbairn e Sykes. Um era um especialista em morte silenciosa, o outro, um mestre com o rifle. Não é uma beleza? Vocês pode-

rão ver que a faca tem uma lâmina de quase 20 centímetros com uma guarda e tem o cabo dentado. É projetada para caber exatamente na palma da mão. Talvez seja um pouco pesada para você, Alex, porque sua mão ainda não se desenvolveu completamente. Mas é a melhor arma de assassinato jamais inventada. Pistolas são barulhentas. E toda arma de fogo pode emperrear, negar fogo. Mas a faca é uma verdadeira amiga. Faz o trabalho instantaneamente e nunca falha.

Também fez prática de campo com o professor Yermalov. Como Nile dissera, ele era o menos simpático entre os integrantes da equipe em Malagosto, um homem carrancudo e silencioso de seus 50 anos, alguém que não tinha tempo para Alex. Mas o garoto logo descobriu por quê. Yermalov era da província da Chechênia e havia perdido a família inteira na guerra contra a Rússia.

— Hoje vou mostrar a vocês como podemos ficar invisíveis — disse.

Alex não conteve um meio sorriso.

Yermalov viu.

— Acha que estou aqui brincando, sr. Rider? Acha que falo sobre livros infantis, sobre uma capa da invisibilidade, talvez? Está enganado. Estou aqui para ensinar a habilidade dos ninjas, os maiores espões que o mundo já viu. Os assassinos ninjas do Japão feudal tinham a fama de poder desaparecer no ar. Na verdade, eles utilizavam os cinco elementos da fuga, o *gottonpo*. Não era magia, mas ciência. Eles são capazes de se esconder embaixo da água e respirar por um tubo. Podem se enterrar alguns centímetros abaixo da superfície da terra. Usando roupas de proteção apropriadas, eles se escondem no meio do fogo. Para desaparecer no ar, esses homens carregam, escondida, uma corda ou até mesmo uma escada de corda. E há outras possibilidades. Eles desenvolveram a arte da remoção da visão, com substâncias ofuscantes. Cegue o inimigo com fumaça ou substância química e você se tornará invisível. E é isso o que vou mostrar a vocês agora e hoje à tarde a sra. Binnag demonstrará como fazer um pó para cegar usando pimentas...

Já haviam feito outros exercícios. Como montar e desmontar uma pistola automática tendo os olhos vendados. (Alex derrubara todas as peças, para grande diversão dos outros alunos.) Como usar o medo. Como usar a surpresa. Como direcionar a agressão. Dispunham de livros — um manual das partes mais vulneráveis do corpo humano escrito por um tal de dr. Three —

e também de lousas e faziam até provas teóricas. Os alunos se sentavam em salas, em carteiras comuns. Havia apenas uma diferença. Aquela era uma escola de assassinos.

E Alex havia assistido à demonstração. Nunca mais esqueceria aquela experiência.

Uma tarde, os alunos foram reunidos no pátio principal, onde Oliver D'Arc estava em pé ao lado de Nile, que vestia seu quimono branco de judô e tinha a faixa preta amarrada na cintura. Era estranho como essas duas cores pareciam cercá-lo, como se debochassem o tempo todo de sua doença.

— Nile foi um de nossos alunos mais bem-sucedidos — explicou D'Arc. — Desde que esteve aqui em treinamento, ele progrediu na hierarquia da Scorpia com missões de grande sucesso em Washington, Londres, Bangcoc, Sydney... enfim, no mundo todo. Ele vai demonstrar algumas de suas técnicas. Tenho certeza de que podem aprender muito com Nile — D'Arc se inclinou. — Obrigado, Nile.

Durante os 30 minutos seguintes, Alex viu uma demonstração de força e preparo físico que jamais esqueceria. Nile arrebentava tijolos e tábuas com os cotovelos, punhos e com os pés descalços. Três alunos o cercaram com longos bastões de madeira. Desarmado, ele superou o trio executando movimentos contínuos tão rápidos que às vezes suas mãos eram só um lampejo no ar. Depois, ele fez demonstrações com uma variedade de armas ninjas: facas, espadas, lanças e correntes. Alex o viu lançar uma dúzia de *shuriken* contra um alvo de madeira. Essas armas eram projéteis mortais em forma de estrela que giravam no ar, cada ponta de aço afiada como uma faca. Uma depois da outra, elas ficaram cravadas na madeira, atingindo o círculo interno do alvo. Nile nunca errava. E esse era o homem com uma fraqueza secreta? Alex não conseguia vê-la e agora entendia como havia sido vencido com tanta facilidade no Ca' Vedova. Não tinha a menor chance contra um homem como Nile.

Mas estavam do mesmo lado.

Alex se lembrou disso enquanto contemplava a ilha do topo da torre do sino, vendo a noite se aproximar para dominar a paisagem. Havia feito sua escolha. Agora era parte da Scorpia.

Como seu pai.

Não conseguia tirar as imagens da mente. Os três agentes da Scorpia de um lado da ponte. A sra. Jones falando pelo radiotransmissor. A traição.

John Rider caindo para a frente, ficando imóvel no chão.

Alex sentiu o ódio crescer dentro dele. Era mais forte que tudo que já sentira na vida. Não sabia se algum dia poderia voltar a viver como as pessoas comuns. Era como se não houvesse nenhum lugar para onde ir. Talvez fosse melhor para todos se desse um passo adiante. Já estava na beirada da plataforma no alto da torre. Por que não deixar a noite tomar conta de tudo?

— Alex.

Não ouvira passos. Quando olhou em volta, ele viu Nile parado na porta, com uma das mãos apoiada no batente.

— Estava procurando-o, Alex. O que faz aqui?

— Estava pensando, só isso.

— O professor Yermalov disse que viu quando você veio para cá. Não deveria estar aqui.

Alex estava esperando que Nile se aproximasse, mas ele ficou onde estava, ainda com a mão apoiada ao batente.

— Queria ficar sozinho — Alex explicou.

— Acho que devia descer. Pode cair daí.

Alex hesitou. Depois moveu a cabeça numa resposta afirmativa.

— Tudo bem.

Ele seguiu Nile pela escada e os dois chegaram juntos ao chão.

— *Monsieur D’Arc* quer vê-lo — Nile avisou.

— Para me reprovar?

— De onde tirou essa ideia? Você tem se saído muito bem. Todos estão muito satisfeitos com você. Chegou aqui há uma semana, apenas, e fez grandes progressos.

Eles voltaram juntos. Alguns alunos passaram pela dupla e levantaram a mão num cumprimento rápido. No dia anterior, Alex tinha visto os colegas lutando com espadas como se houvesse entre eles um ódio mortal. Eram assassinos letais. E eram seus amigos. Ele balançou a cabeça e seguiu Nile de volta ao monastério, para o escritório de D’Arc.

Como sempre, o diretor estava sentado atrás da mesa. Sua aparência era impecável e, também como sempre, tinha a barba perfeitamente aparada.

— Sente-se, por favor, Alex — falou. Digitou alguma coisa no computador, olhando para a tela através das lentes dos óculos e depois continuou. — Tenho aqui alguns resultados. Vai gostar de saber que todos os professores

elogiam o seu aproveitamento — D’Arc franziu o cenho. — Apesar disso, temos um pequeno problema. Seu perfil psicológico...

Alex não disse nada.

— Essa coisa de matar — D’Arc continuou. — Ouvi o que você disse quando estive na minha sala pela primeira vez e, como observei na ocasião, há muitas outras coisas que pode fazer pela Scorpia. Mas o problema, meu caro garoto, é que você tem medo de matar, portanto tem medo de nós. Não é um de nós, não inteiramente... e receio que jamais venha a ser. Isso não é satisfatório.

— Está me pedindo para ir embora? — Alex perguntou.

— De jeito nenhum. Só peço para confiar um pouco mais em nós. Estou procurando um jeito de fazer você se sentir mais integrado ao grupo. E acho que tenho a resposta.

D’Arc desligou o computador e saiu de trás da mesa. Ele vestia outro terno, todos os dias usava um diferente. O atual era marrom com um padrão de riscas em zigue-zague.

— Você tem que aprender a matar — disse de repente. — E vai ter que matar sem hesitar. Porque, depois de conseguir pela primeira vez, vai ver que na verdade não é grande coisa. É como mergulhar em uma piscina. Fácil assim. Mas precisa atravessar a barreira psicológica, Alex, se quiser se tornar um de nós — ele levantou a mão. — Sei que você é muito jovem. Sei que isso não é fácil. Mas quero ajudá-lo. Quero tornar isso menos doloroso para você. E acho que posso.

Alex o ouvia com atenção.

D’Arc continuou:

— Vou mandá-lo para a Inglaterra amanhã. Será sua primeira missão pela Scorpia e, se for bem-sucedido, não terá volta. Você saberá que é realmente um de nós, e nós saberemos que podemos confiar em você. Mas a boa notícia... — D’Arc sorriu exibindo dentes que não pareciam ser verdadeiros. — Escolhemos a pessoa que mais merece morrer em todo o mundo. Alguém que você tem motivos para desprezar e por quem sente um ódio que, esperamos, vai ajudá-lo a seguir em frente, removendo todas as dúvidas que ainda possam persistir.

— De quem está falando?

— Da chefe de operações do MI6. Sra. Jones. É ela que queremos que mate.

“EXMO. SENHOR PRIMEIRO-MINISTRO...”

POUCO DEPOIS DAS 7H30, um homem desceu de um táxi em Whithall, pagou com uma nota nova de dez libras e começou a percorrer a pé a pequena distância até Downing Street, lar do primeiro-ministro britânico. O homem havia começado sua jornada em Paddington, mas não morava lá. Nem chegara a Londres de trem. Tinha cerca de 30 anos e cabelos claros e curtos. Vestia terno e gravata.

Não era possível entrar na Downing Street. A rua se tornara inacessível desde que Margaret Thatcher erguera os portões antiterrorismo. A Inglaterra é a única democracia cujos líderes sentem necessidade de se esconder atrás de grades de ferro. Como sempre, havia ali um policial, que estava chegando ao fim do turno de oito horas que o mantivera acordado a noite inteira.

O homem se aproximou dele segurando um envelope branco e simples feito do mais fino papel. Mais tarde, uma análise revelaria que o envelope havia sido vendido por um fornecedor em Nápoles. Não haveria impressões digitais, embora o mensageiro que o entregara não usasse luvas. Ele não tinha impressões digitais. Os sinais haviam sido removidos por cirurgia.

— Bom dia — disse sem nenhum sotaque. A voz era agradável e educada.

— Bom dia, senhor.

— Trago uma carta para o primeiro-ministro.

O policial ouvia essa mesma declaração uma centena de vezes. Havia grupos de descontentes e ativistas, pessoas com queixas, outras precisando de ajuda. Frequentemente, vinham com cartas e petições, esperando que as solicitações chegassem à mesa do primeiro-ministro. O policial era simpático, treinado para sua função.

— Obrigado, senhor. Se quiser deixar a carta comigo, ela será entregue.

O policial pegou a carta, por isso mais tarde suas digitais seriam as únicas identificadas. Na frente do envelope, estava escrito com letras fluidas e impecáveis: “Aos cuidados do Primeiro-Ministro da Grã-Bretanha, Primeiro Lorde do Almirantado, 10 Downing Street”. Ele a levou para um escritório comprido e estreito que era pouco mais que uma tenda e por onde todas

as pessoas do povo tinham que passar antes de entrar na famosa rua. Esse era o máximo que a carta se aproximaria do número 10. Ela seria redirecionada para um gabinete onde uma secretária, uma entre uma dezena ou uma dúzia, a abriria e leria. Se necessário, seria encaminhada ao departamento apropriado. O mais provável era que, depois de algumas semanas, o remetente recebesse uma resposta-padrão impressa.

Mas aquela carta era diferente.

Quando o oficial do turno a recebeu, virou-a e viu o escorpião prateado carimbado do outro lado. As organizações terroristas e criminosas usavam muitos símbolos e códigos com o objetivo de serem imediatamente identificadas, de modo que as autoridades as tratassem com seriedade. O oficial do turno soube na mesma hora que tinha em mãos uma mensagem da Scorpia, o que o fez apertar o botão do pânico e alertar meia dúzia de policiais do lado de fora.

— Quem trouxe isto? — perguntou.

— Uma pessoa como outra qualquer... — o policial era idoso e já se preparava para encerrar a carreira. Depois desse episódio, o fim poderia estar consideravelmente mais próximo. — Um jovem de cabelos claros vestindo um terno.

— Vá ver se consegue encontrá-lo.

Mas era tarde demais. Segundos depois de ter deixado a carta, o jovem de terno entrou em um táxi e desapareceu. Esse táxi não era licenciado; usava chapa fria. Menos de um quilômetro depois, o rapaz desceu do carro e se misturou aos passageiros que saíam da Estação Charing Cross. Naquele momento, o cabelo dele estava castanho-escuro. Ele havia tirado o paletó e colocara óculos de sol. Nunca mais se saberia dele.

Às 10 horas daquela manhã, a carta havia sido fotografada e o papel analisado. O envelope passara por uma verificação em busca de traços de agentes bioquímicos. O primeiro-ministro não estava no país. Havia ido à Cidade do México para ser fotografado com outros líderes mundiais em uma reunião para tratar de questões ambientais. Era meio da noite na América Central, mas ele foi acordado e informado sobre a carta. E já estava a caminho de casa.

Enquanto isso, dois homens se encontravam em seu escritório particular. Um deles era o secretário permanente do gabinete. O outro era o diretor de

comunicações. Cada um tinha uma cópia da carta — três folhas impressas sem assinatura.

O teor era o seguinte:

Exmo. Senhor Primeiro-Ministro,

É com pesar que informamos V. Exa. que estamos prontos para levar o terror ao Reino Unido.

Agimos de acordo com instruções de um cliente estrangeiro que deseja realizar certos ajustes no equilíbrio do poder mundial. Ele faz quatro exigências:

- 1. Os americanos devem retirar todas as tropas e todo o pessoal do serviço secreto de todos os países do mundo. Nunca mais os americanos agirão como “polícia internacional”.*
- 2. Os americanos devem anunciar que vão destruir todo o seu programa de armas nucleares, bem como o sistema de armas convencionais de longo alcance. Vamos permitir que esse processo se estenda por até seis meses, prazo em que deverá ser concluído. No fim desse período, os Estados Unidos deverão estar desarmados.*
- 3. A soma de um bilhão de dólares deve ser depositada no Banco Mundial, e esse dinheiro será usado para reconstruir países pobres e países prejudicados por guerras recentes.*
- 4. O presidente dos Estados Unidos deve renunciar imediatamente.*

Primeiro-ministro, deve estar se perguntando por que esta carta foi endereçada a V. Exa., uma vez que as exigências nela contidas dizem respeito ao governo americano.

A resposta é simples. Como o “melhor amigo” dos Estados Unidos, V. Exa. sempre apoiou a política externa desse país. Agora é hora de descobrir se eles serão tão leais quanto seu país tem sido a eles.

Se eles se recusarem a cumprir as exigências, seu país pagará o preço.

Vamos esperar três dias. Mais precisamente, estamos preparados para conceder exatamente 72 horas, que começarão a ser contadas no momento em que a carta for entregue. Dentro desse prazo, esperamos ouvir o presidente dos Estados Unidos concordar com nossas exigências. Caso contrário, imporemos uma terrível sanção ao povo do Reino Unido.

Devemos informar-lhe que desenvolvemos uma nova arma chamada “Espada Invisível”. A arma está aprimorada e pronta para uso. Se o presi-

dente dos Estados Unidos não cumprir as quatro exigências dentro do prazo estipulado, então — às 16 horas da próxima quinta-feira — muitos milhares e talvez até centenas de milhares de alunos das escolas de Londres morrerão. E permita-nos assegurar sinceramente que isso não poderá ser evitado. A tecnologia já está preparada. Os alvos foram selecionados. Esta não é uma ameaça vazia.

Achamos razoável que possa ter dúvidas quanto ao poder da Espada Invisível.

Por isso, providenciamos uma demonstração. Hoje à tarde, a seleção de futebol reserva da Inglaterra estará voltando da Nigéria, onde participou de vários amistosos. Quando V. Exa. estiver lendo esta carta, a seleção já terá embarcado e decolado. A chegada dos jogadores ao aeroporto de Heathrow está prevista para as 14h05. Exatamente às 14h15, os 18 membros desse time, incluindo treinadores e reservas, serão mortos. V. Exa. não pode fazer nada para salvá-los. Não há como protegê-los. Resta apenas assistir. Esperamos que a ação sirva para provar que estamos falando sério e que, portanto, V. Exa. deve tomar todas as medidas necessárias para convencer os americanos a atenderem nossas reivindicações. Assim, será evitado o terrível e inútil massacre de milhares de crianças e jovens do seu povo.

Tomamos a liberdade de enviar uma cópia desta carta ao embaixador americano em Londres. Estaremos assistindo aos canais de notícias e esperando um pronunciamento. V. Exa. não receberá mais nenhum comunicado nosso. Repetimos: as exigências não são negociáveis. A contagem regressiva já começou.

*Atenciosamente,
SCORPIA*

Houve um longo silêncio rompido apenas pelo tique-taque de um relógio muito antigo. Os dois homens leram a carta quatro, cinco vezes. Um observava o outro, tentando antecipar uma reação. Eles não poderiam ser mais diferentes. Nem poderiam ter mais antipatia um pelo outro.

Sir Graham Adair, secretário permanente do gabinete, era funcionário civil há mais tempo do que alguém pudesse lembrar... nunca fazendo parte integrante de nenhum governo, sempre servindo a todos eles e (comentava-se) controlando-os. Ele agora tinha 60 anos, longos cabelos grisalhos e um rosto muito acostumado a disfarçar emoções. Como sempre, ele vestia terno

escuro e antiquado. Era o tipo de homem que se mexia pouco e nunca dizia nada sem antes pensar muito, considerar todas as palavras. Havia trabalhado com cinco primeiros-ministros diferentes ao longo da vida e tinha opiniões distintas sobre cada um deles. Mas nunca contara a ninguém, nem mesmo à esposa, seus pensamentos mais íntimos. Ele era o servidor público perfeito. Uma das pessoas mais poderosas do país, achava maravilhoso que seu nome fosse pouco conhecido

O diretor de comunicações nem havia nascido quando sir Graham entrou pela primeira vez na Downing Street. Mark Kellner era um dos inúmeros “conselheiros especiais” com os quais o primeiro-ministro gostava de se cercar... e também era o mais influente. Havia feito o curso universitário — economia e política — com a esposa do primeiro-ministro. Trabalhara na TV por um tempo, até ser convidado a tentar a sorte nos corredores do poder. Era um homem pequeno e magro, de cabelos crespos e abundantes e óculos. Ele também vestia terno. Havia caspa sobre os ombros.

Foi Kellner quem rompeu o silêncio com uma única palavra de baixo calão. Sir Graham o encarou surpreso. Ele nunca usava esse tipo de linguagem.

— Não acredita nessa baboseira, acredita? — perguntou Kellner.

— A carta foi enviada pela Scorpia — respondeu Sir Graham. — Já lidei com essa organização várias vezes no passado e devo dizer que eles não se tornaram conhecidos por fazerem ameaças vazias.

— Acha mesmo que eles inventaram algum tipo de arma secreta? Uma espada invisível? — Kellner não conseguia disfarçar o desprezo que vibrava em sua voz. — O que vai acontecer? Eles vão brandir uma espécie de varinha mágica e todos cairão mortos?

— Como já disse, sr. Kellner, acredito que a Scorpia não teria mandado esta carta se não tivesse meios de cumprir o que promete. Essa é, provavelmente, a mais perigosa organização criminosa no mundo todo. Maior que a máfia, mais implacável que a tríade.

— Está bem, então me diga que tipo de arma poderia aniquilar crianças? Milhares... talvez centenas de milhares de alunos. É o que eles prometem. O que vão fazer! Disparar uma bomba no playground? Ou percorrer as escolas lançando granadas?

— Eles dizem que a arma foi aprimorada e está pronta para ser usada.

— A arma não existe! — Kellner bateu com a mão aberta sobre sua cópia da carta. — E, mesmo que exista, essas exigências são ridículas. Os americanos nunca retirarão suas tropas de lugar nenhum. E quanto à sugestão de desmontar seus sistemas bélicos... a Scorpia acha mesmo que essa reivindicação vai ser considerada? Os americanos amam armas! Se mostrarmos esta carta ao presidente, ele vai rir de nós.

— O MI6 não descarta a possibilidade de essa arma existir.

— Falou com eles?

— Conversei por telefone com Alan Blunt hoje de manhã. E mandei para ele uma cópia da carta. Como eu, ele acredita que devemos tratar a questão com o máximo de seriedade.

— O primeiro-ministro abreviou a visita ao México — Kellner resmungou. — Está voltando neste momento. Não sei como se pode ser mais sério!

— Tenho certeza de que todos nós vamos demonstrar nossa gratidão ao primeiro-ministro por ter interrompido sua conferência — sir Graham respondeu seco. — Mas acho que deveríamos pensar mais no avião que está trazendo de volta os jogadores de futebol. Entrei em contato com a British Airways. O voo 0074 ficou retido no aeroporto de Lagos ontem e só decolou hoje de manhã... às 9 horas, horário da Inglaterra. Vai pousar em Heathrow às 14h05, como diz a carta. E o time reserva de futebol está a bordo.

— E o que acha que devemos fazer? — perguntou Kellner.

— É muito simples. A ameaça ao avião está em Heathrow. A Scorpia nos ajudou fornecendo local e hora, pelo menos. Portanto, devemos alterar a rota do voo imediatamente. Ele pode aterrissar em Birmingham ou Manchester. Nossa prioridade é garantir a segurança dos atletas.

— Acho que não estou de acordo com isso.

Sir Graham olhou para o oficial de comunicação sem esconder seu desprezo por ele. Havia tido uma longa conversa com Alan Blunt naquela manhã. Os dois se conheciam bem. Ambos esperavam aquilo.

— Vou expor meu modo de pensar — Kellner continuou. Ele levantou os dois dedos indicadores, como se quisesse emoldurar o que tinha para dizer. — Sei que o senhor tem medo da Scorpia. Já deixou isso bem claro. Muito bem, li as exigências da organização e, pessoalmente, acho que eles são um bando de idiotas. Mas, de qualquer maneira, nos deram uma chance de desmascarar o blefe. Redirecionar o time é a última coisa que queremos fazer! Podemos usar a chegada do avião para testar essa tal Espada Invisível. E às

14h30 saberemos que ela não existe, e poderemos jogar a carta da Scorpia no lugar onde ela merece estar: no lixo!

— Está disposto a arriscar a vida dos atletas?

— Não há nenhum risco. Vamos criar uma rede de segurança em torno do aeroporto de Heathrow, ninguém vai poder se aproximar do local. A carta afirma que os jogadores serão atacados exatamente às 14h15. Podemos descobrir quem está no avião. Depois, vamos posicionar uma centena de soldados armados em torno da aeronave imediatamente após o pouso. A Scorpia pode vir com sua arma, daí veremos exatamente o que é e como funciona. Qualquer pessoa que tentar entrar no aeroporto será presa. Fim da história. Fim da ameaça.

— E como vai colocar uma centena de soldados armados no aeroporto de Heathrow? — sir Graham perguntou. — Vai provocar uma onda nacional de pânico.

Kellner riu.

— Acha que não consigo criar um pretexto para essa ação? Direi que é um exercício de treinamento. Ninguém vai estranhar.

Sir Graham suspirou. Em alguns momentos se perguntava se não estava ficando velho demais para aquele tipo de trabalho. E aquele era, definitivamente, um desses momentos. Só havia mais uma pergunta a fazer. Mas já sabia qual seria a resposta.

— Discutiu sua ideia com o primeiro-ministro? — ele indagou.

— Sim. Enquanto o senhor conversava com o MI6, eu falava com ele. E o primeiro-ministro concorda comigo. Portanto, receio que a decisão já tenha sido tomada, apesar do seu voto em contrário, sir Graham.

— Ele tem consciência dos riscos?

— Na verdade, não acredito que existam riscos. Mas é muito simples, realmente. Se não agirmos agora, perderemos a oportunidade de ver essa arma em ação. Se fizermos as coisas do meu jeito, forçaremos a Scorpia a mostrar as cartas.

Sir Graham Adair se levantou.

— Creio que não temos mais nada a discutir — disse.

— É melhor acionar o MI6. Eles estarão encarregados da segurança no aeroporto.

— É claro — sir Graham caminhou para a porta. Antes de sair, ele parou e se virou. — E o que acontece se o senhor estiver errado? O que vai acon-

tecer se os jogadores de futebol forem mortos?

Kellner deu de ombros.

— Pelo menos saberemos com que estamos lidando — respondeu. — E eles perderam todos os jogos que disputaram na Nigéria. Tenho certeza de que podemos montar outro time.

O avião pousando no aeroporto de Heathrow era um Boeing 747, voo número BAA 0074 de Lagos. Havia permanecido no ar por 6 horas e 35 minutos. E decolara com atraso. A escala no aeroporto de Lagos demorara muito, aparentemente, por conta de um problema técnico. Problema criado pela Scorpia, é claro. Era importante que o avião seguisse a programação imposta por eles. O pouso deveria acontecer às 14 horas. Na verdade, ele tocou o solo cinco minutos antes.

Havia 18 integrantes do time reserva de futebol da Inglaterra na classe executiva. Todos tinham a expressão cansada e o olhar vazio... não só em razão do voo longo e conturbado, mas pela série de derrotas sofrida. A turnê nigeriana fora um desastre do início ao fim. Eram apenas partidas amistosas. Os resultados não contavam muito, porém a turnê havia sido humilhante.

Olhando pelas janelas do avião, observando a luz cinzenta e a pista de Heathrow na tarde encoberta, eles ouviram a voz do capitão pelo alto-falante.

— Senhores passageiros, bem-vindos a Heathrow. Mais uma vez, peço desculpas em nome da companhia pelo atraso da aeronave. Lamento informar que a torre de comando nos redirecionou para um portão de desembarque afastado do terminal principal, por isso vamos permanecer a bordo por mais algum tempo. Por favor, permaneçam em seus assentos com os cintos de segurança afivelados. O desembarque será feito assim que recebermos a autorização da torre.

E o mais estranho: quando o avião seguiu em frente para o local determinado pela equipe de terra, dois jipes do Exército surgiram do nada, um de cada lado, escoltando a aeronave pela pista. Dentro dos veículos, havia soldados armados com metralhadoras. Seguindo as instruções da torre de controle, o avião começou a se afastar dos edifícios centrais do aeroporto. Os dois jipes o acompanharam.

Alan Blunt estava atrás de uma janela de observação, seguindo o 747 com um binóculo. Ele ficou imóvel enquanto a aeronave se aproximava lentamente de uma área de contenção, um espaço quadrado inteiramente de concreto. Quando ele abaixou o binóculo, seus olhos continuaram fixos no avião. Não falava nada há muitos minutos. Quase nem respirava. Não existe nada mais perigoso que um governo que não confia nos próprios serviços de segurança. Infelizmente, como Blunt bem sabia, o primeiro-ministro havia deixado clara sua antipatia pelo M15 e pelo MI6 desde o dia em que assumira o cargo. E ali estava o resultado.

— E agora? — sir Graham Adair estava parado ao lado dele. O secretário permanente do gabinete conhecia bem Alan Blunt. Eles se encontravam uma vez por mês, formalmente, para discutir questões de segurança. Mas também eram sócios do mesmo clube e jogavam bridge de vez em quando. Agora ele estava ali em pé, observando o céu e a pista de pouso como se esperasse ver um míssil disparado contra o avião que se movia lentamente.

— Estamos prestes a testemunhar a morte de 18 pessoas.

Sir Graham não queria acreditar nisso.

— Kellner é um idiota — resmungou. — Mesmo assim, não consigo imaginar como eles poderiam cumprir o que prometeram. O aeroporto está isolado desde o meio-dia. Triplicamos a segurança. Elevamos o nível de alerta ao máximo. Olhou a lista de passageiros?

Blunt sabia tudo sobre todos os homens, mulheres e crianças a bordo do avião que chegava de Lagos. Centenas de agentes passaram a manhã checando e verificando todos os detalhes dos passageiros, procurando qualquer coisa que pudesse ser suspeita. Se havia assassinos ou terroristas no avião, eles estavam bem escondidos. Ao mesmo tempo, tripulantes e pilotos haviam sido alertados para denunciar qualquer irregularidade. Se alguém se levantasse antes do desembarque dos jogadores, eles dariam o alarme.

— É claro que sim — Blunt respondeu irritado.

— E...

— Turistas. Empresários. Famílias. Dois meteorologistas e um chef famoso. Ninguém parece ter conhecimento do que estamos enfrentando.

— Por que não contar, então?

— A Scorpia vai cumprir o que prometeu. É simples assim. Eles nunca deixam de cumprir uma promessa ou ameaça.

— Dessa vez não vai ser tão fácil — sir Graham olhou o relógio. Eram 14h09. — Ainda é possível que tenham cometido um erro nos prevenindo.

— Só nos preveniram porque sabiam que não havia nada a ser feito.

O avião parou com os dois jipes, um de cada lado. Ao mesmo tempo, mais homens armados apareceram. Os soldados estavam em todos os lugares. Alguns em grupos no chão, observando o avião pelas miras telescópicas das armas automáticas. Havia atiradores isolados sobre os telhados, todos conectados por rádios. Policiais armados com cães farejadores esperavam na entrada do terminal principal. Todas as portas estavam vigiadas e protegidas. Ninguém podia entrar ou sair.

Mais 60 segundos se passaram. Faltavam poucos minutos para o prazo determinado: 14h15.

No avião, o capitão desligou os motores. Normalmente, os passageiros já estariam em pé pegando seus objetos pessoais nos bagageiros, ansiosos pelo desembarque. Porém, todos já deviam saber que havia algo errado. O avião parecia ter parado no meio do nada. Não havia túnel ligando a porta ao terminal. Um veículo se aproximava lentamente transportando uma escada móvel. Soldados armados e uniformizados, portando capacetes com viseira, o acompanhavam, caminhando dos dois lados do veículo. Por todas as janelas do avião, os passageiros podiam ver as forças de segurança cercando completamente a aeronave.

O capitão voltou a falar com seu tom deliberadamente profissional, firme e calmo.

— Senhores passageiros, temos dificuldades para o desembarque em Heathrow, mas a torre garante que é só um procedimento de rotina... nada com que tenham que se preocupar. Uma das portas será aberta em um instante, porém peço que permaneçam em seus assentos até que o desembarque seja autorizado. Os passageiros da classe executiva serão os primeiros a deixar a aeronave, começando pelos que ocupam os assentos das fileiras sete a nove. Um ônibus virá buscar o restante dos passageiros em seguida. Por favor, apenas mais alguns minutos de paciência.

Sete a nove. O piloto já havia sido informado. Nessas fileiras, estavam os assentos ocupados pelos jogadores de futebol. Nenhum deles sabia o que estava acontecendo.

Ainda restavam quatro minutos.

Os motores estavam desligados. Jogadores e treinadores se levantaram e começaram a recolher a bagagem, várias bolsas esportivas e souvenirs, roupas de cores brilhantes e objetos esculpidos em madeira. Estavam satisfeitos por terem sido escolhidos para iniciar o desembarque. Alguns até achavam a situação divertida.

A escada foi colocada na lateral da aeronave. Blunt viu um homem de macacão cor de laranja subir correndo e se posicionar ao lado da porta. O homem parecia ser só mais um funcionário do aeroporto, mas, na verdade, trabalhava para o MI6. Uma dúzia de soldados, todos encapuzados e usando máscaras de gás, se aproximaram correndo e formaram um círculo em torno da escada, as armas apontadas para fora do círculo davam à formação uma aparência semelhante à de um porco-espinho. Todos os ângulos estavam cobertos. O prédio mais próximo ficava a 25 metros de distância.

Ao mesmo tempo, um ônibus apareceu. Era um dos dois veículos mantidos em Heathrow para circunstâncias especiais como aquela. Parecia comum, porém era feito de aço reforçado e tinha janelas à prova de balas. Blunt estava no comando de todos os preparativos, trabalhando com a polícia e as autoridades do aeroporto. Assim que os 18 homens estivessem dentro do ônibus, ele deixaria o aeroporto sem cumprir os procedimentos de alfândega ou controle de passaporte. Limusines pretas aguardavam do lado de fora da área delimitada por cercas. Elas levariam os jogadores, dois ou três de cada vez, para um local secreto em Londres. A partir desse momento, o time estaria seguro.

Isso era o que todos esperavam. Blunt não tinha tanta certeza.

— Não há nada — resmungou sir Graham. — Não tem ninguém perto da aeronave.

Era verdade. A área em torno do avião estava vazia, exceto pelos 50 soldados e policiais à vista. Fora o pessoal da segurança, não havia ninguém.

— A Scorpia devia estar esperando isso.

— Talvez um dos soldados... — sir Graham não havia pensado nisso até o momento, quando era quase tarde demais.

— Todos foram verificados — disse Blunt. — Eu mesmo estudei a lista de nomes.

— Então, pelo amor de Deus...

A porta do avião se abriu.

Uma comissária surgiu no alto da escada, piscando com nervosismo sob o sol vespertino. Só naquele momento ela estava percebendo a seriedade da situação. Era como se o avião tivesse aterrissado no meio de um campo de batalha. A nave estava completamente cercada. Havia homens com armas em todos os lugares.

O homem de macacão cor de laranja, o agente do MI6, falou rapidamente com ela e, no segundo seguinte, a comissária voltou para dentro do avião. Finalmente, o primeiro jogador apareceu.

— Aquele é Hill-Smith — disse sir Graham. — Ele é o capitão do time.

Blunt olhou o relógio. Eram 14h14.

Edmund Hill-Smith era alto, tinha cabelo escuro e porte atlético e carregava uma bolsa esportiva pendurada no ombro. Ele olhava em volta, ainda confuso. Outros jogadores o seguiram para fora da aeronave; um negro de óculos escuros, Jackson Burke, o goleiro; depois, um dos treinadores; um homem de cabelos grisalhos segurando um chapéu de palha, algo que devia ter comprado no mercado nigeriano. Um por um, eles foram aparecendo na porta e começaram a descer a escada para o ônibus.

Blunt não dizia nada. Uma veia pulsava em sua têmpora. Agora os 18 membros da seleção reserva de futebol estavam fora da aeronave, em espaço aberto. Sir Graham olhou para a esquerda e para a direita.

De onde viria o ataque? Não havia nada que alguém pudesse fazer. Hill-Smith e Burke já estavam dentro do ônibus, em segurança.

Blunt olhou o relógio.

O segundo ponteiro passou pelo número 12.

Um dos jogadores que acabara de sair do avião cambaleou como se houvesse troçado. Sir Graham viu um dos soldados se virar alarmado. No ônibus, Burke foi bruscamente jogado para trás. Seus ombros se chocaram contra o vidro. Outro jogador, já na metade da escada, derrubou a bolsa e apertou o peito com as mãos, contorcendo o rosto numa expressão de dor. Ele caiu para a frente, indo de encontro aos dois homens nos degraus de baixo. Mas eles também pareciam ter sido dominados por alguma força invisível...

Os jogadores foram caindo um por um. Os soldados gritavam, gesticulavam. O que acontecia ali era impossível. Não havia inimigo. Ninguém havia feito nada. Mas 18 homens saudáveis, atletas, caíam um por um diante de seus olhos. Sir Graham viu um dos soldados falando desesperadamente

pelo radiotransmissor e, um segundo depois, uma frota de ambulâncias apareceu na pista, aproximando-se em alta velocidade e com as luzes piscando da aeronave. Portanto, alguém havia se preparado para o pior. Sir Graham olhou para Blunt e teve certeza de que tinha sido ele.

As ambulâncias chegaram tarde demais. Quando estacionaram, Burke estava deitado de costas e respirava com dificuldade. Aqueles seriam seus últimos suspiros. Hill-Smith, o capitão do time, juntara-se a ele caído no chão do ônibus. Seus lábios tinham uma sinistra coloração azul e os olhos se mostravam vazios. A escada estava coberta de corpos, um ou dois ainda esperneando, os outros imóveis. O homem de cabelos grisalhos ficara perdido no emaranhado de corpos. O chapéu de palha rolara pelos degraus e estava sendo levado pela pista por uma brisa leve.

— O que foi... — sir Graham balbuciou. — Como? — Ele não conseguia encontrar as palavras.

— A Espada Invisível — Blunt anunciou.

Naquele exato momento, meio metro distante do terminal 2, os passageiros desembarcavam de um voo vindo de Roma. No controle de passaportes, o oficial notou um casal, mãe e pai, acompanhado pelo filho. O garoto devia ter 14 anos, aproximadamente. Era forte, tinha cabelos escuros e encaracolados, óculos de lentes grossas e pele feia. Havia a sombra de um bigode sobre seu lábio superior. O menino era italiano. Seu nome no passaporte era Federico Casali.

O oficial da alfândega devia ter olhado com mais atenção para aquele garoto. Havia um alerta para um garoto de 14 anos chamado Alex Rider. Mas ele já sabia o que estava acontecendo na pista. Todos sabiam. O aeroporto inteiro entrara em pânico por isso naquele momento ele não estava prestando muita atenção ao que fazia, estava distraído. Esse oficial nem se deu o trabalho de comparar o rosto diante dele com a foto que havia sido divulgada. O que estava acontecendo lá fora era mais importante.

A Scorpia havia cronometrado perfeitamente a operação.

O menino pegou o passaporte de volta e seguiu em frente, saindo da área da alfândega e do aeroporto.

Alex Rider voltava para casa.

ENTREGA DE PIZZA

OS ESPIÕES PRECISAM SER CUIDADOSOS com relação ao lugar onde moram.

Uma pessoa comum escolhe uma casa ou um apartamento pela vista, porque gosta da distribuição interna, porque acha aconchegante. Para os espiões, a primeira coisa a considerar é a segurança. Há uma sala confortável, mas a janela pode ser um alvo fácil para um atirador de tocaia? Um quintal seria bom, desde que a cerca seja bem alta e não haja arbustos demais servindo de esconderijo para um invasor. Os vizinhos, é claro, terão que ser investigados. Como o carteiro, o entregador de leite, a faxineira e qualquer pessoa que se aproxime da porta da frente. Sim, e essa porta deve ter cinco travas, pelo menos, funcionando individualmente, e também é necessário instalar sistemas de alarme, câmeras de visão noturna e botões de emergência. Alguém já disse que o lar de um inglês é seu castelo. Para um espião, o lar pode ser uma prisão também.

A sra. Jones morava no apartamento da cobertura no nono andar de um edifício em Clerkenwell, não muito longe do antigo mercado de carnes em Smithfields. Havia 40 apartamentos no total e a verificação de segurança realizada pelo MI6 havia constatado que a maioria dos moradores era de banqueiros ou advogados que trabalhavam na cidade. Melbourne House não era um lugar barato para se morar. A sra. Jones tinha 900 metros quadrados e duas varandas particulares no último andar... um amplo espaço, especialmente para alguém que morava sozinha. No mercado aberto, o imóvel teria custado milhões de dólares quando ela o comprou, sete anos atrás. Porém, o MI6 tinha um arquivo com informações sobre o construtor, que se propusera a negociar de maneira bastante generosa depois de ter visto o arquivo.

O apartamento era seguro. E, desde o instante em que Alan Blunt decidira que sua subordinada direta poderia precisar de proteção, a segurança havia sido reforçada.

A porta principal se abria para uma área comprida e impessoal, uma recepção com mesa, duas figueiras e um elevador no fundo. Havia câmeras de circuito fechado de TV sobre a mesa e fora do prédio, na rua, e todos os que entravam eram filmados. Melbourne House tinha porteiros trabalhando 24

horas por dia, sete dias por semana, mas, até a crise chegar ao fim, Blunt os substituíra por agentes de sua equipe. Ele também havia instalado um detector de metal perto da mesa da recepção, um aparelho idêntico àqueles encontrados nos aeroportos. Todos os visitantes tinham que passar por ele.

Era impossível entrar no prédio sem passar pelos dois agentes na mesa da frente. A entrada de serviço no fundo ficava trancada e havia um alarme instalado na porta. Não era possível escalar o edifício. As paredes eram lisas, sem saliências que pudessem servir de apoio, e havia mais quatro agentes numa patrulha constante. Por fim, havia um agente de plantão do lado de fora da porta do apartamento da sra. Jones. Aquele era o único apartamento no nono andar e, de seu posto, ele tinha uma visão nítida dos dois lados do corredor. Não havia onde se esconder. O agente, em contato por rádio com o pessoal que trabalhava no térreo, tinha uma arma moderna, uma pistola automática de alta tecnologia sensível à impressão digital. Só reconhecia as impressões digitais dele, de forma que se ele fosse dominado, o que era praticamente impossível, a arma se tornaria inútil em mãos inimigas.

A sra. Jones havia protestado contra todas essas medidas. Havia sido uma das raras vezes em que ela discutira com seu superior.

— Pelo amor de Deus, Alan. Estamos falando de Alex Rider!

— Não, sra. Jones. Trata-se da Scorpia.

Depois disso, a discussão fora encerrada.

Às 20 horas, um dia depois das mortes no aeroporto de Heathrow, dois agentes estavam sentados atrás da mesa na recepção, discutindo a notícia. Os dois tinham 20 e poucos anos e vestiam o uniforme da segurança do prédio. Um deles era gordinho, com cabelo curto, rosto infantil e uma pele tão lisa que dava a impressão de nunca ter precisado de um barbeador. Seu nome era Lloyd. Ele havia ficado muito contente por ter ingressado no serviço secreto imediatamente após deixar a universidade, mas se desapontara bem depressa. Aquele tipo de trabalho, por exemplo. Não era o que havia esperado. O outro homem era moreno e parecia estrangeiro... Poderia ser confundido com um jogador de futebol brasileiro. Ele fumava um cigarro, embora não fosse permitido fumar no prédio e Lloyd se irritasse com a fumaça. Seu nome era Ramirez. Os dois haviam começado pouco antes o turno da noite. Ficariam ali até às 7 horas, quando a sra. Jones deixaria o prédio.

Estavam entediados. Não acreditavam que alguém poderia tentar se aproximar da chefe no nono andar. E, como se não bastasse, foram orientados

para se manterem atentos a um garoto de 14 anos. Receberam uma fotografia de Alex Rider e ambos chegaram à conclusão de que aquilo tudo era loucura. Por que um menino tentaria atacar a segunda comandante da unidade de Operações Especiais?

— Talvez ela seja tia do garoto — Lloyd comentou. — Vai ver que esqueceu o aniversário dele, e o garoto quer se vingar.

Ramirez soprou a fumaça do cigarro.

— Acredita mesmo nisso?

— Não sei. O que você acha?

— Não me importa. É só perda de tempo.

Eles conversavam sobre as notícias. Faziam parte do MI6, mas ainda eram inexperientes demais para terem acesso a certas informações, por isso não sabiam o que realmente havia acontecido com o time de futebol. De acordo com os jornais, os jogadores haviam contraído uma doença rara na Nigéria. De que maneira todos haviam morrido na mesma hora era algo que ninguém explicava.

— Deve ter sido malária — opinou Lloyd. — Eles têm aqueles novos mosquitos por lá.

— Novos mosquitos?

— Sim, supermosquitos. Geneticamente modificados.

— Ah. Sim, é claro!

A conversa foi interrompida quando a porta da frente se abriu e um rapaz entrou na área de recepção. Ele vestia roupa de couro, carregava um capacete na mão e levava uma bolsa de lona pendurada no ombro. No peito, trazia um logotipo idêntico ao estampado na bolsa:

PERILL'S PIZZAS
ONDE A PIZZA SEMPRE É APETITOSA

Os agentes o estudaram. Devia ter 17 anos, 18 anos, talvez. Cabelo curto e arrepiado e uma barba rala que lembrava um cigano. Um dente de ouro. Uma cicatriz em um lado do rosto. E muita atitude. Ele sorria um sorriso assimétrico, como se não estivesse ali apenas para entregar comida em um apartamento luxuoso. Como se morasse ali.

Lloyd o deteve.

— Para quem vai levar a pizza? — perguntou.

O entregador parecia surpreso. Enfiou a mão no bolso da jaqueta e pegou um pedaço de papel amassado.

— Foster — respondeu. — Sexto andar — o sotaque era escocês.

Ramirez se interessou. A noite era longa, ninguém entrava ou saía dali.

— Temos que dar uma olhada na bolsa — avisou.

O entregador revirou os olhos.

— Estão brincando? É só uma pizza! Só isso! Que lugar é este? Tipo... Fort Knox ou alguma coisa assim?

— Temos que dar uma olhada na bolsa — Lloyd repetiu.

— Tudo bem! Tudo bem! Como quiserem!

O rapaz abriu a bolsa e tirou uma garrafa pequena de Coca-Cola, que deixou sobre a mesa.

— Pensei que só ia entregar uma pizza — Lloyd apontou.

— Uma pizza. Uma Coca-Cola. Quer ligar para a pizzeria e falar com meu chefe?

Os dois agentes se entreolharam.

— O que mais tem aí? — perguntou Lloyd.

— Querem ver tudo?

— Sim. Na verdade, queremos.

O entregador deixou o capacete ao lado da garrafa. Depois, tirou da bolsa um punhado de canudos, ainda nas embalagens de papel. Em seguida, um cartão retangular de aproximadamente 15 centímetros de comprimento. Lloyd o examinou intrigado.

— O que é isso?

— O que parece ser? — o rapaz suspirou impaciente. — Tenho que deixar com o cliente. É uma promoção. Não sabe ler?

— Se quer entrar neste lugar, é melhor ser mais educado.

— É uma promoção! Entregamos na cidade inteira.

Lloyd examinou o cartão. Havia fotos de pizzas dos dois lados e uma série de ofertas especiais. Pizza tamanho família, Coca e pão de alho por apenas \$12,50. Pedidos antes das 19 horas tinham desconto, um dólar.

— Querem pedir pizza? — perguntou o entregador.

Ele estava irritando os dois agentes.

— Não — Lloyd respondeu. — Mas queremos ver a pizza que vai entregar.

— Não podem ver a pizza! Isso é anti-higiênico!

— Se não podemos ver a pizza, você não pode entregá-la.

O rapaz balançou a cabeça.

— Sabem, trabalho na cidade inteira e nunca passei por isso antes.

De cenho franzido, ele tirou da bolsa uma caixa de papelão, ainda quente, e a colocou sobre a mesa. Lloyd abriu a caixa e lá estava a pizza, uma quatro estações, com presunto, queijo, tomate e azeitonas pretas. O aroma da mozzarella derretida invadiu o ambiente.

— Vão querer experimentar também? — o entregador perguntou sarcástico.

— Não. O que mais tem na bolsa?

— Mais nada. Está vazia — o rapaz abriu a bolsa para provar que dizia a verdade. — Se estão preocupados com a segurança a esse ponto, por que não vão vocês mesmos levar a pizza?

Lloyd fechou a caixa. Pensando bem, talvez devesse fazer exatamente isso. Mas era um agente secreto, não um entregador de pizza! Além do mais, a pizza seria levada ao sexto andar. Podia ver o elevador de onde estava. Havia um painel de aço ao lado da porta com a letra *T* e números de um a nove. Cada número se iluminava quando o elevador passava pelo andar correspondente e, se o entregador de pizza tentasse ir além do sexto andar, ele veria. Quanto à escada entre os andares, era equipada com sensor de pressão e câmeras de segurança. Até os dutos de ar-condicionado haviam recebido alarmes.

O ambiente era seguro.

— Tudo bem — disse. — Pode subir. Vá direto ao sexto andar. Não vá a nenhum outro lugar. Entendeu?

— Por que eu iria a outro lugar? Trago uma pizza para alguém chamado Foster, e essa pessoa está no sexto andar.

— Passe pelo detector de metais — Ramirez falou.

— Tem um detector de metais aqui? Pensei que isto fosse um prédio residencial, não o aeroporto de Edimburgo.

O entregador deixou o capacete com Ramirez e, levando a bolsa pendurada no ombro, passou pela moldura de metal. A máquina permaneceu silenciosa.

— Aí está! — disse. — Estou “limpo”. Posso levar a pizza ou querem que eu tire a roupa para ser revistado antes?

— Espere um minuto! — disse Lloyd, o agente de cabelos claros, com tom ameaçador. — Esqueceu a Coca... e o cartão da promoção — ele pegou os dois objetos deixados sobre a mesa da recepção e os entregou ao rapaz.

— Ah, sim, obrigado — o entregador começou a caminhar na direção do elevador.

Sabia que seria parado e interrogado.

Por trás da peruca e da maquiagem, Alex Rider suspirou aliviado. O disfarce havia funcionado. Nile garantira que tudo ia correr bem e não tinha motivos para duvidar dele. Havia tomado o cuidado de fazer a voz parecer a de uma pessoa mais velha, imitando um forte sotaque escocês. O couro da roupa de motoqueiro aumentara a largura do corpo e usava sapatos especiais que acrescentavam quase três centímetros à estatura. Não se preocupara com a revista da bolsa. No momento em que tinha visto os agentes, soube que Lloyd e Ramirez eram novos no ofício, inexperientes.

Se aceitassem sua sugestão e quisessem telefonar para a pizzeria, Alex entregaria um cartão com o número do telefone. A Scorpia atenderia do outro lado. Se fossem espertos, os dois agentes poderiam ter falado com o morador do apartamento no sexto andar. Mas Sarah Foster, proprietária do imóvel, estava fora da cidade. Sua linha de telefone fora trocada no painel externo, na rua. A chamada teria sido redirecionada... novamente para a Scorpia.

Tudo havia acontecido exatamente conforme o planejado.

Depois de deixar Veneza, Alex fora levado a Londres e desembarcara em Heathrow acompanhado por duas pessoas que nunca vira antes. Essas pessoas foram com ele até o controle de passaporte e se certificaram de que não haveria nenhum problema. E como poderia haver? Alex estava disfarçado. Tinha passaporte falso. E havia algum tipo de alerta de segurança no aeroporto. Todos corriam em círculos. Sem dúvida, a situação havia sido engendrada pela Scorpia.

De Heathrow, ele foi levado a uma casa no centro de Londres e, ao ser conduzido para dentro, só conseguiu ver rapidamente a porta de entrada e a rua coberta de folhas. Nile o esperava sentado em uma poltrona antiga, de pernas cruzadas.

— Federico! — ele cumprimentou Alex usando o nome do passaporte falso.

Alex pouco falou. Nile o informou sobre o que aconteceria em seguida. Ele teria outro disfarce, o do entregador de pizza, e tudo o que precisasse para invadir o apartamento da sra. Jones e matá-la. Sair de lá seria por conta dele.

— Vai ser fácil — Nile opinou. — Você só vai precisar sair por onde entrou. E, se houver algum problema, tenho certeza de que saberá como resolvê-lo, Alex. Tenho muita confiança em você.

A Scorpia já havia feito um reconhecimento do local. Nile mostrou a ele a planta. Sabiam onde estavam as câmeras, quantos sensores de pressão haviam sido instalados, quantos agentes trabalhavam no edifício. E tudo estava dando certo, inclusive o truque da garrafa de Coca-Cola deixada sobre a mesa da recepção e entregue a ele pelo agente *sem passar pelo detector de metais*. Era simples psicologia. Uma garrafa plástica cheia de líquido. Como poderia conter alguma coisa metálica?

Alex parou diante do elevador. Aquele era o momento vital.

Ele estava de costas para os dois agentes do serviço secreto, em pé entre eles e o elevador, bloqueando a linha de visão dos dois homens. Enquanto caminhava, havia retirado o cartão de promoção da bolsa de lona e o segurava com as duas mãos. Em um dos lados do cartão, uma camada removível cobria as finas linhas da letra *T* prateada e dos números de 1 a 9. Era idêntico ao painel do elevador. O outro lado era magnético. Com uma atitude casual, Alex se inclinou para a frente e encaixou o painel falso sobre o outro. Ele se prendeu com perfeição, sem fazer barulho. O contato com o painel verdadeiro o ativou. Agora era só uma questão de timing.

As portas do elevador se abriram e ele entrou na cabine. Quando se virou, viu que os agentes o observavam. Alex estendeu a mão e pressionou o botão para o nono andar. As portas do elevador se fecharam. Um segundo depois, a cabine começou a subir.

Os agentes viram os números se sucedendo ao lado da porta. Térreo... 1... 2... O que eles não sabiam era que os números não acompanhavam o progresso real do elevador. Um chip e uma bateria de relógio na placa prateada iluminavam os números errados. Os verdadeiros estavam escondidos atrás da placa.

Alex chegou ao nono andar.

O painel ao lado da porta no térreo indicava que ele havia parado no sexto.

Levara 30 segundos para subir do térreo à cobertura. Nesse intervalo de tempo, Alex havia tirado as roupas de couro próprias para motociclistas e agora usava roupas mais largas e leves, totalmente pretas. O uniforme do ninja assassino. Tirou a peruca e segurou a máscara de látex que cobria seu rosto. Ela saiu quase inteira, levando também a cicatriz falsa. Finalmente, ele tirou o dente de ouro. As portas se abriram. Alex voltara a ser quem realmente era.

Já havia visto uma planta do prédio. O apartamento da sra. Jones ficava à direita... e havia dois imperdoáveis lapsos da segurança. Apesar da existência de câmeras de circuito interno nas escadas de incêndio, não havia nenhuma no corredor. E o agente parado diante da porta podia ver toda a extensão do corredor de um lado a outro, mas não o interior do elevador. Dois pontos cegos. Alex se preparava para tirar vantagem de ambos.

O agente no nono andar ouvira o barulho do elevador. Como Lloyd e Ramirez do térreo, ele era novo no trabalho. E se perguntava por que alguém mandara o elevador à cobertura. Talvez devesse falar pelo rádio com os colegas lá embaixo e descobrir. Naquele momento, um garoto de cabelos castanhos e olhos mortais saiu da cabine. Alex segurava um dos canudinhos que os dois agentes não se preocuparam em examinar. Ele o havia tirado da embalagem. E já o segurava entre os lábios. Soprou o canudo.

O *fukidake*, ou arma de sopro, era outra arma letal utilizada pelos ninjas. Um dardo fino como uma agulha era disparado contra uma artéria principal e podia provocar morte instantânea. Mas havia dardos cujo espaço interno era preenchido por veneno. O ninja podia atingir um homem sem fazer nenhum barulho — a uma distância de 10 metros ou mais. Alex estava muito mais próximo do alvo que isso. Felizmente para o agente, o dardo disparado com o canudo tinha apenas um tranquilizante e o atingiu no rosto. O agente abriu a boca como se pretendesse gritar, olhou para o garoto com expressão vazia e caiu.

Alex sabia que tinha que ser rápido. Os dois agentes lá embaixo não esperariam mais que dois minutos. Se o elevador não voltasse até lá... Ele pegou a garrafa de Coca-Cola e a abriu. Não virou a tampa, mas a garrafa, que se abriu em duas metades. Um líquido marrom escuro ensopou o carpete do corredor. Dentro da embalagem, havia um pacote embrulhado em plástico marrom, mesma cor do refrigerante. Como o rótulo cobria a maior parte de-

le, o pacote se tornara invisível. Alex o abriu e pegou a arma que estava dentro.

Uma Kahr P9 ação dupla semiautomática, fabricada nos Estados Unidos. Tinha 15 centímetros de comprimento e — feita de inox e polímero — pesava apenas 700 gramas, o que fazia dela uma das menores e mais leves pistolas do mundo. Podia ser carregada com sete balas, mas, para mantê-la leve, Alex havia posto apenas uma. Era tudo que precisava.

Levando a bolsa de lona com a pizza, ele passou pelo agente sedado e se aproximou da porta do apartamento da sra. Jones. Havia três fechaduras, como o informaram. Ele abriu a caixa da pizza e pegou três azeitonas pretas da cobertura, apertando cada uma delas contra uma fechadura. A bolsa de lona tinha um fundo falso. Ele o abriu e pegou três pedaços de fio, que conectou às azeitonas. Uma caixa plástica e um botão haviam sido fixados ao fundo da bolsa. Alex se abaixou e apertou o botão. As azeitonas, que não eram azeitonas, explodiram silenciosamente, cada uma gerando uma chama brilhante que penetrou nas fechaduras. O cheiro de metal derretido pairava no ar.

Alex empurrou, e a porta se abriu.

Segurando a arma diante do corpo, ele entrou em uma sala espaçosa onde havia cortinas cinza que cobriam a parede mais distante da entrada, uma mesa de jantar e um jogo de sofás de couro. Um abajur espalhava no ambiente sua luminosidade amarela e pálida. A decoração era moderna e *clean*. Nada ali revelava mais do que ele já sabia sobre a sra. Jones. Até os quadros nas paredes eram abstratos, manchas de cor que não diziam nada. Mas havia pistas. Ele viu uma fotografia em uma estante, uma sra. Jones mais jovem, sorridente, com duas crianças, um menino e uma menina de aproximadamente 6 e 4 anos. Sobrinhos? Eram muito parecidos com ela.

A sra. Jones gostava de ler. E havia no apartamento um aparelho de TV e outro de DVD, ambos modernos e caros. E um jogo de xadrez. Ela deixara o tabuleiro no meio de uma partida. Mas contra quem? Nile havia dito que ela morava sozinha. Um ronronado manso chamou a atenção de Alex para o siamês deitado preguiçoso em um dos sofás. Era surpreendente. Não esperava que a segunda pessoa na hierarquia da Divisão de Operações Especiais do MI6 precisasse de algum tipo de companhia.

O ronronado ganhou volume. Era como se o gato tentasse prevenir a dona de que havia alguém ali e um instante depois uma porta se abriu do outro

lado da sala.

— O que é isso, Q?

A sra. Jones entrou na sala. Ela ouvira o gato e se aproximava dele. Ao ver Alex, a mulher parou onde estava.

— Alex!

— Sra. Jones.

Ela usava um robe de seda cinza. De repente, Alex viu uma espécie de instantâneo da vida dessa mulher e o vazio que a impregnava. Ela havia chegado em casa do trabalho, tomara um banho, jantara sozinha. Em seguida, havia jogado xadrez... talvez jogasse pela internet. Depois viu o jornal das 22 horas na TV. E tinha o gato.

A sra. Jones estava parada no meio da sala. Não parecia assustada. Não podia fazer nada, não havia nenhum botão de alarme que pudesse acionar. O cabelo ainda estava úmido do banho. Alex notou os pés descalços. Ele ergueu a mão, e a mulher viu a arma.

— Foi mandado pela Scorpia? — ela perguntou.

— Sim.

— Para me matar.

— Isso mesmo.

Ela balançou a cabeça como se entendesse por que tinha que ser assim.

— Eles lhe contaram sobre seu pai — a sra. Jones deduziu.

— Sim.

— Sinto muito, Alex.

— Lamenta por tê-lo matado?

— Por eu mesma não ter contado tudo.

Ela não tentava se mexer. Apenas ficou ali parada, olhando para ele. Alex sabia que não tinha muito tempo. A qualquer momento o elevador voltaria ao térreo. Assim que os agentes percebessem que não estava dentro da cabine, dariam o alarme. Talvez até já estivessem a caminho.

— O que aconteceu com Winters? — ela perguntou. Alex não sabia a quem a mulher se referia. — O agente no corredor — explicou.

O terceiro agente.

— Anulei o agente. Ele está apagado — Alex respondeu.

— E passou pelos dois que estão lá embaixo. Chegou aqui. E invadiu o apartamento — a sra. Jones deu de ombros. — A Scorpia o treinou bem.

— Não foi a Scorpia que me treinou, sra. Jones. Foi a senhora.

— Mas agora faz parte da Scorpia?

Alex concordou.

— Não consigo considerá-lo um assassino, Alex. Sei que não gosta de mim, nem de Alan Blunt. Entendo essa antipatia. Mas o conheço. Não creio que tenha alguma ideia do tamanho do problema em que está se metendo. Aposto que a Scorpia o tratou com simpatia. Tenho certeza de que ficaram felizes quando o viram. Mas eles estão mentindo e...

— Pare! — o dedo de Alex tocou o gatilho. Sabia que ela estava tentando dificultar sua missão. Havia sido prevenido sobre como ela reagiria. Conversando com ele, usando seu primeiro nome, ela o fazia lembrar que não era um desenho sobre cartolina, não era um alvo de papel. Semeava dúvidas em sua mente e, é claro, ganhava tempo.

Nile havia dito que tudo tinha que ser muito rápido, imediato, assim que a encontrasse. Alex percebeu que já havia cometido um erro, permitira que ela assumisse o comando... mesmo sendo ele quem estava com a arma. Precisava lembrar o que vira naquele encontro com Julia Rothman. As imagens na tela da TV. A ponte Albert. A morte do pai. Estava diante da mulher que havia ordenado o assassinato.

— Por que fez aquilo? — ele perguntou. Sua voz se tornara um sussurro. Tentava canalizar o ódio que existia dentro dele e assim encontrar forças para fazer o que tinha que ser feito. Para isso estava ali.

— Aquilo o quê, Alex?

— Matou meu pai.

A sra. Jones o encarou por um momento, e era impossível decifrar o que acontecia por trás daqueles olhos negros. Mas podia ver que ela fazia algum tipo de cálculo. É claro, toda a vida dela havia sido uma sequência de cálculos. E, quando ela chegava aos resultados, alguém normalmente morria. A única diferença era que, agora, a vida eliminada seria a dela.

A sra. Jones parecia ter tomado uma decisão.

— Quer que eu peça desculpas, Alex? — ela perguntou, repentinamente dura. — Estamos falando de John Rider, um homem que você não conheceu. Nunca falou com ele. Não tem lembranças dele. Não sabe nada sobre essa pessoa.

— Mesmo assim, ele era meu pai!

— Ele era um assassino. Trabalhava para a Scorpia. Quer saber quantas pessoas ele matou?

Cinco ou seis. A sra. Rothman já havia fornecido esse número.

— Vejamos, o milionário que trabalhava em Cingapura. Um homem casado e pai de um menino da sua idade. O trabalhador humanitário no Brasil. Ele tentava ajudar crianças de rua, mas, infelizmente, fez muitos inimigos, por isso teve que ser eliminado. E os dois agentes. Um inglês, outro americano. Uma mulher... ela se preparava para delatar uma importante corporação em Sydney. Tinha apenas 26 anos, Alex, e ele a matou a tiros quando descia de seu carro...

— Chega! — agora Alex segurava a arma com as duas mãos. — Não quero ouvir nada disso.

— Sim, você quer, Alex. Você perguntou. Queria saber por que ele teve que ser eliminado. E é nisso que vai se tornar, não é? Vai seguir os passos de seu pai? Tenho certeza de que será mandado a todos os cantos do mundo para matar pessoas sobre as quais não sabe nada. E sei que vai ser bom nisso. Seu pai era um dos melhores.

— Vocês o enganaram. Ele era seu prisioneiro e a senhora disse que o libertaria. Estava ali para trocá-lo por outro indivíduo, mas atirou nele pelas costas. Eu vi...

— Sempre imaginei que eles deviam guardar uma fita de vídeo — resmungou a sra. Jones. Ela gesticulou e Alex imaginou se estava tentando mantê-lo confuso e falando enquanto esperava a chegada de socorro. Mas ainda estavam sozinhos. O gato havia adormecido. Ninguém se aproximava. — Vou lhe dar um conselho. E vai precisar dele, se quer mesmo trabalhar para a Scorpia. Uma vez do outro lado, não há regras. Eles não acreditam em jogo limpo. E nós também não. Eles sequestraram um garoto de 18 anos — a mulher continuou. Alex se lembrava do rapaz na ponte. — Ele era filho de um servidor público, um civil que trabalhava para o governo britânico. E iam matá-lo. Mas, antes, eles o torturariam. Tínhamos que resgatá-lo... Sim, providenciamos a troca. Mas eu jamais teria libertado seu pai. Ele era perigoso demais. Muito mais gente teria morrido. Por isso, tomei providências para que a troca fosse feita daquela maneira. Dois homens sobre uma ponte. Um atirador de elite. Funcionou perfeitamente bem e estou satisfeita com isso. Pode atirar em mim, se isso realmente vai servir para fazer você se sentir melhor, Alex. Mas estou dizendo: você não conheceu seu pai. E, se eu tivesse que fazer tudo de novo, não mudaria nada do que fiz.

— Se acha mesmo que meu pai era tão mau... o que isso faz de mim? — Alex tentava encontrar coragem para atirar. Acreditava que a raiva lhe daria força. Mas estava mais cansado que furioso. Então, ele agora tentava encontrar outro meio de se convencer a apertar o gatilho. Era filho de seu pai. Matar era algo que corria em seu sangue.

A sra. Jones deu um passo na direção dele.

— Fique onde está! — a arma estava a menos de meio metro dela, apontada para a cabeça.

— Não acredito que você seja um assassino, Alex. Você nunca conheceu seu pai. Por que tem que ser como ele? Acha que todos nós somos *moldados* no momento em que nascemos? Eu acredito que temos escolha...

— Jamais escolhi trabalhar para vocês.

— Não? Depois da Operação Stormbreaker, você poderia ter ido embora. Não precisávamos ter nos encontrado de novo. Nunca mais. Mas, caso tenha esquecido, você *escolheu* se meter com aqueles traficantes de droga, por isso tivemos que resgatá-lo da confusão. E depois teve Wimbledon. Não o obrigamos a agir disfarçado. Você concordou com aquela missão... e, se não houvesse trancado um gângster chinês em um freezer, não teríamos sido forçados a mandá-lo para os Estados Unidos.

— Está distorcendo tudo!

— E, finalmente, Damian Cray. Você foi atrás dele por conta própria, e somos muito gratos por isso, Alex. Mas está me perguntando... o que acho que é? Acho que é esperto demais para apertar esse gatilho. Não vai atirar em mim. Nunca.

— Está enganada — ele respondeu. E levantou a arma pela última vez. Ela estava mentindo, sabia disso. Sempre mentira para ele. Era capaz de atirar. Tinha que atirar.

Alex apontou a arma diretamente para a sra. Jones.

Deixou-se dominar pelo ódio.

E disparou.

O ar diante dele parecia ter explodido em fragmentos.

A sra. Jones o enganara. Ela sempre o enganara. Apesar de não ter notado antes, a sala era dividida em duas partes. Um grande painel de vidro transparente e à prova de balas separava o ambiente de um lado ao outro, do teto ao chão. Ela estava de um lado do vidro. Ele, do outro. À meia-luz, a divisória se tornara invisível, mas agora o vidro se estilhaçara, tornara-se

fosco por causa de milhares de rachaduras provocadas pela bala. A sra. Jones quase havia desaparecido, seu rosto perdera o foco e a nitidez, como se ela fosse uma imagem destroçada de si mesma. Ao mesmo tempo, um alarme soou, as portas se abriram e Alex foi agarrado e jogado sobre um sofá. A arma voou longe. Alguém gritou alguma coisa em seu ouvido, mas ele não entendeu as palavras. O gato rosnou e saltou por cima de sua cabeça. Seus braços foram puxados para trás, um joelho pressionou suas costas e ele sentiu o frio do metal contra os pulsos. Houve um clique. Não podia mais mover as mãos.

Agora havia diversas vozes na sala.

— Tudo bem, sra. Jones?

— Pedimos desculpas, senhora...

— O carro está pronto, esperando lá fora...

— Não o machuquem!

Alex foi tirado do sofá com as mãos algemadas nas costas. Sentia-se esgotado, destruído. Falhara com a Scorpia. Falhara com o pai. Falhara com ele mesmo.

Mas ele não chorou. Nem resistiu. Sem mover os pés, inerte, Alex deixou-se arrastar para fora do apartamento, de volta ao corredor e para a noite do lado de fora do edifício.

A SALA ERA UMA CAIXA BRANCA e vazia projetada para intimidar. Alex medira o espaço: dez passos por quatro. Havia uma cama estreita sem lençóis ou cobertores e, atrás de uma divisória, um vaso sanitário. Só isso. A porta não tinha maçaneta e se encaixava na parede com tanta perfeição que era quase invisível. Não havia janela. A luz penetrava por trás de um painel quadrado no teto e era controlada pelo lado de fora.

Alex não sabia quanto tempo havia passado ali. Em algum momento, devia ter tirado o relógio.

Depois de ter sido levado do apartamento da sra. Jones, fora jogado dentro de um carro e transportado em alta velocidade por Londres, com um saco preto na cabeça. Não sabia para onde era levado. O carro continuou em movimento por cerca de meia hora, depois reduziu a velocidade. Alex sentiu o estômago protestar e soube que desciam alguma encosta ou ladeira. Eles o levavam ao porão do quartel-general na Liverpool Street? Já tinha estado lá uma vez, mas dessa vez não tivera a chance de pegar suas coisas. O carro parou. A porta foi aberta e ele sentiu que alguém o segurava e puxava para fora. Ninguém falava com ele. Alex foi levado por outro longo corredor — sempre caminhando entre dois homens — e desceu uma escada. Então, as algemas foram removidas. O saco que lhe cobria a cabeça foi retirado. Ele só teve tempo para ver Lloyd e Ramirez, os dois agentes da recepção do prédio, saindo. Em seguida, a porta foi fechada e ele ficou sozinho.

Deitado de costas, ele agora lembrava os momentos finais no apartamento. Era espantoso que não tivesse percebido a barreira de vidro antes que fosse tarde demais. A voz da sra. Jones havia sido amplificada de algum jeito? Não tinha importância. Havia tentado matá-la. Finalmente encontrara coragem para apertar o gatilho, provando que a Scorpia sempre estivera certa.

“Ele era um assassino. Sabe quantas pessoas ele matou?”

Alex lembrou o que a mulher dissera sobre seu pai. Havia sido ela quem dera a ordem para a execução de John Rider. Ela providenciara tudo. Merecia morrer.

Pelo menos, tentara se convencer disso. Mas o pior de tudo era que entendia como ela se sentia. Supondo que seu pai não houvesse morrido na ponte Albert. Supondo que ele houvesse crescido e descoberto, de algum jeito o que o pai fazia para viver. Como Alex teria se sentido com relação a tudo aquilo? Teria sido capaz de perdoá-lo?

Sentado naquela sala branca e cruel, Alex pensou no momento em que havia apertado o gatilho. No último segundo, quase inconscientemente, mudara a mira. Agora sabia disso. Lembrava-se do leve tremor na mão quando a consciência o proibiu de fazer o que o coração mais desejava. Não apontara para a sra. Jones. A bala teria passado por ela, por cima da cabeça.

Não que isso teria feito alguma diferença. A sra. Jones estivera segura o tempo todo. Mais uma vez, ele viu o vidro trincando sem se quebrar. O bom e velho Smithers! Tinha quase certeza de que havia sido o mestre de truques e aparatos do MI6 que havia criado a divisória.

O que aconteceria com ele agora? O MI6 o processaria? Mais provável era que o interrogassem. Eles iam querer saber sobre Malagosto, sobre a sra. Rothman e Nile. Talvez, depois disso o deixassem em paz. Depois do que havia acontecido, nunca mais confiariam nele.

Alex adormeceu... não só de cansaço, mas de absoluto esgotamento. Foi um sonho escuro, sem sonhos, sem nada que pudesse confortá-lo ou aquecê-lo.

O som da porta se abrindo o acordou. Ele abriu os olhos e piscou. Era desconcertante não ter noção do tempo. Podia ter dormido por algumas horas ou a noite toda. Não se sentia descansado. O pescoço estava dolorido, duro. Mas, sem uma janela, era impossível diferenciar noite e dia.

— Precisa ir ao banheiro?

— Não.

— Então venha comigo.

O homem parado na porta não era Lloyd ou Ramirez, nem outra pessoa do MI6 que Alex conhecesse. Seu rosto era vazio, desinteressante, e Alex teve certeza de que, se voltasse a encontrá-lo no dia seguinte, já o teria esquecido. Ele se levantou da cama dura e caminhou até a porta, tomado por um súbito nervosismo. Ninguém sabia que estava ali. Nem Tom, nem Jack Starbright... nenhum amigo. O MI6 podia fazê-lo desaparecer. Para sempre. Ninguém descobriria o que havia acontecido. Talvez fosse a intenção da organização.

Mas não podia fazer nada. Seguiu o agente por um corredor curvo com piso de aço e canos grossos ao longo do teto. Talvez estivesse na sala de máquinas de um navio.

— Estou com fome — disse. E era verdade. Mas também queria mostrar àquele agente que não sentia medo.

— Estou levando-o para tomar o café da manhã.

Café da manhã! Então, dormira a noite toda.

— Não se preocupe — Alex respondeu. — Pode me deixar no McDonalds.

— Receio que isso não seja possível. Aqui...

Estavam diante de uma segunda porta, Alex passou por ela e entrou em uma sala estranha e arredondada... obviamente ainda no subterrâneo. Havia grossos painéis de vidro no teto e ele podia ver formas, pessoas, caminhando lá em cima. A sala ficava embaixo de uma calçada. Pés de diferentes tamanhos e formas tocavam o vidro. As pessoas lá em cima eram como fantasmas em movimento, andando silenciosas a caminho do trabalho.

Havia uma mesa com salada de frutas, cereal, leite, croissants e café. Alex se alegrou com a visão da comida, mas perdeu parte do apetite quando constatou que iria compartilhar a refeição com Alan Blunt, que o esperava sentado em uma cadeira do outro lado da mesa, vestindo outro de seus elegantes ternos cinza. Ele era perfeitamente apto para o disfarce de gerente de banco que utilizava no dia em que Alex o conheceu, um homem de seus 50 anos, mais confortável com números e estatísticas do que com seres humanos.

— Bom dia, Alex — ele o cumprimentou.

Alex não respondeu.

— Pode ir, Burns. Obrigado.

O agente se retirou e fechou a porta ao sair. Alex caminhou até a mesa e sentou.

— Está com fome, Alex? Sirva-se, por favor.

— Não, obrigado — estava com fome. Mas não se sentiria à vontade comendo na frente daquele homem.

— Não seja bobo. Precisa fazer a refeição matinal. Vai ter um dia agitado — Blunt esperou uma resposta, mas Alex não disse nada. — Tem noção do tamanho da encrenca em que se meteu? — perguntou.

— Talvez eu coma um pouco de flocos de milho — respondeu Alex.

Ele se serviu. Blunt o observava com frieza.

— Temos pouco tempo — ele anunciou enquanto Alex comia. — Preciso lhe fazer algumas perguntas. E você vai me dar todas as respostas com total honestidade.

— Ou...

— Ou o quê? Acha que vou aplicar em você o soro da verdade ou coisa parecida? Vai responder às minhas perguntas porque é do seu interesse fornecer essas respostas. Nesse momento, você não sabe nada. Não tem ideia do que está em jogo. Mas é bom acreditar em mim quando digo que teremos uma reunião de importância vital. Temos que descobrir o que você sabe. Muitas vidas dependem disso. Mais do que pode imaginar.

Alex deixou a colher dentro da vasilha e balançou a cabeça afirmativamente.

— Continue.

— Foi recrutado por Julia Rothman?

— Sabem quem é ela?

— É claro que sabemos.

— Sim, eu fui.

— Foi levado para Malagosto?

— Sim.

— E enviado para matar a sra. Jones.

Alex sentiu necessidade de se defender.

— Ela matou meu pai.

— Isso não está em discussão.

— Não para o senhor.

— Apenas responda às minhas perguntas.

— Sim, fui mandado para matar a sra. Jones.

— Muito bem. Preciso saber quem o trouxe a Londres. O que lhe disseram. E o que ia fazer quando completasse a missão.

Alex hesitou. Sabia que dar todas essas informações a Blunt seria trair a Scorpia. Mas, de repente, não se importava. Havia sido arrastado para um mundo onde todo mundo traía todo mundo. Só queria sair dele.

— Eles tinham a planta do apartamento dela — Alex começou. — Sabiam tudo... exceto sobre a divisória de vidro. Eu só precisava esperar ela entrar. Dois agentes me conduziram pelo aeroporto de Heathrow. Eles nunca

me disseram os nomes, mas chegamos como se fôssemos uma família italiana. Eu tinha um passaporte falso...

— Para onde eles o levaram?

— Não sei. Era uma casa em algum lugar. Não tive tempo de ver o endereço — Alex parou. — Onde está a sra. Jones?

— Ela não quis vê-lo.

Alex assentiu.

— Entendo.

— Depois de matá-la... o que deveria fazer?

— Eles me deram um número de telefone. Eu deveria telefonar no momento em que terminasse de fazer o que me haviam ordenado. Mas eles já devem saber que fui capturado. Certamente vigiavam o apartamento.

Houve um longo silêncio. Blunt examinava Alex com muita atenção, como um cientista com um espécime interessante em sua mesa de laboratório. Alex se mexeu com desconforto na cadeira.

— Quer trabalhar para a Scorpia? — Blunt perguntou.

— Não sei — Alex respondeu. — Não estou certo de que é diferente de trabalhar para vocês.

— Não pode acreditar nisso. Não está falando sério.

— Por que não? No final, todos vocês são assassinos. Vai mesmo tentar me convencer de que é melhor que eles? — Blunt não disse nada, mas seus olhos estavam fixos em Alex. — Não quero trabalhar para ninguém! Só quero voltar para a escola. Nunca mais quero ver nenhum de vocês.

— Queria que isso fosse possível, Alex — pela primeira vez, Blunt parecia sincero. — Vou lhe dizer uma coisa que pode surpreendê-lo. Faz seis... sete meses que nos conhecemos. Nesse tempo, você se mostrou muito útil. Tem sido mais bem-sucedido do que eu poderia ter imaginado. No entanto, a verdade é que gostaria de nunca tê-lo conhecido.

— Por quê?

— Porque deve haver alguma coisa errada, muito errada, mesmo, quando a segurança do mundo todo está sobre os ombros de um menino de 14 anos de idade. Acredite em mim, neste momento eu ficaria muito feliz se pudesse simplesmente deixá-lo ir embora daqui. Você não pertence ao meu mundo, não mais do que eu pertença ao seu. Mas não posso permitir que volte à escola, porque em pouco mais de 24 horas todos os alunos da sua escola estarão mortos. Milhares de crianças em Londres poderão ter o mesmo fim.

Foi isso o que seus amigos da Scorpia prometeram e não tenho dúvida de que eles falam sério.

— Milhares... — Alex empalideceu. Não esperava nada parecido com aquilo. Em que havia se envolvido?

— Talvez mais. Podem ser dezenas de milhares.

— Como?

— Não sabemos. Você pode saber. Tudo que tenho para dizer é que a Scorpia fez uma série de exigências. Não podemos dar o que eles querem. E eles vão nos fazer pagar caro por isso.

— O que quer de mim? — perguntou Alex. Era como se todas as forças tivessem deixado o corpo dele.

— A Scorpia cometeu um erro. Eles o mandaram para nós. Quero saber tudo o que você viu... tudo o que Julia Rothman falou. Ainda não temos nenhuma ideia sobre o que estamos enfrentando, Alex. Você pode nos dar algumas pistas, pelo menos.

Milhares de crianças em Londres.

“Às vezes, infelizmente, matar pessoas é o que temos que fazer. “ Ela havia dito exatamente isso.

E estava falando sério.

— Não sei nada — Alex falou.

— Pode saber mais do que pensa. Neste momento, você é tudo que existe entre a Scorpia e um banho de sangue sem precedentes. Sei o que pensa sobre mim. Sei o que sente pelo MI6. Mas está disposto a ajudar?

Alex levantou os olhos devagar. Ele examinou o homem sentado à sua frente e, nesse momento, viu o que jamais havia imaginado ver um dia.

Alan Blunt estava com medo.

— Está bem — disse. — Eu vou ajudá-los.

— Ótimo. Então, termine seu café, tome um banho e mude de roupa. O primeiro-ministro convocou uma reunião do Cobra. Quero que você participe.

Cobra acrônimo de Cabinet Office Briefing Room (A) ou Sala Principal de Reuniões do Gabinete — era o local onde, no número 10 da Downing Street, aconteciam as reuniões. Trata-se de um conselho de emergência, a resposta mais radical do governo a qualquer crise.

O primeiro-ministro sempre está presente quando o Cobra se reúne, é claro, assim como a maioria dos ministros do alto escalão, o diretor de co-

municações, o chefe de gabinete e representantes da polícia, do Exército e dos serviços de inteligência. Finalmente, há os membros civis do governo, homens em ternos escuros com cargos cujos nomes são longos e sem significado. Tudo o que acontece, tudo o que é discutido, é gravado, anotado e depois arquivado por 30 anos sob o Ato Secreto Oficial. A política pode ser um jogo, mas o Cobra é mortalmente sério. Decisões tomadas naquela sala podem derrubar um governo. A decisão errada pode destruir o país inteiro.

Alex Rider foi conduzido a outro aposento para tomar um banho e vestir roupas limpas. Ele reconheceu o jeans de marca e a camiseta de rúgbi da Copa Mundial Reebok. Eram suas roupas. Alguém tinha ido até sua casa para pegá-las e, ao vê-las dobradas sobre uma cadeira ele se sentiu culpado. Não falava com Jack Starbright havia semanas, desde que partira para Venezuela. Queria saber se alguém no MI6 contara a seu amigo e à governanta o que estava acontecendo. Não acreditava nisso. O MI6 nunca contava nada a ninguém, a menos que fosse inevitável.

Mas, enquanto vestia a camiseta, ele sentiu alguma coisa no bolso. Uma folha de papel. Alex a pegou e desdobrou e logo reconheceu a caligrafia de Jack.

Alex,

Em que se meteu dessa vez? Dois agentes secretos (espiões) lá embaixo. Terno e óculos escuros. Acho que são espertos, mas aposto que não olharam o bolso da camiseta.

Pensando em você. Cuide-se. Tente voltar inteiro para casa. Amo você.

Jack

O bilhete o fez sorrir. Era como se há muito tempo não acontecesse nada capaz de alegrá-lo.

Como havia deduzido, o quarto e a sala de interrogatório ficavam sob a Liverpool Street. Ele foi levado a uma garagem onde um Jaguar azul-marinho XJ6 esperava e os dois foram levados para cima, para a rua. Alex se acomodou no assento de couro. Era estranho estar sentado tão perto do presidente da Divisão de Operações Especiais do MI6. Era a primeira vez que ficavam sozinhos e sem uma mesa ou escrivaninha entre eles.

Blunt não estava com disposição para conversar.

— Você vai receber todas as informações atualizadas no Cobra — resmungou. — Mas, enquanto estamos a caminho, quero que pense em tudo o que aconteceu com você enquanto esteve com a Scorpia. Tudo o que ouviu. Se tivesse mais tempo, eu mesmo o poria a par de todos os fatos. Mas o Cobra não espera.

Depois disso, ele se dedicou à leitura de um relatório que tirou da pasta, e Alex ficou entregue aos próprios pensamentos. Ele olhou pela janela quando o motorista tomou a direção da zona oeste da cidade, atravessando Londres. Eram 9h15. As pessoas ainda corriam para o trabalho. O comércio abria as portas. Do outro lado do vidro, a vida seguia seu ritmo normal. Mas, novamente, Alex estava do lado errado, sentado naquele carro ao lado daquele homem, a caminho de Deus sabe o quê.

Ele ainda olhava pela janela quando chegaram a Charing Cross e pararam em um semáforo na Trafalgar Square. Blunt continuava lendo. De repente, Alex queria saber uma coisa.

— A sra. Jones é casada? — perguntou.

Blunt levantou a cabeça.

— Já foi.

— Vi uma fotografia dela com duas crianças quando estive no apartamento.

— Os filhos dela. Teriam sua idade agora. Mas ela os perdeu.

— Eles morreram?

— Foram tirados dela.

Alex digeriu a informação. As respostas de Blunt não eram exatamente esclarecedoras.

— O senhor é casado?

Ele se virou.

— Não discuto minha vida pessoal.

Alex deu de ombros. Francamente, estava surpreso por ele ter uma vida pessoal.

Seguiram por Whitehall e viraram à direita, passando pelo portão que já estava aberto para recebê-los. O carro parou e Alex desceu. Sua cabeça girava. Estava na frente daquela que podia ser a porta mais famosa do mundo. E ela estava aberta. Um policial o conduziu ao interior da casa. Blunt já desaparecera lá dentro. Alex o seguiu.

A primeira surpresa foi o tamanho da casa de número 10 da Downing Street. Ela era duas ou três vezes maior do que esperava e se abria para todos os lados, com tetos altos e um corredor que parecia se estender até o infinito. Lustres pendiam do teto. Trabalhos de arte, emprestados de museus, enfeitavam as paredes.

Blunt havia sido parado por um homem alto de cabelos grisalhos, vestindo terno e gravata listrada. O homem tinha aquele tipo de rosto que se encaixaria com perfeição em uma moldura dourada: um retrato vitoriano. Um rosto que pertencia a outro mundo e, como uma velha pintura, parecia desbotado. Só os olhos, pequenos e escuros, tinham vida. Eles brilhavam ao estudar Alex e pareciam tê-lo reconhecido de imediato.

— Então, este é Alex Rider — o homem falou enquanto estendia a mão.
— Meu nome é Graham Adair.

Ele olhava para Alex como se o conhecesse, mas Alex tinha certeza de que jamais haviam se encontrado antes.

— Sir Graham é secretário permanente do gabinete — explicou Blunt.

— Já ouvi falar muito sobre você, Alex. É um prazer conhecê-lo. Um prazer maior do que possa imaginar, acredito.

— Obrigado — Alex estava intrigado. Não entendia o que sir Graham queria dizer ou se ele estivera envolvido de algum jeito em suas outras missões.

— Soube que vai se juntar a nós no Cobra. Estou muito feliz... mas devo preveni-lo, pode haver lá dentro uma ou duas pessoas que não sabem muito sobre você e se ressentirão de sua presença.

— Estou acostumado com isso — disse Alex.

— Imagino que sim. Bem, venha comigo, espero que possa nos ajudar. Estamos enfrentando algo muito diferente, por isso nenhum de nós sabe ao certo o que fazer.

Alex seguiu o secretário de gabinete pelo corredor, passou por baixo de um arco e entrou em uma sala muito grande onde havia pelo menos 40 pessoas reunidas em torno de uma mesa de conferências. A primeira impressão de Alex foi que todos os presentes eram indivíduos de meia-idade e, com poucas exceções, homens e brancos. Em seguida, ele percebeu que conhecia muitos rostos. O primeiro-ministro estava sentado à cabeceira da mesa. O secretário do primeiro-ministro, gordo e com enormes costeletas, encontrava-se ao lado dele. O secretário das Relações Exteriores mexia na gravata

revelando nervosismo. Outro homem, que podia ser o secretário da Defesa, estava sentado diante dele. A maioria dos homens vestia terno, mas havia também os que usavam uniforme, militares ou policiais. Sobre a mesa, diante de cada um, havia uma pasta bem grossa. Duas mulheres maduras, ambas vestindo tailleur preto e camisa branca, ocupavam cadeiras nos cantos da sala, os dedos a postos sobre o que pareciam ser miniaturas de máquinas de escrever.

Blunt apontou uma cadeira vazia para Alex e sentou ao lado dele. O garoto notou que algumas cabeças se viraram em sua direção, mas ninguém disse nada.

O primeiro-ministro se levantou e Alex sentiu a mesma tensão que havia experimentado no dia em que conhecera Damian Cray: a constatação de que estava vendo ao vivo um rosto que o mundo todo conhecia. O primeiro-ministro parecia mais velho e cansado do que na TV. Ali não havia maquiagem nem truques de iluminação. Ele parecia derrotado.

— Bom dia — falou. Todos na sala ficaram em silêncio.

A reunião do Cobra estava começando.

CONTROLE REMOTO

ELES ESTAVAM FALANDO há três horas.

O primeiro-ministro lera em voz alta a carta da Scorpia e cópias haviam sido distribuídas. Até Alex tinha uma cópia diante dele e havia lido o teor da mensagem com um misto de incredulidade e repulsa. Dezoito pessoas inocentes já haviam morrido e ninguém na sala sabia como isso havia acontecido. A Scorpia cumpriria a ameaça de matar crianças em Londres? Alex não tinha dúvida, mas ninguém havia pedido sua opinião, e a primeira hora da reunião fora ocupada por uma exaustiva discussão sobre o mesmo tema. Pelo menos metade dos presentes achava que a Scorpia blefava. A outra metade queria pressionar os americanos e fazê-los concordar com as exigências da organização.

Mas não havia a menor possibilidade de isso acontecer. O secretário de Relações Exteriores já havia se reunido com o embaixador americano. O primeiro-ministro passara horas ao telefone com o presidente dos Estados Unidos, mas a posição americana era firme: o que a Scorpia pedia era impossível. Os americanos consideravam as ameaças ridículas... malucas até. O presidente oferecera ajuda da CIA para rastrear a Scorpia. Duzentos agentes daquele país já estavam a caminho de Londres. Mas não havia mais nada que ele pudesse fazer. A Inglaterra estava sozinha.

A resposta causou acirrada discussão. O secretário do primeiro-ministro bateu com o punho fechado na mesa.

— Isso é incrível! É um escândalo! Nós ajudamos os americanos. Somos seus aliados mais próximos. E agora eles nos dão as costas e nos mandam pular do precipício!

— Não foi exatamente isso o que eles disseram — o secretário de Relações Exteriores era mais cauteloso. — E não sei o que mais eles podem fazer. O presidente tem razão. Essas exigências são inviáveis.

— Eles podem tentar negociar!

— Mas a carta diz que não existe chance de negociação...

— Sim, eu sei. Mas eles poderiam tentar, mesmo assim!

Alex ouvia a discussão com atenção. Nenhum dos dois escutava realmente o que o outro dizia. Então era assim que o governo funcionava! Era

incrível. Ninguém parecia ter ideia do que fazer.

Em seguida, um perito oficial leu um relatório sobre como os jogadores de futebol haviam morrido.

— Foram todos envenenados — disse. Era um homem baixo, com um rosto redondo e corado. Ele havia vestido um terno amarrotado para comparecer à reunião, mas, por algum motivo Alex podia afirmar que o homem passava a maior parte da vida metido em um avental branco. — Encontramos traços de cianeto que parece ter sido aplicado diretamente no coração. A quantidade era muito pequena... mas suficiente.

— Como o veneno foi administrado? — alguém perguntou, o chefe de polícia.

— Ainda não sabemos. Não foi disparado, isso é certo. Não havia perfurações na pele. E há mais uma coisa estranha, mais uma substância revelada pela autópsia: encontramos ouro no sangue dos atletas.

— Ouro? — era a primeira vez que o diretor de Comunicações se manifestava e Alex percebeu que ele estava sentado ao lado do primeiro-ministro. Ele era o menor, e em muitos aspectos parecia ser o menos imponente dos homens ali presentes. Mesmo assim, todos se viraram ao ouvir a única palavra que ele pronunciou.

— Sim, sr. Kellner. Não acreditamos que as partículas de ouro contribuíram para a morte dos atletas. Mas em todos encontramos traços das mesmas substâncias...

— Bem, tudo isso parece bem claro para mim — disse Kellner e havia raiva em sua voz. Ele se levantou e olhou em volta, estudando as pessoas reunidas em torno da mesa com um olhar frio, superior.

Alex sentiu uma antipatia imediata por ele. Vira alunos com aquela mesma atitude na Brookland. Pessoas pequenas e ressentidas, sempre desmerecendo os outros. E que corriam aos prantos para se queixar com os professores no momento em que eram atacadas.

— Toda essa gente morreu na mesma hora, exatamente — ele continuou. — Portanto, é óbvio que foram envenenados ao mesmo tempo. Quando pode ter sido? Bem, evidentemente, quando ainda estavam no avião! Já verifiquei. O voo durou 6 horas e 35 minutos e eles fizeram uma refeição logo depois de terem decolado de Lagos. Devia haver cianeto na comida, e o veneno fez efeito quando eles desembarcaram em Heathrow.

— Está dizendo que não existe nenhuma arma secreta? — perguntou o secretário do primeiro-ministro. Ele piscava muito. — O que a Scorpia quer dizer com “Espada Invisível” então?

— É um truque. Estão tentando nos fazer pensar que são capazes de matar as pessoas com algum tipo de controle remoto...

“Controle remoto.” Isso tinha algum significado para Alex. Ele se lembrou de alguma coisa que viu quando invadiu o Ca’ Vedova. O que era?

— Não existe nenhuma Espada Invisível — Kellner continuou. — Eles só querem nos assustar.

— Não sei se concordo, sr. Kellner — o perito parecia nervoso diante do diretor de Comunicação. — Eles podem ter sido envenenados todos ao mesmo tempo, acho. Mas cada um deles tinha um metabolismo diferente. O veneno provocaria reações mais rápidas ou mais lentas em cada atleta.

— Todos eram atletas. Deviam ter metabolismos mais ou menos parecidos.

— Não, sr. Kellner. Havia também dois treinadores e um administrador...

— Para o diabo com eles. Não existe nenhuma Espada Invisível. Essas pessoas estão brincando conosco. Fazem exigências que sabem que os Estados Unidos não podem cumprir e nos ameaçam com alguma coisa que simplesmente não vai acontecer.

— Não é assim que a Scorpia costuma agir.

Alex se surpreendeu ao constatar que Blunt havia falado. O presidente da Divisão de Operações Especiais do MI6 estava sentado à sua esquerda. A voz dele era calma e muito controlada.

— Já tivemos contatos anteriores com essa organização e eles nunca fizeram uma ameaça vazia.

— O senhor estava em Heathrow, sr. Blunt. O que acha que aconteceu?

— Não sei.

— Ah, muito útil. A Inteligência Secreta se senta à mesa, mas não tem nenhuma informação a oferecer. E já que está aqui... — Mark Kellner parecia ter notado Alex pela primeira vez. — Seria excelente saber por que trouxe um garoto. Hoje é o Dia do Leve Seu Filho ao Trabalho?

— Este é Alex Rider — dessa vez foi sir Graham Adair quem falou. Seus olhos escuros estavam fixos no chefe de Comunicações. — Como sabe, Alex nos ajudou em várias ocasiões. E ele também foi a última pessoa a fazer contato com a Scorpia.

— É mesmo? E como isso aconteceu?

— Eu o mandei a Veneza numa missão secreta — disse Blunt e Alex se surpreendeu com a fluência com que ele mentia. — A Scorpia mantém uma escola de treinamento na ilha de Malagosto e Precisávamos de informações detalhadas. Alex passou uma semana nessa escola em treinamento.

Um dos políticos pigarreou.

— Isso é realmente necessário, sr. Blunt? — ele perguntou. — Quero dizer, se alguém descobre que o governo está usando crianças em idade escolar para esse tipo de trabalho, pode ficar feio para nós.

— Não acredito que isso seja importante agora — Blunt respondeu.

O chefe de Polícia parecia espantado. Ele era mais idoso que os outros e vestia uniforme azul com botões prateados e muito brilhantes.

— Se sabe sobre a Scorpia, se sabe até mesmo onde encontrá-los, por que não pode acabar com eles? — perguntou aquele oficial. — Por que não mandar o Serviço Aéreo Especial e matar todos eles de uma vez?

— O governo italiano não vai ficar contente se invadirmos o território deles — explicou Blunt. — Além do mais, não é tão simples. A Scorpia é uma organização mundial. Conhecemos alguns de seus líderes, mas não todos. Se destruímos um braço, outro pode assumir a operação. E, nesse caso, vai querer vingança. A Scorpia nunca perdoa ou esquece. É preciso lembrar que está nos ameaçando, é verdade, mas trabalha para alguém, e esse cliente é o nosso verdadeiro inimigo.

— E o que Alex Rider descobriu quando esteve em Malagosto? — quis saber Kellner. Não se deixaria derrubar do pedestal. Não por Alan Blunt. E, certamente, jamais por um garoto de 14 anos.

Alex sentiu todos os olhos em cima dele. A situação era incômoda.

— A sra. Rothman me levou para jantar e mencionou a Espada Invisível — disse. — Mas não me contou o que era.

— Quem é a sra. Rothman? — Kellner perguntou.

— Julia Rothman faz parte da diretoria executiva da Scorpia — Blunt falou. — São nove membros. Ela é um deles. Alex a conheceu quando esteve na Itália.

— Ah, isso é muito útil — disse Kellner. — Mas, se é tudo que Alex tem para oferecer, não precisamos mais dele aqui.

— Havia alguma coisa sobre uma corrente... Uma corrente fria — Alex lembrou a conversa que escutara no Ca' Vedova. — Não sei o que significa,

mas pode ter alguma coisa a ver com toda essa história.

No canto da sala, uma mulher jovem, bem vestida e com longos cabelos negros olhou para Alex com repentino interesse.

Mas Kellner já dava continuidade à conversa.

— Querem que acreditemos que a Scorpia pode, de alguma maneira, envenenar milhares de crianças e arranjar a situação de forma que todas elas morram exatamente às 16 horas da quinta-feira...

— Elas estarão saindo da escola — manifestou-se um membro do Exército.

— Não é possível! O time de futebol foi um truque. Eles querem nos deixar em pânico para levarmos toda essa história a público, mas, se anunciarmos as ameaças, a credibilidade do governo será seriamente abalada. *É isso* o que eles querem!

— Então, o que sugere que façamos? — perguntou sir Graham Adair. O secretário permanente fazia um grande esforço para banir da voz a nota de desdém. Porém ele lembrava o que havia visto no aeroporto de Heathrow. Não queria rever aquela cena espalhada por Londres inteira.

— Que vocês os ignorem. Que os mandem para o inferno.

— Não podemos! — como todos os outros, o secretário de Relações Exteriores tinha medo de Kellner. Mas estava determinado a dizer o que pensava. — Não podemos correr esse risco!

— Não há nenhum risco. Pense por um minuto. O time de futebol foi envenenado com cianeto. Estavam todos no mesmo avião ao mesmo tempo. Não foi difícil. Mas envenenar cem mil crianças... Como isso é possível?

— Injeções — disse Alex.

Todos olharam para ele de novo.

Alex havia chegado a essa conclusão em uma fração de segundo. De repente a ideia surgira em sua cabeça como se alguém tivesse cochichado em seu ouvido. Estivera pensando em uma viagem que havia feito à América do Sul uma vez... fazia muito tempo. E então lembrou o que havia visto na Consanto. Os pequenos tubos de ensaio. Todo o maquinário... tudo absolutamente estéril. Para que era aquilo? Agora entendia o elo com o dr. Liebermann. E havia mais alguma coisa. Quando estava no restaurante com Julia Rothman, ela havia feito uma piada sobre o cientista.

“Podemos dizer que a morte desse homem foi uma vacina, incômoda, mas necessária.”

Uma vacina. Uma injeção.

— Todos os alunos das escolas de Londres são vacinados — Alex continuou. Sabia que agora era o centro das atenções. O primeiro-ministro, metade do gabinete, a polícia e os chefes militares... as pessoas mais poderosas do país estavam naquela sala. Estava cercado por elas. E todas o ouviam. — Quando estive na Consanto, vi tubos de ensaio cheios de líquido. E havia bandejas com o que pareciam ser ovos.

— Algumas vacinas são desenvolvidas em ovos — explicou o oficial médico. — E a Consanto fornece vacinas para o mundo todo — ele assentiu como se tivesse acabado de pensar em outra coisa relacionada ao mesmo assunto. — Isso também explica o que você ouviu. É claro! A corrente fria! Ela se referia ao transporte de vacinas. Elas têm que ser mantidas o tempo todo numa determinada temperatura. Se a corrente for quebrada, as vacinas se tornam inúteis.

— Continue, Alex — pediu sir Graham Adair.

— Eu vi quando mataram um homem chamado dr. Liebermann — Alex prosseguiu. — Ele trabalhava para a Consanto e, segundo Julia Rothman, recebia muito dinheiro por essa colaboração. Talvez ele tenha acrescentado alguma coisa a um lote de vacinas. Algum tipo de veneno. Essa substância seria injetada nos alunos de Londres. Eles sempre são vacinados no início do ano letivo...

Adair olhou para o oficial médico, que assentiu.

— É verdade. Houve uma aplicação de BCG em Londres, há cerca de uma semana.

— Uma semana! — o diretor de comunicações interrompeu. O tom de voz de Mark Kellner não havia mudado. — Se as crianças receberam injeções de cianeto há uma semana, como continuam vivas? Como essa Julia Rothman vai fazer o veneno agir na tarde de quinta-feira? — algumas pessoas em torno da mesa moveram a cabeça num gesto de concordância e ele continuou: — E não acredito que o time de futebol da Inglaterra tenha recebido vacinas nesse tempo que passou fora. Ou estou errado?

— É claro que eles foram vacinados — irritou-se o secretário permanente, Alex notou que ele não conseguia mais esconder a raiva. Não estava nem tentando. — A seleção reserva estava na Nigéria. Eles não poderiam voltar ao país sem a devida inoculação.

— Sim! — o oficial médico exclamou, sem esconder sua repentina agitação. — Eles foram vacinados contra febre amarela!

— Há um mês! — insistiu Kellner.

— Então, a questão não é como eles administraram o veneno — disse sir Graham. — A questão é como eles o impediram de agir até que chegasse a hora oportuna. Esse é o segredo da Espada Invisível.

— O que mais pode nos dizer, Alex? — Blunt perguntou.

Até o chefe do MI6 parecia apoiá-lo.

— Vocês falavam sobre um controle remoto — continuou Alex. — Bem, a sra. Rothman tinha um animal selvagem no escritório dela. Um tigre branco. Ele me atacou e pensei que ia morrer ali.

— Acha mesmo que vamos acreditar nisso? — Kellner interrompeu o garoto.

Alex o ignorou.

— Mas, então, alguém entrou na sala e pressionou um botão do que parecia ser um controle remoto. Como o de uma TV comum... Bem, o tigre se deitou e dormiu.

— Nanoconchas.

A jovem que estava sentada perto da parede, e que havia estudado Alex um pouco antes, falou apenas uma palavra. Obviamente, não era considerada importante para ter um lugar à mesa, mas naquele momento se levantou e caminhou até o grupo. Devia ter 30 anos, mais ou menos; depois de Alex, ela era a pessoa mais jovem na sala, esbelta e pálida, e vestia um tailleur com camisa branca e uma simples corrente de prata no pescoço.

— Que diabos são nanoconchas? — perguntou impaciente o assistente do primeiro-ministro. — Aliás... quem é a senhora?

— Esta é Rachel Stephenson — informou o oficial médico. — Ela trabalha no meu departamento. É escritora e pesquisadora... e especialista no campo da nanotecnologia.

— Que bom... Agora vamos passar para a ficção científica — Kellner gemeu.

— Não há ficção nisso — respondeu a dra. Stephenson, recusando-se a ceder à tentativa de intimidação. — A nanotecnologia manipula a matéria no nível atômico e já está presente por aí em mais áreas do que poderia acreditar. Universidades, empresas alimentícias, indústrias farmacêuticas e, é claro, os militares, todos investem bilhões de dólares por ano em progra-

mas de desenvolvimento e todos estão de acordo em um ponto: em menos tempo do que se imagina, a vida de cada ser humano deste planeta vai mudar para sempre.

Kellner considerou a declaração como uma ofensa pessoal.

— Não vejo... — ele começou.

Mas o primeiro-ministro o calou levantando a mão.

— Fale mais sobre as nanoconchas — ele pediu à doutora.

Era a primeira vez que ele se manifestava em um bom tempo, Alex percebeu.

— Sim, senhores — a dra. Stephenson organizou os pensamentos. — Eu já estava pensando em nanoconchas quando ouvi sobre as partículas de ouro, mas Alex tornou tudo muito claro. É bastante complicado, e sei que não temos muito tempo, por isso vou tentar simplificar o máximo possível. Injeções podem ser a resposta. O que essas pessoas fizeram foi injetar nanoconchas revestidas de ouro nos jogadores de futebol, depois em crianças, sabe Deus quantas — ela fez uma pausa. — Estou falando de pequenos projéteis, pequenos mesmo, algo em torno de cem nanômetros de diâmetro. Só para terem ideia, um nanômetro equivale a um bilionésimo de metro. Ou, para dar outro exemplo, um fio de cabelo tem aproximadamente cem mil nanômetros de diâmetro. Portanto, cada um desses projéteis é mil vezes menor que a ponta de um fio de cabelo humano.

Ela se inclinou para a frente e apoiou as mãos sobre a mesa. Ninguém se movia. Alex podia ouvir a respiração das pessoas na sala.

— Em que consistem esses projéteis? — a dra. Stephenson continuou falando. — Bem, é isso o que todos sempre se perguntam. Pois bem, imaginem um M&M. É mais ou menos isso. A porção interna é o que chamamos de pérola de polímero e pode ser feita de material não muito diferente do usado em sacolas de supermercado. Não se esqueçam de que estou falando de poucas moléculas. O polímero uniria todas as substâncias e facilitaria o processo de agregação do cianeto. Quando polímero e cianeto são liberados, a pessoa morre. E o que impede essa liberação? A concha colorida do lado de fora do M&M, mas aqui estamos falando de ouro. Uma concha sólida de ouro, mas tão pequena que não se vê. Tudo isso deve ter sido criado pelo dr. Liebermann, o homem que foi assassinado, utilizando química coloidal altamente desenvolvida — ela fez outra pausa. — Desculpem, acho que estou fazendo todo o processo parecer mais complicado do que realmente é. Basi-

camente, o que temos é uma esfera recheada de veneno com uma proteína fixada na parte externa, na concha.

— O que faz a proteína? — alguém perguntou.

— Ela orienta o objeto, mais ou menos como um míssil atraído pelo calor. Eu levaria muito tempo para explicar como funciona, mas as proteínas conseguem se orientar no corpo humano. Elas sabem exatamente aonde ir. E, quando a nanoconcha é injetada, a proteína correta a conduz diretamente ao coração.

— Quantas dessas nanoconchas teriam que ser injetadas? — perguntou Blunt.

— Isso é impossível de responder — falou a dra. Stephenson. — Elas se alojam dentro do coração. Uma vez liberado o veneno, a ação é quase imediata e não é necessária uma grande quantidade. Na verdade, temos estudado o efeito das nanoconchas no corpo humano como uma possibilidade de cura para o câncer. É claro, isto é bem diferente, porque o interesse da Scorpia é simplesmente matar, mas deixe-me pensar... — ela fez uma pausa. — Não há muito líquido em uma vacina BCG. Apenas 1/50 de uma colher de chá. Fazendo um cálculo rápido, eu diria que é necessário acrescentar apenas uma parte de cianeto para cada cem partes de vacina — ela pensou mais um pouco e continuou. — Isso resultaria em aproximadamente um bilhão de nanoconchas — disse. — O suficiente para cobrir a cabeça de um alfinete.

— Mas a senhora disse que o veneno fica contido na cápsula de ouro.

— Sim. E é nisso que percebemos a astúcia dessa gente. A mistura de polímero e veneno fica contida na concha de ouro. A cápsula está dentro do coração e não causa nenhum dano. Se for deixada lá nesse estado, em pouco tempo será eliminada do organismo e passará despercebida. Mas o ouro se rompe com facilidade. Por isso foi escolhido pela Scorpia. Eles podem romper a cápsula por controle remoto, como disse Alex. Já colocou um ovo no forno de micro-ondas? Depois de alguns instantes, ele explode. O processo é o mesmo. Eles podem estar planejando usar tecnologia de micro-ondas — Stephenson balançou a cabeça, movimentando os cabelos longos. — Não. Micro-ondas teriam uma frequência muito baixa. Lamento, mas não sou especialista em ressonância plasmon de superfície — ela refletiu por um instante. — A resposta pode ser radiação terahertz.

— Desculpe, dra. Stephenson, mas está me deixando confuso — confessou o secretário de Relações Exteriores. — O que é radiação terahertz?

— Ah, esses raios ainda não são muito utilizados. No espectro eletromagnético, estão localizados entre as faixas de infravermelho e micro-ondas e atualmente são desenvolvidos para uso em exames médicos de imagem e em comunicações via satélite.

— Então, está dizendo que a Scorpia pode enviar um sinal utilizando um satélite e assim romper a concha de ouro que contém o veneno.

— Sim, senhor. Mas eles nem precisariam usar o satélite. Na verdade, não poderiam. Os raios não seriam suficientemente fortes. Se querem saber o que acho, quando aqueles pobres homens desceram do avião no aeroporto de Heathrow, devia haver por perto algum tipo de antena de radar. Ela podia estar ali há muito tempo, sobre um dos prédios ou em um mastro, e já deve ter sido removida. Mas tudo que eles precisaram fazer foi acionar um interruptor, e os raios terahertz romperam as conchas de ouro e... bem... todos aqui sabem qual foi o resultado.

— Há alguma possibilidade de as nanoconchas terem se rompido acidentalmente? — perguntou Sir Graham Adair.

— Não. Isso é o que há de mais brilhante no esquema todo. É necessário saber a espessura exata do ouro. É essa medida que determina a frequência a ser usada. É como quebrar um copo cantando a nota certa. Acho que Alex viu a mesma tecnologia em uso com o tigre em Veneza. O animal devia ter um sedativo na corrente sanguínea. Eles só precisavam pressionar um botão para fazê-lo dormir.

— Então, se eles não utilizam um satélite, o que nós estamos procurando?

— Um círculo. É mais ou menos como uma antena de TV via satélite, porém maior. Muito maior. Eles disseram que as próximas vítimas serão crianças de Londres, então o objeto deve estar em algum lugar bem alto na cidade. Talvez sobre algum edifício. Eles podem chamar a arma de Espada Invisível, mas eu acho que o esquema, resumindo de um jeito bem simples, é mais parecido com flechas invisíveis sendo disparadas de antenas para satélite. Elas são disparadas em linha reta. E é necessário que estejam direcionadas para os alvos.

— E quanto tempo depois de acionado o interruptor o ouro se rompe?

— Alguns minutos. Talvez menos. E, quando o ouro se rompe, a criança morre.

A dra. Stephenson se afastou da mesa e se sentou no lugar de antes. Ela não tinha mais nada a dizer. Imediatamente, todos começaram a falar ao mesmo tempo. Alex notou alguns funcionários civis do governo usando celulares. As duas mulheres de preto digitavam furiosamente, tentando acompanhar todas as conversas. Enquanto isso, o secretário permanente se inclinava na direção de Alex e falava depressa e em voz baixa com Alan Blunt. Alex viu o chefe do serviço secreto balançar a cabeça em concordância. Então, o primeiro-ministro levantou a mão pedindo silêncio.

Foi necessário esperar alguns momentos até todos se calarem.

O primeiro-ministro olhou para o chefe de Comunicações, que mantinha a cabeça baixa e roía as unhas. Todos esperavam que ele se pronunciasse.

— Muito bem — disse. — Sabemos o que estamos enfrentando. Sabemos o que é a Espada Invisível. A questão agora é: o que vamos fazer?

PRAZO FINAL

ALEX NÃO DISSE NADA. Quando ele e Blunt voltaram de carro à Liverpool Street, Blunt também ficou em silêncio, exceto em um determinado momento, quando saíam da Downing Street.

— Você se comportou muito bem, Alex — ele disse.

— Obrigado.

Era a primeira vez que o chefe do MI6 o elogiava.

Finalmente eles voltaram à sala no 16º andar, ao escritório que ele conhecia muito bem. Jones estava esperando os dois. Alex não a via desde que invadira o apartamento. Ela continuava exatamente igual, com a mesma fisionomia. Era como se nada houvesse acontecido entre eles. A sra. Jones vestia preto e estava sentada com as pernas cruzadas. Parecia muito calma e chupava uma daquelas balas de hortelã que tanto apreciava.

Houve um breve silêncio quando Alex entrou.

— Oi, Alex — ela falou.

— Sra. Jones — Alex se sentia desconfortável, sem saber o que dizer. — Lamento pelo que aconteceu — murmurou.

— Acho que devemos esquecer tudo — a sra. Jones o encarava diretamente. — Sei que não tentou me matar de verdade. Estudamos o ângulo do tiro e a bala não teria passado perto de mim. Entendo que deve me odiar muito e suponho que tenha todo o direito de me odiar, mas nem assim foi capaz de atirar em mim a sangue frio.

— Não odeio a senhora — respondeu Alex. Era verdade. Não sentia nada.

— Bem, também não precisa se odiar. Não sei o que a Scorpia lhe disse, mas você não é um deles.

— Podemos tratar do assunto que realmente interessa? — Blunt ocupou seu lugar atrás da mesa. Rapidamente, ele resumiu a reunião do Cobra e contou o que a cientista, dra. Stephenson, dissera. Finalmente, ele descreveu os últimos 15 minutos antes de Alex e ele terem saído.

— Sir Graham queria evacuar Londres — começou. — E, é claro, essa teria sido a atitude certa a tomar. Mas a polícia não sabia se poderia lidar

com uma evacuação dessa proporção. Não com menos de 24 horas para preparar a operação.

— Mas eles não podem deixar nenhuma criança na rua!

— O primeiro-ministro decidiu que não deve divulgar a situação. Ele teme provocar pânico no país. E, se ele for à TV para prevenir toda a população, a Scorpia pode pôr em ação a Espada Invisível imediatamente. Essa também foi a opinião de Mark Kellner.

— Era de se esperar! — a sra. Jones não conseguia disfarçar o desprezo da voz. — E o sr. Kellner teve alguma ideia brilhante?

— Receio que sim.

Havia sido Kellner, é claro, quem convencera o primeiro-ministro a fazer as coisas do jeito dele. De acordo com a dra. Stephenson, as nanoconchas seriam ativadas por antenas para satélite montadas sobre arranha-céus. Para funcionar, elas estariam pelo menos 300 metros acima do nível da rua.

Mas, em Londres, a instalação desse tipo de antena tinha que ser autorizada. E Kellner havia apontado esse detalhe. Então, era fácil. A polícia só precisava encontrar uma antena não autorizada instalada nos últimos meses sobre um prédio comercial ou qualquer outro edifício alto e removê-la. Enquanto trabalhavam nisso, o governo descobriria quem recebera vacinas e injeções desenvolvidas pela Consanto. Cada nome e endereço. Isso poderia revelar em que parte de Londres as antenas teriam sido colocadas.

— Eles têm 20 mil homens trabalhando o tempo todo — Blunt concluiu. — Oficiais de polícia. Soldados. Nossos amigos do MI5. É um jogo gigantesco de esconde-esconde e, se eles perderem, todas as crianças de Londres podem morrer.

— Eles não vão conseguir! — a sra. Jones exclamou chocada. Alex nunca a tinha visto daquele jeito. — Deve haver 300 ou 400 edifícios comerciais e residenciais em Londres. E, mesmo que consigam verificar todos eles, é possível que não encontrem as antenas. A Scorpia é muito astuta para cometer esse tipo de deslize.

— Eu sei disso, sra. Jones — Blunt respondeu com o cenho franzido. — Por isso deixei a Downing Street e vim para cá. Com Alex...

Houve um silêncio repentino. Os dois adultos olhavam para Alex.

— Querem que eu volte — ele deduziu.

— Sim.

Alex já havia imaginado que era isso o que eles queriam. Era a única saída. Se encontrassem a sra. Rothman, talvez conseguissem localizar as antenas. E, naquele momento, ele era o único elo com Julia Rothman. E tinha um número de telefone. A sra. Rothman esperava o telefonema dele.

— Ela vai saber que fracassei — Alex os preveniu. — E já deve saber que vocês me capturaram.

— Você pode ter escapado — sugeriu a sra. Jones. — A sra. Rothman não sabe se estou viva ou morta. Pode dizer a ela que me matou e depois conseguiu fugir de nós.

— Ela não vai acreditar nisso.

— Vai ter que convencê-la — a mulher hesitou. — Sei que estamos pedindo demais, Alex — continuou. — Depois de tudo que aconteceu, tenho certeza de que nunca mais vai querer ver nenhum de nós. Mas agora sabe o que está em jogo. Se houvesse algum outro jeito...

— Não há — Alex a interrompeu. Já havia tomado a decisão antes mesmo de entrar no carro. — Posso telefonar para eles. Não sei se vai funcionar. Não sei nem se vão me atender. Mas posso tentar.

— Nossa esperança é que eles o levem até a sra. Rothman. Neste momento, não temos outra chance de encontrá-la — Blunt pressionou um botão no aparelho de telefone. — Por favor, pode mandar Smithers entrar — ele resmungou para a máquina.

Smithers. Alex quase sorriu. Alan Blunt e a sra. Jones já tinham arquitetado aquele plano. Sabiam que o mandariam de volta e já haviam instruído Smithers para providenciar o equipamento necessário. Era típico do MI6. Eles estavam sempre um passo à frente. Não só planejavam o futuro, mas o controlavam.

— Vou dizer o que quero que faça — Blunt começou. — Vamos arranjar uma saída para você. Se for suficientemente espetacular, podemos até chegar aos jornais. Você vai telefonar para a Scorpia. Vai dizer a eles que atirou na sra. Jones. Precisa parecer nervoso, quase em pânico. Vai pedir para ser resgatado.

— Acha que eles virão?

— É o que esperamos. Se você der um jeito de fazer contato com Julia Rothman, pode conseguir descobrir onde estão as antenas. E, assim que tiver essa informação, entre em contato conosco. Nós faremos o resto.

— Vai ter que ser muito cuidadoso — disse a sra. Jones. — A Scorpia é ardilosa. Eles o mandaram até nós e, quando você voltar, eles terão muito cuidado. Você vai ser revistado. Tudo que disser e fizer será examinado. Vai ter que mentir para eles. Acha que consegue?

— Como vou entrar em contato com vocês? — perguntou Alex. — Não vão me deixar ter acesso a telefone.

Como se fosse uma resposta imediata à pergunta, a porta se abriu e Smithers entrou. Era curioso, mas Alex estava feliz por vê-lo. Smithers era tão gordo e alegre que parecia impossível acreditar que fizesse parte do MI6. Ele vestia um terno de tweed que devia ser de, pelo menos, meio século atrás. Careca, com vários queixos e um rosto sorridente, ele poderia ser o tio de qualquer pessoa, do tipo que faz truques de magia nas festas.

Porém, dessa vez ele estava sério.

— Alex, meu querido menino — Smithers exclamou. — Isso tudo é uma tremenda confusão, não é? Como tem passado? Está bem de saúde?

— Oi, sr. Smithers — Alex respondeu.

— Lamento que tenha se envolvido com a Scorpia. Aquela gente é terrível. Pior que os russos jamais foram. Algumas coisas que eles fizeram... Francamente, é criminoso — ele estava ofegante, e se sentou pesado em uma cadeira vazia. — Sabotagem e corrupção. Inteligência e assassinato. O que ainda vão fazer? — perguntou.

— O que tem para nós, Smithers? — Blunt perguntou.

— Bem, o senhor está sempre pedindo o impossível, sr. Blunt, e dessa vez é ainda pior. São muitos os aparelhos que eu gostaria de dar ao jovem Alex. Estou continuamente trabalhando em novas ideias. Acabei de fazer um trabalho muito interessante com um par de patins. As lâminas ficam escondidas nas rodas e cortam qualquer coisa. Tenho também um iPod verde que é uma granada. Mas, se entendi bem, essas pessoas não deixarão Alex ficar com nenhum objeto pessoal quando ele voltar lá. Se houver alguma coisa suspeita, mesmo que remotamente, vão examinar o objeto e saberão que o menino está trabalhando para nós.

— Ele precisa de algo para manter contato conosco — disse a sra. Jones. — Precisamos rastreá-lo sempre, saber onde ele está o tempo todo. E ele tem que ter um jeito de mandar um sinal para nós quando chegar a hora de entrarmos em ação.

— Eu sei — respondeu Smithers. E pôs a mão no bolso. — E acho que posso ter encontrado a solução. É a última coisa que eles esperam... mas, ao mesmo tempo, é exatamente o que se espera encontrar com um adolescente.

Ele havia tirado do bolso um saco de plástico transparente, dentro do qual Alex viu um pequeno objeto de metal e plástico. Foi impossível conter um sorriso. A última vez que vira um daqueles havia sido no consultório do dentista.

Era um aparelho. Para os dentes.

— Talvez tenhamos que fazer alguns ajustes, mas deve caber na sua boca — Smithers falou. E bateu no saquinho. — O arame que vai ficar sobre seus dentes é branco, por isso quase não será notado. Na verdade, é uma antena de rádio. O aparelho vai começar a transmitir no momento em que você o puser na boca — ele virou a embalagem entre os dedos gordos e apontou para o fundo. Depois, continuou:

— Há um pequeno interruptor aqui. Você o ativa com a língua. Assim que o ativar, vai mandar um sinal que nós aqui interpretaremos como um pedido de ajuda. Nesse momento, entramos em ação.

A sra. Jones concordou.

— Muito bom, Smithers. Trabalho de primeira.

Smithers suspirou.

— Estou me sentindo muito mal por deixar Alex ir sem armas. E tenho um novo equipamento que também é maravilhoso para ele. Estive trabalhando em um palm que, na verdade, é um lança-chamas. Dei a ele o nome de Napalm.

— Nada de armas — disse Blunt.

— Não podemos correr o risco — concordou a sra. Jones.

— Vocês têm razão — Smithers se levantou devagar. — Tome cuidado, Alex. Sabe que eu me preocupo com você. Não se atreva a morrer! Quero vê-lo novamente.

Ele saiu e fechou a porta.

— Sinto muito, Alex — disse a sra. Jones.

— Tudo bem — sabia que ela estava certa. Mesmo que conseguisse convencer o pessoal da Scorpia de que cumprira a missão, eles ainda desconfiariam. E o revistariam da cabeça aos pés.

— Ative o aparato de rastreamento assim que encontrar as antenas — Blunt insistiu

— É possível que eles não revelem a localização — acrescentou a sra. Jones. — Nesse caso, se não conseguir sair sem ser visto, se sentir que corre algum perigo, ative o equipamento do mesmo jeito. Mandaremos as forças especiais para tirá-lo de lá.

Alex se surpreendeu. Ela nunca havia demonstrado nenhuma preocupação com ele no passado. Era como se o fato de ter invadido seu apartamento houvesse mudado as coisas entre eles. Alex a estudou, sempre ereta, contida, bem arrumada, a boca se movendo sutilmente em torno da bala de hortelã. Ela sabia alguma coisa que não revelava. Bem, eram dois.

— Tem certeza de que entendeu bem, Alex? — ela perguntou.

— Entendi, sim — Alex pensou por um momento. — Pode mesmo fazer a Scorpia acreditar que eu fugi?

Blunt sorriu, mas era um sorriso forçado.

— Ah, sim. Vamos fazer a Scorpia acreditar nisso.

Aconteceu no meio de Londres. Os telejornais das 18 horas deram a notícia.

Um carro passava em alta velocidade pela West Way, uma das principais vias de saída da cidade. Ele estava no elevado, porque naquele trecho a via era suspensa por enormes pilares de concreto. De repente, ele perdeu o controle. Testemunhas o viram derrapar para a esquerda e para a direita, invadindo a faixa contrária. Pelo menos meia dúzia de outros automóveis foi envolvida no acidente. Havia um Fiat Uno amassado como papel. Uma BMW teve a lateral arrancada. Uma van cheia de flores não conseguiu breicar e bateu nos outros dois: as portas se abriram e de repente a pista ficou coberta de rosas e crisântemos. Um táxi tentando evitar o caos bateu na proteção de concreto e passou por cima dela, entrando pela janela do quarto da casa de alguém.

Foi milagre ninguém ter morrido, embora uma dúzia de pessoas tenha sido levada às pressas aos hospitais mais próximos. As imagens do acidente, filmadas por policiais a bordo de um helicóptero, eram mostradas pela TV. A estrada havia sido fechada. Ainda havia uma coluna de fumaça sobre um carro queimado. Metal retorcido e vidro quebrado estavam por toda parte.

Várias testemunhas foram entrevistadas e descreveram o que viram. Havia um garoto no carro da frente, o que provocara o acidente. As pessoas contaram que o viram sair logo que o carro parou. Ele tinha corrido de volta para a estrada e desaparecido no meio do tráfego. Um homem, vestindo ter-

no escuro e com o rosto coberto por óculos de sol, tentara segui-lo. Mas o homem se machucara, era evidente. Ele mancava. O menino conseguira escapar.

Duas horas mais tarde, a estrada permanecia fechada. A polícia havia declarado que procurava o menino e tinha urgência em encontrá-lo, porque queriam interrogá-lo. Mas, além de saber que ele tinha 14 anos e vestia roupas pretas, não havia nenhuma descrição. Eles não tinham nome. O trânsito na zona oeste de Londres estava parado, como era de se esperar. Seriam necessários alguns dias para a limpeza total dos destroços.

Sentada em um quarto de hotel em Mayfair, Julia Rothman assistia ao jornal com expressão atenta. Sabia quem era o menino, é claro. Não podia ser mais ninguém. Queria saber o que havia acontecido. Ou, mais precisamente, quando Alex Rider entraria em contato.

Passava das 19 horas quando Alex fez a ligação. Estava em um telefone público perto do Marble Arch. Já usava o aparelho, assim teria um tempo para se acostumar com ele. Ainda era difícil falar sem enrolar as palavras.

Um homem atendeu.

— Sim?

— Aqui é Alex Rider.

— Onde você está?

— Falo de um telefone público na Edgware Road.

Era verdade. Alex vestira novamente a roupa preta de ninja que a Scorpia havia fornecido. A cabine telefônica ficava do lado de fora de um restaurante libanês. Ele não tinha dúvida de que a Scorpia utilizava equipamento sofisticado para rastrear a ligação. Quanto tempo levariam para chegar até ele?

Alex pensou no acidente com o carro. Tinha que admitir que o MI6 havia produzido uma encenação brilhante. No mínimo 20 carros acabaram envolvidos e eles só tiveram algumas horas para providenciar tudo, montar o espetáculo. Por um lado, nenhum inocente se machucara. Porém, olhando para o cenário mostrado pela TV e ouvindo as notícias e os relatos, a Scorpia não teria dúvida de que o desastre tinha sido real. Blunt havia dito isso desde o início. Quanto maior o número de carros envolvidos, menos motivos eles teriam para duvidar. A primeira página da última edição do *Evening Standard* exibia a foto de um táxi pendurado na janela de uma casa.

Nada disso tinha importância para a voz do outro lado da linha.

— A mulher está morta? — perguntou a pessoa do outro lado.

A mulher. A Scorpia não a chamava mais de sra. Jones. Cadáveres não precisam de nomes.

— Está — respondeu Alex.

Quando fossem buscá-lo, eles encontrariam a Kahr P9 em seu bolso com um cartucho disparado. Se examinassem suas mãos (Blunt tinha certeza de que examinariam) encontrariam traços de pólvora nos dedos. E havia uma mancha de sangue na manga de sua camisa. O mesmo tipo de sangue da sra. Jones. Ela mesma havia fornecido a amostra.

— O que aconteceu?

— Eles me pegaram quando eu estava saindo. Fui levado para a Liverpool Street e me fizeram perguntas. Hoje à tarde, quando estavam me transferindo para outro lugar, consegui fugir — a voz de Alex sugeria pânico. Era um adolescente. Acabara de cometer o primeiro assassinato. E estava fugindo. — Escute, vocês prometeram me resgatar assim que eu cumprisse a missão. Estou em uma cabine telefônica. Todo mundo está me procurando. Quero ver Nile...

Uma pausa breve.

— Tudo bem. Vá até a Bank Station do metrô. Há uma intersecção. Sete vias. Esteja do lado de fora da estação às 21 horas em ponto, que iremos buscá-lo.

— Quem vai... — a pessoa do outro lado já havia desligado.

Alex também desligou e saiu da cabine telefônica. Duas viaturas de polícia passaram em alta velocidade e com as luzes piscando. Mas os policiais não estavam interessados nele. Alex começou a caminhar para o leste. A Bank Station ficava do outro lado de Londres e levaria uma hora, pelo menos, para ir até lá a pé. Não tinha dinheiro e não podia correr o risco de ser preso tentando sair de um ônibus sem pagar. E quando chegasse lá... sete vias! A Scorpia era cuidadosa. Poderiam chegar por qualquer uma delas. Se o encontro fosse parte de uma armadilha e o MI6 o estivesse seguindo, teria que se dividir em sete grupos diferentes.

Ele caminhava pelas ruas movimentadas, andando pelas sombras, tentando não pensar no que estava se metendo. A noite se aproximava. Era possível ver a Lua branca no céu. Tudo terminaria, de um jeito ou de outro, no

dia seguinte. Faltavam menos de 24 horas para terminar o prazo estabelecido pela Scorpia.

E esse era seu prazo final também.

E era a única coisa que não havia contado à sra. Jones. Lembrava-se do que havia acontecido na ilha de Malagosto. Fora enviado ao consultório de um psiquiatra, um homem agradável de meia-idade, que o submetera a vários testes e elaborara um relatório médico com os resultados. O que o dr. Steiner havia dito? Que estava esgotado, debilitado. Precisava de vitaminas.

E havia sido então que acontecera.

Agora sentia. Uma pequenina perfuração no braço.

Alex recebera uma injeção...

A IGREJA DOS SANTOS ESQUECIDOS

A BUSCA já havia começado.

Centenas de homens e mulheres se movimentavam por Londres, e outras centenas estavam em ação fora das ruas, nos telefones, computadores, trocando informações e checando dados, verificando todas as informações que pudessem ser úteis. Cientistas do governo haviam confirmado que as antenas emissoras de raios terahertz tinham que ser instaladas pelo menos 300 metros acima do chão para garantir a eficiência... e isso tornava tudo mais fácil. Uma busca nos porões, nas adegas e nas vielas da cidade teria sido impossível... mesmo acionando todo o efetivo policial e militar. Mas estavam procurando alguma coisa que tinha que estar no alto, visível. O tempo passava depressa, mas a missão não era impossível.

Todas as antenas via satélite em Londres foram registradas, fotografadas, autenticadas e depois eliminadas da busca. Sempre que necessário, o programa original de planejamento era acessado e comparado à antena em análise. Peritos em telecomunicações haviam sido convocados e eram levados aos andares mais altos dos prédios para verificar um equipamento assim que surgia alguma dúvida.

Se as pessoas estavam surpresas com a repentina atividade em prédios comerciais e residenciais, ninguém dizia nada. Os poucos jornalistas que começaram a questionar a movimentação foram rapidamente afastados e ameaçados com tal agressividade que logo decidiram ir atrás de histórias menos perigosas. A informação que circulava era sobre uma verificação de todas as licenças de transmissão via satélite. E a cada hora, em cada rua de Londres, mais técnicos analisavam e faziam medições, estudavam antenas parabólicas e instalações, certificavam-se de que o equipamento podia estar onde estava e tinha licença para funcionar.

E então, pouco depois das 10 horas, seis horas antes do prazo estipulado pela Scorpia, eles a encontraram.

Havia um prédio de apartamentos no final de Notting Hill Gate de onde se avistava toda a região oeste de Londres. Aquele era um dos edifícios mais altos da cidade, famoso tanto pela altura como pela feiura. Havia sido

construído na década de 60 por um arquiteto que provavelmente se sentia aliviado por nunca ter precisado morar lá.

No teto havia várias estruturas de tijolos: os cabos para os elevadores, as unidades de ar-condicionado e geradores para emergência elétrica. Foi ao lado de um desses geradores que os inspetores encontraram três antenas novas voltadas para o Norte, Sul e Leste.

Ninguém sabia para que serviam. Ninguém tinha os registros da instalação. Em poucos minutos, dezenas de técnicos se reuniam no telhado, e outros chegavam a bordo de helicópteros. Esses profissionais descobriram que os cabos levavam a um aparelho de transmissão via rádio programado para começar a emitir raios terahertz de alta frequência exatamente às 16 horas.

Mark Kellner atendeu o telefonema no número 10 da Downing Street.

— Conseguimos! — ele exclamou. — Um prédio de apartamentos no oeste de Londres. Três antenas. E todas estão sendo desinstaladas neste momento.

O primeiro-ministro estava com ele e parecia cansado, abatido. Mesmo assim, ele conseguiu sorrir.

— A procura vai continuar — Kellner avisou. — Ainda existe uma pequena chance de a Scorpia ter instalado outras antenas por precaução. Mas, se houver outras, nós as encontraremos também. Acho que podemos dizer que a crise foi superada.

Na Liverpool Street, Alan Blunt e a sra. Jones também receberam as últimas notícias.

— O que acha? — perguntou a sra. Jones.

Blunt balançou a cabeça.

— A Scorpia é mais esperta que isso. Se as antenas foram encontradas, pode apostar que eles queriam que fossem encontradas.

— Então, Kellner está errado outra vez.

— O homem é um idiota — Blunt olhou para o relógio. — Não temos muito tempo.

A sra. Jones o encarou.

— Tudo que temos agora é Alex Rider.

Alex estava do outro lado de Londres, muito longe das antenas encontradas.

Ele havia sido resgatado na porta da Bank Station no horário combinado, mas não de carro. Uma mulher jovem e malvestida que Alex nunca tinha

visto passara por ele andando e sussurrara duas palavras sem parar de caminhar.

— Venha comigo.

Ela lhe dera um bilhete de metrô e o levara para o interior da estação e para um trem. Não falara com ele novamente e mantivera distância dentro do vagão, olhando em todas as direções sem demonstrar nenhum interesse por nada, agindo como se não o conhecesse. Eles mudaram de trem duas vezes e, para desembarcar, esperaram até o último instante, quando as portas estavam para se fechar. Se alguém estivesse seguindo os dois, ela teria visto. Finalmente, os dois saíram do metrô em Kings Cross. Lá ela havia deixado Alex na rua, fazendo um gesto para indiciar que ele devia esperar. Alguns minutos depois, um táxi havia parado perto dele.

— Alex Rider?

— Sim, sou eu.

— Entre.

Tudo perfeitamente cronometrado. Quando o táxi arrancou, Alex tinha certeza de que os agentes do MI6 jamais teriam conseguido segui-lo. E era esse o objetivo da Scorpia.

Fora levado a uma casa, um lugar diferente do outro que havia visitado em seu primeiro contato com a organização. O imóvel era vizinho do Regent's Park. Um homem e uma mulher o esperavam. Alex os reconheceu, eram os falsos pais italianos que o acompanharam no desembarque em Heathrow. Eles o levaram por uma escada e a suíte. Havia uma refeição leve esperando-o em uma bandeja. Lá eles o deixaram, trancando a porta quando saíram. Não havia telefone. Alex verificou a janela. Também estava trancada.

E agora eram 13h30 do dia seguinte e ele estava sentado na cama, olhando pela janela para as árvores do parque. Não se sentia muito bem. Já havia começado a pensar que a Scorpia simplesmente o manteria ali até as 16 horas, que queriam que ele morresse com as outras crianças de Londres. E isso o fez pensar nas nanoconchas, as nanoesferas que sabia ter dentro do corpo, repousando no interior do coração. Lembrou-se da picada da agulha, do rosto sorridente do médico injetando a morte em sua veia. A lembrança provocou um arrepio. Teria mesmo que passar as últimas horas de sua vida ali, naquele quarto, sentado em uma cama desarrumada, sozinho?

A porta se abriu.

Nile entrou seguido por Julia Rothman.

Ela vestia um casaco caro, cinza, com gola de pele branca, abotoado até o pescoço, mais uma peça de grife. O cabelo negro estava penteado, como sempre, a maquiagem era uma máscara impenetrável como aquela que ela havia usado na festa no Ca' Vedova. O sorriso era vermelho e brilhante. Os olhos, realçados por uma camada espessa de rímel preto, eram ainda mais fascinantes.

— Alex — ela falou. Parecia sinceramente feliz por vê-lo, mas Alex sabia que tudo nela era falso, nada naquela mulher era digno de confiança.

— Estava aqui pensando se viriam me ver — Alex respondeu.

— É claro que eu viria, meu querido. Só demorei um pouco porque hoje o dia está agitado. Como vai, Alex? É um prazer revê-lo.

— Você a matou? — perguntou Nile.

Ele vestia roupas casuais, jaqueta esportiva e calça jeans, tênis e blusão de moletom branco.

A sra. Rothman franziu o cenho.

— Nile, precisa mesmo ser tão direto e objetivo? — ela deu de ombros.

— Ele se refere à sra. Jones, é claro. Suponho que temos que saber o que aconteceu. A missão foi bem-sucedida?

— Foi, sim — Alex respondeu. Essa era a parte mais perigosa. Sabia que não podia falar demais. Tinha medo de se denunciar. E estava terrivelmente incomodado com o aparelho. Ele se encaixava bem, mas devia estar alterando seu jeito de falar, mesmo que não fosse uma modificação muito importante. O arame sobre os dentes era branco, mas estava à mostra. A sra. Rothman certamente o notara.

— Então, o que aconteceu? — perguntou Nile.

— Invadi o apartamento dela. Tudo aconteceu exatamente como vocês disseram. Usei a arma...

— E depois?

— Peguei o elevador para descer e estava saindo quando os dois homens da recepção me pegaram — ele havia passado metade da noite ensaiando o que ia dizer. — Não sei como eles souberam que era eu. Mas, antes que eu pudesse fazer alguma coisa, eles me jogaram no chão e algemaram minhas mãos atrás das costas.

— Continue — a sra. Rothman olhava para ele. Os olhos dela pareciam querer devorar o garoto, sugá-lo.

— Eles me levaram para algum lugar. Uma cela — agora era mais fácil. Estava contando uma versão da realidade. — Ficava embaixo da Liverpool Street e me deixaram lá uma noite inteira. Blunt foi me ver no dia seguinte.

— O que ele disse?

— Não muito. Ele sabia que eu estava trabalhando para vocês. Há fotos minhas chegando em Malagosto. Fotos feitas por satélite.

Nile olhou para a sra. Rothman.

— Isso faz sentido — ele comentou. — Sempre tive a sensação de que você era vigiado.

— Ele não queria saber muito — continuou Alex. — Na verdade, não queria falar comigo. Ele disse que eu seria interrogado em algum lugar fora de Londres. Fiquei ali por mais um tempo, até que um carro chegou para me buscar.

— Foi algemado? — perguntou a sra. Rothman.

— Não dessa vez. E esse foi o erro deles. O carro era comum, sem nenhuma medida especial de segurança. Havia o motorista e um homem do MI6, que foi comigo no banco de trás. Eu não sabia para onde seria levado e não queria saber. Não me importava realmente com o que ia acontecer. Não me importava nem com a possibilidade de morrer. Esperei até o carro alcançar uma determinada velocidade e me joguei sobre o motorista. Cobri os olhos dele com as mãos. Usei o fator surpresa e ele não conseguiu reagir a tempo de evitar o desastre. O homem perdeu o controle do automóvel.

— Foi um acidente envolvendo vários carros — comentou a sra. Rothman.

— Sim, mas eu tive sorte. Por um instante vi o mundo de cabeça para baixo, mas, quando paramos, percebi que estava bem, inteiro, e consegui correr. Encontrei um telefone, liguei para o número que vocês me deram... e aqui estou.

Nile o observava atentamente.

— Qual foi a sensação, Alex? — ele perguntou. — Como foi matar a sra. Jones?

— Não senti nada.

Nile concordou.

— Foi assim comigo também. Na primeira vez em que matei, não senti nada. Mas precisa aprender a gostar disso. O prazer virá com o tempo.

— Fez um bom trabalho, Alex — a sra. Rothman disse, mas a voz dela ainda estava hesitante. — Preciso dizer que estou impressionada com a ousadia da sua fuga. Vi nos telejornais e tive dificuldade para acreditar. Mas é claro que passou no teste. Você é realmente um de nós.

— Então, vai me levar de volta a Veneza?

— Ainda não — ela pensou por um momento, como se tentasse tomar uma decisão. — Estamos no ponto crítico de uma operação — disse. — Talvez queira acompanhá-la. Vai ser espetacular. O que acha?

Alex deu de ombros. Não podia demonstrar ansiedade.

— Se acha que vai ser bom para mim...

— Conheceu o dr. Liebermann. Você estava na Consanto quando o querido Nile deu um jeito nele. Acho justo que agora possa ver também os frutos do trabalho dele — ela sorriu novamente. — Gostaria de tê-lo ao meu lado quando tudo terminar.

“Para me ver morrer”, Alex pensou.

— Nesse caso, estarei lá — ele disse.

Então, os olhos dela se estreitaram e o sorriso mudou, quase como se congelasse.

— Antes, receio que seja necessário revistá-lo — ela anunciou. — Confio em você, é claro, mas, como vai descobrir depois de passar um tempo na Scorpia, não corremos riscos desnecessários. Você foi capturado pelo MI6. Podem ter colocado algo em você, sem o seu conhecimento. Portanto, antes de sairmos daqui, quero que vá ao banheiro com Nile. Ele o revistará detalhadamente. E também vai trocar de roupa. Tudo que trouxe vai ter que ficar aqui, Alex. Temos calça e camisa novas para você vestir. É um pouco constrangedor, eu sei, mas tenho certeza de que entende.

— Não tenho nada a esconder — Alex respondeu. Foi impossível não deslizar a língua por cima do aparelho. Tinha certeza de que ela o vira.

— É claro que não tem. É só uma medida de precaução. Exagerada, eu sei, mas necessária.

— Vamos lá — Nile apontou o banheiro com o polegar. Parecia se divertir com a ideia.

Vinte minutos mais tarde, Alex e Nile desceram a escada. Alex agora vestia jeans folgados e camiseta de gola redonda. Nile havia levado as roupas ao banheiro e também incluía no pacote meias limpas, tênis e cueca. A

sra. Jones estava certa. Se tivesse uma moeda de um centavo, Nile a teria confiscado. A revista havia sido completa e detalhada.

Mas Nile não notara o aparelho. A boca havia sido o único lugar em que ele não olhara.

— E então? — a sra. Rothman perguntou. Ela parecia ter pressa de sair.

— Não encontrei nada — disse Nile.

— Ótimo. Podemos ir então.

No hall, um relógio cuco anunciou as horas quando Alex passou pela porta da frente. Eram 14 horas.

— Já tão tarde? — comentou a sra. Rothman. Ela estendeu a mão e tocou Alex, afagando um lado do rosto dele. — Você só tem mais duas horas, Alex.

— Duas horas para quê? — ele perguntou.

— Duas horas até saber de tudo.

Ela abriu a porta.

Os três saíram.

Havia um carro esperando os três do lado de fora, um utilitário com tração nas quatro rodas. O veículo atravessou Londres indo para o sul. Eles passaram por Aldwych e cruzaram a ponte de Waterloo, por um momento Alex pôde desfrutar de uma das mais fabulosas vistas da cidade, com as Casas do Parlamento, o Big Ben e a Millennium Wheel do outro lado. Como ficaria aquela paisagem em duas horas? Alex podia imaginar as ambulâncias e as viaturas policiais atravessando a cidade, a multidão olhando incrédula para os corpos pequeninos espalhados pelas calçadas. Seria como outra guerra mundial... mas tudo começaria e terminaria com apenas um tiro.

O carro passou para a margem sul do rio e atravessou a ponte de Waterloo, seguindo para o leste. Ali, os edifícios eram mais antigos e sujos. Era como se houvessem percorrido séculos, não só alguns quilômetros. Alex ia no banco de trás, ao lado de Nile. A sra. Rothman estava sentada na frente com um motorista de rosto inexpressivo. Ninguém falava. Fazia calor dentro do carro — o sol brilhava —, mas Alex sentia a tensão que tornava o ar mais frio. Tinha certeza de que seguiam para algum ponto alto onde a Espada Invisível estava escondida, mas não imaginava o que devia esperar. Um prédio comercial? Talvez um edifício em construção? Ele olhou pela janela e pressionou a testa contra o vidro, tentando manter a calma.

Eles pararam.

O carro estava diante de uma estranha e deserta via pavimentada que se estendia por aproximadamente 25 metros antes de terminar no nada. A sra. Rothman e Nile desceram do carro, Alex os seguiu, examinando o cenário com um desânimo cada vez maior. Não estavam em nenhum local com antenas, afinal. Não havia edifícios altos por ali, nem em um raio de dois quilômetros, pelo menos. A rua — quase tão larga quanto comprida — era um corredor entre lojas dilapidadas, com janelas quebradas, ou fechadas com tábuas pregadas aos batentes. A via era coberta de lixo; folhas de jornal, latas amassadas e embalagens vazias de salgadinho.

Mas foi o edifício no fim da rua que chamou a atenção dele. A via conduzia a uma espécie de igreja sem torre, mas com uma cúpula e arquitetura que teriam sido mais adequadas às ruas de Roma e Veneza do que à paisagem de Londres. Evidentemente, ela havia sido abandonada fazia muito tempo e estava bastante deteriorada, porém ainda guardava a beleza original. Dois enormes pilares rachados sustentavam um telhado triangular sobre a entrada principal. Uma longa escada de mármore subia até as portas de bronze sólido, que agora estava verde e sem brilho. A nave da igreja se erguia atrás das portas, terminando em uma cúpula que brilhava ao sol da tarde. Estátuas, que haviam sido castigadas pelo tempo e pela natureza, acompanhavam a escada e enfeitavam o teto. Algumas não tinham braços. Muitas não tinham rosto. Em outros tempos foram santos e anjos. Duzentos anos de exposição ao clima de Londres haviam acabado com elas.

— O que estamos fazendo aqui? — perguntou Alex.

A sra. Rothman estava em pé ao lado dele, olhando para a igreja.

— Achei que gostaria de testemunhar a conclusão da Espada Invisível.

— Não sei nada sobre a Espada Invisível — sem demonstrar interesse, Alex procurava sinais das antenas parabólicas. Mas não havia nada sobre a cúpula e, de qualquer maneira, por mais imponente que fosse, o prédio não tinha a altura necessária. As antenas teriam que estar em local muito mais alto. — Que lugar é este?

A sra. Rothman o estudou curiosa.

— Nile? — ela falou de repente. — Você o revistou realmente? Da cabeça aos pés?

— Sim, exatamente como você me mandou fazer.

— Sabe, Alex, eu poderia jurar que tem alguma coisa diferente em você — ela ainda o examinava.

Alex fechou a boca, escondendo o aparelho. Ele a encarou com firmeza.

— Deve haver mesmo — disse. — Acabei de matar alguém. Para a Scorpia. Depois disso, não sei por que não confiaria em mim.

— Eu não confio em ninguém, Alex. Nem mesmo em Nile. E, quanto à pergunta que fez há pouco, este lugar é a Igreja dos Santos Esquecidos. Não é realmente uma igreja. É um oratório. Foi construído no século 19 por uma comunidade de sacerdotes católicos da região. Eles eram bem esquisitos. Idolatravam uma coleção de santos que caíram na obscuridade. Você se surpreenderia com a quantidade de santos que existiram e hoje estão completamente esquecidos. São Fiacre, por exemplo, é o santo padroeiro dos jardineiros e motoristas de táxi. Isso deve mantê-lo muito ocupado! Santo Ambrósio cuida dos apicultores, e não sei o que seria dos alfaiates sem santo Homobonus. Sabia que os empreiteiros e perfumistas também têm os próprios santos? Eles também eram cultuados aqui. Suponho que não seja surpreendente que a igreja tenha caído em desuso. Ela foi bombardeada durante a guerra e, desde então, está vazia. A Scorpia se apoderou dela há alguns anos. Como poderá constatar, fizemos alguns ajustes bem interessantes. Quer entrar?

Alex deu de ombros.

— Como quiser — não tinha escolha. Por alguma razão, a sra. Rothman decidira levá-lo àquele lugar e, já presumia, ainda estariam ali quando os raios terahertz fossem disparados sobre Londres. Ele olhou para a cúpula mais uma vez, tentando decidir se a cobertura seria suficiente para protegê-lo. Não acreditava nisso.

Os três se dirigiram à entrada. O carro já havia partido. Alex olhou para as lojas dos dois lados da rua. Nenhuma delas estava ocupada. Alguém os observava? De repente percebeu que, para entrar na igreja, era necessário passar por ali e que seria muito fácil manter câmeras escondidas vigiando o local. Eles chegaram à porta central, que sentiu a aproximação e se abriu eletronicamente. Interessante. A sra. Rothman falara sobre ajustes e agora ficava claro que o oratório não era tão abandonado quanto parecia.

Havia uma câmara além da porta, um hall muito amplo e retangular que servia de vestíbulo, preparando a entrada para a nave da igreja. Tudo ali era cinza: as pedras do piso, o teto, os pilares de pedra que o sustentavam. Alex

olhou em volta enquanto os olhos se acostumavam com a luz. As janelas circulares dos dois lados tinham um vidro tão espesso que parecia impedir a entrada da luz do sol, em vez de deixá-la passar. Tudo era descolorido e empoeirado. Havia duas estátuas — mais santos esquecidos? — perto de uma fonte quebrada, uma de cada lado. Um cheiro fraco de umidade pairava no ar. Era fácil acreditar que ninguém estivera ali nos últimos 20 ou 30 anos. Alex tossiu e ouviu a propagação do som. O lugar era totalmente silencioso e não havia nenhuma passagem visível para outras áreas da igreja. A rua estava atrás dele. Uma parede sólida bloqueava o caminho à frente. Julia Rothman começou a andar. Os saltos finos batiam contra o piso de pedra, fazendo um barulho que desaparecia nas sombras.

O movimento funcionara como um sinal. Houve um zumbido baixo e lâmpadas — escondidas nas paredes e no teto — se acenderam. Raios de luz branca e brilhante surgiam de todas as direções. Ao mesmo tempo, cinco portas se abriram deslizando silenciosas uma após a outra. Elas faziam parte da parede e tinham um revestimento de tijolos que as escondia. Alex notou que, na verdade, as portas eram de aço. Mais luz inundou o ambiente e, com ela, surgiu também o som de homens em movimento, máquinas, atividade.

— Bem-vindo à Espada Invisível — disse a sra. Rothman e nesse momento Alex entendeu por que fora levado até ali. Ela se orgulhava do que havia feito. Não conseguia disfarçar o prazer que vibrava em sua voz. E queria que ele visse a obra dela.

Alex passou pela porta e se viu diante de uma cena que jamais esqueceria.

Era uma igreja clássica, como o monastério em Malagosto. A Scorpia parecia ter adotado a religião como disfarce preferido. O piso era de azulejos brancos e pretos. Havia janelas de aço, um púlpito de madeira entalhada e até alguns bancos velhos. O que restava de um órgão ainda podia ser visto preso a uma parede, mas, ao olhar para a tubaria parcialmente destruída, Alex soube que ele nunca mais tocaria. Lá em cima, o teto arredondado era pintado com mais santos, homens e mulheres segurando os objetos com os quais um dia haviam sido associados: móveis, sapatos, livros e pães. Todos haviam sido esquecidos. Todos foram congelados juntos em um grande quadro suspenso.

A igreja estava repleta de equipamentos eletrônicos; computadores, monitores de TV, luzes industriais e uma série de interruptores e alavancas que, naquele lugar, não poderiam parecer mais deslocados. Duas pontes de aço para guindastes haviam sido instaladas, uma de cada lado, com guardas armados posicionados entre elas. Devia haver 20 ou 30 pessoas envolvidas na operação, metade delas, pelo menos, portando metralhadoras automáticas. Alex ainda olhava em volta estudando todos os detalhes, quando uma voz soou pelos alto-falantes presos às paredes.

— Seis minutos para o lançamento. Seis minutos, e entrando em contagem regressiva...

Alex compreendeu que fora levado ao centro da rede. Sem pensar duas vezes, ele levou a língua ao céu da boca e pressionou o interruptor que Smithers instalara no aparelho. Mark Kellner, diretor de Comunicações do primeiro-ministro, havia errado novamente. A Scorpio não havia colocado as antenas emissoras de ondas terahertz em nenhum edifício alto.

A antena havia sido acoplada a um balão de ar quente.

Seis homens vestindo aventais escuros enchiam o balão. Havia muito espaço. O piso se estendia em todas as direções sob uma cúpula alta, o equivalente a um prédio de seis andares. O balão era azul e branco. Depois de lançado, ele se confundiria com o céu e se tornaria quase invisível. Como eles o lançariam? A igreja era completamente fechada pela cúpula. Mas eles deviam ter algum plano. Havia uma armação sob o balão e um queimador com a parte da chama apontada para o alto. Embaixo dele, uma plataforma de 15 metros quadrados, aproximadamente. O balão tinha uma forma estranha, parecia ter sido copiado de algum desenho de uma aventura vitoriana. A plataforma era a imagem da mais moderna tecnologia, feita de um plástico leve com uma grade baixa para proteger o equipamento que carregava.

Alex reconheceu o equipamento imediatamente. Havia quatro antenas circulares, uma de cada lado, apontando para os pontos cardeais. Eram prateadas, com mais ou menos quatro metros de diâmetro, e raios finos de metal formavam um triângulo saliente no centro. Fios conectavam as antenas a uma série de caixas de aparência complicada, que ocupavam a maior parte do espaço no centro da plataforma e que também seriam levadas pelo balão. Um cano preto abastecia o queimador com o gás propano proveniente de tanques instalados entre outras máquinas. O balão estava quase cheio. Até pouco antes, jazia no chão, caído, mas, diante dos olhos de Alex, mais ar

quente era injetado por três homens que usavam um segundo queimador. O processo era rápido.

Ao mesmo tempo, mais homens se aproximavam para manter a plataforma nivelada. Havia duas cordas, uma de cada lado. Alex viu que a engenhoca toda havia sido amarrada a dois anéis de ferro presos ao chão. Naquele momento, entendeu o que a Scorpia pretendia fazer. Julia Rothman devia ter antecipado que os cientistas do governo acabariam descobrindo o que matara os jogadores de futebol no aeroporto de Heathrow. Ela sabia que eles iriam vasculhar Londres procurando as antenas. Por isso elas haviam ficado escondidas até o último momento. O balão de ar quente as elevaria até a altura necessária. E só precisariam se manter no alto por alguns minutos. Quando alguém percebesse o que estava acontecendo, seria tarde demais. As nanoesferas de ouro teriam se dissolvido e milhares de crianças morreriam.

Alex percebeu que Nile havia tirado a jaqueta e prendia alguma coisa às costas. Era uma espécie de arreio de couro com duas armas de aparência letal: não eram espadas, não eram adagas, mas lembravam as duas coisas. Alex vira algo parecido em Malagosto e sabia que Nile era um especialista em *iaido*, a arte ninja de desembainhar a espada. Ele podia atacar empunhando a arma ou arremessá-la. De qualquer maneira, era rápido como a luz e, Alex sabia, capaz de matar em uma fração de segundo.

Não havia nada que o garoto pudesse fazer. Nada além de ficar ali parado, assistindo a tudo. Não tinha aparelhos nem armas escondidas. A sra. Rothman talvez tivesse aceitado a história de sua captura e da fuga espetacular, porém ainda o vigiava atentamente. Na verdade, ela não deixara de vigiá-lo nem por um segundo. Estava desconfiada. Se Alex espirrasse sem autorização, ela daria uma ordem a um de seus subordinados e ele seria eliminado.

Há quanto tempo havia ativado o botão de emergência no aparelho? Sesenta segundos? Talvez mais. Alex sentia o arame sobre os dentes e tentava imaginar o sinal sendo transmitido ao MI6. De quanto tempo eles precisariam para descobrir sua localização? Quando chegariam?

Julia Rothman se aproximou do garoto e apoiou a mão no ombro dele. Os dedos se moveram, acariciando a lateral do rosto de Alex. Ela passou a língua pelos lábios.

— Agora vou explicar o que você está fazendo aqui, Alex — ela começou. — Como membro da Scorpia, tenho certeza de que gostaria de saber.

— Vai voar no balão? — Alex perguntou.

— Não. Eu não vou a lugar nenhum — ela sorriu. — Há alguns dias, fizemos uma série de exigências. Eram exigências destinadas ao governo americano, mas deixamos claro que, caso ele não as atendesse, os ingleses sofreriam as consequências. O prazo vai se esgotar — ela olhou para o relógio — em menos de 20 minutos. Os americanos não cumpriram nossas exigências. Agora é hora de aplicarmos a punição.

— O que vão fazer? — Alex não precisou fingir o horror em sua voz porque, é claro, já sabia qual era a resposta.

— Em alguns minutos, o balão estará completamente inflado e nós o faremos subir mais alto que a igreja. As cordas o manterão preso ao chão, mas a exatos 300 metros de altura, e, quando ele chegar a essa altitude, o maquinário que você pode ver sobre a plataforma será imediatamente ativado. Ondas de rádio de alta frequência serão transmitidas sobre Londres durante dois minutos e, nesse momento, muita gente vai morrer.

— Por quê? — Alex mal conseguia falar. — O que querem dos americanos? O que esperam que eles façam?

— Na verdade, não queremos que eles façam nada. As exigências que fizemos são completamente ridículas. Pedimos o desarmamento dos Estados Unidos. E exigimos o pagamento de um bilhão de dólares à nossa organização. Sabíamos que eles jamais concordariam com isso.

— Então, por que fizeram as reivindicações?

— Porque o verdadeiro objetivo do nosso cliente é vingança. Ele quer se vingar pela Guerra do Iraque. Quer se vingar dos britânicos e dos americanos que tornaram possível aquela guerra. O que ele quer é garantir que a “amizade especial” entre esses dois países seja destruída para sempre. E é assim que isso vai acontecer. Muitas pessoas vão morrer em Londres. Serão mortes repentinas e totalmente inesperadas. Vai ser como se todas as vítimas fossem atingidas por uma espada invisível. O país inteiro ficará chocado. E as notícias circularão. As pessoas morreram porque os americanos não atenderam nossas exigências. Morreram porque os americanos se recusaram a ajudar os aliados que um dia os ajudaram. Consegue imaginar o que os jornais vão publicar? Você faz ideia do que o povo vai pensar? Amanhã de manhã, a Inglaterra estará odiando os americanos. E, então, Alex,

em poucos meses, a Espada Invisível atacará novamente... dessa vez em Nova York. E, na próxima vez, nossas reivindicações serão mais razoáveis. Pediremos menos dinheiro, e os americanos nos atenderão, porque vão lembrar o que aconteceu em Londres e não vão querer que a tragédia se repita com seu povo. Eles não terão alternativa. E esse vai ser o fim da aliança entre Inglaterra e Estados Unidos. Entendeu? Os americanos não se importam com os ingleses. Eles só pensam neles mesmos. É o que todos dirão, e você não tem ideia de quanto ódio essa história é capaz de provocar. Um país humilhado. O outro, esmagado. E a Scorpia terá conseguido 25 milhões de dólares com tudo isso.

Ela parou como se esperasse que ele a elogiasse pelo brilhantismo do plano. Alex era, supostamente, um membro de sua organização, seu mais novo recruta. O pai dele teria ficado feliz por participar com ela desse momento. Mas ele não conseguia demonstrar entusiasmo. Não conseguia nem fingir.

— Não pode continuar com isso! — Alex sussurrou. — Não pode matar crianças só para ficar rica.

As palavras brotaram de sua boca antes que ele pudesse perceber que havia cometido um grave erro. A reação de Julia Rothman foi rápida como a de uma cobra... rápida como o ataque de um escorpião. Num momento, seus lábios se abriam em um sorriso casual e doce. No outro, ela ficava rígida, alerta, absolutamente focada em Alex.

Nile se aproximou sentindo que havia algo errado. Alex esperou o machado cair sobre a cabeça dele. E o golpe não demorou.

— Crianças? — murmurou a sra. Rothman. — Eu não falei nada sobre crianças.

— Mas elas estarão no meio dessa gente — Alex tentou corrigir. — Serão adultos e crianças, não?

— Não, Alex — ela falava como se a situação a divertisse. Mas os olhos duros como diamantes negros revelavam toda a sua seriedade. — Você sabe que os alvos são crianças. E eu nunca revelei esse detalhe. Portanto, alguém deve ter dito algo.

— Não sei do que está falando...

Ela o examinava detalhadamente. Estudava seus traços. E, de repente, ela chegou a uma conclusão.

— Eu sabia que havia alguma coisa diferente em você. O que é isso em sua boca?

Era tarde demais para tentar esconder. Alex abriu a boca.

— Um aparelho ortodôntico.

— Você não usava aparelho em Positano.

— Usava, mas não o tinha comigo naquele dia.

— Tire isso já.

— É fixo. Não posso tirá-lo.

— Aposto que eu posso... com um martelo.

Alex não tinha escolha. Levando a mão à boca, ele removeu o pedaço de plástico. Nile se aproximou curioso.

— Deixe-me ver isso, Alex.

Como um menino travesso flagrado mascando chiclete, Alex estendeu a mão aberta. O aparelho estava bem no meio dela. E era evidente que não era um aparelho comum. Parte do circuito que levava ao interruptor que ele já havia acionado era visível.

Teria agido a tempo?

— Solte-o! — ordenou a sra. Rothman.

Alex deixou o aparelho cair no chão e ela deu um passo à frente. Seu pé subiu e desceu, e Alex ouviu o barulho do plástico se quebrando. Quando ela tirou o pé, o aparelho havia se partido ao meio. O arame estava retorcido. Se antes transmitia algum sinal, agora certamente emudecera.

A sra. Rothman olhou para Nile.

— Você é um idiota. Eu não mandei revistar o garoto da cabeça aos pés?

— A boca... — Nile não sabia o que dizer. — Foi o único lugar que não olhei.

Mas ela já estava encarando Alex de novo.

— Você não fez nada do que disse, não é? Não matou a mulher. A sra. Jones continua viva.

Alex não disse nada. A sra. Rothman o encarou pelo que pareceu ser uma eternidade, depois fez um movimento. E ela era mais rápida e mais forte do que o garoto poderia ter imaginado. A mão atingiu um lado do rosto dele. O som da bofetada foi alto, retumbante. Alex caiu para trás atordoado. A cabeça girava e o local atingido ardia. Devia estar vermelho, começando a inchar. A sra. Rothman fez um sinal e dois guardas se aproximaram com as metralhadoras em punho, posicionando-se um de cada lado de Alex.

— Talvez tenhamos companhia — ela anunciou em voz alta. — Quero as unidades 3, 4 e 5 assumindo posições defensivas.

— Unidades três, quatro e cinco no perímetro — a voz amplificada repetia a ordem e 20 homens entraram em ação, os pés batendo com força nas pontes metálicas, a caminho da frente da igreja.

A sra. Rothman olhou para Alex sem se preocupar em esconder a frieza e a crueldade.

— A sra. Jones pode estar viva — ela disse. — Mas você vai morrer. Por que acha que o trouxe aqui? Por que quero assistir ao espetáculo. Tinha uma razão especial para querer sua morte e, acredite ou não, meu querido, você já está morto.

Ela olhou além de Alex. O balão estava inflado, flutuando no espaço entre o chão e a cúpula. A plataforma com sua carga mortal pairava a um metro do chão, embaixo do balão. As cordas estavam tesas, firmes. As antenas haviam sido programadas para funcionar automaticamente.

— Começar o lançamento — ordenou a sra. Rothman. — Chegou a hora de Londres conhecer o poder da Espada Invisível.

ALTA RESOLUÇÃO

— LANÇAMENTO... STATUS VERMELHO. Lançamento... status vermelho.

A voz sem corpo ecoou quando um dos técnicos da Scorpia, sentado diante de uma bancada repleta de máquinas, estendeu a mão e pressionou um botão.

Houve um clique metálico e depois o zunido de máquinas, uma roda girando em algum lugar no alto. Alex olhou para cima. À primeira vista, teve a impressão de que os santos e anjos voavam para longe, como se ganhassem vida e descessem para os bancos da igreja. Depois, com uma exclamação de espanto, ele viu o que realmente estava acontecendo. O teto inteiro estava se movendo. Na cúpula do oratório, haviam sido embutidos braços hidráulicos que se moviam, abrindo lentamente a cobertura. Uma fresta surgiu e foi se alargando. Alex podia ver o céu. Um centímetro por vez, a grande cúpula ia se retraindo, dividindo-se em duas metades. A sra. Rothman olhou para cima e seu rosto se iluminou. Só naquele instante Alex percebeu todo o planejamento envolvido naquela operação. A igreja inteira havia sido adaptada — devia ter custado milhões — para aquele momento único.

E ninguém teria imaginado. A polícia e o Exército procuravam por toda Londres, examinando cada edifício com mais de 300 metros de altura. Mas as antenas estavam escondidas no nível do solo. E naquele exato momento o balão de ar quente as carregava para o alto, acima da cidade. Alguém perceberia, com certeza. Mas, quando conseguissem atravessar o rio e chegar àquele local isolado, seria tarde demais. As antenas teriam feito seu trabalho. Milhares de crianças estariam mortas.

E Alex estaria entre os mortos. A sra. Rothman só não o matara ainda porque não sentira necessidade. Como milhares de outras crianças em Londres, ele havia recebido a injeção de nanoconchas. E, como Julia havia dito pouco antes, já estava morto.

— Lancem o balão — a sra. Rothman deu a ordem com voz suave. Mas as palavras soaram claras no grande vazio da igreja.

O lança-chamas do balão estava aceso, projetando para o alto a chama vermelha e azul. Dois homens se aproximaram correndo e acionaram o me-

canismo de liberação, no mesmo instante a plataforma começou a subir. Todo o telhado desaparecera. O oratório se abria e parecia uma fruta exótica cortada ao meio. O espaço era mais do que suficiente para o balão começar sua jornada, Alex o viu flutuar com suavidade e subir rapidamente, viajando em linha reta, como se toda a operação houvesse sido ensaiada. Não havia vento. Até o clima parecia favorecer a Scorpia.

Alex olhou em volta. O rosto ainda ardia onde a sra. Rothman o acertara, mas ele ignorou a dor. Tinha consciência dos segundos passando, estava aflito, porém não havia nada que pudesse fazer. Nile o observava com um ódio que ele jamais pensara poder ver no rosto de um homem. As duas espadas de samurai em suas costas apareciam por cima dos ombros. E Alex sabia que ele estava ansioso para usá-las. Havia traído a Scorpia e, pior, traíra Nile. Humilhara o homem diante de Julia Rothman e por isso Nile adoraria fazê-lo pagar caro. Cortando-o em pedaços, com certeza. Só precisava de uma pequena desculpa. Os dois homens armados ainda estavam perto, um de cada lado dele. Outros o observavam do alto das pontes e em suas posições perto das portas. Não podia fazer nada.

E onde estava o MI6? Alex olhou para os pedaços do aparelho. Deveria ter ativado o botão de emergência no momento em que vira a igreja. Mas como poderia ter imaginado? Como alguém poderia saber?

— Alex, antes que você morra, há algo que quero lhe dizer — falou a sra. Rothman.

— Não estou interessado — ele respondeu.

— Ah... acho que vai se interessar, meu querido. Porque, sabe, é sobre seu pai. E sua mãe. Há algo que você precisa saber.

Alex não queria ouvir. E havia tomado uma decisão. Ia morrer... mas não ia ficar ali parado. De algum jeito, atingiria Julia Rothman. Ela o enganara. Mentira. Pior, quase o fizera trair tudo em que acreditava. Tentara torná-lo parte da Scorpia, como seu pai havia sido.

Mas nunca seria como o pai.

Ele enrijeceu os músculos, preparando-se para pular em cima dela, tentando imaginar se Nile o faria em pedaços antes que as balas dos guardas o perfurassem.

Mas, quando ele ia pular, as janelas se estilhaçaram e alguma coisa explodiu dentro da igreja, liberando uma fumaça espessa que se espalhou pelo chão e encobriu tudo e todos. Ao mesmo tempo, houve o estrondo de uma

metralhadora entrando em ação e uma segunda explosão, do lado de fora. Julia Rothman cambaleou e caiu de lado. Nile se virou, e as manchas brancas em seu rosto ficaram ainda mais desbotadas. Os olhos estavam bem abertos, olhando sem entender.

Alex entrou em ação.

Atacou o guarda à sua esquerda, enfiando o cotovelo no estômago dele e sentindo o osso penetrar a carne macia. O guarda se dobrou para a frente. O outro se virou e Alex levantou um pé, girando o outro para dar mais força ao chute. O calcanhar encontrou o cano da metralhadora um segundo antes dos disparos. O garoto sentiu as balas passando por cima do ombro e ouviu um grito quando um dos guardas foi atingido. Um a menos! Ele correu para a frente mantendo a cabeça baixa e se chocou contra o guarda como um touro raivoso. O guarda gritou. Um soco de baixo para cima atingiu a garganta do homem. O guarda foi lançado para o alto e para trás e caiu deitado no chão. Alex estava livre.

Mas reinava uma terrível confusão. A fumaça criava uma cortina densa. Mais tiros eram disparados. Houve outra explosão. Alex viu o balão desaparecer sobre a igreja. Ele não tinha sido atingido. Passara pelo telhado e continuava sua jornada rumo ao céu de Londres. De repente ele soube que, apesar de tudo que acontecia ali, era no balão que precisava estar. Lá havia um equipamento programado para funcionar automaticamente. O MI6 havia chegado. Podiam invadir a igreja e capturar Julia Rothman. Podiam até trazer o balão de volta ao chão. Mas restavam poucos minutos. Talvez fosse tarde demais.

Só havia uma coisa que Alex podia fazer. O balão tinha duas cordas presas a ele, cada uma delas com 300 metros de comprimento. Elas funcionariam como âncoras quando o balão atingisse a altitude correta. Alex correu. Um homem parou na sua frente e, numa reação instintiva, ele o derrubou com um chute que aprendera no caratê. Quando alcançou uma das cordas, ele a agarrou e sentiu o balão tirá-lo do chão.

— Segurem esse garoto! — gritou a sra. Rothman.

Ela o tinha visto, porém a fumaça ainda o escondia dos guardas. Houve um estouro, uma rajada de metralhadora, mas ele não foi atingido. Aos poucos, ia escalando a corda com cuidado, metro por metro. Alex olhou para baixo e viu que já estava muito longe do chão. Em seguida, passou pelo te-

lhado aberto, saiu da igreja e continuou subindo, subindo... Nile, a sra. Rothman e o caos de fumaça e tiros ficaram lá embaixo.

Meio cega pela fumaça, chocada com a violência do ataque repentino, a sra. Rothman perdeu segundos preciosos tentando recuperar o equilíbrio. Ela se aproximou das telas de TV, tentando entender o que estava acontecendo. Viu soldados em roupas pretas de guerrilha, com o rosto coberto por máscaras ninja e capacetes, assumindo posições variadas do lado de fora da igreja. Cuidaria deles no momento oportuno. Naquele momento, tudo que importava era o menino.

— Nile! — ela disparou. — Vá atrás dele!

Nile havia sido atingido por fragmentos de vidro na primeira explosão. Por isso, teve uma reação inédita, mostrando-se lento e confuso.

— Agora! — ela repetiu.

Nile correu. O balão não podia mais ser visto do interior da igreja, mas as duas cordas ainda estavam ali, balançando diante dele. Nile agarrou uma delas e, como Alex, subiu.

O balão estava a quase 120 metros do chão. Ainda subiria outros 180 metros antes de as antenas serem ativadas. O peso extra — Alex em uma corda, Nile na outra — tornara a subida mais lenta. Porém a chama continuava aquecer o ar dentro do balão. Um mostrador digital em uma das caixas de metal piscava e ia mudando, medindo a altitude: 140... 160... 180... As máquinas não sabiam o que acontecia lá embaixo. Não tinha importância. Fariam o que haviam sido projetadas para fazer. Os pratos das antenas só esperavam o sinal para começar a transmissão.

O balão continuava subindo. Restavam apenas quatro minutos

A sra. Jones agira imediatamente. Havia cinco equipes do Serviço Aéreo Especial em alerta permanente em diferentes partes de Londres, por isso, assim que o sinal de Alex chegara e verificaram a localização dele, ela havia alertado a equipe mais próxima, enquanto as outras quatro seguiam imediatamente como reforço.

Oito homens cercavam a igreja, todos vestidos em traje completo de guerrilha, inclusive com macacão à prova de fogo, cinto de utilidades e escudo, coletes de kevlar e capacetes Mk6 com microfone. Eles carregavam uma variedade de armas. Muitos levavam uma pistola Sig 9 mm presa à coxa. Um deles tinha uma pistola de cano serrado que seria usada para abrir as portas da igreja. Outros carregavam machados, facas, lanternas e granadas

— e cada homem estava equipado com a mesma metralhadora semiautomática, a MP5 Heckler & Koch 9 mm MP5, a arma de ataque favorita do Serviço Aéreo Especial. Quando eles se espalharam pela rua aparentemente vazia, não pareciam humanos. Poderiam ser robôs controlados por rádios saídos de uma guerra qualquer no futuro.

Eles sabiam que a igreja era o alvo, mas essa operação era o pesadelo de qualquer soldado. Normalmente, quando o Serviço Aéreo Especial entrava em cena, polícia e Exército tinham que passar todas as informações. Eles têm acesso a um enorme banco de dados que tem informações vitais sobre o prédio que vão atacar: a espessura das paredes, a posição das janelas e portas. Se não houver informação disponível, eles ainda podem produzir, com a ajuda do computador, uma imagem tridimensional, simplesmente alimentando o sistema com todos os detalhes que conseguem ver pelo lado de fora. Mas dessa vez não havia nada. A Igreja dos Santos Esquecidos era um vazio. E restavam poucos minutos.

As instruções dadas ao Serviço Aéreo Especial eram claras. Entrar e destruir as antenas. Encontrar Alex Rider e tirá-lo de lá. Mas, mesmo depois de tudo que havia acontecido, Alan Blunt fizera questão de estabelecer claramente as prioridades. As antenas estavam em primeiro lugar.

Os soldados haviam chegado a tempo de ver a cúpula se abrir e o balão passar pelo vão para subir. Era tarde demais. Se estivessem equipados com Stingers — mísseis atraídos por calor — já teriam derrubado o balão. E a área ficava no meio de Londres. Estavam preparados para uma situação com reféns, basicamente. Não esperavam uma guerra.

O balão subia diante deles sem que pudessem fazer nada para detê-lo. Logo ficou claro que seria necessário entrar pelo telhado do oratório e antes era preciso alcançá-lo. Um dos homens tomou uma decisão impulsiva e disparou um foguete HEAT 94 mm com um tubo plástico de lançamento. O míssil subiu e se aproximou do balão, mas errou o alvo e se chocou contra uma janela no alto da igreja, detonando dentro do prédio. E havia sido essa explosão que dera a Alex a chance de agir.

Mas agora os homens da Scorpia também apareciam. A equipe do Serviço Aéreo Especial se via atacada pelos dois lados, e uma torrente de balas explodia das lojas abandonadas. Alguém arremessou uma granada. Uma grande bola de fogo e fragmentos de concreto desabou sobre a cena do

combate. Um dos homens foi jogado longe, com braços e pernas inertes. Ele caiu no chão e ficou imóvel.

O Serviço Aéreo Especial não esperava uma guerra, mas em segundos os agentes se viram no meio dela. Estavam em menor número. A igreja parecia ser impenetrável. O balão subia rapidamente e já era difícil vê-lo no alto.

Um dos soldados havia caído de joelhos e falava freneticamente pelo radiotransmissor.

— Aqui é Delta Um Três. Encontramos o inimigo e estamos sob fogo cerrado. Precisamos de reforço imediato. Urgente. As antenas foram localizadas. Solicitamos ataque aéreo imediato para derrubá-las, depressa. As antenas são transportadas por um balão de ar quente sobre a área alvo. Repito... elas estão em um balão. Não temos como alcançar as antenas. Acionar ataque aéreo... Alerta vermelho. Câmbio.

A mensagem foi transmitida imediatamente para o Quartel General da Força Aérea, em High Wycombe, a 60 quilômetros do perímetro de Londres. Eles levaram poucos, mas preciosos segundos para entender o teor do comunicado e mais alguns segundos, igualmente valiosos, para acreditar na mensagem. Depois, em menos de um minuto, dois jatos Tornado GR4 seguiam para a pista principal. Cada avião era equipado com bombas Paveway 11 de uso geral, com sistemas internos de orientação e aletas de cauda móveis. Os pilotos eram treinados para ataques a baixa altitude e de alta precisão. Voando a pouco mais de mil quilômetros por hora, eles chegariam à igreja em menos de oito minutos. Estourariam o balão e o removeriam do céu.

Esse era o plano.

Infelizmente, eles não dispunham de oito minutos. Esse era o primeiro teste verdadeiro para a Força-Tarefa de Reação Rápida, criada para enfrentar todo e qualquer alerta terrorista. Mas havia acontecido muito depressa. A Scorpia só mostrara as cartas no último instante.

Quando os aviões localizassem o alvo, seria tarde demais.

Alex Rider ia escalando a corda, primeiro uma mão, depois a outra, sempre mantendo os pés presos a um laço improvisado. Havia feito esse exercício muitas vezes na aula de educação física no colégio, mas — não precisava nem lembrar — agora era diferente.

Para começar, mesmo quando parava para descansar, continuava subindo. O balão ganhava altitude. O ar quente dentro do envelope pesava 28 gramas por 28 centímetros cúbicos. Era essa aritmética simples que fazia o balão voar. E voar era exatamente o que Alex estava fazendo. Se ele olhasse para baixo, veria o chão distante, a centenas de metros. Porém não olhava para baixo. Essa era outra diferença da atividade desenvolvida nas aulas de educação física. Se caísse daquela altura, morreria.

A plataforma estava menos de dez metros acima dele. Podia ver o grande retângulo impedindo a visão do céu. Em cima dela, o queimador ainda ardia, lançando a língua de fogo para dentro do inflado envelope azul e branco. Os ombros e os braços de Alex doíam. Pior que isso, cada movimento espalhava a dor por seus ossos. Os pulsos pareciam estar se rasgando. Ele ouviu outra explosão e uma longa rajada de metralhadora. O Serviço Aéreo Especial estava atirando nele? Se haviam localizado o balão — e já deviam tê-lo visto — tentariam derrubá-lo de qualquer maneira. O que era uma vida humana comparada a milhares de mortes que ocorreriam em pouco tempo, se as antenas atingissem a altitude de 300 metros?

Pensar nisso renovou sua energia. Se uma bala perdida o atingisse enquanto estava ali pendurado na corda, despencaria. Por várias razões, precisava chegar à plataforma. Ele rangeu os dentes e continuou subindo.

Cento e oitenta metros. Duzentos metros. O balão continuava subindo. E a distância entre Alex e seu objetivo diminuía. Houve uma terceira explosão e ele olhou para baixo pela primeira vez. Quase imediatamente, arrependeu-se de ter olhado. O solo estava muito longe. Os homens do Serviço Aéreo Especial eram do tamanho de soldadinhos de brinquedo. Podia vê-los tomando suas posições na rua que terminava na igreja, tentando invadir o local pela porta da frente. Os homens da Scorpia estavam nas lojas abandonadas dos dois lados da rua. A explosão que Alex ouvira provavelmente fora causada por uma granada de mão. De onde estava, conseguira ver uma janela quebrando e um corpo voando para fora e para baixo.

Mas a batalha lá embaixo não significava nada para ele. Havia visto outra coisa que o enchera de medo. Um homem subia pela outra corda e não havia como não identificar as manchas escuras e brancas em seu rosto. Nile. Ele se movia devagar, como se estivesse sem fôlego. Alex se surpreendeu com aquilo. Sabia que Nile era forte e tinha excelente forma física. Quase podia ver os músculos sob a camisa quando ele movia os braços. O garoto

sabia que precisava desligar as antenas — permanentemente — antes de Nile chegar. Caso contrário, não teria a menor chance.

Alguma coisa bateu em sua mão e ele quase gritou. Ainda subindo, mas com os olhos fixos em Nile, não percebeu que finalmente alcançara a plataforma. Batera com os dedos na beirada de uma das quatro antenas. Por um momento, pensou se não poderia simplesmente agarrá-la e, com um puxão, arrancá-la dali. Deixaria que caísse e se arrebentasse no chão. Mas Alex notou que as antenas eram presas à plataforma por tiras de metal. Teria que pensar em outro jeito.

E isso significava subir na plataforma. Não seria fácil, e tinha que ser rápido, porque precisava garantir que teria bastante tempo para agir antes que Nile o alcançasse.

Ele inclinou o corpo para trás e soltou uma das mãos. Por meio segundo, o estômago pulou e ele pensou que ia cair. Mas em seguida deu um impulso para a frente e se agarrou à beirada da grade que cercava todo o perímetro da plataforma. Com um último esforço, puxou o corpo e se debruçou sobre a grade, jogando as pernas de modo a cair do outro lado. Ele aterrissou de mau jeito, batendo com o joelho em um tanque de gás propano. Enquanto pensava no que fazer, esperou a onda de dor ir diminuindo aos poucos.

Examinou o balão.

Havia dois tanques de propano abastecendo o queimador, que estava poucos metros acima de sua cabeça. Espessos tubos pretos — de borracha ou plástico — forneciam o combustível e Alex pensou se não poderia soltar o tubo e deixar a chama se extinguir. O balão cairia? Ou havia ar quente suficiente no envelope para fazê-lo subir mesmo assim?

Ele examinou as outras caixas de metal no centro da plataforma. Era como olhar para um aparelho de som complicado. Uma delas controlava as antenas, era evidente. Havia uma rede de cabos unindo todas as caixas. Cada uma tinha uma luz piscando... e no momento a luz era amarela. A energia estava ligada. As antenas estavam prontas. Mas os raios terahertz ainda não haviam sido ativados. A quinta caixa era uma espécie de controle central. Nela havia uma janela sobre a superfície, um leitor digital: 220... 230... 240... 250... Alex observou a leitura da altitude compreendendo que o balão se aproximava rapidamente do ponto de detonação.

Precisava desconectar as antenas. E tinha que agir depressa, antes que o balão chegasse aos 300 metros, antes de Nile alcançar a plataforma. Quanto

tempo ainda restava? Rapidamente, pensou em desamarrar a corda por onde Nile subia. Mas, mesmo que isso fosse possível, nunca encontraria a coragem necessária para matar alguém daquela maneira, com tanta frieza. A sra. Jones estava certa nesse ponto. Além do mais, a operação seria demorada demais. Não. As quatro luzes piscando eram seus alvos. Precisava dar um jeito de desligá-las.

Ele se levantou meio desequilibrado e deu um passo à frente, sentindo a plataforma balançar com o movimento. Por um momento, Alex ficou com medo. A plataforma havia sido projetada para sustentar o peso dele? Um movimento descuidado, e ela poderia se inclinar e derrubá-lo. Ele continuou em frente. Com exceção do assobio constante do gás alimentando a chama, tudo em volta era silêncio. Alex adoraria poder simplesmente se sentar e apreciar o passeio. O envelope majestoso flutuando no céu. A vista de Londres. Mas dispunha de menos de um minuto até a chegada de Nile. E quanto tempo até o balão chegar à altura exata?

250... 260... 270...

Deus. Era como estar novamente em Murmansk. Outro mostrador digital. Aquele fazia uma contagem regressiva e estava preso a uma bomba nuclear. Por que ele? Alex se ajoelhou e segurou um dos cabos, o mais próximo.

Ele o examinou. Era grosso e estava preso ao controle principal por um soquete de aparência bem sólida. Tentou desenroscar o cabo do soquete, mas ele não se movia. Teria que arrancá-lo, e de um jeito que fosse impossível religar. Segurou o cabo com firmeza e puxou com toda a força que tinha. Nada. As ligações eram muito estáveis: metal preso a metal. E os cabos eram muito grossos. Precisava de uma faca ou de uma tesoura. E não tinha nada.

Alex se inclinou para trás e pisou com força na caixa de metal. Ainda segurando o cabo, ele empurrou a caixa com o pé e jogou todo o peso do corpo para trás. O balão continuava subindo. O ar parecia cada vez mais rarefeito. Uma nuvem passou por ele — ou era a fumaça que se desprendia do cenário de luta lá embaixo. Alex gritou por entre os dentes apertados, concentrando atenção e energia no cabo e em sua conexão.

Até que ficou sentado e sentiu o cabo ceder. Caiu para trás e bateu com a cabeça na grade da plataforma. Ignorando mais essa dor, voltou a sentar. Conseguia ver as duas extremidades separadas — os fios arrebitados no

interior do cabo — uma parte em cada mão. Havia marcas vermelhas nas palmas. E havia machucado a cabeça. Mas, quando olhou em volta, viu que uma das luzes amarelas se apagara. Uma das antenas deixara de funcionar.

280... 285...

Ainda restavam três. E Alex sabia que não tinha tempo suficiente para desligar todas.

Mesmo assim, ele se jogou para a frente e agarrou o segundo cabo. O que mais podia fazer? Novamente, ele apoiou os pés na lateral da caixa. E respirou fundo...

Alguma coisa brilhou, um brilho que ele percebeu com o canto do olho. Instintivamente, Alex se jogou para o lado. A espada de samurai, mais ou menos com meio metro de comprimento, passou tão perto de seu rosto que ele sentiu o deslocamento de ar. Havia sido arremessada para atingi-lo na garganta. Não fosse pelo reflexo do sol na lâmina, estaria morto.

Nile alcançara a plataforma. Estava em pé no canto, segurando a corda. Antes ele carregava duas espadas nas costas. Ele arremessara uma. E já levava a mão à outra. Alex estava deitado sobre a superfície. Não podia se mover. Não havia espaço suficiente para nada. Era um alvo imóvel, fácil, preso entre as caixas de metal e a grade da plataforma. Diante dele, a chama queimava e fazia o balão subir.

290... 295... 300.

O painel digital marcou o número final. Houve um zumbido no interior do controle central e as luzes nas três caixas restantes passaram de amarelo a vermelho. O sistema havia sido ativado. Raios terahertz eram emitidos sobre toda a cidade de Londres.

Alex sabia que dentro dele, em seu coração, as nanoesferas de ouro começariam a se romper.

Nile desembainhou a segunda espada.

Dentro da igreja, a sra. Rothman concluía que a batalha estava chegando ao fim e que ela estava derrotada. Seus homens lutavam bem e o inimigo era inferior em número, mas muito superior em técnica e força. Havia muitos mortos e mais duas unidades do Serviço Aéreo Especial estavam chegando como reforço à primeira.

Podia ver o combate travado do lado de fora. Tudo era transmitido por câmeras ocultas. Estava bem na frente dela, nos monitores que mostravam

vários ângulos. A rua havia sido destruída. Um homem do Serviço Aéreo Especial, ferido, era levado por dois parceiros. Os homens corriam aflitos em meio a poeira e detritos levantados pelos tiros do inimigo. Mais soldados se moviam de porta em porta, jogando granadas pelas janelas à medida que passavam. Era o tipo de combate que os homens do Serviço Aéreo Especial haviam aprendido na Irlanda do Norte e, ironicamente, em Bagdá, durante a Guerra do Iraque.

Toda a área tinha sido isolada. Viaturas de polícia chegavam de todas as direções. Não podia vê-las pelas câmeras, mas ouvia as sirenes estridentes. Estavam em Londres. Era fim de tarde de um dia útil. Era impossível acreditar que aquilo estava acontecendo ali.

Outra explosão, dessa vez mais perto. Uma fumaça espessa saía em colunas pelo telhado aberto da igreja, gesso e camadas de tinta despencavam como uma chuva que se desprendia das paredes. A maior parte dos homens da Scorpia havia abandonado suas posições, preferindo se arriscar do lado de fora. Um guarda correu na direção da sra. Rothman com o rosto ensanguentado.

— Eles estão dentro da igreja — o homem falou. — Acabou para nós. Estou indo embora.

— Você vai ficar no seu posto! — a sra. Rothman ordenou.

— Esqueça! — o homem gritou e acrescentou um palavrão. — Todos já foram. Vamos sair daqui, todos nós.

Ela parecia nervosa, como se temesse ser deixada sozinha.

— Então, por favor, deixe sua arma comigo — pediu.

— É claro. Por que não? — o homem entregou a arma.

— Obrigada — ela disse e atirou uma vez só, acertando-o na testa.

A sra. Rothman viu o homem cair, depois olhou novamente para os monitores. Os homens do Serviço Aéreo Especial estavam no vestíbulo, na entrada da igreja. Podia vê-los posicionando os explosivos plásticos na parede de tijolos falsos. Era difícil ter certeza, porém ela calculava que seria necessária uma quantidade maior de explosivos do que aquela que eles estavam usando. Ela mesma projetara aquela parede, por isso sabia que era de aço maciço. Mas, em algum momento, eles conseguiriam passar. Não desistiriam.

A sra. Rothman olhou para cima, para o balão, que agora estendia as cordas até seu ponto máximo, 300 metros acima de Londres. Tinha certeza que

ele alcançara a altitude correta... o equipamento instalado na igreja havia confirmado. Mais um minuto, e tudo estaria acabado. Ela pensou em Alex Rider lá em cima, em algum lugar. Havia sido um erro levá-lo até ali. Por que o levava então? Para vê-lo morrer, é claro. Não estivera presente quando John Rider encontrara a morte e queria compensar essa falha lamentável. Perdera a morte do pai, mas não perderia a do filho. Por isso havia arriscado tudo para levar Alex à igreja e sabia que os outros membros da diretoria executiva da Scorpia ficariam muito aborrecidos com essa decisão. Mas não tinha importância. A operação seria bem-sucedida. O Serviço Aéreo Especial chegara tarde demais.

Uma grande explosão. Toda a igreja tremeu. Os três tubos maiores do órgão se soltaram e caíram. Tijolos e pedaços de gesso voavam em todas as direções. Metade dos monitores se apagou. Mas a parede de aço continuava resistindo. Ela não se enganara com relação a esse detalhe.

Abandonou a arma e correu para a porta, que ficava quase invisível no meio da uma parede lateral da capela. Por sorte a sra. Rothman era o tipo de pessoa que se preparava para tudo, inclusive para a necessidade de sair sem ser vista.

O guarda que havia matado estava certo. Definitivamente, tinha chegado a hora de ir.

Alex estava deitado de costas, com os ombros pressionados contra a plataforma. A primeira espada que Nile havia arremessado cortara o piso de plástico a poucos centímetros da cabeça do garoto, e ainda estava lá, vibrando, bem perto de seu pescoço. O homem estava empunhando a segunda espada e a empunhava determinado. Ele ganhava tempo. Alex sabia que, como não tinha onde se esconder, Nile não precisava se apressar. De um jeito ou de outro, ia matá-lo. Estavam separados por menos de três metros e meio. Alex já havia visto do que Nile era capaz na ilha de Malagosto. Sabia que, de onde estava, não erraria o arremesso.

No entanto...

Por que ele demorava tanto? Empunhava a espada sem arremessá-la e ainda segurava a corda com a outra mão...

Alex olhou para ele, examinou o rosto que seria bonito, não fosse pela doença que o desfigurava, procurou alguma coisa nos olhos firmes.

E encontrou.

Aquele olhar. Já o vira antes. Ele se lembrou de Wolf, o soldado com quem havia treinado no Serviço Aéreo Especial. E de repente tudo fez sentido. A fraqueza secreta que a sra. Rothman havia mencionado. O motivo pelo qual Nile se tornara o segundo, não o primeiro, em Malagosto. Ele pensou no encontro que tiveram no alto da torre do sino, ao lado do monastério. Nile havia ficado parado na porta, hesitante, segurando-se ao batente como agora se segurava à corda. Por isso ele havia demorado tanto para subir.

Nile tinha medo de altura.

Mas isso não salvaria a vida de Alex. Quinze segundos se passaram até as luzes ficarem vermelhas, assinalando que as antenas estavam ativas. As nanoesferas com sua carga venenosa já deviam estar se movendo dentro de seu coração. Por todos os cantos de Londres, outras crianças estariam voltando para casa a pé, esperando o ônibus, entrando em estações de metrô, sem saber o que estava para acontecer.

Então, Nile falou.

— Foi isso o que prometi que aconteceria com você se nos traísse — ameaçou. O sorriso em seu rosto podia ser forçado, mas não havia dúvida quanto ao que ele ia fazer. Nile equilibrou a espada na palma da mão, sentindo seu peso antes de apontar e arremessá-la. — Eu disse que o mataria. E é isso o que vou fazer, e vai ser agora.

— É claro, Nile — Alex respondeu. — Mas como vai descer depois que me matar?

— O quê? — o sorriso se desmanchou.

— Olhe para baixo, Nile — Alex continuou. — Veja como estamos no alto — ele olhou para a chama e para o envelope. — Sabe, duvido que este balão sustente nosso peso por muito tempo.

— Cale a boca! — Nile cuspiu as palavras. A mão segurando a corda estava branca, tal a força que ele fazia. Alex via os dedos cada vez mais tensos, crispados.

— Olhe para as pessoas! Veja os carros! Note como estão pequenos!

— Pare com isso!

E foi então que Alex se moveu. Já sabia o que ia fazer. Nile estava petrificado, incapaz de reagir. Sua rapidez e força de nada valiam agora. Rápido, Alex puxou a primeira espada, soltando-a do plástico. Com um movimento preciso, ele cortou o tubo de plástico que alimentava o queimador.

Depois disso, tudo aconteceu muito depressa.

O cano cortado serpenteou de um lado para o outro como uma cobra. O gás propano na forma líquida ainda passava por ele, e a ponta cortada passou pelo queimador, transformando a chama em uma enorme bola de fogo.

O cano continuou se movendo e cuspidando seu conteúdo mortal na direção de Nile.

Nile havia conseguido levantar a segunda espada, preparando o que seria um golpe definitivo. Ele apontava a arma para o peito de Alex. Então, a bola de fogo o atingiu. Ele gritou uma vez e desapareceu. Em um instante estava ali, no outro havia sido lançado para trás, no ar, uma espécie de criatura incandescente despencando centenas de metros para a morte.

E tudo indicava que Alex seria o próximo.

Toda a plataforma estava em chamas. O plástico derretia. Havia propano líquido em todos os lugares, dissolvendo o que tocava. Alex fez um esforço para se levantar quando viu as chamas se alastrando em sua direção. E agora? O queimador se apagara, mas o balão não estava caindo. A plataforma, porém, despencaria em poucos instantes. As quatro cordas que a prendiam ao envelope eram feitas de náilon e estavam em chamas. Uma delas se rompeu e Alex gritou ao sentir a superfície se inclinar. Mais um pouco e mergulharia para a morte. Seus olhos estudaram as máquinas. Os cabos elétricos deviam ser à prova de fogo. As luzes vermelhas mostravam que três antenas continuavam transmitindo. Mais de um minuto devia ter transcorrido desde que Nile aparecera... com certeza! Alex apertou a mão contra o peito, esperando sentir a dor do veneno se desprendendo das nanoesferas e invadindo seu organismo.

Mas ainda estava vivo e sabia que tinha poucos segundos para sair da plataforma em chamas. Não havia a menor chance de pular e escapar com vida. Estava a 300 metros do chão. Ele ouviu um estalo e percebeu que outra corda estava prestes a se romper. Em poucos segundos. O fogo estava fora de controle. As chamas já queimavam seu corpo. Queimavam tudo.

Alex pulou.

Não para baixo... mas para cima. Ele saltou primeiro sobre a caixa de controle e dela para o alto, agarrando a armação de metal do queimador. Puxando o corpo para cima com a força dos braços, ele conseguiu alcançar a armação circular da base do envelope. Era incrível. Olhar para cima despertava a sensação de estar entrando em uma grande sala redonda. As paredes eram de tecido, mas bastante firmes. Estava no interior do balão, aprisiona-

do. Havia uma corda de náilon estendida dentro do envelope e Alex viu que uma das extremidades estava no topo do balão, presa à válvula. Ela sustentaria seu peso?

As cordas que ainda sustentavam a plataforma arrebentaram. A plataforma caiu, levando com ela queimador e antenas, desaparecendo debaixo dos pés dele. Alex só teve tempo para enrolar a corda em uma mão e segurar o tecido do balão com a outra. De repente ele balançava no ar. Mais uma vez, os braços e os pulsos sofriam mais que o restante do corpo. O balão se desmontaria e despencaria no vazio? Mas a maior parte do peso havia sido removida. Só restara ele. E o balão continuava no ar, no mesmo lugar de antes.

Alex olhou para baixo. Não podia evitar. E ele viu, mesmo em meio ao fogo e à fumaça, com a plataforma girando e enroscada nas cordas, que as três luzes vermelhas haviam se apagado. Tinha certeza disso. Ou o fogo destruíra o maquinário, ou as antenas haviam sido desativadas no momento em ficaram abaixo de 300 metros de altura.

As antenas de terahertz não estavam transmitindo. Nenhuma criança morreria.

Ninguém sabia de onde a mulher surgira. Talvez dormisse no pequeno cemitério atrás da Igreja dos Santos Esquecidos. O fato é que ela havia aparecido no meio do que, até alguns minutos atrás, havia sido uma batalha de morte.

Ela era uma mulher de sorte. Os homens do Serviço Aéreo Especial haviam dominado a igreja e a área em torno dela. Boa parte dos membros da Scorpia estava morta. O restante se rendera. Uma última explosão abrira caminho para a área principal da igreja. Soldados do Serviço Aéreo Especial já invadiam o local procurando Alex.

A mulher, obviamente uma sem-teto, não escondia a confusão causada por toda aquela atividade. Talvez estivesse bêbada. Tinha uma garrafa de cidra na mão e ela havia parado para beber, levando o gargalo à boca cheia de dentes estragados. O rosto era enrugado, horrível, e o cabelo comprido, branco, estava sujo e emaranhado. Ela vestia um casaco imundo que estava amarrado com um barbante em torno da cintura gorda. Com a outra mão, segurava dois sacos de lixo, que ela mantinha perto do corpo como se contivessem todos os tesouros do mundo.

Um dos soldados a viu.

— Saia daqui! — ele gritou. — Está correndo perigo!

— Tudo bem, amor! — a mulher riu. — Qual é problema? Isto aqui parece a 3ª Guerra Mundial!

Mas ela saiu cambaleando, afastando-se do perigo, enquanto homens do Serviço Aéreo Especial passavam correndo a caminho da igreja.

Debaixo da peruca, da maquiagem e da fantasia, a sra. Rothman sorria satisfeita. Era incrível, mas os estúpidos soldados do Serviço Aéreo Especial a deixaram sair sem oferecer resistência, e ela estava fugindo em plena luz do dia. Levava uma arma escondida sob o casaco e a usaria, caso alguém tentasse detê-la. Mas estavam todos tão ocupados correndo para dentro da igreja que ninguém prestava atenção à pobre sem-teto.

De repente, alguém gritou:

— Pare!

Tinha sido notada, afinal. A sra. Rothman correu.

Mas o soldado não pretendia prendê-la. Ele só queria preveni-la. Uma sombra se projetou sobre o rosto da mulher, e ela olhou para cima a tempo de ver o retângulo incandescente, com as quatro antenas, caindo do céu. Julia Rothman abriu a boca para gritar, porém o som jamais ultrapassou a barreira dos lábios. Ela foi esmagada, pressionada contra a calçada, amassada como um personagem de desenho animado. O homem do Serviço Aéreo Especial que a chamara olhava horrorizado para a cena trágica. Depois de um instante, lentamente, ele olhou para cima para ver o que mais estaria caindo.

Mas não havia nada. O céu estava limpo.

Livre da plataforma e das cordas que o prendiam ao chão da igreja, o balão fora soprado pelo vento para o norte, com Alex ainda pendurado nele. O garoto estava exausto e sem forças. As pernas e um lado do peito haviam sofrido queimaduras. O máximo que conseguia fazer era se segurar ali.

Mas o ar dentro do envelope tinha esfriado, e o balão estava descendo. Alex tinha sorte porque, ao contrário das cordas de náilon, o tecido do envelope era resistente ao fogo.

Sim, ainda poderia morrer, é claro. Não tinha nenhum controle sobre o balão e o vento talvez o jogasse em uma rede de fios elétricos. Fios de alta voltagem. Já havia atravessado o rio e conseguia ver a Trafalgar Square

com a Coluna de Nelson cada vez mais próxima. Seria uma piada de mau gosto pousar bem ali e acabar morrendo atropelado.

Alex só podia se segurar e esperar para ver o que ia acontecer. Apesar da dor nos braços, sentia uma intensa paz interior. De algum jeito, contrariando todas as probabilidades, saía vivo dessa história de horror. Nile estava morto. A sra. Rothman provavelmente tinha sido capturada. As nanoesferas deixaram de ser uma ameaça.

E ele? O vento mudara. O balão o levava para o oeste. Sim. Ali estava o Green Park — apenas 70 ou 80 metros abaixo. Já conseguia ver as pessoas apontando para cima, para ele, e gritando. Só podia torcer para que o balão continuasse voando. Com um pouco de sorte, conseguiria chegar a Chelsea, em casa, onde Jack Starbright estaria esperando-o. Qual seria a distância? O balão teria força para transportá-lo até lá?

Esperava que sim, porque isso era tudo que importava agora.

Só queria ir para casa.

DISFARCE

TUDO ACABOU — como era inevitável, na opinião de Alex — no escritório de Alan Blunt na Liverpool Street.

Eles o haviam deixado em paz por uma semana, recebera o telefonema em uma tarde de sexta-feira e fora convidado a se apresentar. Convidado, não intimado. Pelo menos isso havia mudado. E eles escolheram um sábado para que não tivesse que perder aula.

O balão o deixara no Hyde Park, descendo até a grama com a leveza de uma folha de outono. Era fim do dia, por isso naquela hora havia pouca gente no parque. Alex conseguira sair de lá discretamente, cinco minutos antes de várias viaturas policiais chegarem ao local com grande estardalhaço. A caminhada até sua casa tinha levado 20 minutos e ele praticamente havia caído nos braços de Jack antes de tomar um banho quente, devorar o jantar e ir para a cama.

Não havia sofrido nenhum ferimento grave. Tinha queimaduras nos braços e no peito, e o pulso estava inchado pelo esforço de ficar pendurado no balão. A sra. Rothman também havia deixado sua marca no rosto de Alex. Ao se olhar no espelho, ele se perguntou como explicaria o hematoma. Acabou dizendo a todo mundo que havia sido atacado. De certa forma, era essa a sensação que tinha.

Voltara à Brookland cinco dias atrás. Tom Harris havia sido uma das primeiras pessoas a vê-lo atravessando o pátio do colégio e correr ao seu encontro. Tom conseguira sofrer queimaduras de sol na praia em Amalfi. O rosto e a ponta do nariz estavam vermelhos.

— Sabia que você ia conseguir — afirmou. — Vi você dar aquele salto base e foi incrível! Aterrissou exatamente no teto. E, cinco minutos mais tarde, o prédio explodiu. Fantástico. Foi você?

— Não. Não, exatamente.

— Jerry pensou que você tinha sido morto, capturado ou algo semelhante. Mas depois você telefonou. Achamos que estava meio desanimado, mas pelo menos não tinha morrido. E dois dias mais tarde, Jerry recebeu aquele cheque polpudo para comprar o equipamento novo. Cinco vezes o valor necessário para comprar um paraquedas! Ele agora está na Nova Zelândia,

graças a você. Deve estar saltando de algum prédio em Auckland. Ele sempre teve essa ambição.

Tom mostrou uma página de jornal.

— Era você? — perguntou.

Alex olhou a foto do balão sobrevoando Londres. Dava para ver uma silhueta pequenina pendurada em um dos lados. Felizmente, a foto havia sido tirada de longe, por isso não era possível identificá-lo. Ninguém sabia o que havia acontecido na Igreja dos Santos Esquecidos. E ninguém sabia que ele estava envolvido.

— É, era eu — respondeu Alex. — Mas Tom... não pode contar a ninguém.

— Já contei a Jerry.

— A mais ninguém.

— Sim, eu sei. Segredos oficiais e tudo isso — Tom franziu o cenho. — Talvez eu deva me juntar ao MI6. Tenho certeza de que seria um ótimo espião.

Naquele momento, sentado diante de Alan Blunt e da sra. Jones, Alex pensava no amigo. Ele escorregou para baixo na cadeira, tentando antecipar o que ia ouvir. Jack tentara impedir sua ida até ali.

— No momento em que souberem que está inteiro e andando — ela havia dito —, vão querer forçá-lo a pular de paraquedas sobrevoando a Coréia do Norte. Você nunca vai ter paz, Alex. Não quero nem saber o que aconteceu com você depois de Veneza. Só quero que prometa que não vai deixar acontecer novamente.

Alex concordava com Jack. Teria sido melhor ficar em casa. Mas sabia que tinha que estar ali. Devia isso à sra. Jones.

— É muito bom vê-lo, Alex — Blunt falou. — Mais uma vez, fez um bom trabalho. Muito bom.

Muito bom. Muito bom. Esse era o maior elogio que Blunt conhecia.

— Vou colocá-lo a par das novidades — Blunt continuou. — Não preciso dizer que o plano da Scorpia foi um fracasso total e duvido muito que voltem a tentar alguma coisa dessas proporções. Eles perderam um de seus melhores assassinos, o homem chamado Nile. Ele caiu do balão. Aliás, como isso aconteceu?

— Ele escorregou — Alex respondeu. Não queria ficar revendo todas aquelas cenas.

— Entendo. Bem, talvez queira saber que Julia Rothman também morreu.

A notícia era novidade para Alex. Imaginava que ela fosse prisioneira do MI6.

A sra. Jones continuou o relato.

— A plataforma carregada pelo balão caiu em cima dela quando Julia Rothman tentava fugir. Ela ficou esmagada.

— Eu também teria ficado. Que decepção — Alex brincou.

Blunt fungou.

— O mais importante é que as crianças de Londres vão ficar bem. Como explicou aquela cientista, a dra. Stephenson, durante a reunião do Cobra, as nanoconchas serão eliminadas aos poucos do organismo. Devo dizer, Alex, que as antenas emitiram ondas por 75 segundos, pelo menos. Talvez mais. Não há como saber quanto estivemos próximos de um terrível desastre.

— Vou tentar ser mais rápido na próxima vez — Alex comentou.

— Sim. Bem, há mais uma coisa. Talvez queira saber que Mark Kellner se demitiu hoje de manhã. O chefe de Comunicações do primeiro-ministro... lembra-se dele? Muito bem, está tentando dizer à imprensa que quer passar mais tempo com a família. O engraçado é que a família dele não o suporta. Ninguém o suporta. O sr. Kellner cometeu erros demais. Ninguém poderia ter previsto a trama com o balão de ar quente. Mas alguém precisa levar a culpa e é com alegria que lhe digo: desta vez, ele vai carregar a cruz.

— Bem, se foi só para isso que me chamaram, acho melhor ir para casa — disse Alex. — Perdi mais de duas semanas de aula, por isso tenho muita matéria para recuperar.

— Não, Alex. Receio que não possa ir ainda — a sra. Jones estava mais séria do que nunca. Teria a intenção de castigá-lo pelo atentado contra a vida dela?

— Espero que entenda que lamento muito pelo que quase fiz, sra. Jones — ele falou. — Mas acho que compensei, mais ou menos...

— Não é só sobre isso que quero falar com você. De minha parte, sua visita a meu apartamento jamais aconteceu. É algo mais importante. Você e eu nunca conversamos sobre a ponte Albert.

Alex se sentiu invadido por um frio repentino.

— Não quero discutir esse assunto.

— Por que não?

— Porque sei que a senhora fez o que era certo. Vi a Scorpia por dentro, como ela realmente é. Sei do que a organização é capaz. Se meu pai era um deles, vocês agiram corretamente. Ele merecia morrer.

As palavras doíam em Alex enquanto ele as pronunciava. Faziam arder seus olhos.

— Tem alguém que quero que conheça, Alex. Ele está esperando lá fora. Sei que não quer passar mais tempo que o necessário aqui, mas pode conversar com ele? Serão apenas alguns minutos.

— Tudo bem — Alex ergueu os ombros. Não sabia o que a sra. Jones queria provar. Não desejava falar novamente sobre as circunstâncias da morte de seu pai.

A porta se abriu e um homem entrou. Tinha barba, cabelos castanhos e encaracolados que começavam a se tingir de prata e se vestia de maneira casual com jeans e jaqueta de couro surrada. O homem devia ter uns 30 anos e, embora Alex tivesse certeza de que nunca o havia visto, seu rosto parecia vagamente familiar.

— Alex Rider? — ele perguntou. A voz era suave, agradável.

— Sim.

— Como vai? — o homem estendeu a mão. Alex se levantou e sentiu a mão ser envolvida pela outra, quente e amigável. — Meu nome é George Adair. Creio que conheceu meu pai, sir Graham Adair.

Alex jamais esqueceria. Sir Graham Adair, o secretário permanente do gabinete no número 10 da Downing Street. Era possível ver a semelhança entre os dois homens. Mas conhecia George Adair de algum lugar, tinha certeza disso. É claro. Ele agora era muito mais velho. A cor do cabelo era diferente e o corpo era mais musculoso, pesado. Mas o rosto era o mesmo. Vira esse rosto na TV. Na ponte.

— George Adair é professor no Imperial College aqui em Londres — explicou a sra. Jones. — Mas, há 15 anos, ele era um estudante. O pai dele já era um servidor público muito experiente...

— Você foi sequestrado — Alex interrompeu. — Foi você que a Scorpia sequestrou.

— Exatamente. Escute... será que podemos nos sentar? Eu me sinto muito formal parado aqui desse jeito, em pé.

George Adair sentou. Alex esperou que ele falasse. Estava intrigado e um pouco apreensivo. Esse homem havia presenciado o momento da morte de seu pai. De certa forma, John Rider morrera por causa dele. Por que a sra. Jones o levava para a reunião?

— Vou contar minha história e depois irei embora — anunciou George Adair. — Quando eu tinha 18 anos, fui vítima de uma tentativa de chantagem contra meu pai. Fui sequestrado por uma organização chamada Scorpio, que pretendia me torturar e matar, a menos que meu pai fizesse exatamente o que era exigido. Mas a Scorpio cometeu um erro. Meu pai podia influenciar a política do governo, porém não tinha poder para mudá-la. Não havia nada que ele pudesse fazer. Fui informado de que seria morto. No entanto, no último instante, houve uma mudança de planos. Conheci uma mulher chamada Julia Rothman. Ela era linda, mas uma verdadeira bruxa. Acho que mal conseguia esperar para pegar os ferros em brasa, ou alguma coisa parecida. Enfim, ela me disse que eu seria trocado por outra pessoa. Alguém que havia sido capturado pelo MI6. A troca seria feita na ponte Albert. Eles me levaram de carro até lá numa manhã, devo confessar que estava apavorado. Tinha certeza de que minha vida tinha chegado ao fim. Achara que iam atirar em mim e jogar meu corpo no Tâmesa. Mas tudo aconteceu muito depressa, de um jeito muito direto. Foi como em um filme de espionagem. Três homens e eu ficamos de um lado da ponte. Todos eles tinham armas. E, do outro lado da ponte, eu só conseguia olhar para uma pessoa. Seu pai. Ele estava com um grupo do MI6 — Adair parou e olhou para a sra. Jones. — Ela fazia parte do grupo.

— Aquela foi minha primeira grande operação em campo — contou a sra. Jones.

— Continue — pediu Alex. Queria ouvir toda a história. Era mais forte que ele.

— Bem, alguém deu um sinal e nós começamos a andar ao mesmo tempo... quase como se fôssemos nos enfrentar em duelo, embora estivéssemos com as mãos algemadas. A ponte parecia ter quilômetros de comprimento. Parecia interminável, impossível de atravessar, mas, finalmente, nós nos encontramos no meio dela, seu pai e eu. E havia em mim uma estranha gratidão por aquele homem, porque eu estava escapando da morte graças a ele. Mas, ao mesmo tempo, eu sabia que ele trabalhava para a Scorpio, então pensei que devia ser um bandido. E de repente ele falou comigo.

Alex prendeu o fôlego. Lembrava-se do vídeo que a sra. Rothman havia mostrado a ele. Era verdade. Seu pai e o adolescente trocaram algumas palavras. Não ouvira as palavras e ficara imaginando o que teriam dito.

— Ele estava muito calmo — prosseguiu George Adair. — Espero que não se incomode por eu dizer, Alex, mas, olhando para você agora, vejo seu pai como ele era naquele momento. Totalmente controlado, no comando da situação. E ele me disse: “Vai haver tiros. Você precisa ser rápido. Não olhe em volta. Apenas corra, corra o mais que puder. Você vai ficar bem”.

Houve um longo silêncio.

— Meu pai sabia que seria assassinado? — perguntou Alex.

— Sabia.

— Mas como...

— Deixe-me terminar — George Adair passou a mão pelo queixo. — Dei mais dez passos e, de repente, ouvi um tiro. Sabia que não devia olhar em volta, mas eu me virei. Só por um segundo. Seu pai fora atingido nas costas. Havia sangue na jaqueta dele. Vi o furo no tecido. Em seguida, lembrei o que ele havia dito e corri. Corri como nunca. Tinha que sair dali.

Essa era outra coisa que Alex havia notado ao ver o vídeo. George Adair reagira com velocidade espantosa. Qualquer pessoa teria ficado paralisada naquela situação. Mas ele sabia o que estava fazendo.

Porque havia sido prevenido.

Por John Rider.

— Corri e saí da ponte — ele continuou contando. — E então a confusão explodiu. O pessoal da Scorpia abriu fogo. Queriam me matar, é claro. Mas os agentes do MI6 tinham metralhadoras e também atiraram. Foi um milagre eu não ter sido ferido. Consegui chegar ao outro lado da ponte e vi um carro grande surgindo do nada. Uma porta se abriu e eu mergulhei dentro dele. E foi isso, pelo menos no que diz respeito a mim. Levaram-me para longe dali, e meu pai foi ao meu encontro alguns minutos mais tarde. Muito aliviado. Ele já tinha imaginado que nunca mais voltaria a me ver.

E a história fazia sentido. Quando Alex tinha conhecido sir Graham Adair, o funcionário do governo havia sido surpreendentemente simpático. E dissera ter uma dívida de gratidão com ele.

— Então, meu pai... se sacrificou por você — Alex deduziu. Mas aquilo não fazia sentido. Ainda não conseguia entender o que acabara de ouvir.

— Há mais uma coisa que tenho que lhe dizer — o homem continuou. — E acho que vai ficar chocado. Eu fiquei. A verdade é que, um mês depois do ocorrido, fui à casa de meu pai em Wiltshire. Naquela época eu já havia sido interrogado e aprendera um monte de coisas relacionadas à segurança, caso a Scorpia tentasse me pegar de novo. E... — ele engoliu em seco — ...seu pai estava lá.

— O quê? — Alex gritou.

— Cheguei antes da hora marcada. Quando entrei, seu pai estava saindo. Ele havia se reunido com meu pai.

— Mas isso é...

— Eu sei. É impossível. Mas era ele, definitivamente. E ele me reconheceu de imediato. E perguntou como eu estava. Disse que tinha ficado feliz por ter podido me ajudar e depois foi embora.

— Então meu pai...

George Adair se levantou.

— Tenho certeza de que a sra. Jones pode explicar tudo — disse. — Mas meu pai me pediu que lhe dissesse quanto é grato a você. E me pediu para contar esta história. Seu pai salvou minha vida, Alex. Não há dúvida nenhuma sobre isso. Agora sou casado, tenho dois filhos. Aliás, dei ao mais velho o nome de John, numa homenagem a seu pai. Meus filhos não existiriam, não fosse por ele. Meu pai não teria filho e netos. Seja qual for sua opinião sobre John Rider, sejam quais forem as histórias que ouviu sobre ele, saiba que seu pai foi um homem muito corajoso.

Ele se despediu da sra. Jones com um breve aceno de cabeça e saiu da sala. A porta se fechou. Houve um segundo período prolongado de silêncio.

— Não entendo — Alex falou finalmente.

— Seu pai não era um assassino — disse a sra. Jones. — Ele não trabalhava para a Scorpia. Trabalhava para nós.

— Meu pai era um espião?

— Um espião brilhante — falou Blunt. — Recrutamos os dois irmãos, Ian e John, no mesmo ano. Ian era um bom agente. Mas John era o melhor de todos, sem sombra de dúvida.

— Ele trabalhava para vocês!

— Sim.

— Mas matou pessoas. A sra. Rothman me mostrou. Ele foi preso...

— Tudo o que Julia Rothman acreditava saber sobre seu pai estava errado — suspirou a sra. Jones. — É verdade que ele fez parte do Exército, que fez uma carreira honrosa com o Regimento de Paraquedistas e que foi condecorado por sua participação na Guerra das Falklands. Mas o resto, a luta com o motorista de táxi, a sentença de prisão, tudo... nós inventamos. O nome disso é disfarce, Alex. Queria que John Rider fosse recrutado pela Scorpia. Ele era a isca, e a Scorpia a mordeu.

— Por quê?

— Porque a Scorpia se expandia pelo mundo. Precisávamos saber o que ela estava fazendo, o nome das pessoas que empregava, o tamanho e a estrutura da organização. John Rider era perito em armas. Era um lutador brilhante. E a Scorpia acreditava que ele havia sido abandonado. E o recebeu de braços abertos.

— E durante todo o tempo ele se reportou a vocês?

— As informações trazidas por seu pai salvaram mais vidas do que você pode imaginar.

— Mas isso não é verdade! — Alex estava tonto. — A sra. Rothman disse que ele matou cinco ou seis pessoas. E Yassen Gregorovich o idolatrava! Ele me mostrou a cicatriz. Disse que meu pai salvou a vida dele.

— Seu pai estava fingindo ser um assassino perigoso — explicou a sra. Jones. — Então... Sim, Alex, ele teve que matar. Uma das vítimas era um traficante de drogas na selva amazônica. Foi nessa ocasião que ele salvou a vida de Yassen. Outra vítima foi um agente duplo australiano. A terceira foi um policial corrupto. Não estou dizendo que essas pessoas mereciam morrer. Mas, certamente, o mundo continuou girando sem elas e receio que seu pai não teve a chance de escolher.

— E os outros? — Alex precisava saber.

— Foram mais duas vítimas — Blunt se manifestou. — Uma delas era um sacerdote que trabalhava nas ruas do Rio de Janeiro. A outra era uma mulher em Sydney. Esses foram mais difíceis. Não podíamos deixá-los morrer. Por isso forjamos as mortes... da mesma forma que encenamos a morte de seu pai.

— Na ponte Albert...

— Foi uma farsa — a sra. Jones retomou a palavra. — Seu pai já havia trazido para nós todas as informações que queríamos sobre a Scorpia e precisávamos tirá-lo de lá. Havia duas razões para isso. A primeira era que sua

mãe havia acabado de ter um bebê. Um menino. Você, Alex. Seu pai queria ir para casa. Queria ficar com você. Além disso, a situação estava se tornando perigosa demais, porque... Bem, a sra. Rothman se apaixonou por ele.

Era muita coisa para absorver de uma só vez. Mas Alex se lembrou de Julia Rothman falando com ele no restaurante em Positano.

“Eu me sentia muito atraída por ele. Seu pai era um homem muito bonito.”

Tentava absorver a verdade em meio ao poço de areia movediça de mentiras e mais mentiras.

— Ela me contou que ele foi capturado. Em Malta...

— Também foi uma farsa — revelou a sra. Jones. — John Rider não podia simplesmente sair da Scorpia. Eles nunca o teriam deixado ir. Por isso arranjamos tudo. Ele foi enviado a Malta, supostamente para matar sua sexta vítima. John nos avisou e nós fomos esperá-lo. Encenamos um tiroteio terrível e feroz. Você sabe do que somos capazes, Alex. Fizemos mais ou menos a mesma coisa com você no acidente na West Way. Yassen Gregorovich estava lá, em Malta, mas nós o deixamos escapar. Precisávamos dele para que fosse contar a Julia o que havia acontecido. Ele tinha que voltar e relatar que havíamos “capturado” John Rider. A Scorpia ia deduzir que ele seria interrogado e depois jogado em uma prisão ou executado. Nunca mais o veriam.

— Então, por quê... — ainda era difícil entender tudo. — Por que a encenação na ponte Albert?

— Ah, aquilo foi uma tremenda palhaçada — falou Alan Blunt. Era a primeira vez que Alex o via usar uma linguagem menos formal. — Você conheceu sir Graham Adair. Ele é um homem muito poderoso. E também é um velho amigo meu. E, quando a Scorpia pegou o filho dele, não pensei que poderia fazer alguma coisa, que haveria algo a ser feito.

— Foi ideia do seu pai — interferiu a sra. Jones. — Ele também conhecia os Adair. Queria ajudar. Você precisa entender, Alex. Seu pai era esse tipo de homem. Um dia vou lhe contar tudo sobre ele... não só isso. John acreditava no que fazia. Em servir ao país. Sei que isso parece tolo e antiquado, mas ele era um soldado. E acreditava no bem e no mal. Não sei de que outro jeito explicar. Ele queria tornar o mundo um lugar melhor.

A sra. Jones respirou profundamente.

— Seu pai sugeriu que o mandássemos de volta à Scorpia como parte da troca. Ele sabia dos sentimentos da sra. Rothman. Sabia que ela concordaria com qualquer coisa para tê-lo de volta. E, ao mesmo tempo, planejava traí-la. Havia um atirador posicionado, mas a arma estava carregada com balas falsas. John Rider tinha uma geringonça nas costas da jaqueta. Uma bombinha e um frasco com sangue. Quando ouviu o tiro, ele ativou a bombinha e o sangue foi liberado. A pequena explosão abriu um buraco na jaqueta. Ele caiu e fingiu estar morto. Foi como se o MI6 o tivesse assassinado a sangue frio. Por isso quis que você conhecesse George Adair. Nós nunca fizemos mal nenhum a seu pai, Alex. A ideia era que, nessa altura, ele estivesse seguro de verdade e pudesse simplesmente desaparecer.

Alex enterrou a cabeça entre as mãos. Havia centenas de perguntas que queria fazer. Sobre a mãe, o pai, Julia Rothman, a ponte... Estava tremendo e tinha que recuperar o controle. Finalmente, ele conseguiu se acalmar.

— Só tenho duas perguntas — disse.

— Estamos aqui para dar todas as respostas que quiser.

— Qual foi a participação de minha mãe em tudo isso? Ela sabia o que meu pai fazia, o que ele era?

— Sim, é claro que ela sabia que o marido era um espião. Seu pai nunca teria mentido para ela. Os dois eram muito unidos, muito próximos. Infelizmente, não tive a oportunidade de conhecê-la. Não costumamos ter muitas ocasiões sociais neste ramo profissional. Ela era enfermeira antes de se casar. Sabia disso?

Ian Rider havia dito que sua mãe era enfermeira, mas não queria falar sobre isso. Não agora. Estava se fortalecendo, reunindo forças para fazer a pior de todas as perguntas.

— Então... meu pai está vivo? E minha mãe? O que aconteceu com ela?

A sra. Jones olhou para Alan Blunt e foi ele quem respondeu.

— Depois do episódio na ponte Albert, decidimos que seria melhor seu pai tirar férias. Um longo período. Sua mãe o acompanhou. Providenciamos um avião particular para levá-los ao sul da França. Você deveria ir também, Alex, mas, no último instante, teve uma infecção de ouvido. Seus pais foram forçados a deixá-lo com uma babá. Ela o levaria ao encontro deles assim que você estivesse melhor.

Blunt fez uma pausa. Seus olhos eram inexpressivos. Mas havia na voz uma nota de dor.

— De algum modo, Julia Rothman descobriu que havia sido enganada. Não sabemos como. Jamais saberemos. Mas a Scorpia é uma organização poderosa. Você já deve ter percebido. Eles descobriram que seu pai ainda estava vivo e que voava para a França, então colocaram uma bomba na bagagem. Seus pais morreram juntos, Alex. Suponho que saber disso seja uma bênção. E foi tudo muito rápido. Eles nem perceberam...

Um acidente de avião.

Essa era a versão que Alex ouvira durante a vida toda.

Outra mentira.

Ele se levantou. Não sabia o que estava sentindo. Por um lado, estava grato. Agora sabia que não era filho de um homem mau. Pelo contrário. Tudo o que Julia Rothman dissera e tudo o que ele pensara sobre si mesmo eram inverdades. Mas, ao mesmo tempo, havia uma tremenda tristeza, como se chorasse a morte dos pais pela primeira vez.

— Alex, vamos providenciar um motorista para levá-lo para casa — avisou a sra. Jones. — E podemos conversar mais outra hora, quando você quiser.

— Por que não me contou? — ele gritou e, pela primeira vez, sua voz estava descontrolada. — É isso que não entendo. Quase a matei e nem assim me contou a verdadeira história. Mandou-me de volta para a Scorpia, como fez com meu pai, mas nunca me contou que Julia Rothman o matou. Por quê?

— Porque não teria sido certo — a sra. Jones respondeu enquanto se levantava. — Precisávamos da sua ajuda para localizar as antenas. Não havia dúvida quanto a isso. Tudo dependia de você. Mas eu não queria manipulá-lo. Sei que acha que fazemos isso o tempo todo, mas, se eu contasse a verdade sobre Julia Rothman, depois lhe desse um rastreador disfarçado de aparelho ortodôntico e o mandasse ir atrás dela, estaria usando-o da pior maneira possível. Você foi atrás da Scorpia, Alex, pelo mesmo motivo que seu pai foi à ponte Albert, e eu queria que pudesse escolher. É isso o que faz de você um espião tão fantástico. Não o fato de ter sido treinado para isso. Mas, sim, o fato de ser um espião em essência. Deve ser algum traço de família.

— Mas eu tinha uma arma! E quase matei a senhora...

— Minha vida não correu nenhum risco. Mesmo que não existisse a divisória de vidro, você não conseguiu nem apontar a arma para mim, Alex. E

eu sabia que não ia conseguir. Mas não precisava lhe dizer naquele momento. E eu não queria dizer. O jeito como a sra. Rothman o manipulou e enganou foi horrível — ela deu de ombros. — Queria que tivesse uma chance de descobrir as coisas usando a inteligência.

Por um momento ninguém disse nada.

Alex ficou em pé.

— Preciso ficar sozinho.

— É claro — a sra. Jones se aproximou e tocou um braço dele. Era o braço que não havia sido queimado. — Volte quando estiver pronto, Alex.

— Eu... vou voltar.

Ele se dirigiu à porta, mas hesitou depois de abri-la.

— Posso fazer mais uma pergunta, sra. Jones? A última?

— Sim, é claro.

— É uma coisa que sempre me intrigou, e acho que posso aproveitar este momento para perguntar — ele parou por um instante.

— Qual é seu primeiro nome?

A sra. Jones ficou tensa. Sentado atrás da escrivaninha, Alan levantou a cabeça.

Ela suspirou.

— É Tulipa — disse. — Meus pais amavam jardinagem.

Alex balançou a cabeça. Fazia sentido. Ele também não teria usado esse nome.

Satisfeito, ele saiu e fechou a porta.

UM TOQUE MATERNO

A SCORPIA nunca esqueceu.

A Scorpia nunca perdoou.

O atirador havia sido contratado para se vingar e cumpriria sua parte no acordo. Se falhasse, pagaria com a própria vida.

Sabia que, em alguns momentos, um menino de 14 anos sairia do prédio onde, supostamente, funcionava um banco internacional, mas que era sede de outro tipo de organização. Estava incomodado por ter uma criança como alvo? Convenceu-se de que não. É horrível matar um ser humano. Mas existe diferença entre matar um homem de 28 anos e um menino que nem chegara aos 15? O atirador havia decidido que não. Morte é morte. Isso não muda nunca. Nem tornava diferentes os 50 mil dólares que receberia por esse serviço.

Como sempre, apontaria para o coração. A área do alvo seria menor, mas não erraria. Nunca errava. Era hora de se preparar, controlar a respiração, entrar naquele estado de serenidade antes de matar.

Ele pôs a atenção na arma que estava segurando, a Ruger 22 modelo K10/22PPF. Era uma arma de baixa velocidade, menos mortal que outras que poderia ter escolhido. Mas tinha duas vantagens. Era leve. E era muito compacta. Tirando apenas dois parafusos, conseguia remover o cano e o mecanismo do gatilho do cabo. E o cabo era dobrável. Havia carregado a arma pelas ruas de Londres em uma mochila comum sem chamar atenção de ninguém. Em seu ramo de atividade, isso era o mais importante.

Ele acomodou o olho no visor do Leupold 14 x 50 mm Side Focus, para fazer a mira ajustando as linhas sobre a porta por onde o menino sairia do edifício. Adorava sentir a arma nas mãos, o encaixe perfeito, o equilíbrio ideal. Havia mandado personalizar os detalhes de acordo com suas necessidades. O cabo era de madeira laminada com cola resistente à água, o que o tornava mais resistente e menos propenso a empenar. O mecanismo do gatilho havia sido retirado e polido para um funcionamento mais suave. Até as balas eram especialmente preparadas. Manufaturadas pela Eley, tinham 40 gramas de peso e eram fáceis de encontrar no mercado. Mas tomava o cuidado de serrar um pequeno buraco na cabeça da bala. O choque do ar quan-

do a bala atingia o alvo causava mais dano que o projétil propriamente dito. O rifle se recarregava tão depressa quanto disparava, mas só seria necessário um tiro.

O atirador estava satisfeito. Confiante. Quando disparasse, por uma fração de segundo, quando a bala comesçasse sua trajetória pelo cano a 33 centímetros por segundo, ele e o rifle seriam uma coisa só. O alvo não tinha importância. Até o pagamento era quase irrelevante. O ato de matar era suficiente. Era melhor que tudo no mundo. Naquele momento, o atirador era Deus.

Ele esperou. Estava deitado de bruços no telhado de um prédio comercial do outro lado da rua. Ainda se sentia um pouco surpreso por ter conseguido chegar lá sem ser interceptado. Sabia que o prédio do outro lado era a sede da Divisão de Operações Especiais do MI6, por isso tinha imaginado que eles mantivessem uma cuidadosa vigilância, observando atentamente todos os prédios da vizinhança. Por outro lado, abria duas fechaduras e desmontara um complicado sistema de segurança para chegar onde estava. Não havia sido fácil.

A porta se abriu e o alvo apareceu. Se quisesse, o atirador poderia apreciar um atraente menino de 14 anos com cabelos claros, uma mecha caindo sobre os olhos. Um menino que vestia moletom cinza e jeans, com um colar de contas de madeira (ele conseguia ver cada conta pela mira telescópica). Olhos eram castanhos e a boca estreita, talvez até um pouco dura. O tipo de rosto que teria atraído muitas garotas, se ele vivesse um pouco mais.

O menino tinha um nome. Alex Rider. Mas o atirador não pensava nisso. Nem pensava em Alex como um menino. Ele era um coração, um par de pulmões, um complexo sistema de veias e artérias. Mas logo não seria nada. Por isso o atirador estava ali. Para realizar um simples ato cirúrgico. Não com um bisturi, mas com uma bala.

Ele lambeu os lábios e se concentrou na arma. Não a segurava. Ela agora era parte dele. O dedo acariciou o gatilho, flexionou-se em torno dele. Ele relaxou, apreciando o momento, preparando o disparo.

Alex Rider saiu do prédio e pisou na calçada. Eram mais ou menos 17 horas e havia muita gente na rua, principalmente turistas chegando pela estação da Liverpool Street. Ele pensava em todas as coisas que havia escutado no escritório de Alan Blunt. Ainda não registrara boa parte delas. Era demais

para absorver de uma vez só. Seu pai não havia sido um assassino. Seu pai fora um espião a serviço do MI6. John Rider e Ian Rider. Ambos espiões. E agora Alex Rider. Pelo menos eram uma família.

E no entanto...

A sra. Jones havia dito que queria que ele fizesse a escolha, mas ele nem sabia que escolha havia feito. Sim, escolhera não pertencer à Scorpia. Mas isso não significava que tinha que ser membro do MI6. Alan Blunt ia querer usá-lo novamente. Isso era certo. Mas podia encontrar forças para recusar o chamado. Talvez agora, sabendo a verdade, tivesse essa força e a capacidade de resistir.

Pensamentos confusos se atropelavam em sua cabeça, mas já havia tomado uma decisão. Queria ir para casa, voltar para perto de Jack. Queria esquecer a lição de casa e sair para ir assistir a um filme, jantar qualquer coisa. Nada saudável. Havia dito a ela que voltaria às 18 horas, mas talvez telefonasse e a convidasse para ir ao seu encontro no cinema da Fulham Road. Era sábado. Merecia uma noite de lazer.

Alex deu um passo à frente e parou. Alguma coisa o atingiu no peito. Era como um soco. Ele olhou para a esquerda e para a direita, porém não havia ninguém perto. Que estranho.

E mais uma coisa estranha. A Liverpool Street parecia ter se transformado em uma ladeira. Sabia que a rua era plana, mas naquele momento estava inclinada. Até os prédios se inclinavam para o lado. Não entendia o que estava acontecendo. As cores desapareciam rapidamente. O mundo se tornava preto e branco com algumas pinceladas aqui e ali — o amarelo brilhante da placa de um café, o azul de um carro...

... e o vermelho do sangue. Ele olhou para baixo e se surpreendeu ao ver que toda a parte da frente de seu corpo se tingira de vermelho. Uma forma irregular se alastrava pela camisa, crescendo a cada segundo. Ao mesmo tempo, ele percebeu que o som do tráfego ia se distanciando, desaparecendo. Era como se alguma coisa o puxasse para fora do mundo. Alguns pedestres pararam e olharam para ele. Estavam chocados. Uma mulher gritava. Mas ela não fazia nenhum barulho.

A rua se inclinou tão de repente que quase virou de cabeça para baixo. Uma multidão se juntou. As pessoas formavam um grupo que ameaçava sufocá-lo, e Alex pensou que seria bom se todos fossem embora. Devia haver 30 ou 40 pessoas apontando e gesticulando. Por que estavam tão interessa-

das nele? E por que não conseguia mais se mover? Ele abriu a boca para pedir ajuda, mas não conseguiu falar nada. Nem o ar passava por entre seus lábios.

Alex começou a sentir medo. Não sentia dor, porém algo lhe dizia que talvez estivesse ferido. Estava deitado na calçada, embora não soubesse como tinha ido parar no chão. Havia um círculo vermelho em torno dele, um círculo que ia ficando cada vez maior. Ele tentou chamar a sra. Jones. Abriu a boca e ouviu uma voz chamando, mas ela soava muito distante.

Então ele viu duas pessoas e soube que tudo ia ficar bem, afinal. Elas o observavam com uma mistura de tristeza e compreensão... como se já esperassem por tudo aquilo, mas mesmo assim lamentassem o que estava acontecendo. Havia um pouco de cor no meio da multidão, mas as duas pessoas estavam em preto e branco. O homem era muito bonito, vestido com uniforme militar, com cabelos curtos e rosto firme, sério. Ele era muito parecido com Alex, embora aparentasse ter uns 30 anos. A mulher ao lado dele era menor, muito mais vulnerável. Tinha longos cabelos claros e olhos que transbordavam tristeza. Vira fotografias dessa mulher e estava chocado por vê-la ali.

Sua mãe.

Alex tentou se levantar, mas não conseguia se mover. Queria segurar a mão dela, mas os braços não o obedeciam mais. Não respirava mais, mas nem havia notado.

O homem e a mulher se destacaram do grupo. O homem não falava. Estava tentando esconder as emoções. Mas a mulher se inclinou e estendeu as mãos. Só então Alex percebeu que havia procurado essa mulher a vida toda. Ela estendeu as mãos e o tocou, o dedo encontrando o local exato onde havia um pequeno buraco em sua camisa.

Nenhuma dor. Só uma mistura de cansaço e resignação.

Alex Rider sorriu e fechou os olhos.